

DIVULGAÇÃO MARXISTA

NUMERO DEDICADO A STÁLIN

SUMARIO

Homenagem	1
Stálin, revolucionário e construtor	3
A Revolução de Outubro e a tática dos comunistas russos	9
Sobre as três palavras de ordem fundamentais do Partido, referentes ao problema camponês.....	35
Sobre a palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses pobres no período de preparação da Revolução de Outubro.....	45
O caráter internacional da Revolução de Outubro....	53
No setor do trigo.....	59
Lénin e o problema da aliança com os camponeses médios	69
O perigo do desvio de direita no PC (b) da URSS....	79
Sobre o desvio direitista no PC (b) da URSS.....	89
Sobre o problema da China.....	133
Stálin e alguns problemas de organização.....	149
De Stálin e sobre Stálin.....	159

Este número de *Divulgação Marxista* constitui modesta homenagem que rendemos ao mais bravo e consciente lutador vivo da causa da libertação dos povos — Stálin —, os quais, em todos os quadrantes da terra, começaram a romper os grilhões da opressão fascista.

ANO I

15 AGOSTO 1946

N.º 4

Preço em todo o Brasil Cr\$ 5,00

DIVULGAÇÃO MARXISTA

Publicação quinzenal
Sai aos dias 1 e 15 de cada mês

Direção de
Calvino Filho

•
S. O. Hersen

Redação e Administração
Av. 28 de Setembro, 174
Rio de Janeiro — Brasil

•
Número em circulação .. Cr\$ 5,00
Número atrasado Cr\$ 8,00

ASSINATURAS

Para o Brasil:

Semestral (12 números) Cr\$ 50,00
Anual (24 números)... Cr\$ 100,00

Para o Exterior:

Anual — 5 dólares americanos.

•
As assinaturas começam em qualquer data e cada número da revista é remetido sob registro.

Os pedidos devem ser dirigidos à

EDITORIAL CALVINO LIMITADA

Av. 28 de Setembro, 174

Rio de Janeiro

COLABORAÇÃO

•
Esperamos que os leitores colaborem nesta revista sugerindo ou remetendo-nos material encontrado nos clássicos do marxismo, ou mesmo em outros autores, material que esteja rigorosamente dentro do programa desta publicação, que não se propõe, senão secundariamente, a discutir problemas táticos do momento, mas apenas a divulgar o que já está consagrado pela experiência marxista.

FOI PUBLICADO NO N.º 2:

A obra completa de Mark Rosental, *O Método Dialético Marxista*; o discurso de Luis Carlos Prestes contra o Projeto de Constituição, proferido na Câmara em 16-6-46; e mais outros trabalhos de grande interesse. Este número foi dedicado à dialética.

AJUDE-NOS A DIFUNDIR DIVULGAÇÃO MARXISTA

Pedimos aos leitores do interior nos enviem nomes e endereços completos de amigos ou simples conhecidos, que se interessem ou sejam capazes de se interessar pelo estudo do marxismo.

LEIA DIVULGAÇÃO MARXISTA DE GRAÇA

•
Faça com que 10 pessoas das suas relações, por seu intermédio, assinem esta revista e conquiste, como prêmio, uma assinatura gratuita.

DESCONTO DE 20 %

•
A quantos comprarem de uma só vez e de um só número desta revista um mínimo de 5 exemplares, em nossa redação, abonaremos o desconto de 20 %. Os leitores do interior que desejarem gozar do desconto acima, bastarão fazer seus pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal, prático e eficiente.

PEDRO POMAR FALA SOBRE DIVULGAÇÃO MARXISTA

•
“A revista *Divulgação Marxista*, iniciativa da Editorial Calvino Ltda., contribui para a propaganda do estudo dos problemas econômicos, políticos e sociais da nossa pátria, à luz da única ciência verdadeira, que é o marxismo-leninismo-stalinismo”.

Pedro Pomar.

DIVULGAÇÃO MARXISTA

Ano I

Diretores: *Calvino Filho e S. O. Hersen*

N.º 4

HOMENAGEM

Este numero de **Divulgação Marxista** constitui modesta homenagem que rendemos ao mais bravo e consciente lutador vivo da causa da libertação dos povos, os quais, em todos os quadrantes da terra começaram a romper os grilhões da opressão fascista.

De Tudo, um Pouco...

SEGUNDO BATISMO REVOLUCIONÁRIO — “Dois anos de atividade revolucionária entre os operários da indústria petrolífera temperaram-me como lutador prático e como um dos dirigentes práticos. Pôsto em contacto com operários de Bakú, tão avançados como Vatsék, Saratovets e outros, por um lado, e movendo-me em meio à tempestade originada pelos profundos conflitos entre os operários e patrões da indústria petrolífera, por outro, conheci, pela primeira vez, o que significava dirigir grandes massas operárias. De modo que, ali, em Bakú, recebi meu segundo batismo de fogo revolucionário.” (*Pravda*, n. 136, 16 de junho de 1926.)

●

O MARXISMO E O PROBLEMA NACIONAL — No estrangeiro, Stálin escreve sua obra *O marxismo e o problema nacional*, que Lênin apreciou grandemente. Lênin escreveu a respeito dessa obra do camarada Stálin: “Na literatura teórica marxista..., as bases do programa nacional da social-democracia foram analisadas ultimamente (a êsse respeito, destaca-se, em primeiro lugar, o artigo de Stálin)” (*Lênin*, t. XVII, pág. 116, ed. russa). E’ a manifestação mais importante do bolchevismo, no que concerne ao problema nacional, no terreno internacional antes da guerra. *E’ uma declaração programática do bolchevismo, sobre o problema nacional.*

●

LÊNIN E STÁLIN — “Os nomes de Lênin e Stálin acendem esperanças luminosas em todos os rincões do mundo e ressoam como grito de combate pela paz e pela felicidade dos povos, para lutar pela completa libertação das cadeias do capitalismo” (Molotov).

●

DISCÍPULO DE LÊNIN, APENAS... — Stálin escreveu livros importantes em grande número. Muitos desses têm um valor clássico na literatura marxista. Mas se perguntam o que êle é, responde: “Não sou senão um discípulo de Lênin, e tôda a minha ambição é ser um discípulo fiel”. E’ curioso observar o quanto, nos relatórios do trabalho executado sob sua direção, Stálin credita sistematicamente a Lênin o mérito de todos os progressos obtidos, se bem que uma grande parte caiba a êle, e que, aliás, não se pode realizar o leninismo sem ser também um criador. Aqui, a palavra: discípulo, eleva — mas êsses homens não a utilizam senão para rebaixar seu papel particular, e entrar no conjunto. Isso não é por sujeição, é simplesmente por fraternidade. Pensa-se na bela frase lapidar de Sêneca o filósofo: *deo non pareo sed assentior* — “Eu não obedeço a Deus, penso a mesma coisa que êle”.

STÁLIN — REVOLUCIONÁRIO E CONSTRUTOR

Lénin tomou conhecimento da noticia da queda do tsarismo quando estava em Zurich, Suíça. Começou imediatamente a preparar-se para retornar à Russia. Muitos obstaculos, entretanto, separavam a Suíça do destino de Lénin — o maior era a guerra. Somente a 8 de abril estava Lénin em condições de encetar a viagem, que o levaria a Petrogrado, e à direta liderança do Partido Bolchevique, em 16 de abril.

Outro exilado famoso, firme companheiro de Lénin e membro do Comité Central do Partido Bolchevique — Stálin — recebeu a alvareira noticia da revolução em Tururansk, Siberia, proximo do Circulo Artico, para onde fôra banido em 1913. Dirigiu-se prontamente para Petrogrado, alcançando a cidade dez dias após o inicio da revolução. Quando Lénin chegou, Stálin já estava em pleno trabalho de organização e consolidação da liderança bolchevique entre os trabalhadores de Petrogrado.

Dois dias depois de sua chegada a Petrogrado, Stálin publicou no "Pravda", a 27 de março, um artigo sobre o papel dos Soviets de Deputados de Operarios e Soldados. No dia seguinte, o jornal annunciou que Stálin assumira a direção do jornal. A 29 de março, publicou outro artigo sobre a guerra imperialista e dois dias mais tarde expôs seu ponto de vista em torno dos problemas fundamentais da revolução.

Na epoca em que alguns membros principais do Partido Bolchevique estavam discutindo a opinião de Lénin sobre a natureza da revolução burguesa e suas proximas etapas de transformação em revolução proletaria, Stálin colocou-se, como sempre, ao lado de Lénin. Kámeniev conduziu o ataque ao ponto de vista de Lénin. Para Kámeniev, "a linha geral de Lénin" era "inaceitavel, porquanto se originava da suposição de que a revolução democratico-burguesa já fôra realizada e isso implicava na transformação imediata dessa revolução numa revolução socialista".

A primeira conferencia nacional bolchevique, desde a revolução, foi realizada de 7 a 12 de maio (24-29 de abril pelo velho calendario, conhecida por Conferencia de Abril), e, a despeito da oposiçã, a opinião de Lénin sobre os objetivos e forças da revolução foi aceita como a linha geral do Partido. Stálin sustentou inteiramente a tese de Lénin, e ao mesmo tempo apresentou um informe especial sobre a questão das nacionalidades, formulando o ponto de vista leninista sobre a relação da revolução com as ainda submetidas minorias nacionais. Aqui surgiu outra oposiçã, personificada por Piatakov, que discutiu acaloradamente com Stálin a respeito do direito de auto-determinaçã.

A Conferencia de Abriu forjou a linha geral bolchevique, sob a direção de Lénin. O Sexto Congresso do Partido, realizado em agosto, examinou essa linha sob novas condições, quando um novo estagio revolucionario havia começado. O Sexto Congresso reuniu-se justamente depois da "Jornada de Julho" — quando espontaneos protestos de massas e manifestações de operarios e soldados foram realizados contra o ofensiva que Kérenski ordenou a mando dos Aliados e que resultou na "débâcle".

Quando as massas peterburguesas se precipitaram nas ruas para denunciar a politica imperialista do Governo Provisorio, o Partido Bolchevique consolidou o movimento, tentando dar-lhe um carater organizado.

Imediatamente o Governo Provisorio e seus aliados, os lideres mencheviques e sociais-revolucionarios, organizaram um feroz ataque ao Partido Bolchevique. As oficinas do "Pravda" e de outros jornais bolcheviques foram empasteladas e suas caixas de tipos destruidas. Uma campanha de difamação foi iniciada contra Lénin, e sua prisão foi ordenada pelo Governo. Teve ele que se esconder. Os bolcheviques, entretanto, não foram tomados de panico. Continuaram seu trabalho no seio das massas, combatendo a desmoralização, alertando a todos, a fim de organizar, salvar a revolução e impulsiona-la para a frente.

O Sexto Congresso reuniu-se quando a Russia se achava numa encruzilhada: ou a contra-revolução, que estava ganhando terreno e tendia a desenvolver-se — a politica que os elementos predominantes nos Soviets estavam defendendo — ou a linha de Lénin, da dos bolcheviques, a da organização de operarios em aliança com o campesinato pobre para consolidar a revolução no seio das massas e suprimir as forças contra-revolucionarias.

Na ausencia de Lénin, que estava sendo procurado pela policia, Stálin tomou o leme e representou o Comité Central nesse Congresso. Apresentou dois informes — os principais — ao Congresso: um, o informe politico do Comité Central, e outro sobre a situação politica e taticas do Partido Bolchevique.

A liderança de Lénin era eficiente no Congresso; através de um Comité de ligação, havia constante contacto com ele e sua mão orientadora estava sempre presente. O proprio Congresso reuniu-se em condições semi-legais, mas bem sucedido, levando a cabo seu programa completo. Foi Stálin que, juntamente com Svérldov, preparou o Congresso e liderou-o.

Em seu informe sobre a situação politica, Stálin resumiu as proprias ideias e as de Lénin sobre as novas caracteristicas da revolução. Distinguiu claramente entre dois metodos. Os mencheviques e os socialistas-revolucionarios limitaram-se a consolidar as vantagens da revolução burguesa e consequentemente adotaram a estrada do compromisso com a burguesia, aliando-se com ela. Os bolcheviques, compreendendo que a revolução estava amadurecendo para sua proxima etapa, reconheceram a necessidade de "ultrapassar a revolução burguesa por meio da revolução socialista".

A discussão do "slogan" — "Todo Poder aos Soviets" — feita por Stálin, "slogan" que fôra levantado primeiramente pelos bolcheviques no começo da revolução, demonstra a flexibilidade dialectica da linha leninista. No começo da revolução, como Lénin assinalou, havia um poder dual — o Governo Provisorio burguez e os Soviets. Sob a liderança dos mencheviques e socialistas-revolucionarios, entretanto, os Soviets reduziram seu proprio poder em virtude das continuas concessões à burguesia. Agora, explicou Stálin, podia ser "quixotesco" colocar na ordem do dia o "slogan" — "Todo Poder aos Soviets" — quando estes ainda não possuíam a mais leve sombra de seu antigo poder. A tarefa que se apresentava aos bolcheviques era a de destruir pela propaganda o governo existente e preparar ideologica e organizativamente as massas para a revolução socialista.

Mais uma vez, Stálin empreendeu a luta contra a posição mantida por Kámeniev durante a Conferência de Abril e no Sexto Congresso. Analisou a situação na Rússia, assinalando os factores que haviam tornado possível a revolução socialista. Nessa ocasião, foi Preobrajenski que fez objeções à análise leninista; propôs que os bolchevíques dirigissem a revolução rumo ao socialismo "somente" se houvesse possibilidade de uma revolução proletária no ocidente europeu. Já estava aqui o germe da erva daninha do argumento trotskista, que se desenvolveria mais tarde, e consistia em proclamar a impossibilidade da construção do socialismo num só país. Stálin, em sua replica oposta à emenda de Preobrajenski, estabeleceu "Não é excluída a possibilidade de que a Rússia possa ser o país a abrir o caminho para o socialismo... Devemos pôr de lado a obsoleta ideia de que apenas a Europa pode mostrar-nos tal caminho. Ha marxismo dogmatico e marxismo criador. Coloco-me sob o ponto de vista do ultimo". Noutra questão ainda, Stálin defendeu a posição leninista contra Burrárin, que foi o ultimo a aparecer como lider ideologico da opposição contra-revolucionaria da "Direita". Na discussão do problema camponês, Burrárin deixou de estabelecer a diferença entre as diversas camadas do campesinato. Em sua replica, Stálin declarou que a questão principal era a aliança do proletariado com a parte explorada do campesinato. Essa ideia, como ele ressaltou, fora introduzida na literatura marxista por Lénin, em 1905. Stálin mostrou que o campesinato não podia ser tomado como um simples todo, que era necessário diferenciá-lo entre a camada superior e a inferior. Apenas a camada superior estava ligada aos social-revolucionarios e por meio deles à burguesia; mas o campesinato mais pobre não estava, e era tarefa dos bolchevíques unificar, por meio da revolução, as aspirações do proletariado e do campesinato mais pobre.

Outra controvérsia surgiu no Congresso, revelando a continua linha anti-leninista daqueles que foram os ultimos a mostrar suas verdadeiras cores contra-revolucionarias. A questão da disputa era se o proprio Lénin renunciaria ao governo. Orjonikidze prestou o informe pelo Comité Central a respeito dessa questão no Congresso, em cujo informe sustentou que seria um suicidio para Lénin ceder. Objeções foram levantadas por Ríkov e Kámeniev, e foram defendidas por Trotski — que fez seu primeiro aparecimento entre os bolchevíques, tendo sido admitido pelo Congresso ao lado de um numero de "Internacionalistas" que haviam acabado de declarar a aceitação do programa bolchevíque. No debate, Stálin perguntou para saber que garantias podiam ser dadas pelos que eram a favor da renuncia de Lénin de que não seria ele aprisionado e morto. Aqui, novamente, o Congresso aceitou o ponto de vista de Stálin.

Logo no inicio da revolução burguesa, Kámeniev e Piatakov discordaram de Lénin e Stálin na análise fundamental da revolução e seu desenvolvimento. No Sexto Congresso, Burrárin apresentou uma proposta, que foi a ultima a ser mais tarde utilizada pela "Direita" e pelas oposições trotskistas. Aqueles que insistem que a luta contra Trotski e seus aliados nasceu apenas no decorrer dos primeiros 20 anos após a morte de Lénin, evidentemente esquecem que não só Lénin e os bolchevíques haviam combatido Trotski, durante 14 anos antes da revolução, como tambem que, por ocasião do Sexto Congresso — tres meses antes da Revolução de Outubro

— tentativas foram feitas para infiltrar ideias trotskistas no programa e resoluções. Stálin, sempre em guarda contra a infiltração de ideologia contrária ao marxismo revolucionário, combate esses elementos e derrota-os no Congresso.

Logo depois do Sexto Congresso, tornou-se claro que as decisões do Partido, sob a liderança de Lênin e Stálin, estavam certas. De 8 a 12 de setembro, o general Kornílov, comandante dos exercitos russos no front, organizou uma insurreição contra-revolucionária, conduzindo certo numero de regimentos especialmente formados contra a revolucionaria Petrogrado. Despertadas pela tentativa da burguesia, em conivencia com seus defensores entre os reformistas, no sentido de abafar a revolução, as massas atenderam ao apelo dos bolchevíques e liquidaram com a revolta. Começara a segunda etapa revolucionária.

Stálin explicou a significação da tentativa de Kornílov contra Petrogrado, o coração da revolução. Mostrou que o caso Kornílov não representava um acidente, mas um elo da cadeia da contra-revolução, possibilitada pela liderança dos Soviets não rompendo com o Governo Provisorio na "Jornada de Julho".

O "slogan" — "Todo Poder aos Soviets" — por enquanto adormecido — foi revitalizado sob o impulso dos novos acontecimentos. Os Soviets locais ganharam cada vez mais poder, libertando-se da influencia menchevique. Nos começos de outubro, o Soviet de Petorgrado formulou um voto de não confiança ao governo de Kerenski. O "slogan" — "Paz, Pão, Terra e Liberdade" — começou a unificar os trabalhadores, camponeses e soldados. A questão da tomada do poder por parte do proletariado não estava na ordem do dia. Stálin, em seus artigos, apelos e manifestos, escritos em nome do Comité Central, ensinou às massas como se prepararem para a tomada do poder.

Embora forçado a permanecer oculto, Lênin incitou os bolchevíques a prepararem a tomada do poder. A 27 de setembro, em seu artigo "Marxismo e Insurreição", dirigido ao Comité Central, concitou os bolchevíques a organizar a insurreição armada contra o Governo Provisorio. Nesse interim, os bolchevíques foram eleitos para a liderança não só em Petrogrado, mas também em Moscou e outros Soviets-chaves. Stálin escreveu mais uma vez sobre a nova significação e correção do "slogan" — "Todo Poder aos Soviets". A 23 de outubro, o Comité Central reuniu-se com Lênin e a decisão foi tomada no sentido da insurreição armada. Dois membros apenas se opuseram. Foram Kámeniev e Zinóviev, os mais severos oponentes da politica leninista, aos quais Lênin caracterizou como traidores, quando eles levaram suas opiniões divergentes para a imprensa não-partidária. Lênin propôs a expulsão deles do Partido, em virtude de tornarem público e suprirem o inimigo de informação pertinente aos preparativos para a tomada do poder. Ainda no grande comicio do Comité Central, a 29 de outubro, provocados pelas organizações representativas dos trabalhadores, os dois "ilustres traidores" mantiveram sua posição. Foram decisivamente derrotados, e um comité de cinco, chefiado por Stálin, foi eleito para dirigir a insurreição.

A 6 de novembro, na vespera da insurreição, no seu principal artigo — "Que precisamos fazer? — Stálin tocou a rebate para a organização da

tomada do poder. "O que não foi feito em março", escreveu ele, "deve ser feito agora... O poder deve passar para as mãos dos Soviets de Deputados de Operários, Soldados e Camponeses".

Lénin havia chegado disfarçado a Petrogrado, a fim de dirigir a insurreição armada. Quando o Congresso dos Soviets se reuniu a 7 de novembro, Lénin apareceu ante os delegados e anunciou a vitória da revolução proletária. O Congresso ratificou o estabelecimento do poder soviético.

Assim como durante o período revolucionário de 1917 Stálin permaneceu ombro a ombro com Lénin, na luta contra todos os desvios do marxismo revolucionário e ainda nos anos que se seguiram ao estabelecimento do poder soviético, ele ficou como uma coluna de granito leninista dentro do Partido Bolchevique, e, após a morte de Lénin, sucedeu-o na liderança do Partido.

Aqueles que se opuseram a Lénin, durante a fase da luta pelo poder, levantaram a cabeça às vezes, separadamente ou em conjunto: Trotski, em seguida Trotski-Kámeniev-Zinóviev, depois Burrárin-Rikov, etc. Em cada uma dessas vezes, Stálin conclamou o Partido e as grandes massas do povo a derrotarem os inimigos internos da revolução e do socialismo. Assim como Stálin ajudou Lénin a vencer essa oposição, que estorvava o caminho da revolução vitoriosa, ele e o Partido Bolchevique expuseram os inimigos do povo como traidores do socialismo, inclinados a fazerem aliança com o fascismo. A vigilância da revolução derrotou essas conspirações, e o trabalho do socialismo e a salvaguarda do país socialista continuaram a ser mantidos.

A obra e a herança de Lénin estão entrelaçados com a liderança que Stálin — o melhor discípulo e continuador dos ensinamentos e da obra de Lénin — oferece hoje aos povos da União Soviética e aos explorados e oprimidos dos países capitalistas e coloniais.

* * *

Nas páginas seguintes, nossos leitores encontrarão o exame crítico desses períodos revolucionários referidos e seguintes, em magistrais estudos de Stálin, bem como uma sua exposição, em diversos capítulos, que escolhamos entre seus trabalhos, sobre o esforço tremendo desenvolvido para a construção do Estado Socialista, sempre atacado direta e indiretamente pelos seus inimigos: os trotskistas, mencheviques e capitalismo internacional.

A figura impressionante de Stálin, a partir da revolução de 1917, a pouco e pouco vai se impondo no cenário russo para passar, a seguir, ao mundial, com um relevo ainda não ultrapassado por nenhum outro na História.

Ainda estamos muito próximos dos acontecimentos, que mal se esmaecem na nossa retina. Por isso, não podemos julgar em toda sua grandeza a obra imensa, excepcional, de Stálin, colaborando ativa e intimamente com Lénin para destruir o "velho" e, apoiado pelas massas soviéticas, construindo o "novo".

O Estado Socialista, hoje, é invencível e constitui o sol brilhante da nossa era, em cuja órbita girarão todos os povos, até que se imponha ao

mundo o novo sistema — o comunista, novo marco na História da Humanidade, o primeiro passo para uma nova civilização, para um regime de liberdade, que a nossa imaginação é apoucada para conceber.

... “a teoria converte-se em formidável força do movimento operário se estiver em indissolúvel relação com a prática revolucionária”... (Stálin — Sobre os Fundamentos do Leninismo).

LÉNIN, NO JULGAMENTO DE STÁLIN — “Ao conhecer a atuação revolucionária de Lénin, nos últimos anos do século XIX e, sobretudo, depois de 1901, após a publicação do *Iskra*, convenci-me de que tínhamos em Lénin um homem extraordinário. Não era, então, aos meus olhos, um simples chefe do Partido; era seu verdadeiro criador, porque só ele compreendia a própria natureza e as necessidades urgentes do nosso Partido. Quando o comparava com os outros chefes do nosso Partido, sempre me parecia que os companheiros de luta de Lénin — Plerránov, Márto, Axelrod e outros — estavam cem léguas abaixo dele; que Lénin, em comparação com eles, não era simplesmente um dos chefes do Partido, mas um chefe de tipo superior, uma águia das montanhas, sem medo na luta e conduzindo audazmente o Partido para a frente, pelo caminho ainda inexplorado do movimento revolucionário russo.” (Stálin, *Lénin*, ed. espanhola, 1939, pág. 35.)

COMO STÁLIN TRAVOU RELAÇÕES COM LÉNIN — Em fins de novembro de 1903, Stálin foi deportado por três anos para a Sibéria oriental, para o distrito de Balagan, província de Irkutsk, na aldeia de Nóvaia Udá. Achando-se no destêrro, Stálin recebeu uma carta de Lénin.

“Conheci Lénin pela primeira vez, em 1903 — diz Stálin. Por certo, isto ocorreu sem que eu o visse, por correspondência. Este conhecimento, porém, deixou em mim impressão indelével, que continuou, durante todo o tempo de meu trabalho no Partido. Encontrava-me, então, na Sibéria, deportado... A mensagem de Lénin era relativamente curta, porém continha uma crítica audaz e valente das atividades práticas de nosso Partido, assim como uma exposição extraordinariamente clara e concisa, de todo o plano de trabalho do Partido, para um futuro próximo.” (Stálin, *Lénin*, págs. 35-36, ed. esp.)

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A TÁTICA DOS COMUNISTAS RUSSOS

Prólogo do livro "No Caminho para Outubro"

I

A SITUAÇÃO INTERNA E EXTERNA NA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Três circunstâncias de ordem externa determinaram a relativa facilidade com que a revolução proletária na Rússia conseguiu romper as cadeias do imperialismo e derrubar, com ele, o poder da burguesia.

Primeiro, a circunstância de que a Revolução de Outubro começou durante o período de uma luta encarniçada entre os dois principais grupos imperialistas, o anglo-francês e o austro-alemão, quando esses grupos, empenhados numa luta mortal entre si, não tinham nem tempo nem meios para dedicar atenção especial à luta contra a Revolução de Outubro, pois lhe deu a possibilidade de aproveitar os terríveis choques internos que se produziam no campo imperialista, a fim de consolidar e organizar suas forças.

Segundo, a circunstância de que a Revolução de Outubro começou no curso da guerra imperialista, quando as massas trabalhadoras, extenuadas pela guerra e ansiosas de paz, se viram levadas, pela própria lógica das coisas, à revolução proletária, como unico meio de sair da guerra. Esta circunstância teve enorme importancia para a Revolução de Outubro, pois colocou em suas mãos o potente instrumento da paz, facilitando-lhe a possibilidade de fazer coincidir a revolução sovietica com a terminação da odiosa guerra e, com isso, captar a simpatia das massas, tanto no Ocidente, entre os operários, como no Oriente, entre os povos oprimidos.

Terceiro, o poderoso movimento operário na Europa e o facto de haver amadurecido, no Ocidente e no Oriente, a crise revolucionária, originada pela prolongada guerra imperialista. Esta circunstância teve para a revolução na Rússia incalculavel importancia, pois lhe assegurou, fora da Rússia, aliados fieis na luta contra o imperialismo mundial.

Mas, alem das circunstancias de ordem externa, a Revolução de Outubro contou também com uma serie de condições favoraveis de ordem interna, que lhe facilitaram o triunfo.

Entre as principais condições, devem ser consideradas as seguintes:

Primeira: a Revolução de Outubro contava com o apoio mais ativo da imensa maioria da classe operaria da Rússia.

Segunda: contava com o indiscutivel apoio dos camponeses pobres e da maioria dos soldados, ansiosos pela terra e pela paz.

Terceira: tinha à frente, como força dirigente, um partido tão experimentado como o Partido Bolchevique, forte, não só por sua experiência, não só por sua disciplina temperada através dos anos, como também pelas intensas ligações que o uniam às massas trabalhadoras.

Quarta: a Revolução de Outubro tinha de enfrentar inimigos relativamente fáceis de serem derrotados, como a burguesia russa, mais ou menos débil, a classe dos latifundiários, definitivamente desmoralizada pelos "motins" camponeses; e os partidos conciliadores (menchevique e social-revolucionário), que haviam sofrido uma bancarrota total no transcurso da guerra.

Quinta: tinha à sua disposição a enorme extensão territorial do jovem Estado, onde podia manobrar livremente, retroceder quando assim o exigissem as circunstâncias, fazer uma tregua, repôr suas forças, etc.

Sexta: a Revolução de Outubro podia contar, dentro do país, na sua luta contra a contra-revolução, com provisões alimentares, combustível e matérias primas em quantidade suficiente.

O conjunto dessas circunstâncias externas e internas criou as condições peculiares que permitiram à Revolução de Outubro triunfar com relativa facilidade.

Isto não quer dizer, naturalmente, que a Revolução de Outubro não esbarrou também com condições internas e externas desfavoráveis. Não foi, por exemplo, um inconveniente o relativo isolamento da Revolução de Outubro e o facto de que não houvesse a seu lado ou nas suas proximidades um país soviético no qual se pudesse apoiar? É indubitável que a revolução futura, na Alemanha, por exemplo, se encontraria numa situação mais vantajosa neste sentido, pois teria a seu lado um país soviético tão importante, pela sua força, como nossa União Soviética. E já não falamos da desvantagem que para a Revolução de Outubro representa a falta de uma maioria proletária no país.

Mas estes inconvenientes só servem para destacar a importância enorme das condições internas e externas peculiares da Revolução de Outubro, condições essas que já comentamos atrás.

Não se deve esquecer, por um momento sequer, dessa peculiaridade. É preciso recordá-la principalmente para analisar os acontecimentos verificados no outono de 1923, na Alemanha. Deve ser lembrada por Trotski, que estabelece arbitrariamente uma analogia entre a Revolução de Outubro e a revolução da Alemanha e critica desenfreadamente o Partido Comunista da Alemanha por seus erros reais e pelos imaginários.

"À Rússia — diz Lênin — na situação histórica concreta, extraordinariamente original do ano de 1917, foi fácil "começar" a revolução socialista; em troca, "continua-la" e leva-la a seu termo ser-lhe-á muito mais difícil do que para os países europeus. Já no começo de 1918, foi preciso indicar esta circunstância e a experiência dos dois anos transcorridos desde então veio confirmar a exatidão daquela tese. Condições específicas, como sejam: 1) a possibilidade de fazer coincidir a revolução soviética com a terminação, por ela favorecida, da guerra imperialista que tinha extenuado até o máximo os operários e camponeses; 2) a possibilidade de aproveitar durante certo tempo a luta de morte em que estavam envolvidos os dois grupos mundiais mais poderosos de tubarões imperialistas, luta que os

impedia de unir-se contra o inimigo sovietico; 3) a possibilidade de suportar uma guerra civil relativamente longa, em parte devido a enorme extensão do país e a seus pessi-mos meios de comunicação; 4) a existencia de um movimento revolucionario democratico-burguês dos camponeses, tão profundo que o Partido do proletariado tornou suas as reivindicações revolucionarias do partido dos camponeses (do partido social-revolucionario profundamente hostil, em sua maioria, ao bolchevismo), realizando-as imediatamente, graças à conquista do poder politico do proletariado; condições especificas como essas não existem agora na Europa ocidental e a repetição dessas condições ou de condições analogas não é muito facil. Eis por que, entre outras coisas — passando por alto uma serie de outros motivos — é mais difficil para a Europa ocidental do que o foi para nós “começar” a revolução socialista”. (Lénin, t. XXV, pg. 205, “O Extremismo”...).

Não se devem esquecer essas palavras de Lénin.

II

SOBRE DUAS PARTICULARIDADES DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO, OU OUTUBRO E A TEORIA DA REVOLUÇÃO PERMANENTE DE TROTSKI

Existem duas particularidades da Revolução de Outubro que é necessario esclarecer, principalmente para compreendermos o sentido interno e a significação historica dessa revolução.

Quais são essas particularidades?

Primeiro, o facto de que, em nosso país, a ditadura do proletariado surgiu como um poder baseado na aliança entre o proletariado e as massas trabalhadoras do campo dirigidas pelo proletariado. Segundo, o facto de que, em nosso país, a ditadura do proletariado se prestigiou, em consequencia da vitoria do socialismo num só país, pouco desenvolvido no sentido capitalista, enquanto que o capitalismo subsiste noutros países mais desenvolvidos do ponto de vista capitalista. Isso, naturalmente, não significa que a Revolução de Outubro não tenha outras particularidades. Mas, para nós, as que importam, agora, são precisamente estas duas particularidades, não só porque exprimem, do modo mais preciso, a essencia da Revolução de Outubro, como tambem porque revelam, de modo magnifico, o carater oportunistta da teoria da “revolução permanente”.

Examinemos rapidamente estas particularidades:

O problema das massas trabalhadoras da pequena burguesia, urbana e rural, o problema de conquistar estas massas para a causa do proletariado, é o problema mais importante da revolução proletaria. A quem apoiará, na luta pelo poder, o povo laborioso da cidade e do campo: à burguesia ou ao proletariado? De quem será a reserva: da burguesia ou do proletariado? Desse problema depende a sorte da revolução e a consolidação da ditadura do proletariado. As revoluções de 1848 e 1871, na França, foram derrotadas, principalmente porque as reservas camponesas ficaram ao lado

da burguesia. A Revolução de Outubro triunfou porque soube arrancar da burguesia as suas reservas camponesas, porque soube conquistar essas reservas para a causa do proletariado, e, nessa revolução, o proletariado foi a única força dirigente das massas de milhões de trabalhadores da cidade e do campo.

Quem não tiver compreendido isso não compreenderá jamais o carater da Revolução de Outubro, nem a natureza da ditadura do proletariado, nem a peculiaridade da política interna de nosso poder proletario.

A ditadura do proletariado não é uma simples cúpula governamental, "habilmente selecionada" pela mão experiente de um "estrategista competente" e que "se apoia inteligentemente" em tais ou quais camadas da população. A ditadura do proletariado é a aliança de classe entre o proletariado e as massas trabalhadoras do campo para a derrota do capital e para a vitória definitiva do socialismo, sempre e quando o proletariado seja a força dirigente dessa aliança.

Não se trata, portanto, de desprezar "um pouquinho" ou de superestimar "um pouquinho" as possibilidades revolucionarias do movimento camponês, como gostam de dizer agora alguns defensores diplomaticos da "revolução permanente". Trata-se do carater do novo Estado proletario, surgido como fruto da Revolução de Outubro. Trata-se do carater do poder proletario, das bases da propria ditadura do proletariado.

"A ditadura do proletariado — diz Lênin — é uma forma especial de aliança entre o proletariado, vanguarda dos trabalhadores, e as numerosas camadas trabalhadoras não proletarias (pequena burguesia, pequenos patrões, camponeses, intelectuais, etc.) ou com a maioria delas, aliança essa dirigida contra o capital, aliança que se propõe derrotar completamente o capital, e esmagar por completo a resistencia da burguesia e suas tentativas de restauração, aliança que tem como fim criar e consolidar definitivamente o socialismo. (Lênin, t. XXIV, pag. 311, prologo à edição de seu discurso "Como se engana o povo com as legendas de liberdade e igualdade").

E mais adiante:

"A ditadura do proletariado, traduzindo esta expressão latina, cientifica, historico-filosofica, para uma linguagem mais simples, significa o seguinte: só uma determinada classe, isto é, os operarios urbanos e, em geral, os operarios industriais de fabricas e oficinas, está em condições de dirigir toda a massa de trabalhadores e explorados na luta pela destruição do jugo do capital, por meio de sua derrocada, da luta pela consolidação e conservação do triunfo, por meio da criação de um novo regime social, socialista, no decifrer de toda a luta pela supressão completa das classes". (Lênin, t. XXIV, pag. 336, "Uma grande iniciativa").

Tal é a teoria da ditadura do proletariado formulada por Lênin.

Uma das particularidades da Revolução de Outubro consiste em que esta revolução é a aplicação classica da teoria leninista da ditadura do proletariado.

Alguns camaradas supõem que essa teoria é puramente "russa", que só tem relações com a realidade russa. Isto é falso, completamente falso. Quando fala das massas laboriosas, das classes não proletarias, dirigidas pelo proletariado, Lênin não se refere apenas aos camponeses russos, mas também a todos os elementos trabalhadores da periferia da União Sovietica,

que eram, antigamente, colônias da Rússia. Lênin afirmava, constantemente, que, sem a aliança com essas massas das outras nacionalidades, o proletariado da Rússia não poderia triunfar. Em seus artigos sobre o problema nacional e nos discursos pronunciados nos Congressos da Internacional Comunista, Lênin afirmou, reiteradamente, que a vitória da revolução mundial é impossível sem uma aliança revolucionária, sem um bloco revolucionário que una o proletariado dos países avançados aos povos oprimidos das colônias escravizadas. E que são as colônias sinão as mesmas massas laboriosas oprimidas e, antes de mais nada, as massas laboriosas camponesas? Quem ignora que a libertação das colônias é, "no fundo", a libertação do jugo e da exploração do capital financeiro das massas trabalhadoras, das classes não proletárias?

Mas disso deduz-se que a teoria leninista da ditadura do proletariado não é uma teoria puramente "russa", mas uma teoria que serve para todos os países. O bolchevismo não é um fenómeno exclusivamente russo. "O bolchevismo — diz Lênin — é "um modelo de tática para todos" (Lênin, t. XXIII, pag. 386, "A revolução proletária e o renegado Kautski").

Tais são os traços característicos da primeira particularidade da Revolução de Outubro.

Como se coloca a questão da teoria da "revolução permanente" de Trotski do ponto de vista desta particularidade da Revolução de Outubro?

Não nos vamos estender sobre a posição de Trotski em 1905, quando se esqueceu, "simplesmente", dos camponeses como força revolucionária, lançando a palavra de ordem de "sem o tsar, mas com um governo operário", isto é, a palavra de ordem de uma revolução sem os camponeses. Inclusive Radek, este defensor diplomático da "revolução permanente", vê-se agora obrigado a reconhecer que, em 1905, a "revolução permanente" significava um "salto no vacuo", fora da realidade. Pelo visto, todos agora reconhecem que já não vale a pena ocupar-se desse "salto no vacuo".

Não vamos também estender-nos sobre a posição de Trotski durante a guerra: por exemplo, em 1915, quando, em seu artigo "A luta pelo poder", partindo de que "vivemos na época do imperialismo", de que o imperialismo "não contrapõe o velho regime à nação burguesa, mas, sim, o proletariado à nação burguesa", chegava à conclusão de que o papel revolucionário dos camponeses tinha que ir diminuindo, de que a palavra de ordem da confiscação da terra já não tinha a mesma importância de antes. Já se sabe que Lênin, analisando esse artigo de Trotski, o acusava então de "negar o papel dos camponeses", dizendo que "Trotski ajuda de facto aos políticos operários liberais da Rússia, que entendem como uma "negação" do papel dos camponeses "o não querer" trazê-los para a revolução". (Lênin, t. XVIII, pag. 318, "Sobre as duas linhas da revolução").

E' melhor passarmos aos trabalhos posteriores de Trotski sobre esta questão, às obras escritas quando a ditadura do proletariado já estava garantida, e quando Trotski podia comprovar, na pratica, sua teoria da "revolução permanente" e corrigir assim os seus erros. Tomemos o Prologo de Trotski para o seu livro "1905", escrito em 1922. Eis o que diz Trotski neste Prologo sobre a "revolução permanente":

"Precisamente no periodo que medeia entre o 9 de janeiro e a greve de outubro de 1905, foi que o autor chegou, no que se refere ao carater do

desenvolvimento revolucionário da Rússia, à concepção que recebeu o nome de teoria da "revolução permanente". Esse nome complicado queria dizer que a revolução russa, que tem ante si objetivos imediatos burgueses, não poderá, entretanto, deter-se neles. A revolução não poderá resolver suas tarefas burguesas mais imediatas a não ser colocando no poder o proletariado. E, este ultimo, ao tomar o poder em suas mãos, não poderá ficar dentro dos limites burgueses da revolução. Pelo contrario, precisamente para assegurar sua vitória, a vanguarda proletária terá que fazer, desde os primeiros passos de sua dominação, as mais profundas incursões não só na propriedade feudal, mas também na propriedade burguesa. Assim procedendo, provocará "choques de hostilidade", não só com todos os grupos burgueses que o apoiaram nos primeiros momentos de sua luta revolucionária, como também com as grandes "massas camponesas", com a ajuda das quais chegou ao poder. As contradições na situação de um governo operário num país atrasado, com uma maioria marcante de população camponesa, só poderão ser solucionadas num plano internacional, na arena da revolução mundial do proletariado". (*)

Assim fala Trotski a respeito de sua "revolução permanente".

Basta comparar esta citação com as obras de Lênin sobre a ditadura do proletariado, transcritas mais atrás, para compreender o profundo abismo existente entre a teoria leninista sobre a ditadura do proletariado e a teoria da "revolução permanente" de Trotski.

Lênin fala da "aliança" entre o proletariado e as camadas camponesas do campo como base da ditadura do proletariado. Ao contrario, segundo Trotski, verificam-se "choques de hostilidade" entre a "vanguarda proletária" e as "grandes massas camponesas".

Lênin fala da "direção", pelo proletariado, das massas trabalhadoras e exploradas. Pelo contrario, segundo Trotski, verificam-se "contradições" na situação de um governo operário num país atrasado, com uma maioria marcante de população camponesa".

Segundo Lênin, a revolução tira suas forças, principalmente, dos operários e camponeses da própria Rússia. Pelo contrario, de acordo com Trotski, as forças indispensáveis "só" podem ser adquiridas "na arena da revolução mundial do proletariado".

E que se deve fazer se a revolução mundial se atrasar?

Restará, então, para nossa revolução, um raio de esperança? Trotski não nos deixa nenhum vislumbre de esperança pois "as contradições na situação de um governo operário... "só" poderão ser solucionadas... na arena da revolução mundial do proletariado". No que se refere a esse plano, não nos resta sinão uma perspectiva: a de vegetar nas próprias contradições e apodrecer em vida, esperando a revolução mundial.

De acordo com Lênin, que é a ditadura do proletariado?

A ditadura do proletariado é o poder que se apoia na aliança do proletariado com as massas trabalhadoras do campo para a "completa derroçada do capital", para "a instauração e consolidação definitiva do socialismo".

De acordo com Trotski, que é a ditadura do proletariado?

(*) Grifado por Stálin.

A ditadura do proletariado é o poder que chega a ter "choques de hospedados e emboad e "sesesodunao sesseu sapurea se, uuo" "epapipi
"contradições" "só" na arena da revolução mundial do proletariado".

Em que se diferencia esta "teoria da revolução permanente" da conhecida teoria do menchevismo, que nega a ideia da ditadura do proletariado?

No fundo, em coisa alguma.

Não ha duvida: a "revolução permanente" não é um simples desprezo das possibilidades revolucionarias do movimento camponês. A "revolução permanente" significa um tal desprezo em relação ao movimento camponês que leva à "negação" da teoria leninista da ditadura do proletariado.

A "revolução permanente" de Trotski é uma variante do menchevismo.

Assim se coloca a primeira particularidade da Revolução de Outubro.

Quais são os traços característicos da segunda particularidade da Revolução de Outubro?

Estudando o imperialismo, principalmente no periodo da guerra, Lênin formulou a lei de que os países capitalistas, economica e politicamente, se desenvolvem de modo desigual, por saltos. De acordo com essa lei, o desenvolvimento das empresas, dos trustes, dos ramos industriais e dos diversos países não se processa por uma forma igual, não segue uma linha preestabelecida, de modo a que um truste, um ramo industrial ou um país marchem constantemente na frente e outros trustes ou outros países continuem se retardando, sucessivamente, uns atrás dos outros, mas, ao contrario, se desenvolvem aos saltos, com interrupção no desenvolvimento nuns países e com saltos de desenvolvimento noutros. A tendencia "absolutamente legitima" dos países que se conservam atrás, no sentido de conservar suas antigas posições e a não menos "legitima" tendencia dos países que saltam para a frente de se apoderarem de novas posições, fazem com que os choques armados entre os países imperialistas sejam uma necessidade indiscutível. Assim aconteceu, por exemplo, com a Alemanha, que, há meio seculo atrás, era, em comparação com a França e a Inglaterra, um país atrasado. O mesmo pode dizer-se do Japão, em comparação com a Russia. Já é, entretanto, facto conhecido que, em principios do seculo XX, a Alemanha e o Japão haviam dado um salto tão grande, que a primeira chegou a sobrepujar a França e começou a substituir a Inglaterra no mercado mundial e o segundo ultrapassou a Russia. Destas contradições, como já se sabe, surgiu a recente guerra imperialista.

Esta lei parte do seguinte:

1. "O capitalismo transformou-se num sistema universal de opressão colonial e de estrangulamento financeiro da imensa maioria da população do planeta, por um grupo de países "avançados". (Lênin, Prologo à edição francesa de "O imperialismo, etapa superior do capitalismo").

2. "Esta "presa" é repartida entre duas ou três vorazes potencias de poderio mundial, armadas até aos dentes (Estados Unidos, Inglaterra, Japão), que, pela repartição dessa presa, arrastam para a "sua guerra" todo o mundo". (Obra citada).

3. Ao se agravarem as contradições, dentro do sistema mundial de opressão financeira, ao se tornarem inevitaveis os conflitos armados, a frente mundial do imperialismo torna-se facilmente vulneravel para a revolução e é provavel que se rompa em certos países, isoladamente.

4. Esta ruptura pode produzir-se com mais probabilidade nos países ou locais onde a cadeia da frente imperialista seja mais debil; isto é, onde o imperialismo fôr menos forte e a revolução possa desenvolver-se com mais facilidade.

5. E', por isso, perfeitamente possível e provável a vitória do socialismo num só país, ainda no caso de que este país esteja menos desenvolvido no sentido capitalista, mantendo-se o capitalismo noutros países, ainda que mais desenvolvidos no sentido capitalista.

Tais são, em poucas palavras, as bases da teoria leninista da revolução proletária.

Em que consiste, ainda, a segunda particularidade da Revolução de Outubro?

A segunda particularidade da Revolução de Outubro consiste em que esta revolução é um modelo de aplicação prática da teoria leninista da revolução proletária.

Quem não tiver compreendido esta particularidade da Revolução de Outubro jamais compreenderá o caráter internacional dessa revolução, nem sua gigantesca potência internacional, nem sua peculiar política exterior.

"A desigualdade do desenvolvimento económico e político é — diz Lênin — uma lei absoluta do capitalismo. Daí se conclue que é possível que o socialismo comece triunfando somente nalguns países capitalistas, ou mesmo num só país isoladamente. O proletariado triunfante desse país, depois de expropriar os capitalistas e de organizar a produção socialista dentro de suas fronteiras, colocar-se-á "contra" o resto do mundo, contra o mundo capitalista, atraindo para seu lado as classes oprimidas dos demais países, neles organizando a insurreição contra os capitalistas, empregando, caso seja necessário, inclusive a força das armas contra as classes exploradoras e seus Estados", pois "a livre união das nações no socialismo é impossível sem uma luta mais ou menos prolongada e tenaz das Repúblicas socialistas contra os Estados atrasados". (Lênin, t. XVIII, páginas 232-233, "A palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa").

Os oportunistas de todos os países afirmam que a revolução proletária só pode começar — se é que ha de começar, de um modo geral, nalguma parte, segundo a sua teoria — nos países industrialmente desenvolvidos; que, quanto mais desenvolvidos estejam esses países, no sentido industrial, tanto maiores serão as probabilidades para a vitória do socialismo. Daí afastarem, como algo absolutamente impossível, a vitória do socialismo num só país, e, ainda por cima, pouco desenvolvido do ponto de vista capitalista. Ainda durante a guerra, Lênin, apoiando-se na lei do desenvolvimento desigual dos Estados imperialistas, opõe aos oportunistas a sua teoria da revolução proletária, da vitória do socialismo num só país, ainda quando esse país esteja menos desenvolvido no sentido capitalista.

E' facto conhecido que a Revolução de Outubro confirmou completamente o acerto da teoria leninista sobre a revolução proletária.

Que podemos dizer da "revolução permanente" de Trotski, do ponto de vista da teoria leninista da revolução proletária?

Tomemos o folheto de Trotski: "Nossa revolução" (1906).

Trotski diz:

“Sem o apoio estatal direto por parte do proletariado europeu, a classe proletária da Rússia não poderá sustentar-se no poder nem transformar sua dominação provisória numa ditadura socialista duradoura. Disto não se pode duvidar nem um momento”.

Que significa este trecho? Significa que a vitória do socialismo num só país, neste caso, na Rússia, é impossível “sem o apoio estatal direto por parte do proletariado europeu”, isto é, enquanto o proletariado europeu não conquistar o poder.

Que há de comum entre esta “teoria” e a tese de Lênin sobre a possibilidade da vitória do socialismo. “num só país capitalista, tomado isoladamente”?

Nada, evidentemente.

Mas admitamos que este folheto de Trotski, publicado em 1906, quando era difícil definir o caráter de nossa revolução, contem erros involuntários e não corresponde, por completo, às concepções posteriores de Trotski. Examinemos outro folheto de Trotski, o seu “Programa de Paz”, publicado em 1917, nas vésperas da Revolução de Outubro e reeditado atualmente (1924) em seu livro: “1917”. Neste folheto, Trotski critica a teoria leninista da revolução proletária sobre a vitória do socialismo num só país, opondo-lhe a palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa. Afirma que o socialismo não pode triunfar num só país, que a vitória do socialismo só é possível desde que seja triunfante nalguns dos principais países da Europa (Inglaterra, Rússia, Alemanha), agrupados nos Estados Unidos da Europa, sendo inteiramente impossível de outro modo. Diz abertamente que, “a revolução, triunfante na Rússia ou na Inglaterra, é inconcebível sem a revolução na Alemanha e vice-versa”.

“A única consideração histórica, mais ou menos concreta — diz Trotski — contra a palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa foi formulada no órgão suíço “O Social-Democrata” [então órgão central dos bolcheviques, J. Stalin], na seguinte frase: “A desigualdade do desenvolvimento econômico e político é uma lei absoluta do capitalismo. Daí deduz “O Social-Democrata” que é possível a vitória do socialismo num só país e que, portanto, não há razão para subordinar a ditadura do proletariado, em cada país, tomado isoladamente, à formação dos Estados Unidos da Europa. Que o desenvolvimento capitalista dos diferentes países é desigual é afirmado absolutamente indiscutível. Mas essa própria desigualdade é sumamente desigual. O nível capitalista da Inglaterra, Austria, Alemanha ou França não é o mesmo. Mas, em comparação com a África e a Ásia, todos esses países representam a “Europa” capitalista, já madura para a revolução social. Que nenhum país deve “aguardar” os outros em sua luta é ideia elementar, cuja repetição é útil e indispensável, a fim de que a ideia de uma ação internacional paralela não seja substituída pela ideia da inatividade internacional de expectativa. Sem aguardar os demais, iniciamos e continuamos a luta no terreno nacional, com toda a segurança de que nossa iniciativa imprimirá um impulso à luta noutros países; e, se isso não sucedesse, é inútil pensar — como o demonstra a experiência histórica e as considerações teóricas — que a Rússia revolucionária, por exemplo, pudesse resistir à Europa conservadora ou que a Alemanha socialista pudesse permanecer isolada num mundo capitalista”.

Como vedes, estamos diante da mesma teoria do triunfo simultaneo do socialismo nos principais paises da Europa, que abandona, como regra geral, a teoria leninista sobre a revolução, sobre a vitoria do socialismo num só país.

Não há a menor duvida de que, para o triunfo "completo" do socialismo, para a "completa" garantia contra a restauração da antiga ordem de coisas, são indispensaveis os esforços conjuntos dos proletarios de alguns paises. Não há a menor duvida de que, sem o apoio prestado à nossa revolução pelo proletariado da Europa, o operariado da Russia não teria podido resistir à pressão geral; assim como o movimento revolucionario, no Ocidente, não se teria podido desenvolver, com o ritmo que adquiriu depois da instauração da ditadura proletaria na Russia, se não tivesse sido apoiado pela revolução na Russia. Não ha duvida de que necessitamos de um apoio. Mas que significa um apoio à nossa revolução pelo proletariado da Europa ocidental? A simpatia dos operarios europeus, por nossa revolução, sua disposição para desbaratar os planos de intervenção dos imperialistas, constitue tudo isso um apoio, um consideravel auxilio? Indiscutivelmente que sim. Sem este apoio, sem este auxilio, não somente por parte dos operarios europeus, mas tambem por parte dos paises coloniais e dependentes, a ditadura proletaria da Russia ver-se-ia numa difficil situação. Bastaram, até agora, essa simpatia e essa ajuda, unidas ao poderio do nosso Exercito Vermelho e a disposição dos operarios e camponeses da Russia a defender com a propria vida sua patria socialista? Foi suficiente tudo isso para repellar os ataques dos imperialistas e conseguir estabelecer as condições indispensaveis para um serio trabalho construtivo? Sim, foi suficiente. E essa simpatia cresce ou diminue? Indubitavelmente cresce. Estamos, pois, em condições favoraveis não somente para levar adiante a tarefa da organização da economia socialista, mas tambem para prestar apoio, de nossa parte, tanto aos operarios da Europa ocidental, como aos povos oprimidos do Oriente? Sim, estamos. Os sete anos de historia da ditadura proletaria, na Russia, provam-no eloquentemente. Pode-se, acaso, negar que, em nosso país, já começou o poderoso processo ascensional do trabalho? Isto é inegavel.

Que significação pode ter, depois de tudo isso, a declaração de Trotski de que a Russia revolucionaria não poderia resistir a uma Europa conservadora?

Só pode ter um significado: primeiro, que Trotski não sente a força interior de nossa revolução; segundo, que Trotski não compreende a incalculavel importancia do apoio moral que os operarios do Ocidente, e os camponeses do Oriente prestam à nossa revolução; terceiro, que Trotski não percebe o mal interior que corroe atualmente o imperialismo.

Deixando-se levar pela paixão, em sua critica da teoria leninista da revolução proletaria, Trotski, sem se aperceber, aniquilou-se totalmente em seu folheto "Programa de Paz", publicado em 1917 e reeditado em 1924.

Mas suponhamos ainda que este folheto de Trotski envelheceu e não corresponde, por qualquer motivo, aos seus atuais pontos de vista. Vejamos as obras posteriores de Trotski, escritas depois da vitoria da revolução proletaria "num só país", na Russia. Vejamos, por exemplo, o "Post-fácio" que, em 1922, escreveu para a nova edição de seu folheto, "Programa de Paz":

"A afirmação, varias vezes repetida no "Programa de Paz", de que a revolução proletaria não pode ser levada ao seu termo, vitoriosamente, dentro dos limites nacionais, parecerá, talvez, a muitos leitores, desmentida pela experiencia de quasi cinco anos de vida da nossa Republica Sovietica. Mas uma tal conclusão seria infundada. O facto de que o Estado operario tenha resistido contra o mundo inteiro, sozinho, e, alem disso, o facto de ser ele um país atrasado, é a prova da potencia colossal do proletariado que, nos outros países, avançados e mais civilizados, ha de fazer realmente milagres. Mas, tendo conseguido mantermo-nos como Estado, no sentido politico e militar, não chegamos ainda nem sequer a nos aproximarmos da criação da sociedade socialista... Enquanto nos demais Estados europeus se mantiver no poder a burguesia, seremos obrigados, na luta contra o isolamento economico, a procurar acordos com o mundo capitalista, e, no entanto, pode afirmar-se com segurança que estes acordos, no melhor dos casos, conseguem ajudar-nos a cicatrizar algumas feridas economicas, a dar alguns passos para a frente, mas o verdadeiro desenvolvimento da economia socialista na Russia "será possível somente depois da vitoria" (*) do proletariado nos países mais importantes da Europa".

Isto é o que diz Trotski, falseando, evidentemente, a realidade e esforçando-se, de modo obstinado, para salvar de forma definitiva a "revolução permanente".

Acontece que, por mais voltas que demos, não só "não chegamos" como tambem "nem sequer nos aproximamos" da criação da sociedade socialista. Parece que alguém abrigava a esperança de chegar "a um acordo com o mundo capitalista", mas desses acordos nada se extrai, pois, por mais voltas que lhe demos, parece ainda que "o verdadeiro desenvolvimento da economia socialista" não se atingirá até que o proletariado triunfe nos países mais importantes da Europa".

E como ainda não triunfou no Ocidente a revolução, não resta à revolução da Russia sinão uma "alternativa": apodrecer em vida ou degenerar num Estado burguês.

Não é em vão que Trotski vem falando, há já dois anos, da "degeneração" de nosso Partido.

Não é em vão que Trotski, no ano passado, profetizava a "ruína" de nosso país.

Como conciliar essa estranha "teoria" com a teoria de Lênin sobre a "vitoria do socialismo num só país"?

Como conciliar essa estranha "perspectiva" com a perspectiva de Lênin de que a Nova Politica Economica nos dará a possibilidade de "lançar os alicerces da economia socialista"?

Não é tambem possível conciliar esse desanimo "permanente", por exemplo, com as seguintes palavras de Lênin:

"Hoje, o socialismo já não é um problema de um futuro remoto, nem um quadro abstrato ou uma imagem. Sobre imagens continuamos tendo a opinião de antes, que, por certo, é bastante negativa. Fizemos penetrar o socialismo na vida diária e neste terreno é que temos de nos ajustar. Essa

(*) Grifado por Stálin.

é a tarefa de nossos dias, a tarefa de nossa época. Permitti-me terminar exprimindo a segurança de que, por muito difficil que seja esta tarefa, por mais nova que ela seja, em comparação com as nossas tarefas anteriores, e por mais difficuldades que ela nos traga, todos nós, em conjunto, hoje e não amanhã, no transcurso de alguns anos, todos nós, juntos, resolveremos, custe o que custar, esta tarefa, de modo que a Russia da Nep se converta na Russia socialista". (Lénin, t. XXVII, pag. 366, discurso pronunciado no Pleno do Soviet de Moscou).

Nem é possível conciliar o desespero "permanente" de Trotski, por exemplo, com as seguintes palavras de Lénin:

"Com effeito, todos os grandes meios de produção em poder do Estado, e o poder estatal nas mãos do proletariado; a aliança deste proletariado com os muitos milhões de pequenos e de muito pequenos camponeses; a garantia de que o proletariado dirige os camponeses, etc., não é isso, porventura, tudo o que é necessario para que, com a cooperação e nada mais que com a cooperação, que tanto accusavamos de mercantilista e que, agora, sob a Nep, costuma ser ainda tratada da mesma forma; não é isso, porventura, tudo o que é necessario para construir a sociedade socialista completa? Ainda não é a construção da sociedade socialista, mas, isso sim, é tudo o que ha de necessario e sufficiente para essa construção". (Lénin, t. XXVII, pag. 392, "Sobre a cooperação").

E' evidente que aqui não cabe, nem pode caber, nenhuma especie de conciliação. A "revolução permanente" de Trotski é a negação da teoria leninista da revolução proletaria e vice-versa: a teoria leninista da revolução proletaria é a negação da teoria da "revolução permanente".

A falta de confiança nas forças e na capacidade de nossa revolução, a falta de confiança nas forças e na capacidade do proletariado da Russia: eis o que é, no fundo, a teoria da "revolução permanente".

Até aqui, costumava-se assinalar somente "um" lado da teoria da "revolução permanente": a falta de confiança nas possibilidades revolucionarias do movimento camponês. Agora, para fazer justiça, é preciso completar o "outro" lado dessa teoria: a falta de confiança nas forças e na capacidade do proletariado da Russia.

Em que se differencia a teoria de Trotski da actual teoria menchevique, segundo a qual a vitoria do socialismo num só país e, ainda por cima, num país atrasado, é impossivel sem a vitoria previa da revolução proletaria "nos principais países da Europa occidental"?

No fundo, não se differenciam em nada.

Não ha duvida: a teoria da "revolução permanente" de Trotski é uma variante do menchevismo.

Ultimamente, surgiram em nossa imprensa defensores "diplomaticos" capciosos, que se esforçam por apresentar a teoria da "revolução permanente" como alguma coisa compativel com o leninismo. E' claro — dizem — que esta teoria era inaproveitavel em 1905. Mas o erro de Trotski consiste em se ter então adiantado, tentando applicar à situação de 1905 o que naquela epoca não era possível applicar.

Mais tarde, porém, por exemplo, em outubro de 1917, quando a revolução já havia alcançado a plena maturidade, a teoria de Trotski — dizem

eles — estava completamente ajustada. Não é difícil compreender que seja Radek o principal desses diplomatas. Vejamos o que diz:

“A guerra abriu um abismo entre os camponeses, que aspiram conquistar a terra e a paz, e os partidos pequeno-burgueses; a guerra colocou os camponeses sob a direção da classe operaria e de sua vanguarda, o Partido Bolchevique. Não foi então possível fazer-se a ditadura da classe operaria e dos camponeses, mas, sim, a ditadura da classe operaria apoiada nos camponeses. O que Rosa Luxemburgo e Trotski propugnavam contra Lênin, em 1905 [isto é, a “revolução permanente”, J. Stálin] chegou a representar, de facto, a segunda etapa do desenvolvimento historico”.

Cada uma dessas palavras é uma inverdade.

Não é verdade que, durante a guerra, “não foi possível fazer-se a ditadura da classe operaria e dos camponeses, mas, sim, a ditadura da classe operaria apoiada nos camponeses”. Na realidade, a Revolução de Fevereiro de 1917 foi a realização da ditadura do proletariado e dos camponeses, entrelaçada, de modo todo particular, com a ditadura da burguesia.

Não é verdade que Rosa Luxemburgo e Trotski propugnavam, em 1905, a teoria da “revolução permanente”, nome que Radek silencia pudicamente. Na realidade, essa teoria foi defendida por Parvus e Trotski. Agora, dez meses depois, Radek se retifica, achando ser necessario jogar para Parvus a responsabilidade da “revolução permanente”. Mas a justiça exige de Radek que seja também criticado o socio de Parvus, Trotski.

Não é verdade que a “revolução permanente”, desaprovada pela revolução de 1905, se tenha tornado acertada na “segunda etapa do desenvolvimento historico”, isto é, durante a Revolução de Outubro. Todo o curso da Revolução de Outubro, todo o seu desenvolvimento, revelou e demonstrou a absurda inconsistencia da teoria da “revolução permanente”, a sua incompatibilidade absoluta com os fundamentos do leninismo.

Com discursos melifluos e uma diplomacia sordida não se pode preencher o profundo abismo que se abriu entre a teoria da “revolução permanente” e o leninismo.

III

SOBRE ALGUMAS PARTICULARIDADES DA TATICA DOS BOLCHEVIQUES, NO PERIODO DA PREPARAÇÃO DE OUTUBRO

Para compreender a tatica dos bolcheviques no periodo da preparação de outubro é preciso compreender, pelo menos, algumas particularidades sumamente importantes dessa tatica. E isso é tanto mais necessario, quanto é precisamente por estas particularidades, que se passa, muitas vezes, superficialmente, nos inumeros folhetos sobre a tatica dos bolcheviques.

Quais são essas particularidades?

Primeira particularidade. Ouvindo-se Trotski poder-se-ia pensar que existem apenas dois periodos na historia da preparação de outubro; o periodo da exploração e o periodo da insurreição, e que todo o resto veio do diabo. Que significa a manifestação de abril de 1917? “A manifestação

de abril, que tomou um rumo mais "esquerdista" do que deveria ser, foi uma incursão exploradora para sentir o estado de animo das massas e as relações entre estas e a maioria dos Soviets". E que significa a manifestação de julho de 1917? Na opinião de Trotski, "tambem dessa vez o assunto se reduziu, no fundo, a uma nova exploração mais ampla, na nova etapa, mais elevada, do movimento". Nem é preciso mencionar a manifestação de junho de 1917, organizada por solicitação do nosso Partido, que deve ser considerada, com muito maior razão, de acordo com a concepção de Trotski, como uma "exploração".

Pode-se, pois, concluir que os bolcheviques já tinham preparado, em março de 1917, um exercito politico de operarios e camponeses e que, se não o utilizaram para a insurreição do mês de abril, nem em junho ou julho, fazendo apenas "explorações", deve-se, unica e exclusivamente, a que "os resultados das explorações" não forneciam, então, "indícios" favoráveis.

Nem é preciso mencionar que essa concepção simplista da tatica politica de nosso Partido nada mais faz sinão confundir a tatica militar habitual com a tatica revolucionaria dos bolcheviques.

Na realidade, todas aquelas manifestações, antes de mais nada, deviam-se ao impulso espontaneo das massas, deviam-se a que as massas estavam ansiosas por manifestar, na rua, sua indignação contra a guerra.

Na realidade, o papel do Partido consistia, então, em dar forma e em dirigir as ações espontaneas das massas, pela linha das palavras de ordem revolucionarias dos bolcheviques.

Na realidade, em março de 1917, os bolcheviques não tinham e não podiam ter um exercito politico preparado. Só o puderam criar (e, por fim, em outubro de 1917, já o tinham organizado) no transcurso da luta e dos choques de classes, de abril a outubro de 1917; organizaram-no através das manifestações de abril, e das manifestações de junho e julho, assim como através das eleições das Dumas dos distritos e das cidades, através da luta contra a intentona de Kornílov e através da conquista dos Soviets. Um exercito politico não é como um exercito militar. Enquanto que o comando militar começa a guerra já dispondo de um exercito formado, um partido deve criar o seu exercito no proprio transcurso da luta, no transcurso dos choques entre as classes, à medida que as proprias massas se tenham convencido, por sua propria experiencia, do acerto das palavras de ordem do partido, da justeza de sua politica.

Cada uma das manifestações, naturalmente, lançava, ao mesmo tempo, certa luz sobre determinadas correlações de forças que não eram muito evidentes e constituíam uma especie de exploração, mas não era este o motivo da manifestação, mas apenas seu resultado natural.

Analizando os acontecimentos da vespéra da insurreição de outubro e comparando-os com os ocorridos entre abril e julho, diz Lênin:

"Precisamente, as coisas não estão, hoje, como nas vespéras do 20 e 21 de abril, do 9 de junho e do 3 de julho, pois então havia uma "efervescencia espontanea" que nós, como partido, ou não absorviamos (20 de abril) ou continhamos, dando-lhes a forma de uma manifestação pacifica (9 de junho e 3 de julho). Porque bem sabiamos, naquela epoca, que os Soviets não eram "ainda" nossos, que os camponeses confiavam "ainda" no caminho

dos Liber, Dan e Tchérnov, e não no caminho bolchevique (o da insurreição); que, por conseguinte, não poderíamos contar com a maioria do povo e que, portanto, a insurreição era prematura" (Lénin, t. XXI, pag. 345, "Carta aos camaradas").

E' evidente que apenas com "explorações" não se pode ir muito longe. Não há duvida que o assunto não consistia em "explorar", mas em...

1) que o Partido, durante todo o período da preparação de outubro, apoiava invariavelmente a sua luta na extensão espontanea do movimento revolucionario das massas;

2) que, apoiando-se nesse desenvolvimento espontaneo, o Partido conservava a direção exclusiva do movimento;

3) que essa direção do movimento lhe facilitava a formação do exercito politico de massas para a insurreição de outubro;

4) que semelhante politica necessariamente conduziria a que todos os preparativos de outubro fossem feitos sob a direção de "um só" partido, o Partido Bolchevique;

5) que semelhante preparação de outubro levou, por sua vez, a que, como resultado da insurreição de outubro, o poder ficasse nas mãos de "um só" partido, o Partido Bolchevique.

A direção exclusiva de "um só" partido, do Partido Comunista, como factor fundamental da preparação de outubro, constitue, portanto, o traço característico da Revolução de Outubro; essa é a primeira particularidade da tática dos bolcheviques no período da preparação de outubro.

Não é preciso demonstrar que, sem esta particularidade da tática dos bolcheviques, teria sido impossivel a vitória da ditadura do proletariado, na epoca do imperialismo.

Esta é a vantagem que distingue a Revolução de Outubro da revolução de 1871, na França, quando a direção era dividida entre dois partidos, nenhum dos quais se poderia qualificar como Partido Comunista.

Segunda particularidade. A preparação de outubro era, desse modo, levada ao seu termo, sob a direção de um só partido, o Partido Bolchevique. Mas como punha em pratica o Partido essa direção, como a realizava? Essa direção consistia em isolar os partidos "conciliadores", que eram os grupos mais perigosos no período do desencadeamento da Revolução; em isolar os social-revolucionarios e os mencheviques.

Em que consiste a regra estrategica fundamental do leninismo?

Consiste em reconhecer:

1) que, quando se aproxima uma crise revolucionaria, os partidos "conciliadores" constituem o mais perigoso apoio social aos inimigos da revolução;

2) que é impossivel derrubar o inimigo (o tsarismo ou a burguesia) sem isolar esses partidos;

3) que, por isso, no período de preparação da revolução, os principais golpes devem ser dirigidos no sentido de isolar esses partidos, e de separar deles as grandes massas trabalhadoras.

No período da luta contra o tsarismo, quando ainda se preparava a revolução democratico-burguesa (1905-1916), o mais perigoso apoio social do tsarismo estava no partido liberal-monarquico, o partido dos kadetes. Por que? Porque era um partido conciliador, um partido de "conciliação"

entre o tsarismo e a maioria do povo, isto é, os camponeses em seu conjunto. E' natural que, então, o Partido Bolchevique dirigisse seus principais golpes contra os kadetes, pois, sem isolar os kadetes, não se poderia esperar que os camponeses "rompessem" com o tsarismo e, sem assegurar essa ruptura, não se poderia contar com a vitória da revolução. Naquela época, muitos não compreendiam esta particularidade da estratégia bolchevique e acusavam os bolcheviques de excesso de "kadetofobia", afirmando que a luta contra os kadetes fazia com que os bolcheviques "se esquecessem" da luta contra o inimigo principal: o tsarismo. Mas estas acusações, sem base alguma, revelavam evidente incompreensão da estratégia bolchevique, estratégia que exigia se isolasse o partido conciliador, "para" facilitar e tornar mais proximo o triunfo sobre o inimigo principal.

Não é preciso demonstrar que, sem esta estratégia, a hegemonia do proletariado na revolução democratico-burguesa teria sido impossível.

No periodo da preparação de outubro, o centro de gravidade das forças em luta se deslocou para novo plano. O tsar tinha desaparecido. O partido dos kadetes tinha-se transformado de força conciliadora em força governante, numa força dominante do imperialismo. Não era mais a luta entre o tsarismo e o povo, mas entre a burguesia e o proletariado. Neste periodo, o mais perigoso apoio social do imperialismo era constituído pelos partidos democraticos pequenos-burgueses, os partidos dos social-revolucionarios e mencheviques. Por que? Porque estes partidos eram, então, partidos conciliadores, partidos da "conciliação" entre o imperialismo e as massas trabalhadoras. Os principais golpes dos bolcheviques foram, naturalmente, dirigidos, então, contra esses partidos, pois, sem o isolamento dos mesmos, não se poderia esperar que as massas trabalhadoras "rompessem" com o imperialismo, e, sem essa ruptura, não se poderia contar com a vitória da revolução sovietica. Naquela época, muitos não compreendiam esta particularidade da tática bolchevique, acusando os bolcheviques de terem um "ódio excessivo" contra os social-revolucionarios e contra os mencheviques e de terem "esquecido" seu objetivo fundamental. Mas todo o periodo de preparação de outubro atesta eloquentemente que somente por meio desta tática puderam os bolcheviques assegurar a vitória da Revolução de Outubro.

O traço característico desse periodo consiste em que as massas trabalhadoras do campo se radicalizaram ainda mais, se desiludiram dos social-revolucionarios e dos mencheviques, se afastaram desses partidos, passando a agrupar-se diretamente em torno do proletariado, como a unica força consequentemente revolucionaria, capaz de conduzir o país à paz. A historia desse periodo é a historia da luta entre os social-revolucionarios e os mencheviques, de um lado, e os bolcheviques, de outro, para atrair as massas trabalhadoras do campo, para conquistar essas massas. O fim dessa luta foi decidido pelos seguintes factores: o periodo de coalisção, o periodo de Kérenski, a negativa dos social-revolucionarios e dos mencheviques no sentido de confiscar a terra dos latifundiarios, a luta dos social-revolucionarios e dos mencheviques pela continuação da guerra, a ofensiva do mês de junho no "front", a promulgação da pena de morte para os soldados e a sublevação de Kornilov. E estes factores decidiram a sorte da luta pura e exclusivamente a favor da estratégia bolchevique. Sem isolar os social-

revolucionarios e os mencheviques não era possível derrubar o governo dos imperialistas, e, sem derrubar este governo, não era possível pôr um fim à guerra. A politica no sentido de isolar os social-revolucionarios e os mencheviques provou ser a unica politica acertada.

O isolamento dos partidos social-revolucionario e menchevique, como linha fundamental de direção no trabalho da preparação de outubro, foi, portanto, a segunda particularidade da tática dos bolcheviques.

E' desnecessario demonstrar que, sem esta particularidade da tática dos bolcheviques, a aliança entre a classe operaria e as massas trabalhadoras do campo teria ficado no ar.

E' bastante caracteristico o facto de que Trotski, nos seus "Ensina-mentos de Outubro", nada ou quasi nada disse sobre esta particularidade da tática bolchevique.

Terceira particularidade. A direção do Partido, no trabalho de preparação de outubro, seguia deste modo a linha que levava a isolar os partidos social-revolucionario e menchevique, a linha que arrancaria destes partidos as grandes massas operarias e camponesas. Mas, como conseguiu o Partido realizar concretamente esse isolamento, sob que forma e por que palavras de ordem? Realizou-o por meio do movimento revolucionario das massas pelo Poder Sovietico e sob a palavra de ordem de "Todo o Poder aos Soviets" lutando por transformar os Soviets, de órgãos de mobilização das massas, em órgãos de insurreição, em órgãos do poder, no aparelho do novo sistema de Estado proletario.

Por que os bolcheviques tomaram precisamente os Soviets como alavanca fundamental de organização que poderia facilitar o isolamento dos mencheviques e dos social-revolucionarios, que era capaz de impulsionar a obra da revolução proletaria e estava destinada a conduzir milhões e milhões de trabalhadores para a vitoria da ditadura do proletariado?

Que são os Soviets?

"Os Soviets — disse Lénin, já em setembro de 1917 — constituem o novo aparelho do Estado, aparelho que cria, em primeiro lugar, a força armada dos operarios e dos camponeses, não estando, esta força, alem disso, separada do povo, como a força do velho exercito regular, mas vinculada a ele estreitamente; no sentido militar, essa força é incomparavelmente mais potente que as anteriores; no sentido revolucionario é insubstituível. Em segundo lugar, esse aparelho assegura uma relação com as massas, com a maioria do povo, relação, tão estreita e indissolúvel, tão facilmente revista e renovavel, que não ha nada, no aparelho do Estado anterior, que se lhe assemelhe. Em terceiro lugar, esse aparelho, pelo facto de serem elegiveis e revogaveis, à vontade do povo, os membros que o constituem, sem formalidades burocraticas, é muito mais democratico que os aparelhos anteriores. Em quarto lugar, o Soviet estabelece uma estreita relação com as mais variadas profissões, facilitando deste modo as reformas mais diversas e mais profundas, sem burocracia. Em quinto lugar, cria uma forma de organização da vanguarda, isto é, da parte mais consciente, mais energica, mais avançada, das classes "oprimidas", dos operarios e dos camponeses, constituindo, desse modo, um aparelho por meio do qual a vanguarda das classes oprimidas pode elevar, educar, instruir e conduzir "toda a gigantesca massa" dessas classes, que, até hoje, permane-

cia completamente à margem da vida política, à margem da história. Em sexto lugar, fornece a possibilidade de combinar as vantagens do parlamentarismo com as vantagens da democracia direta e imediata, isto é, reúne, nos representantes eleitos pelo povo, a função legislativa e a "executiva". Comparada com o parlamentarismo burguês, representa um passo para a frente, de importância histórica mundial, no desenvolvimento da democracia. Se a iniciativa criadora popular das classes revolucionárias não tivesse criado os Soviets, a revolução proletária na Rússia seria uma causa sem perspectivas, pois, com o velho aparelho, o proletariado, indubitavelmente, não teria podido manter-se no poder, e tão pouco poderia criar, de um golpe, um novo aparelho". (Lénin, t. XXI, pags. 259-259. "Sustentar-se-ão os bolcheviques no poder?").

Essa foi a razão por que os bolcheviques se basearam nos Soviets como o eixo fundamental de organização que poderia facilitar a estrutura da Revolução de Outubro e a criação do novo e potente aparelho do Estado proletário.

A palavra de ordem de "Todo o Poder aos Soviets!" passou, no que se refere ao seu desenvolvimento interno, por duas etapas: a primeira, até a derrota dos bolcheviques em julho, durante o período da dualidade de poderes e, a segunda, a partir da derrota da sublevação de Kornilov.

Na primeira etapa, esta palavra de ordem representava a ruptura do bloco dos mencheviques e social-revolucionários com os kadetes, a formação de um governo soviético, integrado por mencheviques e social-revolucionários (pois os Soviets estavam então em suas mãos), a liberdade para a oposição de fazer agitação (isto é, para os bolcheviques) e a liberdade de luta entre os partidos, dentro dos Soviets, com o fim de, por meio dessa luta, poderem os bolcheviques conquistar os Soviets e modificar a composição do Governo Soviético para o desenvolvimento pacífico da revolução. Este plano, naturalmente, não representava a ditadura do proletariado. Mas, indubitavelmente, facilitava a preparação das condições necessárias para assegurar a ditadura, pois, ao colocar no poder os mencheviques e social-revolucionários e ao obrigá-los a pôr em prática sua plataforma contra-revolucionária, acelerava o desmascaramento do verdadeiro caráter desses partidos, acelerava o seu isolamento, a sua separação das massas. A derrota dos bolcheviques, no mês de julho, interrompeu, entretanto, esse processo, dando preponderância à contra-revolução dos generais e dos kadetes e jogando os social-revolucionários e mencheviques nos braços dessa contra-revolução. Esta circunstância obrigou o Partido a retirar provisoriamente da ordem do dia o lema de "Todo o Poder aos Soviets!" para tornar a lança-lo quando se verificasse novo incremento da revolução.

A derrota da sublevação de Kornilov inaugurou a segunda etapa; a advertência de "Todo o Poder aos Soviets!" foi novamente colocada na ordem do dia. Mas essa palavra de ordem já não representava a mesma coisa que na primeira etapa. Seu conteúdo havia se modificado radicalmente. Agora, já representava a completa ruptura com o imperialismo e a passagem do poder aos bolcheviques, pois, em sua maioria, os Soviets já eram bolcheviques. Agora, essa palavra de ordem já representava o passo imediato da revolução à ditadura do proletariado por meio da insurreição. Mais ainda,

essa palavra de ordem já significava organizar e dar forma estatal à ditadura do proletariado.

A inapreciável importância da tática de transformar os Soviets em órgãos do poder do Estado estava no facto de que afastava do imperialismo milhões e milhões de trabalhadores, desmascarava os partidos mencheviques e social-revolucionario como instrumentos do imperialismo, levando as massas, por assim dizer, directamente, para a ditadura do proletariado.

Assim, a politica de transformação dos Soviets em órgãos do poder do Estado, como a condição mais importante para o isolamento dos partidos conciliadores e para a vitoria da ditadura do proletariado, é a terceira particularidade da tática dos bolcheviques durante o periodo da preparação de outubro.

Quarta particularidade. Este quadro não ficaria completo se não nos preocupassemos de como e por que conseguiram os bolcheviques transformar as palavras de ordem de seu partido em palavras de ordem de milhões e milhões de trabalhadores que impulsionavam a revolução; como e por que conseguiram convencer do acerto de sua politica não só a vanguarda e a maioria da classe operaria, mas também a maioria do povo.

E' que, para a vitoria da revolução, se essa revolução é realmente popular e se congrega a massa de milhões de homens, não é suficiente que as palavras de ordem do Partido sejam acertadas. Para que a revolução triunfe, exige-se ainda outra condição indispensavel, a saber: que as massas mesmas se convençam, por sua propria experiencia, do acerto dessas palavras de ordem. Só então as palavras de ordem do Partido se convertem em palavras de ordem das proprias massas. Só então é que a revolução se converte numa verdadeira revolução popular. Uma das particularidades da tática dos bolcheviques durante o periodo da preparação da Revolução de Outubro consiste em ter sabido traçar com acerto as rotas e as curvas que conduzem, de modo natural, as massas até às palavras de ordem do Partido, até o proprio umbral da revolução, por assim dizer, facilitando-lhes, desse modo, a possibilidade de perceber, comprovar e reconhecer, por sua propria experiencia, a justeza dessas palavras de ordem. Ou, para falar por outras palavras, uma das particularidades da tática dos bolcheviques consiste em não confundir a direcção do Partido com a direcção das massas, consiste em ver claramente a diferença existente entre a direcção do primeiro tipo e a do segundo; em que é, portanto, não só a ciencia de dirigir o Partido como também a de dirigir as massas de milhões de trabalhadores.

Temos exemplo patente de como se manifestava esta particularidade da tática bolchevique na experiencia que resultou da convocação e da dissolução da Assembléa Constituinte.

E' conhecido o facto de que os bolcheviques, já em abril de 1917, haviam lançado a palavra de ordem da Republica dos Soviets. Já se sabe que a Assembléa Constituinte representava um Parlamento burguês, em flagrante contradição com as bases de uma Republica Sovietica. Como puderam os bolcheviques, que se encaminhavam para a Republica dos Soviets, exigir ao mesmo tempo do Governo Provisorio a convocação imediata da Assembléa Constituinte? Como puderam os bolcheviques não só participar das eleições, como convocar essa Assembléa Constituinte? Como puderam os bolcheviques admitir, um mês antes da insurreição, na transi-

ção do velho para o novo, a possibilidade de uma combinação provisória entre a República dos Soviets e a Assembleia Constituinte?

Isto "aconteceu" por diversas razões:

1) a ideia da Assembleia Constituinte era uma das mais populares ideias entre as grandes massas da população;

2) a palavra de ordem de convocação imediata da Assembleia Constituinte permitia desmascarar com maior facilidade o caráter contra-revolucionário do Governo provisório;

3) para desprestigiar junto às massas populares a ideia da Assembleia Constituinte, era indispensável levar estas massas, com suas reivindicações sobre a terra, a paz, o Poder Soviético, até os muros da Assembleia Constituinte, fazendo-as chocar-se com a Assembleia Constituinte real e viva;

4) só assim se poderia facilitar a tarefa de fazer com que as massas se convencessem, por experiência própria, do caráter contra-revolucionário da Assembleia Constituinte e da necessidade de sua dissolução;

5) naturalmente, tudo isso supunha a possibilidade de admitir um acordo provisório da República dos Soviets com a Assembleia Constituinte como um dos meios empregados para eliminar esta última;

6) esse acordo, levado ao seu termo, "com" a condição da entrega de todo o Poder aos Soviets, só podia ter representado a substituição da Assembleia Constituinte pelos Soviets, sua transformação num apêndice dos Soviets, sua extinção sem dor.

Não é preciso demonstrar que, sem essa política dos bolcheviques, a dissolução da Assembleia Constituinte não se teria processado tão pura e simplesmente e as intencões posteriores dos social-revolucionários e dos mencheviques, sob a palavra de ordem de "Todo o Poder à Assembleia Constituinte!", não teriam fracassado tão fragorosamente.

"Participamos — diz Lênin — de setembro a novembro de 1917, nas eleições do parlamento burguês da Rússia, a Assembleia Constituinte. Era ou não certa nossa tática?... Não teríamos, acaso, nós, os bolcheviques russos, naquele período de setembro a novembro de 1917, mais direito que quaisquer outros comunistas do Ocidente de considerar que o parlamentarismo estava politicamente decadente na Rússia? Naturalmente que tínhamos esse direito, pois "não" se trata de saber se os parlamentos burgueses têm muito tempo de existência ou existem há pouco tempo, mas, sim, qual o "grau de preparação" (ideológica, política, prática) das grandes massas trabalhadoras para aceitar o regime soviético e dissolver (ou admitir a dissolução) o parlamento democrático burguês. Trata-se de que, na Rússia, de setembro a novembro de 1917, a classe operária das cidades, os soldados e os camponeses, estavam, devido a uma série de condições específicas, excepcionalmente dispostos a aceitar o regime soviético e dissolver o parlamento burguês mais democrático; é facto histórico absolutamente indiscutível e plenamente demonstrado. E, não obstante, os bolcheviques "não" boicotaram a Assembleia Constituinte e participaram até das eleições, antes e "depois" da conquista do poder político pelo proletariado": (Lênin, t. XXV, pags. 207-202, "O extremismo...").

E por que não boicotaram os bolcheviques a Assembleia Constituinte? Lênin o explica:

“Mesmo umas semanas antes da vitória da República Sovietica, mesmo “depois” dessa vitória, a participação num parlamento democratico-burguês não só não prejudica ao proletariado revolucionario, como também lhe facilita a possibilidade de “fazer” com que as massas atrasadas “vejam” por que esses parlamentos merecem ser dissolvidos, “facilita” o exito de sua dissolução, “facilita” a “eliminação politica” do parlamentarismo burguês”. (Obra citada).

E' facto característico que Trotski não compreenda esta particularidade da tática dos bolcheviques, resmungando contra a “teoria” que leva a combinar a Assembléa Constituinte com os Soviets, como se estivesse contrario a uma coisa a Hilferding.

Não entende que admitir essa combinação, “sob” a palavra de ordem da insurreição e da provavel vitória dos Soviets, em relação com a convocação da Assembléa Constituinte, é a única tática revolucionaria, tática que nada tem de comum com a tática, tipo Hilferding, de transformar os Soviets num apêndice da Assembléa Constituinte; que o erro em que incorrem alguns camaradas frente a “este” problema não é motivo para deturpar a posição absolutamente certa de Lênin e do Partido sobre a “forma combinada de Estado”, “sob” certas condições. (Lênin, t. XXI, pag. 338, “Carta aos camaradas”).

Não entende que, sem a politica peculiar dos bolcheviques em relação à Assembléa Constituinte, não teriam ganho para sua causa milhões de homens das massas do povo; e, sem conquistar essas massas, não poderiam ter transformado a insurreição de outubro numa profunda revolução popular.

E' interessante ver como Trotski resmunga até contra palavras como “povo”, “democracia revolucionaria”, etc., que são encontradas nos artigos dos bolcheviques, considerando-as indecentes para um marxista.

Parece que Trotski esquece haver Lênin, marxista fora de qualquer duvida, escrito, já em setembro de 1917, um mês antes da vitória da ditadura sobre “a necessidade da passagem immediata de todo o poder para as mãos da democracia revolucionaria, com o proletariado revolucionario à frente”. (Lênin, t. XXI, pag. 198, “O marxismo e a insurreição”).

Pelo visto, Trotski esquece que Lênin, indiscutivelmente marxista, ao citar a celebre carta de Marx a Kugelmann (abril de 1871), na qual aquele diz que a destruição do aparelho burocratico-militar do Estado é a condição previa de toda a revolução verdadeiramente “popular” no continente, escreve, com toda a clareza, as linhas seguintes:

“Merece atenção especial, excepcionalmente profunda, a observação de Marx, de que a destruição da maquina burocratico-militar do Estado é “a condição previa de toda a revolução verdadeiramente “popular”. Este conceito da revolução “popular” parece estranho nos labios de Marx e os plerranovistas e mencheviques russos, esses adeptos de Struve, que querem considerar-se marxistas, poderiam talvez declarar que esta expressão de Marx é um lapso. Eles reduziram o marxismo a uma tergiversação tão miseravelmente liberal, que, para eles, fora da contradição entre a revolução proletaria e a revolução burguesa, não existe nada, e até esta contradição é por eles entendida do modo mais inerte... Na Europa de 1871, no continente, o proletariado não constituia a maioria do povo em nenhum

país. A revolução "popular", que arrasta ao movimento a maioria efetiva da população, só o poderia ser se englobasse tanto o proletariado como os camponeses. Precisamente essas duas classes formavam então o "povo". As duas classes estavam unidas pelo facto de que "a maquina burocratico-militar do Estado" as oprime, sufoca e explora. "Romper" esta maquina, "destrui-la", tal é o verdadeiro interesse do "povo", da maioria dos operarios e da maioria dos camponeses; essa é a "condição previa da aliança livre entre os camponeses pobres e o proletariado, e, sem esta aliança, não é solida a democracia, nem será possível a transformação socialista". (Lénin, t. XXI, pags. 395-396, "O Estado e a Revolução").

Estas palavras de Lénin não podem ser esquecidas.

Saber, portanto, convencer as massas, por experiencia propria, do acerto e da justeza das palavras de ordem do Partido, aproximando essas massas das posições revolucionarias como a condição mais importante para a conquista de milhões de trabalhadores para o Partido, é a quarta particularidade da tatica dos bolcheviques durante o periodo da preparação de outubro.

Creio que o exposto é suficiente para se compreender os traços característicos dessa tatica.

IV

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO, COMEÇO E PREMISSA DA REVOLUÇÃO MUNDIAL

Indubitavelmente, a teoria universal da vitoria simultanea da revolução nos principais paises da Europa, a teoria da impossibilidade da vitoria do socialismo num só país, resultou ser uma teoria artificial, uma teoria inviavel. A historia de sete anos de revolução proletaria na Russia não depõe a favor, mas contra essa teoria. Ela é inaceitavel como esquema do desenvolvimento da revolução mundial, já que está em contradição com os factos evidentes; é ainda mais inaceitavel como palavra de ordem, porque não liberta, mas cerceia, a iniciativa dos paises que, devido a certas condições historicas, têm a possibilidade de abrir, por sua conta, uma brecha na frente do capital; porque não estimula os diferentes paises a empreender separadamente uma ofensiva ativa contra o capital, mas os condena a manterem-se passivamente na expectativa, à espera do momento do "desenlace geral"; porque não fomenta entre os proletarios dos diferentes paises, em separado, o espirito da decisão revolucionaria, mas, em seu lugar, o espirito das duvidas de Hamlet: "E se os outros não apoiarem?" Lénin tem toda razão quando diz que a vitoria do proletariado num só país é um "caso tipico", que "a revolução simultanea numa serie de paises" só pode acontecer como uma "rara exceção". (Lénin, t. XXIII, pag. 354, "A revolução proletaria e o renegado Kautski").

Mas a teoria leninista da revolução não pode circunscrever-se, como já é notorio, somente a este aspecto do assunto. E', ao mesmo tempo, a

teoria do desenvolvimento da revolução mundial (*). A vitória do socialismo num só país não constitui um fim em si mesmo. A revolução triunfante num país não deve ser considerada como algo que se baste a si mesmo, mas como um apoio, como um meio para acelerar a vitória do proletariado em todos os países. Porque a vitória da revolução num só país, neste caso, na Rússia, é, não só o produto do desenvolvimento desigual e do desmoronamento progressivo do imperialismo, mas, ao mesmo tempo, o começo também e a premissa da revolução mundial.

E' indubitável que as vias do desenvolvimento da revolução mundial não são tão simples como poderiam parecer antes da vitória da revolução num só país, antes que tivesse aparecido o imperialismo desenvolvido, que é o "prelúdio da revolução socialista". Sua aparição trouxe, com efeito, um factor novo: a lei do desenvolvimento desigual dos países capitalistas, que se exerce sob as condições do imperialismo desenvolvido e estabelece o carater inevitável dos conflitos armados, o enfraquecimento geral da frente mundial do capital e a possibilidade da vitória do socialismo nalguns países, isoladamente. Trouxe o seu aparecimento outro factor novo: o imenso País Soviético, situado entre o Ocidente e o Oriente, entre o centro da exploração financeira do mundo e o campo da opressão colonial, o qual, só por sua existencia, revoluciona o mundo inteiro.

Todos estes factores (para não citar outros de menor importancia) não podem deixar de ser tomados em consideração quando se estudam as vias da revolução mundial.

Costumava-se pensar, antigamente, que a revolução se'iria desenvolvendo através de um "amadurecimento" uniforme dos elementos do socialismo, principalmente nos países mais desenvolvidos, nos países "adiantados". Atualmente, esta ideia está exigindo modificações essenciais.

"O sistema das relações internacionais — diz Lênin — tomou atualmente forma tal que um dos Estados da Europa, a Alemanha, se encontra subjugado pelos Estados vencedores. Por outro lado, uma serie de Estados que, alem disso, são os mais antigos do Ocidente, se encontram, graças a vitória, em condições de poder aproveita-la para fazer uma serie de concessões insignificantes às suas classes oprimidas, concessões que, não obstante, servem para retardar o movimento revolucionario nesses países, criando certa apparencia de "paz social". Ao mesmo tempo, toda uma serie de países: o Oriente, a India, a China, etc., se viram definitivamente arrancados de sua estabilidade, precisamente como resultado da ultima guerra imperialista. Seu desenvolvimento orientou-se, definitivamente, no sentido da escala capitalista geral da Europa. Neles começou a verificar-se a mesma efervescencia que em toda a Europa. E, agora, todo o mundo vê claramente haver sido arrastado a um processo de desenvolvimento que não pode deixar de levar à crise todo o capitalismo mundial. Em vista disso, e em relação a isso, "os países capitalistas da Europa Occidental concluirão seu desenvolvimento para o socialismo"... de modo diferente do que esperavamos anteriormente. Não o completarão por meio de um processo uniforme de "amadurecimento", neles, do socialismo, mas por meio de explo-

(*) Veja-se: "Sobre os Fundamentos do Leninismo" (J. Stálin).

ração de uns Estados por outros, por meio da exploração do primeiro Estado vencido na guerra imperialista, juntamente com a exploração de todo o Oriente. Por outro lado, o Oriente se incorporou definitivamente ao movimento revolucionário, justamente como resultado dessa guerra imperialista, vendo-se definitivamente arrastado à órbita geral do movimento revolucionário mundial". (Lénin, tomo XXVII, pag. 415-416).

Se acrescentarmos a isto ainda o facto de que não só os países vencidos e as colónias são explorados pelos países vencedores, mas também que, além disso, parte dos países vencedores cai na órbita da exploração financeira dos mais poderosos países vencedores, dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha; que as contradições entre todos esses países constituem o mais importante factor da desagregação do imperialismo mundial; que, além destas contradições, existem e estão se desenvolvendo outras contradições profundíssimas dentro de cada um desses países; que todas essas contradições se aprofundam e se tornam mais agudas devido à existência, ao lado desses países, da grande República dos Soviets; se tomarmos tudo isso em consideração, teremos formado uma ideia mais ou menos completa a respeito da peculiar situação internacional.

O mais provável é que a revolução mundial vá se desenvolvendo por meio de uma separação revolucionária do sistema dos Estados imperialistas, de uma serie de novos países, cujo proletariado será apoiado pelo proletariado dos Estados imperialistas. Vemos que o primeiro país que se separou, o primeiro país que venceu, já está sendo apoiado pelos operários e pelas massas trabalhadoras dos outros países em geral. Sem este apoio, não se poderia manter. Indubitavelmente, este apoio irá se intensificando e crescendo. E' indubitável, também, que o proprio desenvolvimento da revolução mundial, o proprio processo pelo qual se separem do imperialismo uma serie de novos países, se irá efetuando de modo tanto mais rapido e tanto mais profundo quanto mais firmemente se tenha consolidado o socialismo no primeiro país vitorioso, quanto mais rapidamente se transforme este país numa base para o posterior desenvolvimento da revolução mundial, numa alavanca capaz de continuar a obra de desagregar o imperialismo.

Se é certa a tese de que a vitória "definitiva" do socialismo, no primeiro país libertado, não é possível sem os esforços comuns dos proletários dos varios países, é certo também que a revolução mundial se desenvolverá, tanto mais rapida e fundamentalmente, quanto mais eficaz fôr o auxilio prestado pelo primeiro país socialista aos operários e às massas trabalhadoras dos países restantes.

Em que deverá consistir esse auxilio?

Em primeiro lugar, o país que triunfou deverá "levar a cabo o maximo que puder ser realizado num só país "para" desenvolver, apoiar e despertar a revolução em todos os países". (Lénin, tomo XXIII, pag. 385, "A Revolução proletária e o renegado Kautski").

Em segundo lugar, "o proletariado triunfante" de um país, "depois de expropriar os capitalistas e de organizar a produção socialista dentro de suas fronteiras, se colocará... "contra" o resto do mundo, contra o mundo capitalista, atraindo para seu lado as classes oprimidas dos demais países, nele organizando a insurreição contra os capitalistas, empregando, caso necessario, inclusive a força das armas contra as classes exploradoras e seus

Estados". (Lénin, tomo XVIII, pag. 232-233, "A palavra de ordem dos Estados Unidos da Europa").

A particularidade característica desse auxílio prestado pelo país vitorioso consistirá não só em acelerar a vitória dos proletários dos outros países, como também, facilitando essa vitória, assegurará, com isso, a vitória "definitiva" do socialismo no primeiro país triunfante.

O mais provável é que, no curso do desenvolvimento da revolução mundial, se formem, junto aos focos do imperialismo nos diversos países capitalistas, e junto ao sistema desses países em todo o mundo, focos de socialismo em diversos países soviéticos e um sistema de focos de tais países no mundo inteiro e a luta entre esses dois sistemas domine a história do desenvolvimento da revolução mundial.

"Pois a livre união das nações no socialismo — diz Lénin — é impossível sem uma luta mais ou menos prolongada e tenaz das Republicas socialistas contra os Estados atrasados". (Obra citada).

A importancia mundial da Revolução de Outubro consiste não apenas em constituir a grandiosa iniciativa de um país que abriu uma brecha no sistema do imperialismo, sendo o primeiro foco do socialismo no meio do oceano dos países imperialistas, mas também em formar a primeira etapa da revolução mundial e uma base potente para o seu posterior desenvolvimento.

Por esse motivo, não têm razão os que, esquecendo o caráter internacional da Revolução de Outubro, declaram que a vitória da revolução num só país é fenomeno pura e exclusivamente nacional. Não têm razão, também, os que, recordando o caráter internacional da Revolução de Outubro, tendem a considerar essa revolução como algo passivo, destinado apenas a receber o apoio do exterior. Na realidade, não só a Revolução de Outubro necessita do apoio da revolução de outros países, como também a revolução destes países necessita do apoio da Revolução de Outubro, a fim de acelerar e de fazer avançar a obra do desmoronamento do imperialismo mundial.

17 de dezembro de 1924.



O MOVIMENTO OPERÁRIO, NO CONCEITO DE STÁLIN — "O movimento operário — escrevia o camarada Stálin — deve fundir-se com o socialismo. Sua atividade prática deve andar em estreita relação com a teoria, e dando, assim, ao movimento operário espontâneo, um sentido social-democrata. Devemos impedir que o movimento operário espontâneo siga a senda do trade-unionismo. Devemos dirigi-lo pela via social-democrata, *inculcar* a consciência socialista a êsse movimento e agrupar as forças avançadas da classe operária num partido centralizado. Nosso dever é o de dirigir, sempre e por tôda parte, êsse movimento, lutando enêrgicamente contra todos — inimigos e "amigos" — os que se atriessem no caminho para a realização de nossos objetivos sagrados."

De Tudo, um Pouco...

DOIS DISCURSOS DECISIVOS — Assim como a vitória da Grande Revolução Socialista de outubro, em 1917, não haveria sido possível sem o esmagamento dos capitulacionistas e rebotalhos, do mesmo modo não seria possível a vitória do socialismo, no campo, sem o esmagamento dos capitulacionistas de direita, em 1928-1929. Especial significação para a vitória do Partido sobre o grupo anti-bolchevique de Burrárin e Rikov tiveram os discursos de Stálin *Sobre o perigo direitista no P.C. (b) da URSS*. (no Pleno do Comité de Moscou e da Comissão de Contrôlo de Moscou, de outubro de 1928) e *Sobre o destino direitista no P.C. (b) da URSS*. (no Pleno do C.C. do P.C. (b) da URSS, abril de 1929).

O ANO DA GRANDE VIRAGEM — Em seu artigo histórico *O ano da grande viragem*, escrito em 1929 a propósito do XII aniversário da Revolução de Outubro, Stálin dizia:

“O ano transcorrido foi o ano da grande viragem em tôdas as frentes da edificação socialista. Esta viragem desenvolveu-se e continúa desenvolvendo-se sob o signo da *ofensiva* decisiva do socialismo contra os elementos capitalistas da cidade e do campo. A nota característica desta ofensiva cnosiste em ter-nos proporcionado, já, uma série de *triunfos* decisivos nos ramos fundamentais da reconstrução de nossa economia nacional.” (Stálin, *Problemas do Leninismo*, pág. 264, ed. russa.)

DESTRUINDO TEORIAS FALSAS — A 27 de dezembro de 1929, Stálin pronunciou um discurso na Conferência dos Técnicos Agrários Marxistas, no qual pôs a nú a teoria burguesa do “equilíbrio” dos setores da economia nacional, pôs por terra a teoria anti-marxista da “expontaneidade” na edificação socialista e a teoria igualmente anti-marxista da “estabilidade” das pequenas explorações camponesas. Desfazendo tôdas essas teorias burguesas e anti-marxistas dos oportunistas de direita, o camarada Stálin fez uma análise profunda da natureza dos *kolrózes*, como forma socialista de economia e fundamentou a passagem para a coletivização total e para a liquidação, sobre esta base, dos *kulaks*, como classe.

PRISÕES DE STÁLIN — De 1902 a 1913, Stálin foi detido oito vezes, deportado sete e evadiu-se outras seis dos lugares marcados para seu destêrro.

SOBRE AS TRÊS PALAVRAS DE ORDEM FUNDAMENTAIS DO PARTIDO, REFERENTES AO PROBLEMA CAMPONÊS

Resposta ao Camarada Yan-Sky.

Camarada Yan-Sky:

Recebi, no devido tempo, a sua carta. Rogo-lhe que me perdoe pelo atraso da resposta.

1) Lênin afirma que **"o problema fundamental de toda a revolução é o problema do poder do Estado"**. (Lênin, t. XXI, pag. 142, "Um dos problemas radicais da revolução"). Nas mãos de que classe ou de que classes se concentra o poder? Qual a classe ou quais as classes que devem ser derrubadas, ou que classe ou classes devem tomar o poder? Nisso está contido **"o problema fundamental de toda a revolução"**.

As palavras de ordem estratégicas fundamentais do Partido, que permanecem em vigor em todo o decorrer dessa ou daquela etapa da revolução, não poderiam ser consideradas palavras de ordem fundamentais se não se apoiassem inteiramente nessa tese cardial de Lênin. As palavras de ordem fundamentais só podem ser justas se se baseiam na análise marxista das forças de classe, se traçam um esquema certo da disposição das forças revolucionárias no setor da luta de classes, se facilitam a tarefa de conduzir as massas, na vanguarda da luta pela vitória da revolução, na vanguarda da luta pela tomada do poder por uma nova classe, se facilitam ao Partido a tarefa de criar um amplo e potente exercito politico formado pelas grandes massas populares e necessario para cumprir essa missão.

Durante esta ou qualquer outra etapa da revolução, podem advir derrotas ou recuos, reveses e certos erros taticos, mas isso, por si só, não indica que a palavra de ordem estrategica fundamental seja errada. Assim, por exemplo, a palavra de ordem fundamental da "primeira" etapa de nossa revolução — "ao lado de todos os camponeses, contra o tsar e os latifundiários, neutralizando a burguesia, pela vitória da revolução democratico-burguesa" era absolutamente certa, apesar da derrota sofrida na revolução de 1905.

Assim, pois, não se deve confundir o problema das palavras de ordem fundamentais do Partido com o problema das derrotas ou dos reveses da revolução, nessa ou naquela fase do seu desenvolvimento.

Pode acontecer que, no transcurso da revolução, a palavra de ordem fundamental do Partido tenha conduzido já à derrocada do poder das velhas classes ou da velha classe e, no entanto, não se tenha ainda realizado uma serie de reivindicações essenciais da revolução, derivadas dessa palavra de ordem, ou porque a sua realização se estenda por todo um periodo de tempo, ou porque, para realiza-las, se torne necessaria uma nova revolução, sem que isto, por si só, queira dizer que a palavra de ordem fundamental

é errada. Assim, por exemplo, a Revolução de Fevereiro de 1917 derrubou o tsarismo e os latifundiários, mas não chegou a pôr em pratica o confisco de suas terras, etc.; mas isto, por si só, não significa que a nossa palavra de ordem fundamental da primeira etapa da revolução era errada. Outro exemplo temos na Revolução de Outubro, que conseguiu derrotar a burguesia e entregar o poder ao proletariado, mas que imediatamente: a) não levou até seu fim a revolução burguesa, falando em termos gerais, e b) não conseguiu, em particular, o isolamento dos "kulaks", no campo, embora tenha resolvido o problema do confisco de terras no decorrer de um certo período de tempo. Mas isto, por si só, não quer dizer que a nossa palavra de ordem fundamental da "segunda" etapa da revolução — "ao lado dos camponeses pobres, contra o capitalismo na cidade e no campo, neutralizando os camponeses médios, pelo poder do proletariado" — fosse errada.

Não se deve, portanto, confundir o problema da palavra de ordem fundamental do Partido com a questão dos prazos e das formas para a realização de tais ou quais reivindicações dela derivadas.

Por isso, as palavras de ordem estratégicas de nosso Partido não devem ser consideradas do ponto de vista dos êxitos ou fracassos episódicos do movimento revolucionário em tal ou qual período, nem mesmo do ponto de vista dos prazos ou formas de realização de tais ou quais reivindicações delas derivadas. As palavras de ordem estratégicas do Partido só podem ser focalizadas do ponto de vista da análise marxista das forças de classe e da justa disposição das forças da revolução na vanguarda da luta pela vitória da revolução, pela concentração do poder nas mãos de uma nova classe.

O seu erro, camarada Yan-Sky, consiste em esquecer ou não compreender este importantíssimo problema metodológico.

2) Diz você, em sua carta:

"E" exata a afirmação de que "só" até outubro marchamos como aliados de todos os camponeses? Não, não é exata. A palavra de ordem de "aliança com todos os camponeses" foi uma palavra de ordem válida antes de outubro, "no momento da Revolução de Outubro e no primeiro período após outubro", enquanto todos os camponeses estavam interessados em levar a revolução burguesa até o fim".

Assim, desta citação, deduz-se que a palavra de ordem estratégica do Partido na "primeira" etapa da revolução (de 1905 a fevereiro de 1917), quando se tratava de derrubar o poder do tsar e dos latifundiários e de instaurar a ditadura do proletariado e dos camponeses, não "se diferenciava" da palavra de ordem estratégica da "segunda" etapa da revolução (de fevereiro a outubro de 1917), na qual se tratava de derrubar o poder da burguesia e de instaurar a ditadura do proletariado. Por conseguinte, você nega a diferença fundamental entre a revolução democrático-burguesa e a revolução proletária, socialista. E incorre neste erro, porque não quer, ao que parece, compreender uma coisa tão simples como a de saber por que o tema fundamental de toda a palavra de ordem estratégica é o problema do poder numa determinada etapa da revolução, o problema de saber qual a classe que se deve derrubar e para as mãos de "que" classe se trata de

fazer passar o poder. E' desnecessario provar que você está absolutamente enganado nesse ponto.

Diz você, que, durante a Revolução de Outubro e no primeiro periodo posterior a outubro, preconizavamos a palavra de ordem de "aliança com todos" os camponeses", enquanto estes estivessem interessados em levar até o fim a revolução burguesa. Mas, quem é que lhe disse que a modificação radical que se produziu em outubro e a Revolução de Outubro se reduziram a levar até o fim a revolução burguesa, ou que isso era colocado como objetivo fundamental? De onde tirou você uma tal coisa? Acaso a derrubada do poder da burguesia e a instauração da ditadura do proletariado podem enquadrar-se dentro dos limites da revolução burguesa? A conquista da ditadura do proletariado não ultrapassa os limites da revolução burguesa? Como se pode afirmar que os "kulaks" (tambem camponeses, quem o duvida?) podiam apoiar a derrubada da burguesia e a passagem do poder ao proletariado? Como se pode negar que o decreto sobre a nacionalização da terra, a abolição da propriedade privada da terra, a proibição das transações de compra e venda de terras, etc., apesar de que não se possa qualificar de decreto socialista, foi aplicado em nosso país, "em luta" contra os "kulaks" e não em aliança com eles? Como se pode afirmar que os "kulaks" (tambem camponeses) podiam aprovar os decretos do Poder Sovietico sobre a expropriação das fabricas e empresas industriais, ferroviarias, bancos, etc., ou a palavra de ordem do proletariado sobre a transformação da guerra imperialista em guerra civil? Como se pode afirmar que o "fundamental", na Revolução de Outubro, não foram estes atos e outros analogos, não foi a derrubada da burguesia e a instauração da ditadura do proletariado, mas foi o facto de se completar a revolução burguesa?

E' indiscutivel que uma das finalidades principais da Revolução de Outubro era a de levar a cabo a revolução burguesa, e que, sem a Revolução de Outubro, a primeira não poderia ter chegado ao seu fim, do mesmo modo que a propria Revolução de Outubro não poderia ter-se mantido sem, antes, completar a revolução burguesa, e que, pelo facto de levar ao seu fim a revolução burguesa, a Revolução de Outubro tinha que despertar, necessariamente, a simpatia de todos os camponeses. Esses factos são indiscutíveis. Mas, baseando-se nisso, pode-se acaso afirmar que o facto de levar até o seu fim a revolução burguesa não foi um fenomeno derivado, na marcha da Revolução de Outubro, mas, pelo contrario, que foi a sua essencia, o seu objetivo fundamental? Então, aonde você coloca o objetivo fundamental da Revolução de Outubro que é a derrubada do poder da burguesia, a instauração da ditadura do proletariado, a transformação da guerra imperialista em guerra civil, a expropriação dos capitalistas, etc.? E, se o tema fundamental de uma palavra de ordem estrategica é sempre o problema cardial de toda a revolução, isto é, do problema da passagem do poder das mãos de uma classe para as mãos de outra, não é então evidente que o problema de se completar a revolução burguesa por meio do poder do proletariado não deve ser confundido com o problema da derrubada da burguesia e da conquista deste mesmo poder pelo proletariado, isto é, com o problema que constitue o tema fundamental da palavra de ordem estrategica na segunda etapa da revolução?

Uma das maiores conquistas da ditadura do proletariado foi ter levado ao fim a revolução burguesa e ter varrido todos os restos feudais. Para o campo, isso foi de importância fundamental e verdadeiramente decisiva. Sem isso, não teria sido possível fundir as guerras camponesas com a revolução proletária, de acordo com o que falava Marx na segunda metade do século passado. Sem essa conquista, não seria possível garantir a própria revolução proletária. E, ao nos referirmos a isso, não podemos perder de vista a importante circunstância de que trataremos adiante. Levar ao seu termo a revolução burguesa não constitui um ato isolado. Na realidade, estende-se ao longo de todo um período, abarcando não só uma parte do ano de 1918, como afirma você, em sua carta, como também uma parte do ano de 1919 (região do Volga e do Ural) e de 1919-1920 (Ucrânia). Quero me referir à ofensiva de Kolchak e Denikin, que ameaçou todos os camponeses, em conjunto, com o perigo da restauração do poder dos latifundiários e os obrigou a cerrar fileiras, precisamente "como um bloco", em torno do Poder Soviético, para defender e completar a revolução burguesa e para não perder os frutos dessa revolução. A complexidade e variedade de processos da vida real, este entrelaçamento "mescado" das tarefas diretamente socialistas da ditadura com as tarefas que permitiam realizar a revolução burguesa, tudo isso se deve ter, sempre, presente para compreender com acerto os trechos de Lênin, que você citou, assim como para compreender a mecânica da realização das palavras de ordem do Partido. Pode-se, acaso, afirmar que esse entrelaçamento indica a falsidade da palavra de ordem do Partido na "segunda" etapa da revolução, que esta palavra de ordem não se distingue da palavra de ordem da "primeira" etapa da revolução? Não, isso não se pode afirmar. Pelo contrário, este entrelaçamento nada mais fez do que confirmar o acerto da palavra de ordem do Partido na segunda etapa da revolução: ao lado dos "camponeses pobres", contra a burguesia capitalista da cidade e do campo, pelo poder do proletariado, etc. Por que? Porque para levar ao seu fim a revolução burguesa, foi preciso "começar" por derrubar, em outubro, o poder da burguesia e instaurar o poder do proletariado, pois só este poder era capaz de levar ao fim a revolução burguesa. E, para instaurar, em outubro, o poder do proletariado era necessário preparar e organizar, para a Revolução de Outubro, o exército político "adequado", capaz de derrubar a burguesia, capaz de instaurar o poder do proletariado. Não é mais preciso demonstrar que "esse" exército político "só" podia ser preparado e organizado sob a palavra de ordem da aliança do proletariado com os camponeses pobres contra a burguesia e pela ditadura do proletariado. Evidentemente, sem "esta" palavra de ordem estratégica, aplicada de abril a outubro de 1917, não teríamos podido formar "esse" exército político e, portanto, não teríamos podido triunfar em outubro, não teríamos podido derrubar o poder da burguesia e, por conseguinte, não poderíamos ter levado ao fim a revolução burguesa.

E' por isso que não se deve contrapor a tarefa de completar a revolução burguesa à palavra de ordem estratégica da segunda etapa da revolução, palavra de ordem que tinha por missão garantir a tomada do poder pelo proletariado.

Para evitar todas essas "contradições" é indispensável: reconhecer a diferença fundamental existente entre a palavra de ordem estratégica da primeira etapa da revolução (a revolução democrático-burguesa) e a palavra de ordem estratégica da segunda etapa da revolução (a revolução proletária); reconhecer que, durante a primeira etapa da revolução, marchamos unidos com "todos" os camponeses, pela revolução democrático-burguesa, e que, durante a segunda etapa da revolução, marchamos unidos com os camponeses "pobres", contra o poder do capital e pela revolução proletária. E não há outro remédio senão reconhecê-lo, pois a isso nos leva a análise das forças da classe, na primeira e na segunda etapa da revolução. De outro modo, não seria possível explicar o facto de que, antes de fevereiro de 1917, atuávamos sob a palavra de ordem da ditadura "democrática"-revolucionária do proletariado e dos "camponeses", enquanto que, depois de fevereiro de 1917, substituímos esta palavra de ordem da ditadura "socialista" do proletariado e dos camponeses "pobres". Reconheça, camarada Yan-Sky, que, com seu esquema, não é possível explicar esta substituição de uma palavra de ordem por outra, em março-abril de 1917.

Esta diferença fundamental entre as duas palavras de ordem estratégicas do Partido foi também assinalada por Lênin em seu folheto "Duas táticas". A palavra de ordem do Partido, na preparação da revolução democrático-burguesa, era assim formulada por Lênin:

"O proletariado deve levar até o fim a revolução democrática, atraindo as massas dos camponeses, para esmagar pela força a resistência da autocracia e para paralisar a instabilidade da burguesia". (Lênin, t. VIII, página 96, "Duas Táticas").

Ou, noutros termos: com todos os camponeses contra a autocracia, neutralizando a burguesia, pela revolução democrática.

No que se refere à palavra de ordem do Partido, no período da preparação da revolução socialista, Lênin assim a formula:

"O proletariado deve realizar a revolução socialista, atraindo a massa dos elementos semi-proletários da população, a fim de destruir as forças da resistência da burguesia, paralisar a instabilidade dos camponeses e da pequena burguesia". (Obra citada).

Ou, noutros termos: ao lado dos camponeses pobres e de todas as camadas semi-proletárias da população, contra a burguesia, neutralizando a pequena burguesia da cidade e do campo, pela revolução socialista.

Isso se dava em 1905.

Em abril de 1917, Lênin, caracterizando a situação política daquele tempo como um entrelaçamento da ditadura revolucionária-democrática do proletariado e dos camponeses com o poder real da burguesia, dizia:

"A peculiaridade do momento atual, na Rússia, consiste na "passagem" da "primeira" (*) etapa da revolução, que deu o poder à burguesia, porque faltava ao proletariado o necessário grau de consciência e de organização, a "sua segunda" etapa, que colocará o poder nas mãos do proletariado e dos camponeses "pobres" (*). ("Teses de abril", de Lênin, t. XX, página 88).

(*) Grifado por Stálin.

Em fins de agosto de 1917, quando o trabalho de preparação da Revolução de Outubro se desenvolvia com todo o vigor, Lênin, num artigo especial intitulado "Camponeses e Operários", escrevia:

"Só o proletariado e os "camponeses" (*) podem derrubar a monarquia: essa foi a definição fundamental de nossa política de classe naquele tempo [isto é, em 1905, J. Stálin]. E esta definição era exata. Os meses de fevereiro e março de 1917 confirmaram-no uma vez mais. Só o proletariado, dirigindo os "camponeses pobres" (*) (o semi-proletariado, como se diz em nosso programa) pode por um fim à guerra através de uma paz democrática, pode curar suas feridas, começar a dar os passos já incondicionalmente necessários e "inadiáveis" para o socialismo; essa é a definição de nossa política de classe nos atuais momentos". (Lênin, t. XXI, pag. 111, "Camponeses e Operários").

Isso não deve ser interpretado como se já existisse, "agora", em nosso país, como se pode supor, a ditadura do proletariado e dos camponeses pobres. Acreditar nisso seria, naturalmente, falso. Marchamos para a Revolução de Outubro sob a palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses pobres e realizamos formalmente esta palavra de ordem em outubro, quando fizemos um bloco com os social-revolucionários de esquerda e dividimos com eles a direção, embora, de facto, já naquele tempo, existisse em nosso país a ditadura do proletariado, uma vez que nós, os bolcheviques, éramos a maioria. Mas a ditadura do proletariado e dos camponeses pobres deixou de existir formalmente depois da intonação dos social-revolucionários de esquerda, depois do rompimento do bloco com eles, quando a direção passou total e plenamente para as mãos de um "só" partido, para as mãos do nosso Partido, que não divide, nem pode dividir com nenhum outro, a direção do Estado. A isso chamamos: ditadura do proletariado.

Finalmente, em novembro de 1918, lançando um olhar retrospectivo ao caminho percorrido pela revolução, escrevia Lênin:

"Sim, nossa revolução foi burguesa "enquanto" caminhávamos "juntamente" com os camponeses como "um todo". Tínhamos a consciência exata disso; desde 1905, dissemos-lo centenas e milhares de vezes, nunca tentamos ultrapassar ou abolir por meio de decretos esta etapa necessária do processo histórico. Mas, em 1917, desde o mês de "abril, muito antes da Revolução de Outubro, da tomada do poder por nós" (*) dissemos abertamente e explicamos ao povo que não nos podíamos deter nesta etapa da revolução, pois o país continuava marchando, o capitalismo continuava avançando, a miséria havia alcançado proporções nunca vistas, o que "exigia" (concorde-se ou não) que marchássemos para a frente, "para o socialismo", pois só "desse modo" se poderia avançar, salvar o país, esgotado pela guerra, aliviar os sofrimentos dos trabalhadores e explorados. Com efeito, tudo aconteceu como nós o havíamos afirmado. A marcha da revolução confirmou o acerto do nosso raciocínio. "A princípio", ao lado de "todos" os camponeses, contra a monarquia, contra os latifundiários, contra o medievallismo (e, neste sentido, a revolução continuou a ser burguesa, democrático-

(*) Grifado por Stálin.

burguesa). "Depois", ao lado dos camponeses mais pobres, ao lado do semi-proletariado, ao lado de todos os explorados, "contra o capitalismo, inclusive contra os ricos de aldeia, os "kulaks", os "especuladores" (*) e, neste sentido, a revolução se converte em "socialista". (Lénin, t. XXIII, paginas 390-391, "A revolução proletária e o renegado Kautski").

Como você mesmo pode ver, Lénin sublinha insistentemente toda a profunda diferença que existe entre a primeira palavra de ordem estratégica, a do período de preparação da revolução democrático-burguesa, e a segunda palavra de ordem estratégica, a do período de preparação da Revolução de Outubro. A primeira palavra de ordem era: com "todos os camponeses", contra a autocracia; a segunda: com "todos os camponeses pobres", contra a burguesia.

O facto de se ter prolongado, por todo um período, a etapa de terminação da revolução burguesa, depois da Revolução de Outubro e de que, enquanto levávamos ao seu fim a revolução burguesa, "todos" os camponeses não podiam deixar de simpatizar conosco; esse facto não fez se modificar nem um milímetro, como já o dissemos atrás, a tese fundamental de que marchamos para a Revolução de Outubro e triunfamos nessa Revolução, juntamente com os camponeses pobres; a tese de que derrubamos o poder da burguesia e instauramos a ditadura do proletariado (um dos objectivos da qual era o de levar até o fim a revolução burguesa), unidos aos camponeses "pobres", enfrentando a resistencia dos "kulaks" (tambem camponeses) e as vacilações dos camponeses medios.

Creio que isso está bem claro.

3) Diz também você em sua carta:

"E' certa a afirmação de que "chegamos à Revolução de Outubro com a palavra de ordem de "aliança com os camponeses pobres e de neutralização dos camponeses medios"? Não, não é certo. Pelo exposto mais atrás e pelos trechos citados de Lénin vê-se que essa palavra de ordem só pôde surgir quando "amadureceu a divisão de classes entre os camponeses" (Lénin) isto é, "no verão e outono de 1918".

Dessa citação, conclue-se que o Partido não seguiu o caminho da neutralização dos camponeses medios no período da preparação da Revolução de Outubro, nem durante o seu desenvolvimento, mas só depois de outubro, principalmente depois de 1918, depois da formação dos Comitês dos camponeses pobres. Isso é "absolutamente falso", camarada Yan-Sky. Pelo contrario, a politica de neutralização dos camponeses medios não começou, e sim "terminou", depois do período dos Comitês dos camponeses pobres, depois de 1918. A politica de neutralização dos camponeses medios foi "abolida" (e não implantada) em nossa atuação pratica, precisamente depois de 1918. Precisamente depois de 1918, em março de 1919, foi que Lénin, no seu discurso de abertura do VIII Congresso de nosso Partido, disse:

"Os melhores representantes do socialismo dos velhos tempos — quando ainda acreditavam na revolução e a serviam teorica e ideologicamente — falavam em "neutralizar os camponeses", isto é, em fazer do camponês medio uma camada social que, embora não auxiliasse ativamente

(*) Grifado por Stálin.

a revolução do proletariado, pelo menos não a estorvasse, permanecesse neutra, não se passasse para o lado dos nossos inimigos. Esta maneira de colocar o problema, teórica, abstrata, é perfeitamente clara para nós. "Mas é insuficiente" (*). Entramos "numa etapa da edificação socialista" (*), em que era necessário traçar de modo concreto, detalhado, baseado na experiência do trabalho no campo, as normas e indicações fundamentais pelas quais nos devemos guiar para nos "colocarmos no terreno de uma sólida aliança" com os camponeses médios". (Lénin, t. XXIV, pag. 114).

Como você vê, chega-se a um resultado que é diametralmente oposto ao que você expõe em sua carta, além disso, você inverte a "verdadeira" atuação prática de nosso Partido, pondo-a de cabeça para baixo, confundindo o "começo" da neutralização com o seu "final".

O camponês médio lamentava-se, e vacilava entre a revolução e a contra-revolução, enquanto a burguesia não foi destruída, enquanto não se consolidou o Poder dos Soviets, razão pela qual era necessário neutralizá-lo. Principiou a passar-se para o nosso lado, quando começou a se convencer de que a burguesia estava sendo derrotada "de facto", o Poder dos Soviets se consolidava, combatia-se os "kulaks", e o Exército Vermelho começava a triunfar nas frentes da guerra civil. Depois dessa virada, foi que, com efeito, se tornou possível a terceira palavra de ordem estratégica do Partido, lançada por Lénin no VIII Congresso; apoiando-se nos camponeses pobres e estabelecendo uma sólida aliança com os camponeses médios! Avante, para a edificação do socialismo!

Como pôde você esquecer esse facto, já conhecido de todo o mundo?

De sua carta se conclue, também, que a política de neutralização do camponês médio, na "passagem" para a revolução proletária e nos "primeiros dias" após a vitória dessa revolução, era errada, inadequada e, portanto, inadmissível. Isso é "absolutamente falso", camarada Yan-Sky. A realidade é precisamente o contrario. Precisamente depois de derrotado o poder da burguesia, antes de se consolidar o poder do proletariado, é que o camponês médio mais vacila e mais resiste. É precisamente durante este período que se torna mais necessária a aliança com os camponeses pobres e a neutralização dos camponeses médios.

Persistindo em seu erro, você afirma que o problema dos camponeses é importantíssimo não só para o nosso país como também para os outros países que "lembram mais ou menos a economia da Rússia de antes de outubro". Essa parte é, naturalmente, certa. Mas, vejamos o que diz Lénin, em suas teses sobre o problema agrário, no II Congresso da Internacional Comunista, referindo-se à política dos partidos proletários no que diz respeito aos camponeses médios durante o período da tomada do poder pelo proletariado. Depois de definir os camponeses pobres ou, para ser mais exato, "as massas trabalhadoras e exploradas do campo", como um grupo à parte, formado por operários agrícolas, semi-proletários ou camponeses arrendatários e camponeses pequenos proprietários, passando logo a examinar o problema dos camponeses médios, como um grupo específico no campo, diz Lénin:

(*) Grifado por Stálin.

"Por "camponeses medios", no sentido economico da palavra, é preciso entender os pequenos agricultores que possuem, a titulo de propriedade ou de arrendamento, pequenos lotes de terra, mas que, apesar de tudo, em regra geral, sob o regime capitalista, ganham o rendimento necessario para sustentar pobremente a sua familia e o seu trabalho, e têm, além disso, a possibilidade de obter um certo excedente, que se pode converter, pelo menos nos melhores anos, em capital, e que recorrem, com bastante frequencia, ao emprego da mão de obra assalariada... O proletariado revolucionario não pode pretender, — pelo menos num "futuro imediato e nos primeiros tempos da ditadura do proletariado" — trazer consigo essa força. Tem que limitar-se à tarefa de "neutraliza-la", isto é, impedir que ela preste uma ajuda ativa à burguesia, na sua luta contra o proletariado". (Vejam-se "Atas taquigraficas do II Congresso da Internacional Comunista, paginas 610-6).

Como se pode afirmar, depois do que foi exposto, que a politica de neutralização do camponês medio "somente" pôde "surgir" em nosso país "no verão e no outono de 1918", isto é, depois dos exitos decisivos conquistados pela consolidação do Poder dos Soviets, do poder do proletariado?

Como você vê, o problema da palavra de ordem estrategica dos partidos proletarios, no momento de transição para a revolução socialista e de consolidação do poder do proletariado, assim como o problema da neutralização dos camponeses medios, não são tão simples como você os imagina.

4) De tudo o que dissemos, conclue-se que as passagens das obras de Lênin indicadas por você não podem ser contrapostas, de modo algum, à palavra de ordem fundamental do Partido na segunda etapa da revolução, pois que estas citações: a) não tratam da palavra de ordem fundamental do Partido "antes" de outubro, mas da tarefa de levar ao seu termo a revolução burguesa "depois" de outubro; b) essas citações não refutam, mas, pelo contrario, confirmam a justeza dessa palavra de ordem. Eu já disse atrás e sou forçado a repetir aqui, que não se pode contrapor à palavra de ordem estrategica do Partido, na segunda etapa da revolução, no periodo "anterior" à tomada do poder pelo proletariado, cujo tema fundamental é o problema do poder, contrapor à essa palavra de ordem a tarefa de levar ao seu fim a revolução burguesa, posta em pratica no periodo "posterior" à tomada do poder pelo proletariado.

5) Você refere-se ao tão divulgado artigo do camarada Molotov, publicado no "Pravda" sob o titulo de "Sobre a Revolução burguesa em nosso país" (12 de março de 1927), o qual, segundo parece, foi que o "levou" a dirigir-se a mim, pedindo esclarecimento. Não sei como você lê os artigos, camarada Yan-Sky. Também eu li o artigo do camarada Molotov e acho que ele não contradiz, de nenhum modo, o que foi exposto em meu informe ao XIV Congresso de nosso Partido a respeito das palavras de ordem do Partido em relação aos camponeses. O Camarada Molotov não trata em seu artigo da palavra de ordem fundamental do Partido durante o periodo da Revolução de Outubro, mas sim, do facto de que, na medida em que o Partido, depois da Revolução de Outubro, tenha realizado a revolução burguesa, teve ele a simpatia de todos os camponeses. E eu já indiquei atrás, que a comprovação desse facto não nega, mas, pelo contrario, corrobora a

verdade da tese fundamental, segundo a qual, nós derrubamos o poder da burguesia e instauramos a ditadura do proletariado em união com os camponeses pobres e neutralizando os camponeses médios, contra a burguesia da cidade e do campo, sem o que não teríamos podido levar a cabo a revolução burguesa.

"Bolchevík", n. 7-8 — 15 de abril de 1927.



SÔBRE OS FUNDAMENTOS DO LENINISMO — Tem importância extraordinária, no esmagamento ideológico do trotskismo, na defesa, fundamentação e desenvolvimento do leninismo, o trabalho teórico de Stálin *Sôbre os fundamentos do leninismo* (*), que veio à luz em 1924. Esta obra é uma exposição magistral e uma fundamentação teórica profunda do leninismo e equipou, então, e continua equipando, hoje, os bolcheviques de todo o mundo com a arma afiada da teoria marxista leninista. Esse genial trabalho contém a exposição das bases do leninismo, isto é, de tudo o que é novo e peculiar, que se relaciona com o nome de Lénin, com tudo o que trouxe Lénin para o desenvolvimento da teoria marxista. Só a circunstância de haver-se feito tal síntese dos problemas do leninismo, de haver-se reunido e estudado, do ponto de vista da nova época histórica, todo o conteúdo da herança leninista, significava um passo gigantesco para a frente no desenvolvimento da ciência marxista leninista. Todos os problemas da doutrina de Lénin foram levantados nessa obra a uma enorme altura de princípios.

(*) Há em português uma edição popular da Edit. Calvino Ltda.



STÁLIN, GUIA ESCLARECIDO — No XV Congresso do Partido Comunista (b) da URSS, Stálin assinalou o atraso da agricultura em comparação com a indústria e indicou a saída para essa situação, ameaçadora para toda a economia nacional.

"A solução — dizia Stálin — está na passagem das pequenas explorações camponesas dispersas para as grandes explorações unificadas à base de uma técnica nova e mais elevada. A solução está em que as pequenas, diminutas explorações camponesas se agrupem paulatina, porém, infalivelmente, mas não por meio da coação, mas por meio do exemplo e da persuasão, em grandes explorações, à base do cultivo cooperativo, coletivo, da terra, por meio do emprêgo de maquinário agrícola e de tratores e da aplicação de métodos científicos, com o fito de intensificar a agricultura. Não há outra solução." (*Compêndio de História do P.C. (b) da URSS*, pág. 328, edição espanhola.)

SÔBRE A PALAVRA DE ORDEM DA DITADURA DO PROLETARIADO E DOS CAMPONESES POBRES NO PERIODO DE PREPARAÇÃO DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

Resposta ao Camarad² S. Pokróvski.

Camarada Pokróvski:

Creio que sua carta de 2 de maio do corrente ano não oferece motivo nem fundamento para ser respondida em detalhe, por assim dizer, em todos os seus pontos. Bem pensado, esta carta não contém nada de especialmente novo e não difere muito da do camarada Yan-Sky. Mas, apesar disso, respondendo-a, porque ela contém alguns elementos que representam uma restauração direta do kamenievismo do periodo de abril e maio de 1917. Com o fim, apenas, de desmascarar esses elementos a favor da restauração do kamenievismo, considero necessario responder, em poucas palavras, a sua carta.

1) Diz você em sua missiva que, “de facto, no periodo de fevereiro a outubro, nossa palavra de ordem era a de aliança “com todos” os camponeses”, que, no periodo de fevereiro a outubro, o Partido manteve e definiu sua “velha” palavra de ordem no que se refere aos camponeses: a da aliança “com todos” os camponeses em bloco”.

Daí se conclue, em primeiro lugar, que, no periodo de preparação da Revolução de Outubro, de abril a outubro, os bolcheviques não propunham desligar os camponeses pobres dos camponeses remediados, mas consideravam os camponeses como um bloco.

Daí se conclue, em segundo lugar, que, no periodo de preparação da Revolução de Outubro, de abril a outubro, os bolcheviques não substituíram a velha palavra de ordem de “ditadura do proletariado e dos camponeses” pela nova palavra de ordem de “ditadura do proletariado e dos camponeses pobres”, mas, ao contrario, mantiveram suas velhas posições, como Lênin o assinalava no folheto “Duas Taticas”, em 1905.

Daí se deduz, em terceiro lugar, que a politica bolchevique da luta contra as vacilações e a politica oportunista dos Soviets, no periodo de preparação da Revolução de Outubro (março a outubro de 1917), contra as vacilações dos camponeses medios nos Soviets e no “front”, contra as vacilações entre a revolução e a contra-revolução, contra as vacilações e a politica oportunista, que tomaram carater especialmente agudo nas jornadas de julho, quando os Soviets tendo à frente os elementos oportunistas dos partidos social-revolucionario e menchevique, marchavam ao lado dos generais contra-revolucionarios na obra de isolar os bolcheviques, daí se deduz,

em resumo, que a luta bolchevique contra essas vacilações e essa política oportunista de certas camadas camponesas, era superflua e absolutamente desnecessária.

Daí se conclue, finalmente, que Kámeniev tinha razão quando, em abril-maio de 1917, defendia a velha palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses e que Lênin não tinha razão quando considerava essa palavra de ordem já caduca e quando proclamava a nova palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses pobres.

Basta sugerir essas questões para compreender o quanto é absurda a sua carta.

Mas, como você é um grande apreciador das citações isoladas das obras de Lênin, façamos algumas citações.

Não é necessário muito esforço para demonstrar que, para Lênin, o que havia de "novo" nas relações de classe, no campo, na Russia, depois da Revolução de Fevereiro, do ponto de vista do desenvolvimento posterior da revolução, não era a comunidade de interesses do proletariado e dos camponeses em seu conjunto, mas a "cisão" entre os camponeses pobres e os camponeses remediados; os primeiros, isto é, os camponeses pobres, tendiam para o proletariado, enquanto que os segundos, isto é, os camponeses remediados, seguiam na retaguarda do Governo Provisorio.

Eis o que diz Lênin sobre esse ponto, em abril de 1917, discutindo contra Kámeniev e o kamenievismo:

"Não é lícito ao Partido do proletariado ter "agora" (*) esperanças na comunhão de interesses com os camponeses". (V. o discurso de Lênin na Conferencia de Abril de 1917, t. XX, pag. 245).

E noutro trecho:

"Hoje, já encontramos, nas resoluções de uma serie de congressos camponeses, a ideia de aguardar a Assembleia Constituinte para resolver o problema agrario; isto significa uma vitoria dos "camponeses remediados" (*) que se inclinam para o lado dos kadetes". (V. o discurso de Lênin na Conferencia da cidade de Petrogrado, em abril de 1917, t. XX, pag. 176).

E mais adiante:

"E' possível que os camponeses tomem toda a terra e todo o poder. Eu não só não perco de vista esta possibilidade, nem limito o meu horizonte visual ao dia de hoje, como ainda formulo, direta e exatamente, o programa agrario, tendo em conta um "novo" fenomeno: a mais profunda "divergencia" (*) entre os assalariados do campo e dos camponeses pobres e os camponeses proprietarios". (V. o artigo publicado por Lênin, em abril, sob o titulo "Cartas sobre tatica", t. XX, pag. 103).

Eis o que Lênin considerava como "novo" e "importante" na nova situação criada, no campo, depois da Revolução de Fevereiro.

Aí está de onde partia Lênin ao traçar a politica do Partido no periodo posterior a fevereiro de 1917.

Esta era a tese em que Lênin se baseava, ao dizer, na Conferencia da cidade de Petrogrado, em abril de 1917:

(*) Grifado por Stálin.

"Só ao chegarmos aqui é que nos inteiramos de que o Soviet de Deputados Operarios e Soldados entregou o poder ao Governo Provisorio. O Soviet de Deputados Operarios e Soldados é a realização da ditadura do proletariado e dos soldados; desses, a maioria é de camponeses. Pois bem: esta "ditadura" chegou a um acordo com a burguesia. Não há outro remedio sinão "fazer a revisão do "velho" bolchevismo" (*). (Lénin, t. XX, pag. 176, "Sobre o momento atual e a atitude para com o Governo Provisorio").

Dessa mesma tese partia Lénin ao escrever, em abril de 1917:

"Quem fala "agora" somente da "ditadura revolucionario-democratica do proletariado e dos camponeses", afastou-se da realidade e, por essa razão, "passou-se" para o lado da pequena burguesia contra a luta proletaria de classes e é preciso manda-lo para o arquivo das curiosidades "bolcheviques" pre-revolucionarias (ao arquivo, que podemos chamar, "dos velhos bolcheviques")." (Lénin, t. XX, pag. 101, "Cartas sobre tatica").

Com efeito, nesse sentido é que surgiu a palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses "pobres", "em lugar" da velha palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses.

Você poderá dizer, como de facto o diz em sua carta, que isso é o mesmo que dar um salto trotskista por cima da revolução camponesa ainda não ultimada, mas, de facto é absurda a comparação, como também o foi a objeção analoga, dirigida por Kámeniev contra Lénin, em abril de 1917. Lénin tinha bem presente essa objeção quando dizia:

"O trotskismo diz: "Fora com o tsar e que venha um governo operario!" Isso é errado. A pequena burguesia existe e não se pode deixa-la de lado. Mas é preciso distinguir nela duas partes. A parte "mais pobre" (*) está ao lado da classe operaria". (Lénin, t. XX, pag. 182, palavras finis do discurso "Sobre o momento atual e a atitude para com o Governo Provisorio").

O erro de Kámeniev, e agora o seu, camarada Pokróvski, consiste em não saber descobrir e ressaltar a diferença entre as duas partes da pequena burguesia e, concretamente nesse caso, dos camponeses; não sabe "separar" a parte pobre dos camponeses da massa camponesa em sua totalidade, e não sabe "construir" sobre isso a politica do Partido, dentro das condições da passagem da primeira etapa da revolução de 1917 à sua segunda etapa; não sabe "extrair" disso a nova palavra de ordem, a segunda palavra de ordem estrategica do Partido sobre a ditadura do proletariado e dos camponeses pobres.

Sigamos metodicamente a historia pratica da palavra de ordem da "ditadura do proletariado e dos camponeses pobres", desde abril até outubro de 1917, nas obras de Lénin.

Abril de 1917:

"A peculiaridade do momento atual, na Russia, consiste na "passagem da primeira" (*) etapa da revolução, que deu o poder à burguesia porque o proletariado ainda não tinha o grau necessario de consciencia e de orga-

(*) Grifado por Stálin.

nização, para a sua "segunda" etapa, a qual porá o poder nas mãos do proletariado e dos "camponeses pobres" (*). ("Teses de Abril", de Lênin, t. XX, pag. 88).

Julho de 1917:

"Os operarios revolucionarios, se os "camponeses pobres" (*) os apoiam, são os unicos que estão em condições de vencer a resistencia dos capitalistas, de levar o povo à conquista da terra, sem indenização, à plena liberdade, ao triunfo sobre a fome, ao triunfo sobre a guerra, a uma paz justa e solida". (Lênin, t. XXI, pags. 77, "Os ensinamentos da revolução").

Agosto de 1917:

"Só o proletariado, dirigindo os "camponeses pobres" (*), (o semi-proletariado, como se diz em nosso programa), pode pôr um fim à guerra, através de uma paz democratica, pode curar as suas feridas, começar a dar os passos, já incondicionalmente necessarios e "inadiaveis", para o socialismo: essa é a definição da nossa politica de classe, nos atuais momentos". (Lênin, t. XXI, pag. 111, "Camponeses e operarios").

Setembro de 1917:

"Só a ditadura dos proletarios e dos "camponeses pobres" (*) pode vencer a resistencia dos capitalistas, dar provas de uma intrepidez e de uma decisão, verdadeiramente grandiosas, por parte do poder, assegurar para si o apoio entusiasta, abnegado e verdadeiramente heroico das massas, tanto no exercito como entre os camponeses". (Lênin, t. XXI, pag. 147, "Um dos problemas radicais da revolução").

Em setembro-outubro de 1917, no folheto intitulado "Sustentar-se-ão os bolcheviques no poder?", Lênin discute com o "Nóvaia Jizn" ("Vida Nova"):

"Ou (*) todo o poder à burguesia, coisa que vós vos esquecesteis de defender já ha muito tempo e que a propria burguesia não se atreve a indicar, sabendo que o povo jogou por terra este poder, com um simples arranco, em 20-21 de abril e que agora jogaria por terra, tres vezes mais resoluta e implacavelmente, ou (*) o poder à pequena burguesia, isto é, à coalisão (aliança, acordo) desta com a burguesia, pois a pequena burguesia não quer "nem pode" tomar o poder por sua conta, independentemente, como o demonstra a experiencia de todas as revoluções, assim como o demonstra tambem a ciencia economica, que nos ensina que, num país capitalista, se pode propugnar pelo capital, ou pelo trabalho, mas não ha lugar para o meio termo. Pelo espaço de mais de meio ano, essa coalisão experimentou, na Russia, dezenas de metodos e fracassou. "Ou, então" (*), finalmente, todo o poder aos proletarios e "camponeses pobres" (*) contra a burguesia, para vencer a resistencia desta. Esta ultima solução ainda não foi experimentada e é disso que vós, senhores de "Novaia Jizn", procurais "dissuadir"

(*) Grifado por Stálin.

o povo, aterrorizando-o com os vossos próprios temores à burguesia. Não é preciso descobrir uma quarta solução". (Lénin, t. XXI, pag. 275)

Esses são os factos.

Você se "esquece" "com satisfação" de todos esses factos e acontecimentos, extraídos da história da preparação da Revolução de Outubro, "afasta" "com satisfação" da história do bolchevismo e da luta dos bolcheviques durante o período de preparação da Revolução de Outubro, contra as "vacilações" e a política "oportunistas" dos "camponeses remediados", que naquele tempo estavam instalados nos Soviets, "enterra" "com satisfação" a palavra de ordem de Lénin sobre a ditadura do proletariado e dos camponeses pobres, imaginando, ao mesmo tempo, que isso não significa deturpar a história, "deturpar" o leninismo.

Por estas citações, cujo numero pode ser ampliado, você deveria compreender, camarada Pokrovski, que os bolcheviques, depois de fevereiro de 1917, tomavam como ponto de partida não os camponeses em conjunto, mas, sim, sua parte mais pobre, e que marchavam para a Revolução de Outubro, não sob a "velha" palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses, mas sob a "nova" palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses pobres.

Disso se conclue que os bolcheviques conservavam essa palavra de ordem na luta contra as vacilações e a política oportunista dos Soviets, contra as vacilações e a política oportunista de uma certa parte dos camponeses, instalados nos Soviets, contra as vacilações e a política oportunista de certos partidos da democracia pequeno-burguesa, ou, seja: o partido social-revolucionario e o partido menchevique.

Disso se conclue que, sem a nova palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses pobres, não teríamos podido organizar um exercito politico suficientemente poderoso, capaz de se sobrepôr à politica oportunista dos social-revolucionarios e dos mencheviques, capaz de neutralizar as vacilações de uma certa parte dos camponeses, capaz de derrubar o poder da burguesia e de tornar possível, desse modo, completar a revolução burguesa.

Disso se conclue que "marchamos para a Revolução de Outubro e nela triunfamos, unidos aos camponeses pobres, enfrentando a resistencia dos "kulaks" (tambem camponeses) e as vacilações dos camponeses medios" (V. a minha resposta ao camarada Yan-Sky).

Em abril de 1917 e em todo o periodo da preparação da Revolução de Outubro quem tinha, portanto, razão era Lénin e não Kámeniev; e você, camarada Pokrovski ao fazer ressuscitar, agora, o kamenievismo, aparece numa companhia pouco invejavel.

2) Em contraposição a tudo o que foi exposto, você cita as palavras de Lénin, segundo as quais, em outubro de 1917, tomamos o poder apoiados pelos camponeses em seu "conjunto". Que tomamos o poder, até "certo" ponto apoiados pelos camponeses em seu conjunto, é absolutamente certo. Mas você se esquece de acrescentar um detalhe "insignificante": os camponeses, "em seu conjunto", apoiaram-nos em outubro e depois de outubro, somente "na medida em que" levavamos a cabo a revolução burguesa. Isso é uma "insignificancia" bastante importante, que decide o problema de que estamos tratando. "Esquecer-se" de uma "insignificancia" tão importante,

obscurecendo desse modo um problema tão importante, camarada Pokrovski, é impossível num bolchevique.

De sua carta se conclue que você "contrapõe" as palavras de Lênin sobre o apoio dos camponeses "e mseu conjunto" à palavra de ordem do Partido sobre "a ditadura do proletariado e dos camponeses "pobres", palavra de ordem essa que também foi dada por Lênin. Mas, para contrapor estas palavras de Lênin às citações de suas obras, que reproduzimos atrás, para poder refutar, com argumentos seguros, as citações anteriores de Lênin sobre a palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses pobres, utilizando as palavras do próprio Lênin, citadas por você, sobre os camponeses em conjunto, seria preciso demonstrar, pelo menos, duas coisas:

Primeiro. Ter-se-ia que demonstrar que levar até o fim a revolução burguesa era a questão "fundamental" na Revolução de Outubro. Lênin julga que levar até o fim a revolução burguesa era um produto "derivado" da Revolução de Outubro, a qual cumpriu, "de passagem", esse encargo. Antes de mais nada, era preciso refutar essa tese de Lênin e demonstrar que a questão "fundamental" na Revolução de Outubro não era a derrubada do poder da burguesia e a passagem do poder para o proletariado, mas, sim, o de levar até o fim a revolução burguesa. Procure demonstrar isso, camarada Pokrovski, e, se o conseguir, estarei disposto, então, a reconhecer que a palavra de ordem do Partido, de abril a outubro de 1917, não foi a ditadura do proletariado e dos camponeses pobres, mas, sim, da ditadura do proletariado e dos camponeses. Pela sua carta, vê-se que não considera possível enfrentar esse empreendimento mais do que arriscado, embora procure demonstrar, "de passagem", que, num dos problemas mais importantes da Revolução de Outubro, o problema da paz, "todos" os camponeses, ao que parece, nos apoiaram em bloco. E' claro que isso é falso. Isso é completamente errado, camarada Pokróvski. No problema da paz, você se confunde, adotando um ponto de vista vulgar. Na realidade, o problema da paz era então para nós o problema do poder, pois somente com a passagem do poder para as mãos do proletariado era possível sair da guerra imperialista. Você se esqueceu, sem dúvida, das palavras de Lênin, quando este diz que "só é possível pôr um fim à guerra com a passagem do poder para outra classe", que o fato de dizer: "abaixo a guerra!", não significa abandonar o fuzil, mas fazer passar o poder para uma outra classe. (Veja-se o discurso de Lênin, na Conferência da cidade de Petrogrado, em abril de 1917, tomo XX, pags. 181 e 178).

Assim, pois, das duas uma: ou você tem que demonstrar que o "fundamental" na Revolução de Outubro era levar ao seu fim a revolução burguesa, ou você não demonstra isso e, neste caso, cai, por seu próprio peso, a conclusão de que, em outubro, os camponeses, "em conjunto", só nos podiam apoiar "na medida em que" levassemos a cabo a revolução burguesa.

Segundo. Você teria que demonstrar que os bolcheviques poderiam conseguir o apoio dos camponeses "em seu conjunto", em outubro e depois de outubro, na medida "em que" levassem ao seu fim a revolução burguesa, "sem" aplicar sistematicamente a palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses pobres durante todo o período de preparação da

Revolução de Outubro, "sem" manter uma luta sistematica contra a politica oportunista dos partidos pequeno-burgueses, luta que deriva dessa palavra de ordem, "sem" o desmascaramento sistematico das vacilações de certas camadas camponesas e de seus representantes dentro dos Soviets, desmascaramento que decorria da propria palavra de ordem. Experimente demonstrar isso, camarada Pokrovski. Com efeito, por que conseguimos assegurar para nós o apoio dos camponeses em conjunto, em outubro e depois de outubro? Porque conseguimos levar ao seu fim a revolução burguesa. E por que o conseguimos fazer? Porque conseguimos derrubar o poder burguês e substitui-lo pelo poder do proletariado, o unico poder capaz de levar ao seu fim a revolução burguesa. E por que conseguimos derrubar o poder da burguesia e a instaurar o poder do proletariado? Porque realizamos a preparação da Revolução de Outubro, sob a palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses "pobres"; porque, partindo desta palavra de ordem, mantivemos uma luta sistematica contra a politica oportunista dos partidos pequeno-burgueses; porque, partindo da mesma palavra de ordem, mantivemos uma luta sistematica contra as vacilações dos camponeses medios, dentro dos Soviets; porque, "só com essa palavra de ordem", poderíamos vencer as vacilações dos camponeses medios, acabar com a politica oportunista dos partidos pequeno-burgueses e conseguir formar um exercito politico capaz de manter a luta pela passagem do poder às mãos do proletariado. Não é preciso demonstrar que, sem essas condições previas, que determinaram a sorte da Revolução de Outubro, não teríamos conseguido o apoio dos camponeses "em conjunto", nem em outubro, nem depois de outubro.

Dessa forma é que é preciso compreender, camarada Pokrovski, a fusão das guerras camponesas com a Revolução proletaria.

Essa é a razão por que o facto de se **contrapor** o apoio emprestado pelos camponeses em conjunto, em outubro e depois de outubro, à preparação da Revolução de Outubro, sob a palavra de ordem da ditadura do proletariado e dos camponeses "pobres", significa "não compreender nada do leninismo".

Seu erro fundamental consiste em que, você, camarada Pokrovski, não compreendeu o entrelaçamento, no decorrer da Revolução de Outubro, das tarefas "socialistas" com as tarefas que permitiriam levar ao seu fim a revolução "burguesa", nem a mecanica da realização das diversas reivindicações da Revolução de Outubro, derivadas da segunda palavra de ordem estrategica do Partido sobre a ditadura do proletariado e dos camponeses pobres.

Lendo sua carta, poder-se-ia pensar que não fomos nós que pusemos os camponeses a serviço da revolução proletaria, mas, sim, ao contrario, que foram os "camponeses em conjunto", inclusive os "kulaks", que puseram os bolcheviques a seu serviço. Bem mal andariam as coisas para os bolcheviques se, com tanta facilidade, "se pusessem" a serviço das classes não proletarias!

E' o kamenievismo do periodo de abril de 1917 que lhe ata os pés e as mãos, camarada Pokrovski.

3) Você afirma que Stálin não vê nenhuma diferença entre a situação de 1905 e a situação de fevereiro de 1917. Isto, naturalmente, não é ver-

dade. Eu não o disse nem o poderia ter dito. A única coisa que eu disse, em minha carta, é que a palavra de ordem do Partido sobre a ditadura do proletariado e dos camponeses, formulada em 1905, tinha sido confirmada pela Revolução de fevereiro de 1917. E isso, naturalmente, é exato. Com efeito, dessa mesma forma apresentava Lênin a situação em seu artigo intitulado: "Camponeses e Operários", em agosto de 1917:

"Só o proletariado e os camponeses podem derrubar a monarquia: esta era a definição fundamental, naquele tempo, [isto é, em 1905. J. Stálin], de nossa política de classe. E esta definição era a certa. "Os meses de fevereiro e março de 1917, mais uma vez o confirmaram". (*) (Lênin, tomo XXI, pag. 111).

O que você procura, camarada excessivamente "dialético", é provocar atritos.

4) Além disso, você procura surpreender Stálin em contradições, opondo à sua tese acerca da atitude oportunista dos camponeses médios, "antes de outubro", uma citação de seu folheto "Em torno dos problemas do leninismo", na qual fala Stálin da possibilidade de edificar o socialismo, em aliança com os camponeses médios, "depois da consolidação da ditadura do proletariado". Não é preciso muito esforço para demonstrar que essa identificação de dois fenômenos diferentes é absolutamente anti-científica. O camponês médio, de depois da consolidação da ditadura do proletariado, quando a burguesia foi já expropriada, quando a cooperação se desenvolve e quando os meios fundamentais de produção estão concentrados nas mãos do proletariado, são duas coisas muito diferentes. Identificar essas duas espécies de camponeses médios, e coloca-las no mesmo plano, significa encerrar os fenômenos desligando-os da situação histórica e perder toda a perspectiva. E' alguma coisa no estilo zinovievista de fazer citações, confundindo todas as datas e todas as épocas. Se a isto se chama "dialética revolucionária", devemos reconhecer que o camarada Pokrovski bateu todos os "records" de refinamento dos sofismas "dialéticos".

5) A respeito das demais questões, nada direi, por considerá-las já esclarecidas em minha correspondência com o camarada Yan-Sky.

20 de maio de 1927.



TERCEIRO BATISMO REVOLUCIONÁRIO — "Recordo o ano de 1917 — dizia o camarada Stálin — quando, por vontade do Partido, depois de peregrinar por cárceres e deportações, fui enviado a Lenigrado. Ali, entre operários russos, em contacto direto com o grande mestre dos proletários de todos os países, com o camarada Lênin, na tempestade de grandiosos choques entre o proletariado e a burguesia, nas condições de uma guerra imperialista, compreendi, pela primeira vez, o que significava ser um dos dirigentes do grande Partido da classe operária. Ali, entre os operários russos, libertadores de povos oprimidos, entre os iniciadores da luta proletária de todos os países e povos, recebi meu terceiro batismo de fogo revolucionário. Ali, na Rússia, sob a direção de Lênin, converti-me num dos mestres da revolução." (*Pravda*, 16 de junho de 1926.)

O CARATER INTERNACIONAL DA REVOLUÇÃO DE OUTUBRO

POR OCASIÃO DO DÉCIMO ANIVERSÁRIO DE OUTUBRO

A Revolução de Outubro não é apenas uma revolução que se circumscreve a "um limite nacional". É, antes de tudo, uma revolução de tipo internacional, de tipo mundial, pois representa uma reviravolta radical na história da humanidade, uma virada do velho mundo, do mundo capitalista, para o mundo novo, o mundo socialista.

Antigamente, as revoluções acabavam, em geral, com a substituição de um grupo de exploradores por outro grupo de exploradores, na direcção do governo. Mudavam os exploradores, mas a exploração continuava. Assim aconteceu na época dos movimentos libertadores dos escravos. Assim aconteceu na época das sublevações dos servos. Assim aconteceu na época das "grandes" revoluções da Inglaterra, França e Alemanha. Não me refiro à Comuna de Paris, que foi a primeira tentativa — gloriosa e heroica, mas, apesar de tudo, tentativa fallhada — do proletariado para fazer a história virar contra o capitalismo.

A Revolução de Outubro distingue-se "fundamentalmente" dessas revoluções. Como objetivo, não se propõe substituir uma forma de exploração por outra forma de exploração, um grupo de exploradores por outro grupo de exploradores, mas, sim, suprimir toda a especie de exploração do homem pelo homem, suprimir cada um e todos os grupos de exploradores e, finalmente, instaurar a ditadura do proletariado, instaurar o poder da classe mais revolucionaria entre todas as classes oprimidas que existiram até hoje, organizar uma nova sociedade sem classes.

E é precisamente por isso que a "vitória" da Revolução de Outubro marca uma mudança radical e profunda na história da humanidade, uma mudança radical e profunda nos destinos históricos do capitalismo mundial, uma mudança radical e profunda no movimento de libertação do proletariado mundial, uma mudança radical e profunda nos metodos de luta e nas formas de organização, nos habitos de vida e nas tradições, na cultura e na ideologia das massas exploradas do mundo inteiro.

E' este o motivo por que a Revolução de Outubro é uma revolução de tipo internacional, de tipo mundial.

E esta também é a causa por que as classes oprimidas de todos os países têm, pela Revolução de Outubro, profunda simpatia, uma vez que nela vêm a garantia de sua libertação.

1. Poderia ser assinalada uma serie de problemas fundamentais sobre os quais a Revolução de Outubro exerce influencia, no desenvolvimento do movimento revolucionario do mundo inteiro.

1. A Revolução de Outubro caracteriza-se, antes de tudo, pelo facto de haver rompido a frente do imperialismo mundial, de haver derrubado a burguesia imperialista num dos maiores países capitalistas e de haver colocado no poder o proletariado socialista.

A classe dos assalariados, a classe dos desprotegidos, a classe dos oprimidos e dos explorados, elevou-se, "pela primeira vez" na história da humanidade, à posição de classe "dominante", incentivando, com seu exemplo, os proletários de todo o mundo.

Isso significa que a Revolução de Outubro "abriu" uma nova época, a época das revoluções "proletárias" nos países do "imperialismo".

Arrancou dos latifundiários e dos capitalistas os instrumentos e meios de produção, convertendo-os em propriedade coletiva, contrapondo, desse modo, a propriedade socialista à propriedade burguesa. Desmascarou, assim, a mentira dos capitalistas, segundo a qual a propriedade burguesa é inviolável, sagrada, eterna.

Arrancou o poder da burguesia, privou-a de seus direitos políticos, destruiu a máquina do Estado burguês e entregou o poder aos Soviets, contrapondo, assim, ao parlamentarismo burguês, como democracia "capitalista", o poder socialista dos Soviets, como democracia "proletária". Lafargue tinha razão quando dizia, já em 1877, que, no dia seguinte ao da revolução, "todos os antigos capitalistas seriam privados dos direitos eleitorais". E foi assim que a Revolução de Outubro destruiu a mentira dos social-democratas de que hoje é possível passar-se pacificamente para o socialismo pela via do parlamentarismo burguês.

Mas a Revolução de Outubro não se deteve, nem se poderia deter neste ponto. Depois de destruir o velho, o burguês, começou a construir o novo, o socialista. Os dez anos transcorridos depois da Revolução de Outubro, são dez anos de edificação do Partido, dos sindicatos, dos Soviets, da cooperação das organizações culturais, do transporte, da indústria, do Exército Vermelho. Os indiscutíveis êxitos alcançados pelo socialismo, na U. R. S. S., na luta pela edificação, demonstraram claramente que o proletariado "pode" governar com êxito o país, "sem" burguesia e "contra" a burguesia, "pode" construir com sucesso a indústria, "sem" a burguesia e "contra" a burguesia, "pode" dirigir com êxito toda a economia nacional, "sem" a burguesia e "contra a burguesia, "pode" construir com êxito o socialismo, apesar do cerco capitalista. A velha "teoria" de que os explorados não podem viver sem os exploradores, da mesma forma como a cabeça e as outras partes do corpo não podem existir sem o estômago, não é patrimônio exclusivo de Menênio Agripa, o celebre senador romano de que nos fala a história antiga. Esta "teoria" é, hoje, a pedra angular da "filosofia" política da social-democracia em geral, e da política social-democrata de "coalisão" com a burguesia imperialista, em particular. Esta "teoria", que já adquiriu o caráter de um preconceito, é atualmente um dos mais serios obstáculos ao desenvolvimento revolucionário do proletariado dos países capitalistas. Um dos resultados mais importantes da Revolução de Outubro foi o de ter dado o golpe de graça a esta falsa "teoria".

Será que ainda é preciso demonstrar que estes e outros resultados da Revolução de Outubro não puderam nem podem deixar de exercer grande influência sobre o movimento revolucionário da classe operária dos países capitalistas?

Factos tão notórios para todo o mundo, como o desenvolvimento progressivo do comunismo nos países capitalistas, como o aumento das simpatias dos proletários de todos os países em relação à classe operária da

U. R. S. S. e, finalmente, a afluência de delegações operárias ao país dos Soviéticos, indicam de modo indiscutível que a semente lançada pela Revolução de Outubro começa a dar seus frutos.

2. A Revolução de Outubro não fez estremecer o imperialismo somente nos centros de sua dominação, nas "metrópoles". Foi também um golpe contra a retaguarda do imperialismo, contra sua periferia, minando as bases da dominação do imperialismo nos países coloniais e dependentes.

Ao derrubar os latifundiários e os capitalistas, a Revolução de Outubro rompeu as cadeias da opressão nacional-colonial russa e libertou dessas cadeias todos os povos oprimidos do vasto império, sem exceção. O proletariado não pode libertar-se sem, ao mesmo tempo, libertar os povos oprimidos. Um traço característico da Revolução de Outubro é o facto de ter realizado, na U. R. S. S., essas mesmas revoluções nacionais-coloniais, não sob a bandeira da hostilidade nacional e dos choques entre as nações, mas sob a bandeira da confiança mútua e da união fraternal entre os operários e os camponeses das nacionalidades da U. R. S. S., não em nome do "nacionalismo", mas em nome do "internacionalismo".

Por isso, precisamente, por terem sido realizadas, em nosso país, as revoluções nacionais-coloniais, sob a direcção do proletariado e sob a bandeira do internacionalismo, é que os povos párias, os povos escravos, "pela primeira vez" na história da humanidade, se elevaram à condição de povos "verdadeiramente" livres e "verdadeiramente" iguais, estimulando, com seu exemplo, os povos oprimidos do mundo inteiro.

Isso significa que a Revolução de Outubro "inaugurou" uma nova época, uma época de "revoluções coloniais", que se realizaram, "nos países oprimidos", em "aliança" com o proletariado, sob a "direcção do proletariado".

Antigamente, "costumava-se" acreditar que o mundo estava dividido, desde os tempos imemoriais, em raças inferiores e superiores, em negros e brancos, dos quais, os primeiros não têm capacidade para a civilização e estão condenados a ser objecto de exploração, enquanto que os segundos são os únicos expoentes da civilização, destinados, portanto, a explorar os primeiros. Hoje, esta lenda deve ser considerada como destruída e desfeita. Um dos resultados mais importantes da Revolução de Outubro foi o de ter liquidado definitivamente esta lenda, demonstrando na pratica que os povos não europeus libertados e não são atraídos à via do desenvolvimento sovietico, são capazes de edificar uma cultura "realmente" avançada e uma civilização "realmente" avançada, em nada inferior à dos povos europeus.

Antigamente, "costumava-se" acreditar que o unico metodo para libertar os povos oprimidos era o metodo do "nacionalismo burguês", o metodo de separar as nações umas das outras, o metodo de desuni-las, o metodo de accentuar a hostilidade nacional entre as massas trabalhadoras de nações diversas. Hoje, esta lenda já não pode ser considerada como desfeita. Um dos resultados mais importantes da Revolução de Outubro foi o de ter liquidado para sempre esta lenda, demonstrando, na pratica, a possibilidade e a conveniencia do metodo "proletário", "internacional", de libertação dos povos oprimidos, como o unico metodo acertado, demonstrando, na pratica, a possibilidade e a conveniencia de uma "aliança fraternal" entre os operários e os camponeses dos mais diversos povos, fundado sobre o

princípio do livre "consentimento e do internacionalismo". A existência da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, prototipo da futura unificação dos trabalhadores de todos os países numa só economia mundial, não pode deixar de servir como uma prova direta.

Não é preciso dizer que estes e outros resultados da Revolução de Outubro não podiam nem podem deixar de exercer grande influencia sobre o movimento revolucionario nos países coloniais e dependentes. Factos existem, como o incremento do movimento revolucionario no seio dos povos oprimidos, na China, na Indochina, na Índia, etc. e o aumento da simpatia desses povos para com a União Soviética, que o indicam de modo indiscutivel.

Os tempos em que se podia explorar e oprimir tranquilamente as colónias e os países dependentes "já passaram".

"Começou" a era das revoluções libertadoras nas colónias e nos países dependentes, a era do despertar "do proletariado" destes países, a era da "hegemonia" na revolução.

3. Ao lançar a semente da revolução, nos centros do imperialismo assim como na sua retaguarda, ao debilitar a potencia do imperialismo nas "metropoles" e ao fazer estremecer a sua dominação nas colónias, a Revolução de Outubro abalou a propria existencia do capitalismo mundial em seu conjunto.

Se, sob as condições do imperialismo, o desenvolvimento espontaneo do capitalismo se transformou — devido à sua desigualdade, devido ao carater inevitavel dos conflitos e dos choques armados e, por fim, devido à carnificina, sem precedentes, do imperialismo — num processo de decomposição e de agonia do capitalismo, a Revolução de Outubro e, como resultado desta, a separação de um enorme país do sistema mundial do capitalismo, não podiam deixar de acelerar este processo, minando, a cada passo, as proprias bases do imperialismo mundial.

E mais ainda. A Revolução de Outubro, ao solapar o imperialismo, criou, ao mesmo tempo, com a primeira ditadura proletaria, uma "base" potente e ampla para o movimento revolucionario mundial, base que este movimento "jamais" havia tido anteriormente e na qual agora se pode apoiar. Criou um "centro" potente e amplo para o movimento revolucionario mundial, centro que "jamais haviamos tido" anteriormente e em torno ao qual esse movimento pode agora adquirir coesão, organizando "a frente unica revolucionaria dos proletarios e dos povos oprimidos de todos os países contra o imperialismo".

Em primeiro lugar, isso significa que a Revolução de Outubro provocou ferimento mortal no capitalismo mundial, ferimento do qual ele não se restabelecerá jamais. E' por isso, precisamente, que o capitalismo jamais voltará a reconquistar aquele "equilibrio" e aquela "estabilidade" que tinha antes de outubro. O capitalismo poderá estabilizar-se parcialmente, poderá racionalizar sua produção, entregar o governo do país ao fascismo, amedrontar temporariamente a classe operaria, mas não voltará jamais a desfrutar daquela "tranquilidade" e daquela "segurança", daquele "equilibrio" e daquela "estabilidade" de que fazia alarde antigamente, pois a crise do capitalismo mundial alcançou tal grau de desenvolvimento, que a fogueira

da revolução, inevitavelmente, irromperá, quer nos centros do imperialismo, quer na sua periferia, fazendo em pedaços os remendos capitalistas, e tornando mais próxima, dia a dia, a queda do capitalismo. Tal e qual como na conhecida fábula: "se se tira o rabo, fica dentro o focinho; se se tira o focinho, dentro fica o rabo".

Em segundo lugar, isso significa que a Revolução de Outubro elevou a certa altura a força e a importância, a valentia e a vontade combativa das classes oprimidas do mundo inteiro, obrigando as classes dominantes a considerá-las como factor "novo" e importante. Hoje, já não se pode considerar as massas trabalhadoras como uma "tropa cega", que vagueia nas nuvens e não tem horizontes, pois a Revolução de Outubro já acendeu o farol que lhes ilumina o caminho e lhes assinala as perspectivas. Se antigamente não havia uma ampla tribuna "universal", onde se pudessem manifestar e tomar forma os anseios e aspirações das classes oprimidas, hoje esta tribuna existe e é a primeira ditadura do proletariado. Pode-se duvidar que a destruição desta tribuna acarretaria, por muito tempo, na vida politico-social dos "países adiantados", o seu envolvimento nas sombras de uma negra reacção? Não se pode negar que o simples facto da existência do "Estado bolchevique" coíbe as forças negras da reacção e facilita às classes oprimidas a luta pela sua libertação. E é precisamente isso que explica o odio bestial que os exploradores de todos os países sentem contra os bolcheviques. A historia repete-se, embora sobre novas bases. Da mesma forma que antigamente, na época da destruição do "feudalismo", quando a palavra "jacobino" provocava nos aristocratas de todos os países um sentimento de horror e repugnancia, hoje, na época da destruição do "capitalismo", a palavra "bolchevique" provoca também um sentimento de horror e repugnancia nos países burgueses. E, assim como antigamente o asilo e a escola dos representantes revolucionarios da "burguesia" ascendente era Paris, hoje, inversamente, o asilo e a escola dos representantes revolucionarios do "proletariado" ascendente é Moscou. O odio contra os jacobinos não salvou o feudalismo da destruição. E pode-se, acaso, acreditar que o odio contra os bolcheviques salvará o capitalismo de seu esmagamento inevitavel?

A era da "estabilidade" do capitalismo "passou", arrastando consigo a lenda da imutabilidade da ordem burguesa.

"Começou" a era da derrocada do capitalismo.

4. A Revolução de Outubro não é apenas uma revolução no campo das relações economicas e politico-sociais. E', ao mesmo tempo, uma revolução nas mentalidades, uma revolução na ideologia da classe operaria. A Revolução de Outubro surgiu e se consolidou sob a bandeira do marxismo, sob a bandeira da ideia da ditadura do proletariado, sob a bandeira do leninismo, que é o marxismo da época do imperialismo e das revoluções proletarias. Representa, portanto, a vitoria do marxismo sobre o reformismo, a vitoria do leninismo sobre o social-democratismo, a vitoria da Terceira sobre a Segunda Internacional.

A Revolução de Outubro cavou um abismo intransponivel entre o marxismo e o social-democratismo, entre a politica do leninismo e a politica do social-democratismo. Antigamente, "antes da vitoria da ditadura do proletariado", a social democracia podia acenar com a bandeira do mar-

xismo, sem negar abertamente a ideia da ditadura do proletariado, embora, sem nada fazer, absolutamente nada, para favorecer a realização dessa ideia, pois esta atitude da social-democracia não continha ameaça alguma ao capitalismo. Naquele período, a social-democracia confundia-se formalmente, ou quasi que se confundia, com o marxismo. Hoje, "depois da vitória da ditadura do proletariado", quando todos já observaram, com clareza meridiana, para "onde" conduz o marxismo, e o "que" pode significar seu triunfo, a social-democracia não pode mais acenar com a bandeira do marxismo, não pode mais brincar com a ideia da ditadura do proletariado, sem criar certo perigo para o capitalismo. Depois de já haver rompido há muito com o espírito do marxismo, viu-se obrigada a romper também com a bandeira do marxismo, chocando-se aberta e claramente contra o fruto do marxismo, contra a Revolução de Outubro, contra a primeira ditadura do proletariado a se instaurar no mundo. Agora, tinha que se desligar e se desligou, com efeito, do marxismo, pois que, nas atuais condições, não é possível chamar-se marxista quem não apoia, aberta e integralmente, a primeira ditadura do proletariado que se instaurou no mundo, sem travar uma luta revolucionária contra a própria burguesia, sem criar as condições para a vitória da ditadura do proletariado no seu próprio país. Entre a social-democracia e o marxismo, cavou-se um abismo. De agora em diante, o "único" guardião e baluarte do marxismo é o leninismo, o comunismo.

Mas as coisas não pararam aí. Depois de separar os campos da social-democracia e do marxismo, a Revolução de Outubro foi ainda mais longe, lançando a social-democracia para o campo dos defensores diretos do capitalismo, "contra" a primeira ditadura do proletariado que havia no mundo. Quando os senhores Adler e Bauer, Wells e Levy, Longuet e Blum detratam o "regime soviético", enaltecendo a "democracia" parlamentar, querem com isso significar que lutam e continuarão lutando "em prol" da restauração da ordem capitalista na U. R. S. S., "em prol" da manutenção da escravidão capitalista nos Estados "civilizados". O social-democratismo atual é o "sustentáculo ideológico" do capitalismo. Lênin tinha mil vezes razão quando dizia que os atuais políticos social-democratas são os verdadeiros agentes da burguesia dentro do movimento operário, os lugares-tenentes operários da classe capitalista e que, na "guerra civil entre o proletariado e a burguesia" se colocariam eles, inevitavelmente, "ao lado dos versalhenses contra os comunistas". "Não se pode acabar com o capitalismo sem acabar com o social-democratismo dentro do movimento operário". Por isso, a época da agonia do capitalismo é, ao mesmo tempo, a época da morte lenta do social-democratismo dentro do movimento operário. A enorme importância da Revolução de Outubro reside, entre outras coisas, no facto de representar o triunfo inevitável do leninismo sobre o social-democratismo dentro do movimento operário mundial.

A era da dominação da Segunda Internacional e do social-democratismo dentro do movimento operário "passou".

"Começou" a era da dominação do leninismo e da Terceira Internacional.

("Pravda", n. 255, 6-7 de novembro de 1927).

NO SETOR DO TRIGO

De uma entrevista com os estudantes do Instituto de Professores Vermelhos da Academia Comunista e da Universidade de Sverdolv, em 28 de maio de 1928.

PERGUNTA — Que deve ser considerado como fundamental, entre as nossas dificuldades, quanto ao problema do trigo? Aonde se encontra a solução dessas dificuldades? Quais devem ser as conclusões em relação a estas dificuldades, no que se refere ao ritmo de desenvolvimento de nossa indústria em geral e, em particular, do ponto de vista da correlação entre a indústria leve e a indústria pesada?

RESPOSTA — A primeira vista poderia parecer que as nossas dificuldades, no que se refere ao trigo, são puramente casuais, que são simplesmente o fruto de uma má planificação e de uma serie de erros cometidos no terreno dos balanços economicos. Mas isso se verifica só à primeira vista. Na realidade, as causas dessas dificuldades são muito mais profundas. Não há duvida que a má planificação e os erros cometidos, no que diz respeito aos balanços economicos, desempenharam papel importante. Mas, querer explicar tudo pela má planificação e pelos erros fortuitos, seria cair no maior dos desacertos. Seria erroneo subestimar a significação e a importancia da planificação. Mas ainda mais erroneo seria exagerar a importancia dos planos, acreditando que já chegamos à fase de desenvolvimento em que basta planificar para que tudo fique regularizado. E' preciso não esquecer que, além dos elementos que caem dentro da orbita de ação de nossos planos, existem, em nossa economia nacional, outros elementos que por enquanto, escapam a essa orbita de ação e, finalmente, que ha também classes que nos são hostis, às quais não se pode vencer pura e simplesmente por meio de planos do órgão estatal de planificação. Eis por que acho que não se pode reduzir tudo a simples causas fortuitas, a erros de planificação, etc.

Aonde está, pois, a base de nossas dificuldades no setor do trigo?

A base de nossas dificuldades no que se refere ao aprovisionamento de trigo está em que a produção de trigo para o mercado se desenvolve, em nosso país, com maior lentidão do que a procura. Cresce a industria. Cresce o numero de operarios. Crescem as cidades. Finalmente, crescem as regiões produtoras das materias primas industriais (algodão, linho, beterraba, etc.) e, assim, aumenta a procura do trigo no mercado. Tudo isso faz com que também aumentem rapidamente as necessidades de trigo, de trigo mercadoria. Mas a produção de trigo para o mercado aumenta com um ritmo de lentidão mortal. Não se pode dizer que a quantidade de trigo armazenado e postó à disposição do Estado, no ano atual, fosse menor do que a do ano passado e do ano anterior. Longe disso, o Estado reuniu esse ano muito mais trigo do que nos anos anteriores. Mas encontramos dificuldades no aprovisionamento do trigo. Vejamos alguns dados numericos. No ano de 1925-1926, conseguimos armazenar, até o dia 1.º de

abril, 434 milhões de "puds" de trigo (um "pud" equivale a 16 kgs.). Dessa quantidade, exportamos 123 milhões de "puds". Ficaram, portanto, no país, 311 milhões de "puds" de trigo armazenados. No ano de 1926-1927, conseguimos, até o dia 1.º de abril, 596 milhões de "puds", dos quais exportamos 153 milhões. Ficaram, portanto, no país, 443 milhões de "puds" de trigo. Em 1927-1928, o trigo recolhido até o dia 1.º de abril, alcançava o total de 576 milhões de "puds". Desses, foram exportados 27 milhões de "puds", ficando no país 549 milhões de "puds" armazenados. Em outros termos: até o dia 1.º de abril deste ano, dispunhamos, para cobrir as necessidades do país, de 100 milhões de "puds" de trigo mais do que no ano passado, e de 230 milhões de "puds" mais do que no ano anterior. Pois bem, apesar de tudo, temos, ainda este ano, dificuldades no setor do trigo.

! Eu já falei, num dos meus informes, que essas dificuldades têm sido exploradas pelos elementos capitalistas do campo e, principalmente, pelos "kulaks", que disso se valem para sabotar a política económica dos Soviéticos. Não ignorais que o Poder Soviético tomou uma série de medidas destinadas a acabar com os manejos anti-soviéticos dos "kulaks". Por isso, não me deterei a examiná-las. O que me interessa no momento é um outro problema. Refiro-me ao problema das causas a que se deve esse lento desenvolvimento da produção do trigo para o mercado, ao problema de se saber porque a produção de trigo para o mercado se desenvolve, em nosso país, com maior lentidão do que a sua procura, apesar de já se ter ultrapassado o total da superfície de semeadura de antes da guerra e o da produção global do trigo.

Não é verdade, com efeito, que já conseguimos ultrapassar o total da superfície de semeadura de antes da guerra? Sim, é um facto. Não é verdade que a produção global dos cereais chegou, no ano passado, ao nível de produção de antes da guerra, ou, seja, a 5.000 milhões de "puds"? Sim, é um facto. Como se explica, então, que, apesar dessas duas circunstâncias, só tenhamos produzido para o mercado a metade do trigo que produzíamos antes da guerra e que exportemos vinte vezes menos trigo?

A explicação está, antes de mais nada, e fundamentalmente, no facto de que se modificou a estrutura de nossa agricultura, em consequência da Revolução de Outubro, com a transformação da grande exploração agrícola dos latifundiários e dos "kulaks", que produzia a maior quantidade de trigo para o mercado, em pequena e média exploração, que produzem menor quantidade de trigo.

O simples facto de, antes da guerra, existirem de 15 a 16 milhões de explorações camponesas individuais, enquanto que, atualmente, existem de 24 a 25 milhões, basta para provar que a base fundamental de nossa agricultura é a pequena exploração camponesa, que produz um mínimo de trigo para o mercado. A força da grande exploração agrícola, quer pertença aos grandes latifundiários, aos "kulaks", quer seja coletiva, consiste em que nela se pode aplicar maquinário agrícola, aproveitar os descobrimentos da ciência, empregar melhoramentos, elevar a produtividade do trabalho e produzir, portanto, um máximo de trigo para o mercado. Quanto ao defeito da pequena exploração camponesa, consiste justamente em que ela se acha privada ou quasi privada da possibilidade de utilizar esses elementos, razão

pela qual produz quasi que exclusivamente para o consumo do proprio produtor, levando para o mercado uma quantidade muito pequena de produtos. Tomemos, por exemplo, os kolrózes e os soverrózes. Eles fornecem cerca de 47,2 por cento de sua produção global ao mercado, ou, seja, produzem mais trigo para o mercado do que as explorações de latifundiários antes da guerra. E as explorações camponesas, pequenas e medias? Elas apenas fornecem o total de 11,2 por cento do volume global de sua produção de trigo, para o mercado. Como vêdes, a diferença é bastante eloquente.

Citarei alguns dados que indicam qual era a estrutura da produção de trigo no passado, antes da guerra, e qual é, atualmente, no periodo posterior à Revolução de Outubro. Esses dados foram coligidos por um membro do Escritorio Central de Estatistica, o camarada Nemchinov. Como adverte, em seu prefacio o citado camarada, estes dados não pretendem ser absolutamente exatos mas apenas nos permitem extrair deduções aproximadas. Mas, apesar de tudo, bastam para fazer compreender a diferença existente entre o periodo de antes da guerra e o periodo posterior à Revolução de Outubro, do ponto de vista da estrutura da produção de trigo em geral e da produção de trigo para o mercado, em particular.

Que nos diz este quadro estatístico?

Em primeiro lugar, diz-nos que a produção da grande massa de cereais passou dos latifundios e dos "kulaks" para os camponeses pobres e medios. Isso indica que os pequenos e medios camponeses, depois de se terem libertado totalmente do jugo dos latifundiários e quebrado, no que era fundamental, a força dos "kulaks", obtiveram a possibilidade de melhorar consideravelmente sua situação material. Esse foi o fruto da Revolução de Outubro. Eis como se revela, antes de tudo, o indiscutível beneficio que as grandes massas receberam com a Revolução de Outubro.

Em segundo lugar, verificamos que os principais possuidores de trigo a ser vendido no mercado, em nosso país, são os pequenos camponeses e, sobretudo, os camponeses medios. Isso significa que, como resultado da Revolução de Outubro, a U. R. S. S. se converteu, não só no que se refere à produção global do trigo, como também no que se refere à produção de trigo para o mercado, num país de pequena exploração camponesa, onde o camponês medio é a "figura central" da agricultura.

Em terceiro lugar, vemos que a liquidação da grande exploração agricola dos latifundiários, a redução para menos de um terço da grande exploração agricola dos "kulaks" e a sua transformação em pequena exploração camponesa, a qual representa apenas 11 por cento do trigo destinado ao mercado, tinha que conduzir, forçosamente, como de facto conduziu — pela falta da grande produção coletiva, pouco desenvolvida em materia de cereais (kolrózes e soverrózes) — a uma brusca queda da produção de trigo destinado ao mercado, comparada com os dados de antes da guerra. Hoje, é facto comprovado que, apesar de ter alcançado o nivel de produção de antes da guerra, só contamos com a metade desse trigo para o mercado.

Eis onde se encontra a causa fundamental de nossas dificuldades no sector do trigo.

	Prod. global de cereais		Trigo para o mercado, isto é, para o consumo fora do local de produção		% para o mercado, em relação à produção global
	em milhões de "puds"	em %	em milhões de "puds"	em %	
Antes da guerra:					
1. Latifúndios	600	12,0	281,6	21,6	47,0
2. "Kulaks"	1.900	38,0	650,0	50,0	34,0
3. Camponeses médios e pobres	2.500	50,0	369,0	28,4	14,7
Total	5.000	100,0	1.300,6	100,0	26,0
Em 1926-1927:					
1. Soverrôzes e kol-rôzes	80	1,7	37,8	6,0	47,2
2. "Kulaks"	617	13,0	126,0	20,0	20,0
3. Camponeses médios e pobres	4.052	85,3	466,2	74,0	11,2
Total	4.749	100,0	630,0	100,00	13,3

Eis por que as nossas dificuldades, no que se refere ao aprovisionamento de trigo, não podem ser consideradas como alguma coisa meramente casual.

Não há duvida de que também desempenhou papel negativo o facto de que as nossas organizações comerciais assumiram um compromisso superior às suas forças, como o de abastecer de trigo uma serie de pequenas e medias cidades, o que, forçosamente, faria diminuir, até certo ponto, as reservas de trigo do Estado. Mas não existe razão alguma que nos faça duvidar de que a raiz de nossas dificuldades no sector do trigo não está nessa circunstancia, mas sim, no desenvolvimento lento da produção de nossa agricultura para o mercado, em contraste com o desenvolvimento intensivo da procura de trigo.

Aonde está a solução do problema?

Alguns acreditam que a solução do problema está em voltar ao regime dos "kulaks", ao desenvolvimento e ao florescimento da economia agraria dos "kulaks". Os que assim pensam não se atrevem a falar na volta ao regime economico dos latifundios, naturalmente por que acreditam que é perigoso falar nessas coisas nos tempos que correm. Mas, em compensação, falam tolerantemente da necessidade de desenvolver, por todos os meios, a economia agraria dos "kulaks", no interesse... do Poder Sovietico. Esta gente pensa que o Poder Sovietico pode apoiar-se em duas classes opostas, ao mesmo tempo: na classe dos "kulaks", cujo principio economico é a exploração da classe operaria, e na classe operaria, cujo principio economico é o de acabar com toda a especie de exploração. E' uma maquinação digna de reacionarios. Não vale a pena determo-nos para demonstrar que esses "planos" reacionarios nada têm de comum com os interesses da classe operaria, com os principios do marxismo, ou com as tarefas do leninismo. Essa algaravia, que quer fazer crer que o "kulak" "não é pior" que o capitalista da cidade, que o "kulak" não representa nem mesmo um perigo maior que o "nepman" (*) da cidade, e que, portanto, não temos por que "temer" agora aos "kulaks", nada mais é do que uma vasia charlatanice liberal, das que adormecem a vigilancia da classe operaria e das grandes massas camponesas. Não se deve esquecer que na industria podemos opor ao pequeno capitalista da cidade, a grande industria socialista, que nos fornece nove decimos de toda a produção de artigos industriais, enquanto que às grandes fazendas dos "kulaks", no campo, só podemos opor, hoje, no plano da produção, alguns kolrózes e alguns soverrózes, deveis ainda, os quais produzem oito vezes menos trigo do que as explorações dos "kulaks". Não considerar a importancia da grande exploração agricola dos "kulaks", ao mesmo tempo que não compreender que a importancia relativa dos "kulaks" no campo é cem vezes maior que a importancia relativa dos capitalistas na industria, equivale a perder o senso comum, a romper com o leninismo e a passar para o campo dos inimigos da classe operaria.

Aonde está, pois a solução do problema?

1) Antes de mais nada, a solução está em anexar as pequenas explorações camponesas, atrasadas e dispersas, às grandes explorações associa-

(*) **Nep-man:** Patrão privado, comerciante, especulador, no primeiro periodo da Nep. (N.T.).

das, coletivas, dotadas de maquinário, beneficiadas por todas as vantagens da ciência e capacitadas para produzir a máxima quantidade de trigo para o mercado. A solução está em transformar a exploração camponesa individual em exploração agrícola social, coletiva.

Lénin, já nos primeiros dias da Revolução de Outubro, aconselhou o Partido a organizar os kolrózes. Desde então, o nosso Partido não cessou de trabalhar pela ideia dos kolrózes. A campanha, entretanto, não encontrou eco entre as massas, até há pouco tempo. Antes de mais nada, isso se explica pelo facto de que só o grande desenvolvimento que as sociedades cooperativas adquiriram no campo, preparou a mudança do estado de espirito dos camponeses, a favor dos kolrózes ao mesmo tempo em que a existência de uma série de kolrózes que produzem, atualmente, uma colheita de 150 a 200 "puds" por hectare e fornecem ao mercado de 30 a 40 por cento de sua produção de cereais, incentivou fortemente a participação dos camponeses pobres e das camadas de camponeses medios nos kolrózes. Outra circunstância, que influiu também consideravelmente nesse estado de coisas, foi a de que, só nestes ultimos tempos, o Estado se encontrou em condições de financiar decididamente o movimento kolróziano. Sabemos que, no presente, o Estado, para ajudar os kolrózes, inverteu o dobro da quantidade de fundos em relação ao ano passado (mais de 60 milhões de rublos). O XV Congresso do Partido tinha bastante razão ao reconhecer que já amadureceram as condições para um movimento kolróziano de massas e que o fortalecimento do movimento kolróziano é um dos mais importantes meios para elevar, em nosso país, o nível de produção de cereais, destinada ao mercado.

Em 1927, a produção global de cereais, nos kolrózes, ascendeu, segundo os dados do Escritório Central de Estatística, a cerca de 55 milhões de "puds", com a média de 30 por cento destinados ao mercado. O impulso crescente de organização dos novos kolrózes e de desenvolvimento dos antigos, impulso iniciado no principio do presente ano, fará, indubitavelmente, aumentar, até o fim do ano, em proporções consideráveis, a produção do trigo dos kolrózes. A tarefa consiste em manter o ritmo atual de desenvolvimento do movimento kolróziano, aumentar os kolrózes, eliminar os kolrózes fictícios, substituindo-os por kolrózes efetivos, e estabelecer um regime no qual os kolrózes entreguem às organizações do Estado e das cooperativas, todo o trigo que produzam para o mercado, sob pena de ficarem privados das subvenções e dos créditos do Estado. Creio que, sujeitando-os a estas condições, poderemos conseguir que, no decorrer de uns tres ou quatro anos, os kolrózes nos forneçam 40 ou 50 milhões de "puds" de trigo para o mercado.

As vezes, coloca-se o movimento kolróziano contra o movimento cooperativo, acreditando, sem duvida, que uma coisa são os kolrózes e outra, a cooperação. E, naturalmente, errado. Existem, mesmo, pessoas que chegam a contrapor os kolrózes ao plano de cooperação de Lénin. Não é preciso acrescentar que isso não tem a menor relação com a verdade. Na realidade, os kolrózes são uma modalidade de cooperação, a modalidade mais relevante das cooperativas de produção. Existem cooperativas de consumo, cooperativas de venda e cooperativas de produção. Os kolrózes constituem uma parte indivisível, inseparável do movimento coope-

rativo em geral e do plano leninista de cooperação, em particular. Levar à prática o plano de cooperação de Lênin exige que se orientem os camponeses das cooperativas de consumo e de distribuição, para as cooperativas de produção, para a cooperação kolróziana. Entre outras razões, pode-se assim explicar o início do aparecimento e do desenvolvimento, em nosso país, dos kolrózes, como resultado do desenvolvimento e do fortalecimento das cooperativas de consumo e de distribuição.

2) Em segundo lugar, a solução está em desenvolver e consolidar os velhos soverrózes, organizando e ampliando outros, mais novos e potentes. A produção global de trigo, nos soverrózes atualmente existentes, aumentou, em 1927, segundo os dados do Escritório Central de Estatística, para mais de 45 milhões de "puds", dos quais 65 por cento se destinam ao mercado. É fora de dúvida que, com um certo apoio por parte do Estado, os soverrózes poderiam aumentar consideravelmente a produção de trigo. Mas o problema não se limita a esse ponto. Segundo o que decidiu o Poder Soviético, deverão ser organizados, nos distritos de terras não divididas, novos e potentes soverrózes (de 10.000 a 30.000 hectares cada um), capazes de fornecer, no fim de 5 ou 6 anos, 100 milhões de "puds" de trigo para o mercado. A organização desses soverrózes já foi estudada. O problema consiste agora em por em prática, custe o que custar, essa decisão do Poder Soviético. Creio que, se forem cumpridas essas tarefas, dentro de 3 ou 4 anos, conseguiremos extrair dos velhos e dos novos soverrózes, 80 a 100 milhões de "puds" de trigo, para o mercado.

3) A solução está, finalmente, em elevar sistematicamente as colheitas das explorações camponesas individuais, pequenas e médias. Não podemos nem devemos auxiliar as grandes explorações individuais dos "kulaks". Podemos e devemos, isso sim, ajudar as pequenas explorações individuais dos camponeses pobres e médios, fazendo aumentar as suas colheitas e orientando-os sobre a necessidade da organização cooperativa. Esta é já uma tarefa antiga, proclamada por nós, com especial insistência, desde 1921, quando substituímos o regime de requisição de cereais pelo sistema do imposto em espécie. Este objetivo foi ratificado pelo nosso Partido no XIV e no XV Congressos. A importância dessa tarefa ressalta, agora, quando tropeçamos com dificuldades no sector do trigo. Por isso, deve ela ser cumprida com a mesma tenacidade com que o foram as duas tarefas anteriores: a dos kolrózes e a dos soverrózes.

Todos os dados indicam que, dentro de poucos anos, poder-se-á elevar a colheita das explorações camponesas, de 15 a 20 por cento. Atualmente, são empregados, em nosso país, mais ou menos 5 milhões de arados antiquados. Somente com a substituição desses arados primitivos por outros, com grades de ferro, poderíamos aumentar, em consideráveis proporções, a produção de trigo. E já não falamos de como melhorariamos a produção, se as explorações camponesas obtivessem um pouco de adubos, de sementes seleccionadas, algum maquinário pequeno, etc. O sistema de contratos, o método de fazer contratos com aldeias e povoados inteiros, na base de fornecimento de sementes, etc., obrigando-os a entregar uma determinada quantidade de produtos agrícolas; este é o melhor método para aumentar a colheita das explorações camponesas e para atrair os camponeses para o sistema da cooperação. Creio que, se trabalharmos seriamente neste senti-

do, poderemos, daqui há tres ou quatro anos, fazer com que as explorações camponesas individuais, pequenas e medias, entreguem ao mercado, pelo menos, mais 100 milhões de "puds" de trigo do que atualmente.

Assim, se todas estas tarefas forem cumpridas, o Estado terá, dentro de tres ou quatro anos à sua disposição mais 200 ou 250 milhões de "puds" de trigo, destinados ao mercado, com os quais poderemos, então, manejar, em certos limites, dentro e fora do país.

Tais são, em seus traços fundamentais, as medidas necessarias para vencer as dificuldades existentes no sector do trigo.

Combinar essas medidas fundamentais com as normas já postas em pratica para melhorar a planificação, no que se refere ao abastecimento de mercadorias para o campo, para dispensar as nossas organizações comerciais do dever de abastecer de trigo uma serie de cidades pequenas e medias: é esse o problema que se nos coloca neste momento.

Não conviria adotar, juntamente com essas medidas, uma outra serie de medidas, como, por exemplo, a de arrefecer o ritmo de desenvolvimento da nossa industria, a qual provoca, hoje, uma procura intensa de trigo, mais intensa que a produção de trigo para o mercado? Não; não convem. De modo algum! Arrefecer o ritmo de desenvolvimento da industria significaria debilitar a classe operaria, pois cada passo que damos para a frente, no desenvolvimento da industria, cada nova fabrica, cada novo centro industrial, representa, segundo a expressão de Lênin, uma "nova fortaleza" da classe operaria, que garante as suas posições, na luta contra os elementos pequeno-burgueses e contra os elementos capitalistas de nossa economia. Ao contrario, devemos manter o ritmo atual do desenvolvimento da industria de maquinario a agricultura, principalmente os kolrózes e soverózes, para cobrir de mercadorias o campo e assim poder receber mais trigo, para equipar de maquinario a agricultura, principalmente os kolrózes e soverrózes, para industrializar a agricultura e elevar desse modo, o contingente comercial de sua produção.

Não seria, talvez, conveniente, para maior "precaução", arrefecer o desenvolvimento da industria pesada e fazer da industria leve, que produz, fundamentalmente, para o mercado camponês, a base de nossa industria? De modo algum! Isto seria suicidio; seria minar toda a nossa industria, inclusive a propria industria leve. Seria o mesmo que renunciar à palavra de ordem da industrialização de nosso país num apendice do sistema da economia capitalista. Afirmando isso, estamos nos baseando nas conhecidas teses fundamentais, traçadas por Lênin, no IV Congresso da Internacional Comunista que exigem uma obediencia incondicional de todo o nosso Partido. Eis o que dizia a esse respeito Lênin, no IV Congresso da Internacional Comunista:

"A salvação, para a Russia, não está apenas numa boa colheita no campo — isto não basta —; nem está apenas na boa situação da industria leve, que abastece os camponeses de artigos de consumo — isto também não basta —; necessitamos, alem desses elementos, de uma industria "pesada".

E, noutro trecho:

"Economizamos em tudo, até em escolas. E isso se justifica, pois sabemos que, sem salvar a industria pesada, sem restaura-la, não poderemos construir nenhuma especie de industria e, sem esta, pereceremos de uma vez

por todas, como país independente". (Lénin, t. XXVII, pag. 349, "Cinco anos de revolução russa e as perspectivas da revolução mundial").

Estas recomendações de Lénin não devem ser esquecidas.

Como influirão as medidas indicadas sobre a aliança dos operários com os camponeses? Creio que estas medidas não farão mais do que facilitar o fortalecimento da aliança entre os operários e os camponeses. Com efeito, se os kolrózes e sovrózes se desenvolvem com um ritmo acelerado; se, como resultado do auxílio direto prestado aos camponeses médios e pequenos, aumenta a colheita de suas explorações e a cooperação chega a englobar um numero cada vez maior de camponeses; se o Estado obtém um aumento de centenas de milhões de "puds" de cereais destinados ao mercado, que deles necessita para a sua distribuição nas cidades; se, como fruto de todas estas medidas e de outras analogas, que vão riscando e eliminando, gradualmente, os "kulaks", não é facto que, desse modo, se irá suavizando cada vez mais a antítese entre a classe operária e os camponeses, dentro de sua aliança, não irá, de facto, desaparecendo a necessidade de aplicar medidas extraordinárias para o aprovisionamento do trigo, as grandes massas não irão afluindo mais e mais para as formas coletivas de cultivo, lutando por vencer os elementos capitalistas no campo, o que fará com que a agricultura tome um carácter cada vez mais de massas e cada vez mais organizado? Não se torna evidente que, com estas medidas, a aliança entre os operários e os camponeses só poderá sair ganhando?

Convém, entretanto, ter sempre presente que a aliança entre os operários e os camponeses, sob o regime da ditadura do proletariado, não é uma aliança de tipo comum. É uma forma especial de aliança de classe entre a classe operária e as massas trabalhadoras do campo, a qual se propõe como objetivo: a) fortalecer as posições da classe operária; b) assegurar o papel dirigente da classe operária dentro dessa aliança; c) extinguir as classes e a sociedade de classes. Qualquer outra interpretação da aliança entre os operários e os camponeses significa oportunismo, menchevismo, social-revolucionarismo, qualquer coisa, enfim, menos marxismo, menos leninismo.

Como conciliar a idéia da aliança entre os operários e os camponeses com a conhecida tese de Lénin de que os camponeses são a "derradeira classe capitalista"? Não ha nisso uma contradição? Trata-se, simplesmente, de uma contradição aparente, imaginária. Na realidade, não ha contradição alguma. No informe feito ao III Congresso da Internacional Comunista, no qual caracteriza os camponeses como a "derradeira classe capitalista" Lénin justifica, diversas vezes, a necessidade de uma aliança entre os operários e camponeses, declarando que: "O principio supremo da ditadura é a base da aliança do proletariado com os camponeses, a fim de que o primeiro possa manter o seu papel de dirigente e possa conservar o poder do Estado". Evidentemente, para Lénin, isso não significava nenhuma contradição.

Como se deve interpretar a tese de Lénin de que os camponeses são a "derradeira classe capitalista"? Isto quer dizer que a massa camponesa é formada por capitalistas? Não; não é isso. Em primeiro lugar, quer dizer que os camponeses são uma classe especial, cuja economia se baseia na propriedade privada, sobre os meios de produção e que, portanto, se distin-

gue da classe operaria cuja economia se baseia na propriedade coletiva sobre os meios de produção. Em segundo lugar, quer dizer que os camponeses são uma classe de cujo seio germinam, nascem e se nutrem os capitalistas, os "kulaks" e toda a especie de exploradores.

E esta circunstancia não é um obstaculo invencivel para a organização de uma aliança entre os operarios e camponeses? Não, não o é. A aliança do proletariado com os camponeses, sob o regime da ditadura do proletariado, não é a aliança com todas as camadas de camponeses, mas apenas a aliança da classe operária com as massas trabalhadoras do campo. E esta aliança não pode ser feita se não se lutar contra os elementos capitalistas do campo, se não se lutar contra os "kulaks". Esta aliança não pode ser solida se os camponeses pobres não se organizarem, uma vez que são eles o alicerce da classe operaria, no campo. Por isso, sob as atuais condições da ditadura do proletariado, a aliança entre os operarios e os camponeses só pode ser feita, atendendo-se à conhecida palavra de ordem de Lênin: apoiar-se nos camponeses pobres, estabelecer uma aliança solida com os camponeses medios e não cessar, nem um momento, a luta contra os "kulaks". Só pondo em pratica esta palavra de ordem é que conseguiremos trazer as grandes massas camponesas para o trabalho da construção do socialismo.

Como vedes, a contradição entre as duas formulas de Lênin não é sinão uma contradição aparente, suposta. Na realidade, não existe contradição.



URSS, BRIGADA DE CHOQUE — "A classe operária da URSS é uma parte da classe operária mundial — dizia o camarada Stálin, — e nós vencemos não só pelos esforços da classe operária da URSS como também graças ao apoio da classe operária do mundo. Sem êsse apoio, já nos teriam despedido há muito tempo. Diz-se que nosso país constitue a brigada de choque do proletariado de todos os países. Isso está certo, mas nos impõe deveres muito sérios. Por que nos apóia o proletariado internacional? Por que nos fizemos credores dêsse apoio? Ele se deve ao facto de que fomos os primeiros a lançar-nos no combate contra o capitalismo, os primeiros a implantar o poder dos operários, os primeiros a começar a construção do socialismo. Deve-se ao facto de que estamos realizando uma obra que, em caso de êxito, transformará o mundo e libertará toda a classe operária. Que é preciso para obter êxito? E' preciso liquidar nosso atrazo e desenovlver os sólidos ritmos bolcheviques na edificação. Devemos avançar de tal modo que a classe operária do mundo inteiro, contemplando-nos, possa dizer: é esta a minha brigada de choque; eis aqui meu poder operário, minha pátria; levam a cabo sua obra, a nossa obra; pois bem, vamos apoiá-los contra os capitalistas e ampliemos a obra de revolução mundial."

LÉNIN E O PROBLEMA DA ALIANÇA COM OS CAMPONESES MÉDIOS

Resposta ao Camarada S. ()*

Camarada S.:

E' falso supor que a palavra de ordem de Lénin de "saber chegar a um acôrdo com os camponeses médios, sem cessar, nem um momento, a luta contra os *kulaks*, apoiando-se firmemente só nos camponeses pobres", palavra de ordem que foi lançada em seu conhecido artigo sobre Pitirim Sorókim, fôsse, como se pretende fazer crer, a palavra de ordem do "período dos Comitês dos camponeses pobres", a palavra de ordem do "fim do período da chamada neutralização dos camponeses médios". *Isso é absolutamente falso*. Os Comitês de camponeses pobres foram criados em junho de 1918. Até fins de outubro de 1918, as nossas forças no campo já eram superiores às dos *kulaks*, e os camponeses médios já haviam dado uma reviravolta para o lado do Poder Soviético. Na base desta aproximação foi que, de facto, surgiu a decisão do Comité Central de acabar com a dualidade de poderes entre os Soviets e os Comitês de camponeses pobres, de providenciar a reeleição dos Soviets de distrito e de aldeia, de refundir os Comitês de camponeses pobres com os Soviets, já renovados pelas eleições, fazendo assim desaparecer êsses Comitês. A aplicação dessa resolução dos Soviets foi aprovada, como já sabemos, em 9 de novembro de 1918, no VI Congresso dos Soviets. Refiro-me à resolução do VI Congresso dos Soviets, de 9 de novembro de 1918, sobre as novas eleições dos Soviets de distrito e de aldeias, sobre a fusão dos Comitês de camponeses pobres com os Soviets. Quando foi que apareceu o artigo de Lénin intitulado *"As preciosas confissões de Pitirim Sorókim"*, no qual em vez da palavra de ordem no sentido de neutralizar os camponeses médios, lançava a palavra de ordem de se chegar a um acôrdo com eles? Foi publicado em 21 de novembro de 1919, isto é, quasi duas semanas depois da resolução do VI Congresso dos Soviets. Nesse artigo, Lénin diz claramente que a política que preconizava um acôrdo com os camponeses médios, se relacionava à reviravolta que êstes deram a fim de passar para o nosso lado. Vejamos as palavras de Lénin:

"No campo, nossa missão consiste em acabar com os latifúndios, em esmagar a resistência dos exploradores e dos *kulaks* especuladores; para isso, podemos apoiar, firmemente, só nos semi-proprietários, nos camponeses pobres. Mas o camponês médio não é nosso inimigo. Vacilou, vacila e continuará vacilando; o método para influir sobre os vacilantes não é o mesmo que o de aniquilar os exploradores e o de vencer os inimigos ativos. Saber chegar a um acôrdo com os camponeses médios, sem

(*) Esta carta é reproduzida em seus trechos mais importantes.

cessar, por um minuto sequer, a luta contra os *kulaks*, apoiando-se firmemente só nos camponeses pobres: esta é a tarefa do momento atual, pois é precisamente agora, que *a reviravolta dos camponeses médios para o nosso lado é inevitável* (*) justamente devido às causas atrás expostas." (Lénin, t. XXIII, pág. 294, *As preciosas confissões de Pitirim Sorókim*).

Que se pode concluir dessas palavras?

Delas se conclue que a palavra de ordem de Lénin não se refere ao período *antigo*, ao período dos Comitês de camponeses pobres e da neutralização dos camponeses médios, mas, sim, ao *novo* período, ao período do acôrdo com estes. Esta palavra de ordem reflete, portanto, não o *fim* do período antigo, mas o *comêço* de um período novo.

Mas a afirmação de você, acêrca da palavra de ordem de Lénin, não é errada apenas do ponto de vista formal, no aspecto cronológico, por assim dizer, mas é também errada no que se refere à sua essência. Sabemos que a palavra de ordem de Lénin sôbre o acôrdo com os camponeses médios, sendo uma palavra de ordem nova, foi proclamada como palavra de ordem de nosso Partido no seu VIII Congresso (março de 1919). Sabemos que o VIII Congresso do Partido foi, por êsse motivo, o Congresso que lançou as bases da nossa política de aliança sólida com os camponeses médios. Sabemos que, no VIII Congresso do Partido, foi aprovado também o nosso programa, o programa do Partido Comunista (bolchevique) da URSS. Sabemos que êste programa contém alguns pontos especiais acêrca da atitude do Partido frente aos diversos grupos de camponeses: os camponeses pobres, os camponeses médios e os *kulaks*. Que dizem estes pontos do programa do P.C. (b) da URSS. sôbre os grupos sociais no campo e sôbre a relação do Partido com êles? Vejamos:

"Para todo o seu trabalho no campo, o Partido Comunista da Rússia continuará se *apoiando*, como até hoje, nas camadas *proletárias e semi-proletárias* da aldeia; antes de mais nada, as organizará como força independente, criando células do Partido na aldeia, organizações de camponeses pobres, um tipo especial de sindicatos de proletários e semi-proletários do campo, etc., estreitando, por todos os meios, os laços que os unem ao proletariado da cidade, e arrancando-os da influência da burguesia do campo e dos interêsses pequeno-burgueses.

No que se refere aos *kulaks*, à burguesia da aldeia, a política do Partido Comunista da Rússia consistirá *em lutar resolutamente contra as suas tentativas exploradoras, em esmagar a sua resistência contra a política soviética*.

No que diz respeito aos camponeses médios, a política do Partido Comunista da Rússia consistirá em atraí-los, paulatina e sistematicamente, para a tarefa da construção socialista. O Partido tem como objetivo separá-los dos *kulaks*, atraí-los para o lado da classe operária, prestando bastante atenção às suas necessidades, lutando contra o seu atraso por meio de campanhas de influência ideológica, mas sem utilizar, de modo algum, medidas de coação, tentando, em tudo o que se

(*) Grifado por Stálin.

relaciona aos seus interesses vitais, *chegar a um acôrdo prático com eles, fazendo-lhes concessões quanto à fixação dos métodos de aplicação das reformas socialistas*" (*) (*Atas taquigráficas do VIII Congresso do P.C. (b) da Rússia*, pág. 396).

Tente descobrir uma diferença, por menor que seja, mesmo que puramente verbal, entre estes pontos do programa e a palavra de ordem de Lênin! Você não conseguirá descobri-la, pela simples razão de que esta diferença não existe. E mais ainda. Não há dúvida que a palavra de ordem de Lênin não só não contradiz as resoluções do VIII Congresso a respeito dos camponeses médios, como, pelo contrário, é a formulação mais precisa e mais perfeita de todas elas. E é um facto que o programa do P.C. (b) da URSS foi aprovado em março de 1919, no VIII Congresso do Partido, no qual se discutiu, especialmente, o problema dos camponeses médios e o artigo de Lênin contra Pitirim Sorókim, tendo sido, nesse Congresso, proclamada a palavra de ordem que preconizava a realização de um acôrdo com os camponeses médios, enquanto que o citado artigo de Lênin foi publicado pela imprensa, no mês de novembro de 1918, quatro meses antes do VIII Congresso.

Não é, então, evidente que o VIII Congresso do Partido *confirmou total e plenamente* a palavra de ordem de Lênin, preconizada em seu artigo contra Pitirim Sorókim, como a palavra de ordem que o Partido se sentia na obrigação de *seguir* em todo o seu trabalho no campo, *em todo o atual período da construção socialista*?

Aonde está o valor da palavra de ordem de Lênin?

O valor da palavra de ordem de Lênin está em que destaca, com o mais absoluto acêrto, a *tríplice* tarefa do trabalho do Partido no campo, expressa numa fórmula concisa: a) *apoiar-se* nos camponeses pobres; b) *chegar a um acôrdo* com os camponeses médios; c) *não cessar*, um só momento a *luta* contra os *kulaks*. Procure tomar uma só das partes desta fórmula, como base para o trabalho no campo, no presente momento, deixando de lado as outras partes, e cairá, infalivelmente, na maior confusão. Poder-se-á, nas condições da fase atual da edificação socialista, chegar a um acôrdo efetivo e sólido com os camponeses médios sem se apoiar nos camponeses pobres e sem lutar contra os *kulaks*? Não, não se poderá. Poder-se-á, nas condições da fase atual de desenvolvimento, lutar eficazmente contra os *kulaks*, sem se apoiar nos camponeses pobres e sem chegar a um acôrdo com os camponeses médios? Não, não se poderá. Poder-se-á exprimir, com maior justeza, numa fórmula sintética, esta tríplice tarefa para os trabalhos do Partido no campo? Creio que a palavra de ordem de Lênin é a mais acertada expressão desta tarefa. E' preciso reconhecer que ninguém saberia exprimi-la melhor do que o fez Lênin...

Por que é que é necessário acentuar a oportunidade da palavra de ordem de Lênin, *precisamente agora*, precisamente nas *atuais condições* da nossa atuação no campo?

(*) Grifado por Stálin.

Porque precisamente agora é que se observa, nalguns camaradas, a tendência a desmembrar a *tríplice* tarefa do trabalho do Partido no campo e a separar as partes que a integram. E isso é plenamente confirmado pela experiência da nossa campanha de aprovisionamento de cereais em janeiro e fevereiro do corrente ano. Que é preciso chegar a um acôrdo com os camponeses médios, todos os bolcheviques já o sabem. O que nem todos sabem é o modo como se pode chegar a êste acôrdo. Uns pensam que se pode chegar a um acôrdo com os camponeses médios renunciando à luta contra os *kulaks* ou arrefecendo essa luta, com medo de que a luta contra os *kulaks* possa assustar parte dos camponeses médios, pelo menos aqueles em melhor situação. Outros pensam que se pode chegar a um acôrdo com os camponeses médios renunciando ao trabalho de organização dos camponeses pobres ou enfraquecendo êste trabalho, com receio de que êstes se isolem e de que êste isolamento possa assustar ou afastar do nosso caminho os camponeses médios. Como consequência dêsses desvios da linha justa, chega-se a esquecer a tese marxista de que os camponeses médios são uma classe vacilante, de que o acôrdo com os camponeses médios só pode ser sólido desde que se lute resolutamente contra os *kulaks* e se intensifique o trabalho entre os camponeses pobres, e que, sem estas condições, o camponês médio pode ser levado para o lado dos *kulaks*, como para uma força. Recorde você as palavras de Lênin, pronunciadas no VIII Congresso do Partido:

“E” preciso fixar a atitude em relação a uma classe que *não tem uma posição firme e definida* (*). O proletariado em massa é partidário do socialismo e a burguesia em massa está contra o socialismo; definir as atitudes antagônicas destas duas classes é fácil. Mas, quando temos que definir em relação a uma camada social como a dos camponeses médios, vemos que esta é uma *classe que vacila*. O camponês médio é, em parte, proprietário e, em parte, trabalhador. Não explora outros elementos trabalhadores. Durante dezenas de anos, viu-se obrigado a defender a sua situação, com os maiores sacrifícios, sentindo, em sua luta, a exploração dos latifundiários e dos capitalistas, experimentou todos os sofrimentos, mas, ao mesmo tempo, é proprietário. Por isso, nossa atitude frente a esta classe vacilante tem em conta enormes dificuldades”. (*Atas taquigráficas do VIII Congresso do P.C. (b) da Rússia*, pág. 346.)

Mas existem ainda alguns outros desvios da linha justa não menos perigosos que os anteriores. Há quem lute contra os *kulaks*, mas de modo estúpido e absurdo, em consequência do qual os golpes caem também sobre os camponeses médios e pobres. Como resultado disso, o *kulak* conserva-se imune, a causa da aliança com os camponeses médios sai prejudicada e parte dos camponeses pobres cai, temporariamente, nas garras dos *kulaks*, que lutam para sabotar a política soviética. E, noutros casos, tenta-se converter a luta contra os *kulaks*, na luta pela sua supressão, querendo substituir o plano de aprovisionamento de cereais pelo sistema de requisição, esquecendo que, nas atuais condições, a supressão

(*) Grifado por Stálin.

dos *kulaks* é uma estupidez e o sistema de requisição não significa uma aliança com os camponeses médios, mas, sim, a luta contra eles.

De que provem êstes desvios contra a linha do Partido?

Provem do facto de não se compreender que a tríplice tarefa do Partido no trabalho do campo é uma tarefa *única e indivisível*. Do facto de não se compreender que *não se pode separar* a luta contra os *kulaks* da tarefa de se chegar a um acôrdo com os camponeses médios e que, por sua vez, ambas as tarefas são inseparáveis da terceira tarefa, que é a de converter os camponeses pobres no ponto de apoio do Partido no campo (*).

Que é preciso fazer para que estas tarefas não se desliguem umas das outras, no transcurso de nossa atuação diária no campo?

(*) Disso se conclue que os desvios da linha justa produzem duas espécies de perigo para a causa da aliança dos operários com os camponeses: o primeiro é o dos que pretendem converter as medidas extraordinárias, que podemos denominar temporárias, para o aprovisionamento de cereais, em normas permanentes ou, pelo menos, bastante duráveis, e o segundo desvio é o dos que pretendem aproveitar-se da prorrogação dessas medidas extraordinárias para deixar de lado os *kulaks*, para proclamar a plena liberdade de comércio, sem a regulamentação dessa liberdade pelos órgãos do Estado. Assim, para garantir a linha justa, é preciso lutar em duas frentes.

Aproveito a ocasião para advertir que nossa imprensa não se ajusta sempre a esta norma, dando, algumas vezes, provas de uma certa unilateralidade. Acontece, por exemplo, que às vezes se combate aqueles que pretendem converter as medidas extraordinárias para o aprovisionamento de cereais, que tem apenas um caráter temporário, em norma permanente de nossa política, pondo assim em perigo a causa da aliança. E isso é certo. O que não é certo, entretanto, é que, ao mesmo tempo que se age assim, não se dê a atenção necessária para o devido desmascaramento dos que põem em perigo a causa da aliança, pelo outro flanco, ou, seja, que se deixam levar por motivos pequeno-burgueses e exigem que se atenue a luta contra os elementos capitalistas do campo e se implante a ampla liberdade de comércio, sem a intervenção reguladora do Estado, solapando, dêsse modo, a causa da aliança. Isto é que não é certo. Isto significa vêr só um lado do problema.

Acontece, às vezes, que se desmascara, também, os que negam, suponhamos, a possibilidade e a conveniência de estimular as pequenas e médias explorações camponesas individuais que são, na fase atual, a base da agricultura. Isto é certo. O que não é certo, mas falso, é que, ao mesmo tempo, não se desmascare os que reduzem a importância dos kolrózes e soverrózes e não encheram que a tarefa de incentivar as pequenas e médias explorações camponesas individuais deve ser complementada com a tarefa prática de fomentar as organizações dos kolrózes e soverrózes. Isso é o mesmo que não ver sinão um lado do problema.

Para garantir a linha justa, é preciso lutar *nas duas frentes* e abandonar tôda a unilateralidade.

Para isso é necessário, pelo menos, adotar uma palavra de ordem e direção que condense tôdas estas tarefas numa fórmula comum e, portanto, não permita que se desliguem umas das outras.

Existe, acaso, no arsenal do Partido, uma fórmula com êsse caráter, uma palavra de ordem que satisfaça a essa finalidade?

Sim, existe. Esta fórmula é a palavra de ordem de Lênin: "saber chegar a um acôrdo com os camponeses médios, sem deixar, nem um momento, de lutar contra os *kulaks*, apoiando-se firmemente só nos camponeses pobres".

Eis por que acho que esta palavra de ordem é a mais conveniente e a mais ampla e que é necessário colocá-la em primeiro plano, *principalmente agora, nas atuais condições* do trabalho no campo.

Você considera a palavra de ordem de Lênin como sendo uma palavra de ordem de "oposição" e pergunta em sua carta: *Como pode acontecer que... esta palavra de ordem de oposição tenha sido publicada no "Pravda", em 1.º de maio de 1928,... como se pode explicar a publicação dessa palavra de ordem nas colunas do "Pravda", órgão do C.C. do P.C. (b) da URSS? Trata-se simplesmente de um descuido técnico ou de uma transação com a oposição, no que se refere ao problema dos camponeses médios? E' preciso reconhecer que você não se detem em nada.* Não lhe faria mal, entretanto, agir "com cautela", camarada S., a fim de que o seu zelo não o levasse à conclusão de que se deveria *proibir* a publicação de nosso programa, no qual se confirma plenamente a tese de Lênin (é um facto comprovado!), programa êste elaborado, em seus fundamentos, por Lênin (que absolutamente não militava na oposição!) e aprovado pelo VIII Congresso do Partido (que também não era um órgão de oposição!). Mais respeito aos pontos de nosso programa sôbre os grupos sociais do campo! Mais respeito às deliberações do VIII Congresso do Partido sôbre os camponeses médios!... A sua frase sôbre a "transação com a oposição em relação aos camponeses médios", creio que nem merece ser refutada; é uma frase talvez inadvertida, naturalmente devida ao seu acaloramento.

Ao que parece, você se desconcerta com o facto de que na palavra de ordem de Lênin e no programa do P.C. (b) da URSS, aprovado no VIII Congresso, se fala em chegar a um *acôrdo* com os camponeses médios, mas, de facto, Lênin, na abertura do VIII Congresso, falou numa *aliança sólida* com essa camada de camponeses. Talvez você veja nisso uma qualquer contradição. Possivelmente, você se inclina também a supor que a política de *acôrdo* com os camponeses médios é alguma coisa que parece ser um pouco diferente da política de *aliança* com êles. Isso é errado, camarada S. E' grande êrro. Só os que lêem o texto das palavras de ordem, sem serem capazes de compreender o seu sentido, é que podem pensar assim. Só os que não conhecem a história da palavra de ordem da aliança, do acôrdo com os camponeses médios, é que podem pensar assim. Só podem pensar assim aqueles que *são* capazes de supor que Lênin, ao preconizar, no seu discurso de abertura do VIII Congresso, a política de uma "sólida aliança" com os camponeses médios, se *afastava* de si mesmo, quando declarava, noutro discurso *no mesmo* Congresso e no programa do Partido, aprovado no VIII Congresso, que o de que

agora necessitamos é de uma política de "acordos" com os camponeses médios.

Aonde está o essencial da questão? O essencial da questão está em que, nem Lênin nem o Partido, representado pelo VIII Congresso, vêm *nenhuma diferença* entre a idéia de "acôrdo" e a idéia de "aliança". O fundamental da questão está em que Lênin emprega, em todos os seus artigos, em todos os seus discursos ante o VIII Congresso, as idéias de "aliança" e "acôrdo" como *equivalentes*. O mesmo se pode dizer da resolução do VIII Congresso: "Sobre a atitude em relação ao camponês médio", no qual se empregavam as idéias de "acôrdo" e "aliança", como equivalentes. E como Lênin e o Partido não consideram a política do acôrdo com os camponeses médios como uma política casual e efêmera, mas como uma política *duradoura*, tinham e têm todas as razões para considerar a política do acôrdo com os camponeses médios uma política de sólida aliança com eles e, vice-versa, a política de sólida aliança com os camponeses médios como uma política de acôrdo com os mesmos. Basta ler as atas taquigráficas do VIII Congresso do Partido e a resolução desse mesmo Congresso sobre os camponeses médios, para se convencer dessa verdade.

Vejamos um trecho do discurso de Lênin no VIII Congresso:

"Freqüentemente, devido à inexperiência dos ativistas soviéticos e também às dificuldades do problema, os golpes que se destinavam aos *kulaks* caíam sobre os camponeses médios. Nesse ponto cometemos graves erros. A experiência que adquirimos a este respeito nos auxiliará a fazer todo o possível para evitar isso no futuro. A tarefa que temos pela frente não é uma tarefa teórica, mas, sim, prática. Sabeis muito bem, que se trata de uma tarefa difícil. Não dispomos de bens para oferecer ao camponês médio, e ele é materialista, homem prático, que exige bens materiais concretos, bens que agora não lhe podemos dar e de que o país ainda poderá dispor, talvez durante muitos meses de dura luta, luta que desde hoje já se nos augura uma vitória completa. Mas podemos fazer muito nas tarefas práticas de nossa administração; podemos melhorar o nosso aparelho e corrigir uma série enorme de abusos. Podemos e devemos fortalecer e corrigir a linha de nosso Partido, que não se inclina suficientemente à *formação do bloco, à aliança, ao acôrdo* (*) com os camponeses médios. (*Atas taquigráficas do VIII Congresso do P.C. (b) da Rússia*, págs. 24-35.)

Como você pode ver, Lênin não faz distinção entre "acôrdo" e "aliança".

Eis outro trecho da resolução do VIII Congresso, *sobre a atitude em relação ao camponês médio*:

"Confundir os camponeses médios com os *kulaks*, tornar extensiva aos primeiros, em menor ou maior grau, as medidas tomadas contra os *kulaks*, significa infringir, do modo mais grave, não só todos os decretos do Poder Soviético e toda a sua política, como também todos os princípios fundamentais do comunismo, que determinam o *acôrdo* do prole-

(*) Grifado por Stálin.

tariado com os camponeses médios, durante o período da luta decisiva do proletariado pela derrota da burguesia, como uma das condições para a passagem pacífica para a abolição de toda a exploração.

Os camponeses médios, que têm raízes econômicas relativamente fortes, devidas ao atraso da técnica agrária em relação à técnica industrial, até mesmo nos países capitalistas, mais adiantados, sem falarmos na Rússia, subsistirão ainda por um período de tempo mais ou menos longo, mesmo depois de iniciada a revolução proletária. Por isso, a tática dos ativistas soviéticos no campo, da mesma forma que os militantes do Partido, deverá contar com um longo período de colaboração com os camponeses médios...

...Uma política inteiramente justa do Poder Soviético no campo, garantirá, portanto, a *aliança* e o *acôrdo* entre o proletariado triunfante e os camponeses médios...

...A política do Governo operário e camponês e do Partido Comunista deverá também, no futuro, continuar a inspirar-se neste *espírito de acôrdo* entre o proletariado e os camponeses pobres de um lado, com os camponeses médios, de outro" (*). (*Atas taquigráficas do VIII Congresso do P.C. (b) da Rússia*, págs. 417-420.)

Como você pode vêr, também a resolução não faz distinção entre "acôrdo" e "aliança".

Não será demasiado advertir que nessa resolução do VIII Congresso não se disse nem uma palavra sobre uma "sólida aliança" com os camponeses médios. Quererá isso dizer que a resolução se *afasta*, dêse modo, da política de "aliança sólida" com os camponeses médios? Não; não quer dizer isso. Quer simplesmente dizer que a resolução emprega como equivalentes as idéias de "acôrdo", "colaboração" e "aliança sólida". E' lógico que não se pode estabelecer uma "aliança" com os camponeses médios a não ser chegando a um "acôrdo" com eles, e a aliança com os camponeses médios não pode ser "sólida", se não existe um acôrdo e uma colaboração "duradouras".

Tais são os factos.

Colocam-se duas questões: *ou* Lênin e o VIII Congresso do Partido se *afastaram* da declaração de Lênin sobre uma "aliança sólida" com os camponeses, *ou* não há outro remédio senão abandonar essa suposição absurda e reconhecer que Lênin e o VIII Congresso do Partido não estabelecem *diferença alguma* entre a idéia de "acôrdo" e a idéia de uma "aliança sólida".

E os que não se querem deixar levar por um fútil apêgo ao texto, os que desejam penetrar no sentido da palavra de ordem leninista, que nos fala de procurar o ponto de apoio nos camponeses pobres, tentar um acôrdo com os camponeses médios e lutar contra os *kulaks*, não podem deixar de compreender que a política de *acôrdo* com os camponeses médios é a política de uma *sólida aliança* com eles.

Seu erro consiste em não ter sabido compreender as manhas da oposição e em se ter deixado levar por suas provocações, caindo na

(*) Grifado por Stálin.

armadilha que o inimigo lhe preparou. Os manobristas da oposição assobiam e cantam fazendo crer que são partidários da palavra de ordem de Lênin sobre o acôrdo com os camponeses médios; mas aludem provocadoramente que "acôrdo" com os camponeses médios é uma coisa, e "aliança sólida" com eles é outra. Com isso, pretendem matar, de uma cajadada só, dois coelhos: em primeiro lugar, encobrir sua verdadeira posição no que se refere aos camponeses médios, que não é a de chegar a um acôrdo com eles, mas a de lançar a "discórdia entre nós e os camponeses médios" (veja-se o tão divulgado discurso de Smirnov, militante da oposição, citado por mim na XVI Conferência da organização regional de Moscou do Partido); em segundo lugar, enganar os bolcheviques ingênuos fazendo-os acreditar na *imaginária* diferença entre "acôrdo" e "aliança" e acabando por desorientá-los e afastá-los de Lênin.

E que fazem, como resposta a isso, alguns de nossos camaradas? Em vez de arrancar a máscara dos moleques da oposição, em vez de demonstrar que enganam o Partido quanto à verdadeira posição que eles mantêm, esses camaradas mordem o anzol, caem nas suas armadilhas e deixam-se afastar de Lênin. A oposição faz alarde da palavra de ordem de Lênin, e seus adetos fazem-se passar por partidários da palavra de ordem leninista; nesse caso, devo-me afastar dessa palavra de ordem para que não me confundam com a oposição, pois, de outro modo, poderão me acusar de "transigir com a oposição": é essa a lógica desses camaradas!

E este não é o único exemplo dos métodos astuciosos da oposição. Considere você, por exemplo, a questão da auto-crítica. Os bolcheviques não podem desconhecer que o princípio da auto-crítica é a base da atuação de nosso Partido, o meio de fortalecer a ditadura proletária, a essência do método bolchevique de educação dos quadros. A oposição faz grande etrêpito, fazendo crer que foi ela, a oposição, quem inventou a palavra de ordem da auto-crítica; que o Partido lhe arrebatou essa palavra de ordem, capitulando assim frente à oposição. Procedendo assim, a oposição pretende conseguir, pelo menos, duas coisas: em primeiro lugar, ocultar à classe operária, dêsse modo, enganando; que, entre a auto-crítica da oposição, cuja finalidade é *destruir* a idéia do Partido, medeia um abismo; em segundo lugar, pretende conseguir que algum outro ingênuo morda o anzol e se desajuste da palavra de ordem bolchevique da auto-crítica.

E como é que alguns de nossos camaradas reagem frente a isto? Em lugar de desmascarar os moleques da oposição e de defender a palavra de ordem da auto-crítica bolchevique, caem na armadilha, voltam as costas à palavra de ordem da auto-crítica, dansam ao som da música que lhes toca a oposição, e... capitulam frente a ela, acreditando, equívocadamente, que assim impedem que se os confundam com a oposição.

Exemplos como esses, poderíamos citar às dezenas.

Mas nós, em nossa atuação, não podemos bailar ao som da música tocada por quem quer que seja. Nem tão pouco nos podemos guiar, em nossa atuação, pelo que os elementos da oposição dizem a nosso respeito. Continuaremos nosso caminho sem nos preocuparmos, nem com as manhas da oposição, nem com os erros de alguns de nossos bolcheviques, que se

deixam levar pelas provocações dos elementos da oposição. Lembre-se você das palavras citadas por Marx: "Segue o teu caminho e deixa que os outros murmurem!"

12 de junho de 1928. *Pravda*, n. 152, 3 de julho de 1928.



NO 1.º CONGRESSO DOS SOVIETS — A 30 de dezembro de 1922, o Primeiro Congresso dos Soviets de toda a União, por proposta de Lênin e Stálin, tomou a resolução histórica sobre a união, livre e voluntária dos povos soviéticos na União de Repúblicas Soviéticas (U.R.S.S.)

Ao intervir no Congresso, Stálin disse:

"Camaradas! Na história do Poder Soviético, o dia de hoje assinala uma viragem. Assinala a linha divisória entre o período antigo, já passado, durante o qual as Repúblicas Soviéticas, embora agissem de comum acordo, marchavam separadamente, ocupadas como estavam, em primeiro lugar, com sua própria existência, e o período novo, no qual se põe fim à existência isolada das Repúblicas Soviéticas, no qual estas se unem num Estado Federal único para lutar com êxito contra a ruína econômica, no qual o Poder dos Soviets já não pensa somente em sua existência, mas, também, em desenvolver-se como força internacional importante, capaz de exercer influência sobre a situação internacional, capaz de modificá-la no interesse dos trabalhadores." (Stálin, *O problema nacional e colonial*, pág. 126, ed. russa.)



OS ÊXITOS SOBEM-NOS À CABEÇA — A 2 de março de 1930, em resolução do C.C., publicou-se um artigo de Stálin intitulado *Os êxitos sobem-nos à cabeça*. Neste artigo, atalhavam-se os excessos "esquerdistas" que ameaçavam arruinar o movimento kolróziano. Neste artigo, sublinhava-se vigorosamente o princípio da voluntariedade na organização dos *kolrózes* e indicava-se a necessidade de atentar para a diversidade de condições existentes nas diferentes regiões da URSS, ao determinar os ritmos e métodos da coletivização. O camarada Stálin recordava que o tipo fundamental do movimento kolróziano era o artel agrícola... O artigo do camarada Stálin teve enorme importância política. Este artigo ajudou as organizações do Partido a corrigir seus erros, e desfechou o mais rude golpe contra os inimigos do Poder Soviético, que confiavam em que tais excessos lhes forneceriam a base para sublevar os camponeses contra o Poder dos Soviets." (*Compêndio de História do P.C. (b) da URSS.*, pág. 360, ed. espanhola.)

O PERIGO DO DESVIO DE DIREITA NO PARTIDO COMUNISTA (BOLCHEVIQUE) DA U.R.S.S.

**DISCURSO PRONUNCIADO NO PLENO DO COMITÉ DE MOSCOU
DO PARTIDO E DA COMISSÃO DE CONTRÔLE, DE MOSCOU,
EM 19 DE OUTUBRO DE 1928**

Creio, camaradas, antes de mais nada, que é necessário deixar de lado as insignificâncias, as questões pessoais, etc., para resolver o problema que nos interessa, que é o problema do desvio de direita. Existe no nosso Partido um perigo de direita, um perigo oportunista? Existem condições objetivas favoráveis para que se desenvolva êsse perigo? Como se deve lutar contra êle? Esses são os problemas que hoje se nos colocam. E não os resolveremos se não deixarmos de lado tôdas as mesquinhas e todos os elementos, extranhos a êsses problemas, que nos estorvam e nos impedem de compreender a essência do problema.

Zapolski não tem razão quando diz que o problema do desvio de direita é casual. Afirma êle que todo o problema se reduz a uma disputa, a intrigas pessoais, etc., e não a um desvio de direita. Admitamos, momentaneamente, que nesta, como em tôdas as lutas, os despeitos e as intrigas pessoais tenham seu papel. Mas querer explicar todo o problema como efeito de disputas pessoais e não ver, por detrás delas, a essência do problema, significa desviar-se do caminho certo, do caminho marxista. Não é possível que uma organização tão extensa, tão antiga, tão coerente como o é, sem dúvida, a organização de Moscou, possa ser abalada, de cima abaixo, agitada pela ação de alguns desordeiros e intrigantes. Não, camaradas; milagres como êsse não acontecem mais neste mundo. Além disso, não se pode apreciar, com essa superficialidade, a força e o poder da organização de Moscou. Evidentemente, estão em jôgo causas mais profundas, que nada têm a ver com as disputas e intrigas.

Fruntov também não tem razão, pois, ainda que reconhecendo a existência de um perigo de direita, acha que não é digno de merecer a atenção de pessoas responsáveis e possuidoras de senso prático. A sua opinião nos leva a crer que o problema do desvio de direita deveria ser tratado não por homens sérios, mas por demagogos. Compreendo perfeitamente o raciocínio de Fruntov, que, até agora, se viu tão absorvido pelo trabalho prático quotidiano que não teve tempo de se deter a pensar nas perspectivas de nosso desenvolvimento. Mas isso não significa que devamos considerar um dogma em nosso trabalho o estreito praticismo realista de alguns militantes do Partido. O sadio senso prático tem o seu valor, mas, se perde de vista as perspectivas do trabalho e se não subordina o seu trabalho à linha fundamental do Partido, converte-se num estôrvo. Por outro lado, não é difícil compreender que o

problema do desvio direitista é um problema que afeta à linha fundamental de nosso Partido, o problema de saber se é certa ou errada a perspectiva de desenvolvimento traçada pelo nosso Partido, no seu XV Congresso.

Também não têm razão os camaradas que, ao analisar o problema do desvio de direita, tornam-no mais agudo, por que o localizam nas pessoas que representam o desvio. Apontai os direitistas e os conciliadores, dizem êsses camaradas, dissei-nos quem são, para podermos ajustar nossas contas. E' errada essa maneira de se colocar o problema. Naturalmente, as pessoas têm a sua importância nesse caso. Mas não se trata das pessoas e, sim, das condições, da situação que gera um perigo de direita dentro do Partido. Poderíamos afastar as pessoas que representam êsse perigo; mas isso não extirparia, em sua raiz, o perigo direitista em nosso Partido. Assim, a questão das pessoas não resolve o problema, embora tenha um interesse indubitável. A propósito disso, não podemos deixar de recordar um episódio ocorrido em Odessa, em fins de 1919 e princípios de 1920, quando as nossas tropas, cômicos de expulsar os denikistas da Ucrânia, esmagaram os últimos restos das tropas de Denikin, na região de Odessa. Uma parte dos combatentes do Exército Vermelho dedicou-se tenazmente a procurar, em Odessa, a Entente, convencida de que se a encontrasse, acabaria a guerra. (*Grandes risadas.*) Imaginemos que os combatentes do Exército Vermelho tivessem encontrado, em Odessa, algum representante da Entente. Indubitavelmente, não teriam resolvido o problema da Entente, uma vez que suas raízes não estavam em Odessa, mas no capitalismo mundial, embora aquêle fôsse o último território ocupado pelas forças de Denikin. O mesmo pode-se dizer a respeito de alguns de nossos camaradas que, frente ao problema do desvio de direita, dirigem as armas contra as pessoas que encarnam êste desvio, sem se preocupar com as condições que o engendram.

Por isso, em primeiro lugar, temos que expor o problema das condições que deram origem ao desvio de direita, e também ao de "esquerda" (trotskista) da linha leninista.

O desvio direitista do comunismo, *sob as condições do capitalismo*, é a tendência, a propensão de uma parte dos comunistas — certamente ainda não definida, e talvez ainda não consciente disso, mas que, apesar de tudo, existe — a afastar-se da linha revolucionária do marxismo, inclinando-se para o lado da social-democracia. Quando certos círculos comunistas negam a oportunidade da palavra de ordem de "classe contra classe", na luta eleitoral (na França) ou se manifesta contrária a que o Partido Comunista apresente uma candidatura independente (na Inglaterra) ou não quer tornar mais agudo o problema da luta contra a social-democracia de "esquerda" (na Alemanha), etc., etc., isso quer dizer que, dentro do Partido Comunista existem pessoas que tentam adaptar o comunismo ao social-democratismo. A vitória do desvio de direita nos Partidos Comunistas dos países capitalistas equivaleria ao rebaixamento ideológico dos Partidos Comunistas e a um enorme fortalecimento do social-democratismo. E que significa êste fortalecimento do social-democratismo? Significa reforçar e fortalecer o capitalismo, pois a social-democracia é o principal sustentáculo do capitalismo dentro da

classe operária. A vitória do desvio de direita nos Partidos Comunistas dos países capitalistas conduziria, portanto, ao aumento das condições necessárias para a *perpetuação* do capitalismo.

O desvio de direita do comunismo, *sob as condições do desenvolvimento soviético*, onde o capitalismo já foi derrotado, mas ainda não totalmente extirpado em suas raízes, é a tendência, a propensão de uma parte dos comunistas — certamente ainda não definida e talvez ainda não consciente disso, mas que, apesar de tudo, existe — a afastar-se da linha geral de nosso Partido, inclinando-se para o lado da ideologia burguesa. Quando alguns de nossos círculos comunistas tentam fazer com que nosso Partido volte atrás e não aplique as resoluções do XV Congresso, negando a necessidade de uma ofensiva contra os elementos capitalistas do campo, ou exigindo uma diminuição de ritmo de desenvolvimento da nossa indústria, por entender que seu ritmo atual de desenvolvimento é prejudicial ao nosso país, ou negando a conveniência de estabelecer subvenções do Estado para os kolrózes e soverrózes, por acreditar que seria dinheiro jogado fora, negando a conveniência da luta contra o burocratismo, luta essa baseada na auto-crítica, por acreditar que a auto-crítica prejudica o nosso aparelho, exigindo que se suavise o monopólio do comércio exterior, etc., etc., isto quer dizer que, ns fileiras de nosso Partido há pessoas que — talvez, mesmo sem dar conta do que fazem, — tentam adaptar a obra de nossa construção socialista, aos desejos e às necessidades da burguesia “soviética”. A vitória do desvio de direita em nosso Partido equivaleria a fortalecer, em enormes proporções, os elementos capitalistas de nosso país. E que significa fortalecer os elementos capitalistas de nosso país? Significa debilitar a ditadura do proletariado e fortalecer as possibilidades de restauração do capitalismo. A vitória do desvio de direita, em nosso Partido, significaria, portanto, o amadurecimento das condições necessárias *para a restauração* do capitalismo em nosso país.

Existem, em nosso País Soviético, condições que tornem *possível* a restauração do capitalismo? Sim, existem. Talvez isso pareça estranho, mas é um facto, camaradas. Derrubamos o capitalismo, implantamos a ditadura do proletariado e desenvolvemos, com ritmo acelerado, a nossa indústria socialista, com ela articulando a economia agrária. Mas ainda não extirpamos as raízes do capitalismo. Aonde se escondem essas raízes? Escondem-se na produção de mercadorias, na pequena produção da cidade e, principalmente, na pequena produção do campo. A força do capitalismo reside, como diz Lênin, na força da *pequena produção*. Porque ainda ficou no mundo, infelizmente, muita pequena produção e esta *engendra* o capitalismo e a burguesia, cada dia, cada hora, constantemente, por um processo espontâneo e em massa” (Lênin, t. XXV, pág. 173, *O Extremismo...*). E’ evidente que, enquanto a pequena produção tenha, em nosso país, proporções vastas e até um caráter predominante, e enquanto *engendre* o capitalismo e a burguesia, de modo constante e em massa, principalmente sob as condições da NEP, existem em nosso país condições que tornam *possível* a restauração do capitalismo.

Existem, em nosso país, no País Soviético, os meios e as forças necessários para destruir e liquidar a *possibilidade* da restauração do

capitalismo? Sim, existem. E é nisso, precisamente, que se baseia a justeza da tese de Lênin sobre a *possibilidade* de se construir na URSS uma sociedade socialista completa. Para isso, é necessário garantir a ditadura do proletariado, fortalecer a aliança da classe operária com a classe camponesa, desenvolver nossos quadros de direção no que se refere à industrialização do país, forçar um ritmo rápido de desenvolvimento, na indústria, eletrificar o país, reconstruir toda a nossa economia nacional sobre uma nova base técnica, organizar a cooperação em massa entre os camponeses e elevar o rendimento de sua economia, unificar paulatinamente as explorações camponesas individuais em explorações coletivas, desenvolver os soviets, cercar e eliminar os elementos capitalistas da cidade e do campo, etc., etc.

Eis o que diz Lênin a este respeito:

"Enquanto vivermos num país de pequena economia camponesa, o capitalismo, na Rússia, terá uma base mais sólida que o comunismo. E' preciso não perder isso de vista. Todo aquele que observe atentamente a vida do campo, comparando-a com a vida da cidade, sabe que não extirpamos as raízes do capitalismo, nem eliminamos o seu fundamento, a base em que se apóia o inimigo interno. Ele se apóia na pequena economia, e, para esmagá-lo, só existe um meio: reconstruir a economia do país, inclusive a agricultura, sobre uma nova base técnica, sobre a base técnica da grande produção moderna. E esta base só pode ser a eletricidade. O comunismo é o Poder Soviético, mais a eletrificação de todo o país. Do contrário, o país continuará sendo um país de pequena economia camponesa, e é preciso que tenhamos bastante consciência disso. Somos mais débeis do que o capitalismo, não só no plano mundial como também dentro do país. Isso todos já o sabem. Capacitando-nos disso, organizamo-nos no sentido de substituir a base econômica da pequena economia camponesa pela grande indústria. Só quando o país estiver eletrificado e quando a indústria, a agricultura e o transporte tiverem como base a técnica da grande indústria moderna, só então teremos triunfado por completo." (Lênin, t. XXVI, págs. 46-47, discurso pronunciado no VIII Congresso dos Soviets de toda a Rússia, *Sobre as tarefas do Conselho de Comissários do Povo.*)

Daí se conclue, em primeiro lugar, que, enquanto vivermos num país de pequena economia camponesa, enquanto não tivermos extirpado as raízes do capitalismo, o capitalismo terá em nosso país uma base econômica mais sólida que o comunismo. Pode acontecer que se derrube a árvore sem arrancar as suas raízes, por não se dispôr de forças bastantes para isso. E é precisamente desse ponto que se deduz a *possibilidade* da restauração do capitalismo em nosso país.

Pelo que dissemos, conclue-se, em segundo lugar, que, além da possibilidade de restauração do capitalismo, existe também, em nosso país, a *possibilidade da vitória do socialismo*, já que podemos destruir a *possibilidade* de restauração do capitalismo, podemos extirpar as raízes do capitalismo e conseguir o triunfo completo sobre o capitalismo, o que será alcançado se empregarmos um grande esforço para concretizar a eletrificação do país, se dermos à indústria, à agricultura e ao trans-

porte a base técnica da grande indústria moderna. E é precisamente daí que se deduz a *possibilidade* da vitória do socialismo em nosso país.

Conclue-se, finalmente, do que dissemos, que não é possível construir o socialismo apenas na indústria, deixando que a agricultura se desenvolva espontaneamente, e aceitando o ponto de vista de que o campo "seguirá, por si mesmo", a cidade. A existência de uma indústria socialista na cidade é o factor fundamental para a transformação socialista do campo. Mas isso não quer dizer que este factor seja suficiente. Para que a cidade socialista possa arrastar consigo o campo até o fim, é necessário, como diz Lênin, "reconstruir a economia do país, *inclusive a agricultura* (*) sobre uma nova base técnica, sobre a base técnica da grande produção moderna."

Não estará essa citação de Lênin em contradição com outro trecho de suas obras, no qual diz que "a NEP, nos garantirá plenamente a *possibilidade* de lançar as bases da economia socialista"? Não; não existe essa contradição. Longe disso, ambos os trechos coincidem inteiramente. Lênin não afirma, absolutamnete, que a Nep nos leve ao socialismo completo. Diz apenas que a Nep nos garantirá a *possibilidade* de lançar as bases da economia socialista. Mas, entre a *possibilidade* de construir o socialismo e a sua *construção efetiva*, há uma grande diferença. Não se deve confundir a possibilidade com a realidade: E é precisamente para converter essa possibilidade em realidade, que Lênin propõe, no trecho citado, a eletrificação do país e o estabelecimento da base técnica da grande indústria moderna para a indústria, a agricultura e o transporte, como condição da vitória definitiva do socialismo.

O que não é possível é realizar, num ou dois anos, esta condição necessária para a construção do socialismo. Não é possível, num ou dois anos, industrializar o país, construir uma indústria potente, organizar a cooperação de muitos milhões de camponeses, dar uma nova base técnica à agricultura, unificar as explorações camponesas individuais em grandes explorações coletivas, desenvolver os soverrôzes, cercear e eliminar os elementos capitalistas da cidade e do campo. Para isso, são necessários anos e anos de intenso trabalho construtivo da ditadura do proletariado. E enquanto isso não fôr feito — e não o será de uma hora para outra — continuaremos sendo um país de pequena economia camponesa, em que a pequena produção engendrará, constantemente e em massa, o capitalismo e a burguesia, e onde continuará a manifestar-se o perigo de uma restauração do capitalismo. E como o proletariado não vive no vacuo, mas dentro da vida real e concreta, os elementos burgueses, em toda a sua variedade, surgindo à base da pequena produção, "por todos os lados, cercam o proletariado de elementos pequeno-burgueses, impregnam-no desses elementos, e dêsse modo desmoralizam-no, provocando constantemente no seio do proletariado uma onda de pusilanimidade pequeno-burguesa, de desagregação, de individualismo, de oscilações entre a exaltação e o abatimento". (Lênin, t. XXV, pág. 189, *O Extremismo...*), e assim infundem, no seio do proletariado e no seu Partido, algumas vacilações, uma certa indecisão.

(*) Grifado por Stálin.

Aí se encontra a raiz e a base de toda a espécie de vacilações e desvios da linha leninista, nas fileiras de nosso Partido.

E aí está por que não se pode considerar banal o problema do desvio direitista ou "esquerdista", dentro de nosso Partido.

Em que consiste o perigo do desvio de *direita*, decididamente oportunista, dentro do nosso Partido? Consiste em *desprezar* a força de nossos inimigos, a força do capitalismo, em não perceber o perigo da restauração do capitalismo, em não compreender a mecânica da luta de classes, nas condições da ditadura do proletariado, razão pela qual, é levado, com bastante facilidade a fazer concessões ao capitalismo, exigindo que se diminua o ritmo de desenvolvimento da nossa indústria, exigindo que se favoreça os elementos capitalistas da cidade e do campo, exigindo que se deixe em segundo plano o problema dos kolrózes e dos sovrózes, exigindo que se restrinja o monopólio do comércio exterior, etc., etc. Indubitavelmente, a vitória do desvio de direita, em nosso Partido, desencadearia as forças do capitalismo, minaria as posições revolucionárias do proletariado e aumentaria as probabilidades da restauração do capitalismo em nosso país.

Em que consiste o perigo do desvio de "esquerda" (trotskista) dentro do nosso Partido? Consiste em *exagerar* a força dos nossos inimigos, a força do capitalismo, em não ver senão a possibilidade da restauração do capitalismo, sem considerar, em troca, a possibilidade da construção do socialismo com as forças de nosso país; e, ainda, consiste em se deixar levar ao desespero, procurando consolo nas divagações sobre o terrorismo de nosso Partido. Das palavras de Lênin: "enquanto vivermos num país de pequena economia camponesa, o capitalismo, na Rússia, terá uma base econômica mais sólida que o comunismo", dessas palavras, os desviados de "esquerda" tiram a falsa conclusão de que, na URSS, em termos gerais, não é possível construir o socialismo, de que nada se conseguirá dos camponeses, de que a aliança da classe operária com os camponeses é uma idéia condenada ao fracasso, de que, se não vierem, imediatamente, em nosso auxílio, as revoluções triunfantes nos países ocidentais, a ditadura do proletariado na URSS submergirá ou degenerará; de que, se não fôr aceito um plano fantástico de super-industrialização, implantado mesmo que para isso seja necessário romper com os camponeses, pode-se dar como fracassada a causa do socialismo na URSS. Daí o aventureirismo na política dos desviados de "esquerda". Daí os saltos "mortais" que eles dão em política. Sem dúvida, a vitória do desvio de "esquerda", em nosso Partido, levaria à ruptura da classe operária com a sua base camponesa, à ruptura da vanguarda da classe operária com o resto da massa operária e, consequentemente, à derrota do proletariado, facilitando, assim, o reforçamento das condições necessárias para a restauração do capitalismo.

Como vedes, ambos os perigos, o de "esquerda" e o de direita, que são desvios da linha leninista, o desvio de direita e o de "esquerda", levam, embora partindo de extremos diferentes, ao mesmo resultado.

Qual desses dois perigos é o maior? Creio que ambos são maiores. A diferença entre estes dois desvios, do ponto de vista da luta incessante contra eles, está em que o desvio de "esquerda" é mais evidente, neste

momento, para o Partido, que o desvio de direita. O facto de estarmos já há vários anos, lutando intensamente contra o desvio de "esquerda" não poderia, naturalmente, deixar de influir em nosso Partido. Evidentemente, durante os anos da luta contra o desvio "esquerdista", trotskista, o Partido aprendeu bastante e já não é fácil enganá-lo com frases "esquerdistas". O perigo de direita, que já existia anteriormente, e que agora se manifesta, com maior evidência, como consequência do fortalecimento dos elementos pequeno-burgueses, relacionados à crise do abastecimento do ano passado, creio que é menos claro para certos setores de nosso Partido. Por isso, sem atenuar num só grau a luta contra o perigo "esquerdista", trotskista, o problema consiste em acentuar a luta contra o desvio da direita, tomando tôdas as medidas necessárias para conseguir que êsse perigo fique tão claro para o Partido, como o é o perigo trotskista.

O problema do desvio de direita não se colocaria para nós com caráter tão agudo como o que hoje apresenta, se não estivesse relacionado com o problema das *dificuldades* que encontramos no nosso desenvolvimento. Mas o facto é que precisamente a existência do desvio de direita complica as dificuldades do nosso desenvolvimento e impede a superação dessas dificuldades. Precisamente por isso, porque o perigo diretista entorpece a luta pela superação dessas dificuldades, é que o problema da liquidação do perigo de direita se apresenta tão importante para nós.

Duas palavras sobre o caráter de nossas dificuldades. Convém ter sempre presente que nossas dificuldades não supõem estagnação ou decadência. Existem dificuldades relacionadas com a decadência da economia e com a sua paralização, casos em que nos esforçamos para conseguir que o retardamento seja menos nocivo e a decadência da economia menos profunda. Mas as nossas dificuldades nada tem a ver com isso. O traço característico de nossas dificuldades consiste em que são dificuldades de *desenvolvimento*, dificuldades de crescimento. Quando falamos em dificuldades, queremos-nos referir, de modo geral, à percentagem de crescimento de nossa indústria, à percentagem de *aumento* da superfície de sementeira, à quantidade de *puds* que é preciso acrescentar na colheita, etc., etc. E é precisamente por que as nossas dificuldades são dificuldades de desenvolvimento e não dificuldades de retardamento e decadência, que não deveriam representar um perigo para o Partido. Mas, apesar de tudo, as dificuldades são dificuldades. E, para que as possamos vencer, é preciso pôr em ação tôdas as forças, e como são necessárias tôda a firmeza e tenacidade, e não são todos que possuem essas qualidades, em grau suficiente, talvez devido ao cansaço ou ao desânimo, ou porque muitos aspiram a uma vida tranquila, sem lutas e agitações, por tudo isso é que se verificam as vacilações e as dúvidas, as inclinações para a linha que exija menos resistência, as divagações sobre a necessidade de atenuar o ritmo do desenvolvimento da indústria, de facilitar a vida dos elementos capitalistas, a negação da necessidade de existirem os kolrózes e os soverrózes e, em geral, a negação de tudo o que ultrapasse os limites da rotina habitual e tranquila e do trabalho quotidiano. Mas não poderemos nunca avançar, sem vencer as dificuldades que se interpõem em nosso caminho. E para vencer essas

dificuldades, devemos, em primeiro lugar, acabar com o perigo de direita, vencer o desvio direitista, que entrava a luta contra as dificuldades e procura minar a vontade de nosso Partido na luta que empreendeu para vencer essas dificuldades. E, ao dizer isso, refiro-me, naturalmente, à luta real, e não à luta verbal, sobre o papel, contra o desvio de direita. Em nosso Partido, existem pessoas que estão dispostas, para tranquilizar as suas consciências, a proclamar a luta contra o perigo de direita, à maneira dos padres, quando cantam "aleluia, aleluia!", mas sem aplicar nenhuma, absolutamente nenhuma medida prática para pôr em ação a luta contra o desvio direitista e para vencê-lo de modo prático. Esta tendência é a que chamamos de tendência *conciliadora*, com relação ao desvio de direita, e é francamente oportunista. Não é difícil compreender que a luta contra essa corrente conciliadora faz parte integrante da luta contra o desvio direitista, contra o perigo de direita, pois é impossível vencer o desvio direitista, oportunista, sem lutar sistematicamente contra os conciliadores, que acolhem no seu regaço os oportunistas.

O problema das pessoas que servem como agentes do desvio direitista é, naturalmente, interessante, embora não seja o principal. Já tivemos ocasião de encontrar agentes do perigo direitista nas organizações de base de nosso Partido, no ano passado, por ocasião da crise do aprovisionamento de cereais, quando toda uma série de comunistas dos distritos rurais e das aldeias se opuseram à política do Partido, e trabalharam em prol da aliança com os elementos *kulaks*. Como sabeis, esta espécie de elementos foi eliminada de nosso Partido na primavera deste ano, facto que é recordado especialmente, no conhecido documento do C.C. do nosso Partido, publicado em fevereiro do corrente ano. Mas, seria errado dizer que, no Partido, não existem mais elementos dessa espécie. Se observarmos as organizações das comarcas e das províncias, do Partido, e procurarmos examinar cuidadosamente o aparelho dos Soviets e das cooperativas, descobriremos também aí, sem grande esforço, os agentes do perigo direitista e que procuram uma acomodação com eles. São conhecidas as "cartas", "declarações" e outros documentos de ativistas de nosso Partido e dos Soviets, nos quais se exprime, de modo bastante concreto, a tendência para o desvio direitista. Como sabeis, essas cartas e documentos foram citados na ata do Pleno no C.C., de julho. Mas, se remontarmos ainda mais longe, teremos que reconhecer que também dentro do Comité Central se encontram alguns elementos, embora em número pouco considerável, que se mantêm em atitude conciliadora em relação ao perigo de direita. A ata do Pleno do C.C., em julho, é um testemunho direto desse facto. E no Bureau Político? Existe no Bureau Político algum desvio? Não; em nosso Bureau Político não existem direitistas, nem "esquerdistas", nem conciliadores com uma ou outra tendência. E é necessário que isso fique assentado aqui, da maneira mais categórica. Já é hora de acabar com os cochichos que circulam, por aí, na boca dos que odeiam o Partido e de toda a espécie de elementos da oposição, dizendo que no Bureau Político de nosso C.C. existe um desvio direitista ou uma atitude conciliadora para com eles.

Existiram vacilações e dúvidas na organização de Moscou ou no seu órgão dirigente, o Comité de Moscou? Sim; existiram. Seria tolice

querer afirmar, agora, que não existiram essas dúvidas e vacilações. O discurso de Penkov é testemunho sincero e direto desse facto. Penkov não é um militante de última hora, na organização e no Comité de Moscou. E já escutastes como reconheceu êle, clara e francamente, os seus erros frente a toda uma série de problemas importantíssimos da política de nosso Partido. Isso não significa, naturalmente, que todo o Comité de Moscou se tenha deixado levar por essas vacilações. Absolutamente. Documentos como a circular, dirigida em outubro desse ano, pelo Comité de Moscou, aos afiliados dessa organização, demonstra, de modo indiscutível, que o Comité de Moscou conseguiu superar as vacilações de alguns de seus membros. E não duvido que o núcleo dirigente do Comité de Moscou conseguirá melhorar definitivamente a situação.

Alguns camaradas sentem-se chocados, diante do ato de terem interferido, nesse assunto, as organizações partidárias das regiões vizinhas, as quais colocaram o problema da necessidade de acabar com os erros e as vacilações desse ou daquele dirigente da organização de Moscou. Não consigo compreender qual a razão desse aborrecimento. Que há de mau no facto de que as assembléias de ativistas da circunvizinhança da organização de Moscou tenham elevado a voz, exigindo a liquidação dos erros e vacilações? Então, nosso trabalho não se desenvolve sob o signo da auto-crítica a começar por baixo? Não é então um facto que a auto-crítica estimula a atividade da base do Partido e da massa proletária em geral? Que há de ruim ou de perigoso no facto de que os ativistas dos arredores tenham demonstrado estar à altura da situação?

O C.C. agiu acertadamente interferindo nessa questão? Creio que sim, que o C.C. agiu acertadamente. Bersin acredita que o C.C. agiu muito bruscamente, ao colocar o problema da destituição de um dos dirigentes das organizações circunvizinhas, contra o que se manifestou a respectiva organização do partido. Mas isso é completamente falso. Eu poderia lembrar a Bersin alguns episódios dos anos de 1919 e 1920, nos quais certos membros do C.C., que cometeram erros, a meu ver, não muito graves, com relação à linha do Partido, sofreram penalidades, por proposta de Lênin, tendo um deles sido enviado ao Turkestão enquanto outro esteve a ponto de ser expulso do C.C. Tinha razão Lênin, ao proceder assim? Sim, creio que tinha toda a razão. Naquele tempo, a situação do C.C. não era igual à de hoje. A metade do C.C. era trotskista e não existia uma situação firme nem mesmo no próprio C.C. Hoje, o C.C. age de modo incomparavelmente mais suave. Por que? Será por que pretendemos ser mais benignos do que Lênin? Não; nada disso. O que acontece é que, hoje, a situação do C.C. é mais firme do que então e isso permite ao Comité Central agir com mais benevolência. E Sakharov não tinha razão também ao afirmar que o C.C. não interveiu com a devida rapidez. Não tinha razão porque, ao que parece, êle ignora que a intervenção do C.C. de facto, vem desde fevereiro deste ano. Se quizer, Sakharov pode convencer-se disso. E' certo que a intervenção do C.C. não deu logo resultados positivos. Mas não seria justo culpar o Comité Central por essa demora.

Conclusões: 1) o perigo direitista representa grave perigo para o nosso Partido, pois tem suas raízes na situação económico-social de nosso

país; 2) o perigo do desvio direitista recrudesce diante da existência de dificuldades que não se podem vencer enquanto não se vencer o desvio direitista e a tendência conciliadora, com êle relacionada; 3) na organização de Moscou, houve vacilações e dúvidas, houve condições de instabilidade; 4) o núcleo do Comité de Moscou, com o auxílio do C.C. e dos ativistas da circunvizinhança, tomou todas as medidas necessárias para acabar com as vacilações; 5) não há dúvida que o Comité de Moscou continuará a se sobrepor aos erros anteriormente criticados; 6) a tarefa consiste em liquidar a luta interna, em conseguir fundir num só bloco a organização de Moscou e em levar a cabo, com êxito, a reeleição das direções das células na base de uma ampla auto-crítica. (*Aplausos.*)

● ●

A ARTE DA DIREÇÃO — “A arte da direção — escreveu Stálin — é uma coisa séria. Não se pode ficar à retaguarda do movimento, já que retardar-se significaria afastar-se das massas. Mas tão pouco deve-se adiantar, já que isto significaria perder os laços com as massas. Quem quiser dirigir o movimento e conservar simultaneamente os vínculos com as massas de milhões deve lutar em duas frentes: contra os que se retardam e também contra os que se adiantam.” (Stálin, *Problemas do leninismo*, pág. 304, ed. russa.)

●

A REVOLUÇÃO DE OUTUBRO E A TÁTICA DOS COMUNISTAS RUSSOS — Em dezembro de 1924, apareceu o conhecido trabalho de Stálin, *A Revolução de Outubro e a Tática dos Comunistas Russos*. Fundamentando nesse trabalho a tese leninista sobre a vitória do socialismo num só país, Stálin demonstrou que era necessário distinguir dois aspectos desta questão: o interno e o internacional. O aspecto interno refere-se às relações entre as classes dentro do país que constrói o socialismo; o aspecto internacional, às relações entre a U.R.S.S. — no momento, é o único país do socialismo — e o cerco capitalista. Os operários e camponeses da U.R.S.S. podem superar as dificuldades interiores por suas próprias forças, podem vencer totalmente sua burguesia no terreno econômico e construir uma sociedade socialista completa. Enquanto existir, porém, o cerco capitalista, continuará existindo também o perigo de uma intervenção capitalista contra a U.R.S.S. e de restauração do capitalismo. Para eliminar este perigo, é necessário acabar precisamente com o cerco capitalista e só é possível conseguir isso como resultado de uma revolução proletária vitoriosa pelo menos em alguns países. Só, então, a vitória do socialismo na U.R.S.S. poderá ser considerada completa e definitiva.

SÔBRE O DESVIO DIREITISTA NO PARTIDO COMUNISTA (BOLCHEVIQUE) DA U.R.S.S.

Resumo do discurso pronunciado no Pleno do
C. C. do P. C. (b) da U. R. S. S., em abril de 1929.

I

MUDANÇAS DE SITUAÇÃO DAS CLASSES E AS NOSSAS DIVERGENCIAS

Em que consistem nossas divergencias e com que problemas se relacionam? Estão relacionadas, antes de mais nada, com o problema da mudança de situação das classes, que, nestes ultimos tempos, se vem processando em nosso país e nos países capitalistas. Alguns camaradas pensam que as divergencias existentes no nosso Partido são apenas casuais. Isso é errado, camaradas; absolutamente errado. As divergencias existentes no seio de nosso Partido, obedecem a essas transformações das classes, a esse recrutamento da luta de classes, que se vem produzindo nestes ultimos tempos e determinam uma mudança na marcha das coisas. O erro fundamental do grupo Burrárin consiste em não ver essas modificações e essa mudança, em não vê-las e não querer supô-las. Assim se explica, principalmente, a sua incompreensão no que se refere às novas tarefas do Partido e da Internacional Comunista, incompreensão que constitue o traço característico da nova oposição.

Não tendes observado, camaradas, como em seus discursos no Pleno do C. C. ante a Comissão Central de Controle os dirigentes da nova oposição esqueceram por completo o problema da mudança da situação das classes ocorrido em nosso país e não disseram uma palavra sequer sobre o recrutamento da luta de classes, nem mesmo aludiram de passagem ao facto das nossas divergencias estarem vinculadas, precisamente, a este recrutamento da luta de classe? Falaram de tudo; falaram de filosofia e de teoria; mas não disseram uma só palavra dessas transformações das classes, que determinam a orientação e a atuação pratica de nosso Partido no actual momento. Como se explica esse facto tão estranho? Talvez por esquecimento? Naturalmente que não! Os politicos não podem esquecer-se das coisas fundamentais. A explicação está em que não vêem e não compreendem os novos processos revolucionarios que se estão produzindo, na actualidade, tanto em nosso país como nos países capitalistas. A explicação está em que passam por alto sobre o fundamental, passam por alto sobre essas transformações das classes, que um politico não tem o direito de omitir. Assim se explica, principalmente, a perplexidade e o desajustamento de que dá provas a nova oposição frente às novas tarefas de nosso Partido.

Recordai os ultimos acontecimentos verificados em nosso Partido. Recordai as palavras de ordem que nosso Partido lançou nestes ultimos tem-

pos, em relação aos novos deslocamentos das classes havidos em nosso país. Refiro-me às palavras de ordem como a da "autocrítica", como a do "recrudescimento da luta contra a burocracia e da depuração do aparelho sovietico", a da "organização de novos quadros economicos e de especialistas vermelhos", a do "fortalecimento do "movimento kolróziano e soverróziano", a da "ofensiva contra o kulak", a da "redução do preço de custo" e a do "melhoramento geral na atuação pratica dos sindicatos", a da "depuração do Partido", etc. Para alguns de nossos camaradas essas palavras de ordem pareceram desconcertantes e surpreendentes. E' evidente que estas palavras de ordem são, entretanto, as mais necessarias e as mais atuais do Partido.

Tudo começou quando, em relação ao processo de Charti, colocamos sob aspecto moderno o problema dos novos quadros da economia, o problema da formação dos especialistas vermelhos, saídos da classe operaria, para substituir os velhos tecnicos. Que revelava o processo de Charti? Revelava que a burguesia não estava absolutamente esmagada; que organizava e continuaria organizando a sabotagem contra a nossa obra de edificação economica; que nossas organizações economicas e sindicais, e inclusive parte de nossas organizações do Partido, não percebiam o trabalho de sapa de nossos inimigos de classe, e que, portanto, era necessario fortalecer e aperfeiçoar as nossas organizações por todos os meios e contribuindo com todas as suas forças, e, finalmente, desenvolver e fortalecer a sua vigilancia de classe.

E, em relação a isso, tornava-se mais premente o problema da palavra de ordem de "auto-critica". Por que? Porque não é possivel aperfeiçoar nossas organizações economicas, sindicais e do Partido, não é possivel fazer progredir a construção do socialismo e pôr um fim à sabotagem da burguesia, sem desenvolver, em toda a sua amplitude, a critica e a auto-critica, sem colocar sob o controle das massas a atuação de nossas organizações. Com efeito, a sabotagem manifestava-se e continua a manifestar-se, não só nas regiões produtoras de carvão, como também no ramo da metalurgia, da industria de guerra, no Commissariado das Vias de Comunicação, na industria do ouro e da platina, etc., etc. Daí a palavra de ordem sobre a auto-critica.

Além disso, em relação às dificuldades do aprovisionamento de cereais e à atuação dos "kulaks" contra a politica sovietica dos preços, demos maior importancia à tarefa de desenvolver por todos os meios a criação dos kolrózes e soverrózes, o problema da ofensiva contra o "kulak" e da organização do aprovisionamento dos cereais, mediante a pressão sobre os elementos "kulaks" e os elementos remediados do campo. Que revelavam as dificuldades do aprovisionamento dos cereais? Revelavam que o "kulak" não estava dormindo, antes crescia, organizava o trabalho de sapa contra a politica do Poder Sovietico e que as nossas organizações de partido, sovieticas e cooperativas, ou, pelo menos, parte delas, não enxergavam o inimigo, ou se adaptavam a ele em vez de combatê-lo.

Daí a intensificação da palavra de ordem de auto-critica, da palavra de ordem de fiscalização e aperfeiçoamento de nossas organizações de partido, organizações cooperativas e de organizações de aprovisionamento em geral.

Além disso, com relação às novas tarefas de reconstrução de nossa indústria e de nossa agricultura, na base do socialismo, surgia a palavra de ordem de reduzir sistematicamente o preço de custo, de fortalecer a disciplina do trabalho, de desenvolver a emulação socialista, etc. E essas tarefas exigiam a revisão de toda a atuação prática dos sindicatos e do aparelho soviético, exigiam que se reerguessem radicalmente essas organizações e que se as depurasse dos elementos burocráticos.

Dai a intensificação da palavra de ordem da luta contra o burocratismo, nos sindicatos e no aparelho soviético.

E, finalmente, surgia o problema da palavra de ordem sobre a depuração do Partido. Seria ridículo pensar na possibilidade de fortalecer nossas organizações soviético-econômicas, sindicais e cooperativas, na possibilidade de limpá-las da sujeira do burocratismo, sem depurar o próprio Partido. Não há dúvida que os elementos burocráticos se escondem, não só nas organizações econômicas e cooperativas, soviéticas e sindicais, como também nas organizações do próprio Partido. E, se o Partido é a força dirigente de todas essas organizações, evidentemente a depuração do Partido constitui a premissa obrigatória, sem a qual não se pode levar a cabo o reerguimento e o aperfeiçoamento de todas as outras organizações da classe operária. Dai a palavra de ordem sobre a depuração do Partido.

São casuais essas palavras de ordem? Não; não são casuais. Vós mesmo podeis verificar que não o são. Essas palavras de ordem são "os elos indispensáveis de uma corrente ininterrupta que se chama — ofensiva do socialismo contra os elementos capitalistas".

Estas palavras de ordem, antes de tudo, estão ligadas ao período da reconstrução da nossa indústria e da nossa agricultura, à base do socialismo. Que significa a reconstrução da economia nacional à base do socialismo? Significa a ofensiva do socialismo contra os elementos capitalistas da economia nacional, em todos os sectores. É o passo mais sério da classe operária de nosso país em direção à construção do socialismo. Mas, para realizar essa reconstrução, é preciso, em primeiro lugar, aperfeiçoar e fortalecer os quadros dos construtores do socialismo, tanto os econômicos, os soviéticos e os sindicais, como os cooperativos e os do Partido, sendo, também, necessário ajustar todas as nossas organizações, curá-las de seus vícios, redobrar a atividade das massas de milhões de homens da classe operária e do campesinato.

Além disso, essas palavras de ordem estão ligadas ao facto da resistência dos elementos capitalistas da economia nacional contra a ofensiva do socialismo. O chamado processo de Charti não pode ser considerado como um fenómeno fortuito. Os "tipos — de Charti" estão hoje em todos os ramos de nossa indústria. Muito deles foram presos, mas não o foram todos, nem aproximadamente. A sabotagem dos especialistas burgueses é uma das formas mais perigosas da resistência contra o socialismo que avança. E esta sabotagem é tanto mais perigosa quanto se encontra ligada ao capital internacional. A sabotagem burguesa é prova indiscutível de que os elementos capitalistas não se renderam totalmente, mas, ao contrário, acumulam forças para lançar-se a novas ofensivas contra o Poder Soviético. No que se refere aos elementos capitalistas do campo, há menos razões ainda para ser considerada, como fenómeno fortuito, a atitude dos

"kulaks" contra a politica sovietica dos preços, attitude que eles vêm mantendo, desde já há alguns anos. Até hoje, muitos ainda não explicam o facto de que os "kulaks" tenham entregue, espontaneamente, o seu trigo até 1927 e de que, a partir desta data, tenham deixado de fazê-lo também espontaneamente. Mas esse facto nada tem de surpreendente. Se, antes, o "kulak" era relativamente debil e não tinha a possibilidade de organizar seriamente sua economia, não contava com bastante capital para fortalece-la, o que o obrigava a lançar ao mercado todo ou quasi todo o excedente de sua produção de cereais, agora, depois de uma serie de anos de boas colheitas, depois de conseguir organizar sua economia e de acumular o capital necessario, já conta com a possibilidade de manejar com o mercado, com a possibilidade de, armazenando o trigo, que é o equivalente dos equivalentes, formar uma reserva pessoal, e, sendo assim, prefere levar ao mercado carne, aveia, cevada e outros artigos de segunda categoria. Seria ridiculo pensar, hoje em dia, que o "kulak" nos entregará o trigo voluntariamente. Aí é que se encontra a raiz da resistencia que o "kulak actualmente opõe ao Poder Sovietico.

E que significa a resistencia dos elementos capitalistas da cidade e do campo contra a offensiva do socialismo? Significa o reagrupamento das forças dos inimigos de classe do proletariado, que se propõem como objetivo defender o velho regime contra o povo. E' facil compreender que este facto fará recrudescer forçosamente a luta de classes. Mas, a fim de esmagar a resistencia dos inimigos de classe e de limpar o caminho para os avanços do socialismo, é preciso, alem de outras coisas, depurar todas as nossas organizações, limpa-las do burocratismo, melhorar seus quadros e mobilizar as massas de milhões de homens da classe operaria e das camadas trabalhadoras rurais contra os elementos capitalistas da cidade e do campo.

Eis aí a modificação da situação das classes em que se baseiam as atuais palavras de ordem do nosso Partido.

O mesmo pode dizer-se sobre as modificações das classes nos países capitalistas. Seria ridiculo pensar que a estabilização do capitalismo continua inalteravel. E ainda mais ridiculo seria afirmar que a estabilização está garantida, que permanece solidamente. Na realidade, a estabilização do capitalismo está se corroendo e enfraquecendo, cada mês e cada dia que passa. O recrudescimento da luta pelos mercados e pelas materias primas, o aumento da produção de armamentos, o aprofundamento do antagonismo entre os Estados Unidos e a Inglaterra, o desenvolvimento do socialismo na U. R. S. S., a radicalização da classe operaria dos países capitalistas, a onda de greves e de lutas de classes nos países europeus, o incremento do movimento revolucionario nas colonias, inclusive a Índia, o desenvolvimento do comunismo, em todos os países do mundo, são factos que revelam de maneira indiscutivel que, nos países do capitalismo, estão amadurecendo os elementos de um novo ascenso revolucionario.

Daí a tarefa de se intensificar a luta contra a social-democracia e, principalmente, a luta contra a sua ala "esquerda", que é o sustentaculo social do capitalismo. Daí a tarefa de intensificar, no seio dos Partidos Comunistas, a luta contra os seus elementos de direita, como agentes da influencia social-democrata. Daí a tarefa de se intensificar a luta contra as tendencias conciliadoras relacionadas à luta contra o desvio direitista, tenden-

cias em que se refugia o oportunismo, nos Partidos Comunistas. Daí a palavra de ordem de depurar de suas tradições social-democratas os Partidos Comunistas. E daí a chamada nova tática comunista nos sindicatos. Alguns camaradas não compreendem o sentido e o significado destas palavras de ordem. Mas os marxistas saberão sempre que, sem levar à prática essas palavras de ordem, não será possível preparar as massas proletárias para as novas lutas de classe, não será possível derrotar a social-democracia, não será possível seleccionar os verdadeiros dirigentes do movimento comunista, capazes de levarem a classe operária à luta pela derrubada do capitalismo.

Eis aí, camaradas, as mudanças de situação das classes em nosso país e nos países capitalistas, das quais derivam as atuais palavras de ordem de nosso Partido, tanto na linha de sua política interna, como na linha da Internacional Comunista.

Nosso Partido verifica essas modificações na situação das classes, compreende a importância das novas tarefas e mobiliza as forças para realizá-las. Por isso, enfrenta os acontecimentos munido de todas as armas. Por isso, não teme as dificuldades com que se depara, uma vez que está preparado para vencê-las.

A infelicidade da nova oposição, a infelicidade do grupo Burrárin, consiste em não ver esses deslocamentos das classes, em não compreender as novas tarefas do Partido. E' precisamente por isso, por que não as compreende, que se sente surpreendido, disposto a evitar as dificuldades, a retroceder frente a elas, a abandonar suas posições.

Já vistes alguma vez como os pescadores governam um barco, durante um temporal, num rio caudaloso, como, por exemplo, o Yenisei? Eu já os vi diversas vezes. Alguns pescadores, quando se aproxima a tormenta, concentram todas as suas forças, animam seus homens, e, com audácia, enfrentam o temporal: "Animo, rapazes, agarrai bem o leme e cortai as ondas, que já sairemos lá adiante!". Mas existe outra classe de pescadores que quando pressentem o temporal, desanimam, começam a se lamentar e desmoralizam o seu próprio pessoal: "Que desgraça, o temporal se aproxima! Encolhei-vos no fundo da barca, rapazes, e cerrai os olhos que, talvez, as ondas nos levem até a barra!" (Risos). Creio que não preciso deter-me para demonstrar que a atitude e a conduta do "grupo" Burrárin se parece, como uma gota de água a outra gota de água, com a atitude e a conduta da segunda especie de pescadores, aqueles que se deixam cair em pânico frente às dificuldades.

Dissemos que, na Europa, estão amadurecendo as condições para um novo ascenso revolucionário e que este facto nos impõe novas tarefas, no que se refere ao fortalecimento da luta contra os desvios de direita nos Partidos Comunistas e à expulsão dos desviados de direita do seio destes Partidos, no que se refere ao fortalecimento da luta contra os conciliadores que protegem os desviados de direita, ao fortalecimento da luta contra as tradições social-democratas dentro dos Partidos Comunistas, etc., etc. Mas Burrárin responde-nos que tudo isso é tolice, que não é justo nós impormos essas novas tarefas e que, na realidade, todo o problema se reduz a que a maioria do Comité Central deseja "meter-se" com ele, isto é, com Burrárin.

Dissemos que as modificações na situação das classes em nosso país nos impõem novas tarefas, exigem uma redução sistemática do preço de custo e o fortalecimento da disciplina de trabalho nas empresas e que é impossível pôr em prática essas tarefas sem modificar radicalmente toda a atuação prática dos sindicatos. Mas Tomski responde-nos que tudo isso são tolices, que não é justo que sejam impostas essas novas tarefas e que, na realidade, todo o problema se reduz a que a maioria do Comité Central deseja "meter-se" com ele, isto é, com Tomski.

Dissemos que a reconstrução da economia nacional nos impõe novas tarefas quanto ao fortalecimento da luta contra o burocratismo do aparelho soviético e econômico, quanto à depuração, neste aparelho, dos elementos podres e estranhos, sabotadores, etc., etc. Mas Rikov responde-nos que tudo isso são tolices, que não é justo que sejam impostas essas novas tarefas e que, na realidade, todo o problema se reduz a que a maioria do Comité Central deseja "meter-se" com ele, isto é, com Rikov.

Isso não é ridículo, camaradas? Não é evidente que Burrárin, Tomski e Rikov não enxergam um palmo adiante de seus narizes?

A desgraça do grupo Burrárin consiste em que não vê as novas modificações da situação das classes nem compreende as novas tarefas do Partido. E é precisamente por isso, por que não as compreende, que se vê obrigado a ir a reboque dos acontecimentos e a capitular diante das dificuldades.

Eis onde se encontra a raiz de nossas divergências.

II

DIVERGENCIAS NO QUE SE REFERE A INTERNACIONAL COMUNISTA

Eu já disse que Burrárin não vê nem compreende as novas tarefas que se impõem à Internacional Comunista no que se refere à expulsão dos elementos de direita dos Partidos Comunistas, mantendo à distância os conciliadores e depurando de tradições social-democratas os Partidos Comunistas, tarefas que são impostas pelas condições do novo ascenso revolucionário, que está amadurecendo. Esta tese foi plenamente confirmada nas nossas divergências, quanto aos problemas da Internacional Comunista.

Como começaram as divergências neste terreno?

Começaram com as teses de Burrárin sobre a situação internacional, apresentadas no VI Congresso. A praxe, a que se costumava obedecer, era a de que as teses fossem examinadas previamente na delegação do P.C.(b) da U.R.S.S., ao mesmo tempo que às delegações estrangeiras do VI Congresso. E estas teses não eram satisfatórias numa série de pontos. A delegação do P.C.(b) da U.R.S.S. teve que introduzir-lhes umas 20 emendas.

Esta circunstância contribuiu para tornar a situação de Burrárin um tanto desagradável. Mas de quem era a culpa? Por que enviou Burrárin suas teses às delegações estrangeiras antes que fossem examinadas pela delegação do P. C. (b) da U. R. S. S.? Poderia esta delegação abster-se

de nelas introduzir emendas uma vez que as teses não eram satisfactorias? Daí resultou que a delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. apresentou umas teses sobre a situação internacional que eram, no fundo, novas e que as delegações estrangeiras foram confrontando com as velhas teses apresentadas por Burrárin. Evidentemente, essa situação pouco agradável não teria ocorrido se Burrárin não se tivesse precipitado em enviar as suas teses às delegações estrangeiras.

Citarei quatro emendas fundamentais, introduzidas nas teses de Burrárin pela delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. À luz dessas emendas fundamentais, tornar-se-á mais claro o carater das divergências existentes, no que se refere aos problemas da Internacional Comunista.

O "primeiro problema" era o do carater da estabilização do capitalismo. Nas teses de Burrárin, consta que, nos tempos atuais, não existe nenhum factor novo que abale a estabilização capitalista, mas que, ao contrario, o capitalismo está se "refazendo" e se mantém, no que é essencial, mais ou menos "solido". Evidentemente, a delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. não podia cingir-se a esta caracterização do chamado terceiro periodo, isto é, o periodo que estamos atravessando. Não podia aceita-la, porque, se tivesse conservado essa caracterização do terceiro periodo, teria fornecido aos nossos criticos a oportunidade de dizer que nos situavamos do ponto de vista do chamado "saneamento" do capitalismo, isto é, do ponto de Hilferding, ponto este em que os comunistas não se podem colocar. Por este motivo, a delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. introduziu uma emenda fazendo ressaltar que a estabilização do capitalismo não pode ser solida, mas que se degenera e continuará se degenerando, com o decorrer dos acontecimentos ao se intensificar a crise do capitalismo mundial. Esse problema, camaradas, é de importancia decisiva para todas as secções da Internacional Comunista. A attitude dos Partidos Comunistas, no seu trabalho politico diario, depende do facto de se considerar que a estabilização capitalista ou se está degenerando ou se está fortalecendo. A posição tactica dos Partidos Comunistas depende de se saber se atravessamos um periodo de descenso do movimento revolucionario ou um periodo de simples concentração de forças, ou, então, se vivemos num periodo de amadurecimento das condições para um novo ascenso revolucionario, um periodo de preparação da classe operaria para as futuras lutas de classe. A emenda propôsta pela delegação do P. C. (b) da U. R. S. S., em seguida aceita pelo Congresso, era justa, precisamente porque defendia uma posição clara, que aceita a segunda perspectiva, a perspectiva do amadurecimento das condições de um novo ascenso revolucionario.

O "segundo problema" era o da luta contra a social-democracia. Nas teses de Burrárin constava que a luta contra a social-democracia é uma das tarefas fundamentais das secções da Internacional Comunista. Isso é, naturalmente, certo. Mas não é o suficiente. Para lutar com exito contra a social-democracia é necessario intensificar a luta contra a chamada ala "esquerda" da social-democracia. Contra essa ala "esquerda" que, jogando com frases "esquerdistas" e, desse modo, enganando habilmente os operarios, consegue rete-los nas hostes da social-democracia. E' evidente que, sem lutar contra os social-democratas de "esquerda", é impossivel vencer a social-democracia em geral... Pois bem: nas teses de Burrárin nada cons-

tava a respeito do problema da social-democracia de "esquerda" o que, naturalmente, constitui uma grande falha, razão pela qual, a delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. teve que introduzir nessa tese uma emenda, a qual foi imediatamente aceita pelo Congresso.

O "terceiro problema" era o dos conciliadores no seio das secções da Internacional Comunista. Nas teses de Burrárin considerava-se a necessidade de se lutar contra os desviados de direita, mas não se dizia nem uma palavra sobre a maneira de combater os que adotam uma atitude conciliatória em relação à esses desvios. Isso, naturalmente, representa uma grande falha. O caso é que, quando se declara guerra aos desviados de direita, estes se escondem, geralmente, atrás dos conciliadores e colocam o Partido numa situação difícil. Para impedir essa manobra dos desviados de direita, é preciso levantar o problema da luta decidida contra os conciliadores. Por isso, a delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. considerou necessário introduzir, na tese de Burrárin, a respectiva emenda, que foi imediatamente aceita pelo Congresso.

O "quarto problema" era o da disciplina. Nas teses de Burrárin nada havia sobre a necessidade de se manter uma disciplina ferrea dentro dos Partidos Comunistas. Era essa também uma grande falha. Por que? Porque, no período do fortalecimento da luta contra o desvio de direita, no período da aplicação da palavra de ordem que recomenda a depuração dos elementos oportunistas dos Partidos Comunistas, os desviados de direita se organizam, geralmente, em frações e estabelecem sua própria disciplina fracionista, rompendo e violando a disciplina do Partido. Para manter o Partido livre dessas atividades fracionistas dos desviados de direita, é preciso colocar o problema de uma disciplina ferrea dentro do Partido e da necessidade de que os membros do Partido a ela se submetam, incondicionalmente. Sem esse requisito, não se pode nem pensar em manter uma luta decidida contra o desvio direitista. Por esse motivo, a delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. introduziu nas teses de Burrárin mais uma emenda, que também foi aceita pelo VI Congresso.

Poderíamos deixar de acrescentar essas emendas às teses de Burrárin? E' claro que não. Os antigos, ao se referirem ao filosofo Platão, diziam: "Somos amigos de Platão, mas somos mais amigos da verdade". Pois bem, o mesmo podemos dizer de Burrárin: somos amigos de Burrárin, mas somos mais amigos ainda da verdade, do Partido, da Internacional Comunista. Por esse motivo, a delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. sentiu-se na obrigação de apresentar as emendas citadas às teses de Burrárin.

Essa foi, por assim dizer, "a primeira etapa de nossas divergências" quanto aos problemas da Internacional Comunista.

A "segunda etapa de nossas divergências" está relacionada com o caso que se conhece sob o nome de Wittorf e Thaelmann. Wittorf era o secretário da organização de Hamburgo e, tendo sido acusado de desviar fundos do Partido, foi expulso do mesmo. Os conciliadores do Comitê Central do Partido Comunista da Alemanha aproveitaram-se das relações existentes entre Wittorf e Thaelmann para fazerem recair as consequências da conduta do primeiro sobre o segundo, embora ele nada tivesse a ver com esse assunto e começaram a atacar a direção do Partido Comunista alemão. Seguramente, já sabeis pela imprensa que os conciliadores Ewert e Ger-

hardt conseguiram arrastar consigo, durante algum tempo, a maioria do Comitê Central do Partido Comunista da Alemanha contra o camarada Thaelmann. E que aconteceu, então? Afastaram Thaelmann da direção do Partido e começaram a acusa-lo de corrupção, principiando por publicar uma resolução "adequada" ao caso, sem que o Comitê Executivo da Internacional Comunista dela tivesse conhecimento e a aprovasse. Desse modo, em vez de cumprir as normas do VI Congresso da I. C. sobre a luta contra os conciliadores, em vez de lutar contra o desvio direitista e contra os conciliadores, na realidade violaram, descaradamente, essas normas e lutaram contra a direção revolucionária do Partido Comunista alemão, contra o camarada Thaelmann, luta essa que tinha por objetivo "encobrir" o desvio direitista e "fortalecer" os conciliadores dentro das fileiras dos comunistas alemães.

Pois bem; em lugar de voltar atrás e corrigir a situação, em lugar de restabelecer, em seu pleno vigor, as normas do VI Congresso que haviam sido violadas, chamando à ordem os conciliadores, Burrárin propõe, em sua conhecida carta, que se "aprove" o golpe de Estado dos conciliadores, que se entregue a eles o Partido Comunista da Alemanha e que o camarada Thaelmann seja novamente difamado pela imprensa, publicando-se ainda uma outra declaração sobre a sua culpabilidade. E a isso se chama "dirigir" a Internacional Comunista! Que "dirigentes"!

O Comitê Central, depois de examinar a proposta de Burrárin, recusou-a. Isso, naturalmente, não agradou a Burrárin. Mas, de quem era a culpa? As resoluções do VI Congresso não foram aprovadas para serem desrespeitadas, e, sim, para serem cumpridas. E, se o VI Congresso resolveu declarar guerra aos desviados de direita e aos conciliadores, mantendo na direção do Partido Comunista da Alemanha seu núcleo fundamental, com o camarada Thaelmann à frente, e se os conciliadores Ewert e Gerhardt resolveram contrariar essa resolução, o dever de Burrárin era o de chamar à ordem os conciliadores e de entregá-los à direção do Partido Comunista da Alemanha. A culpa cabia a Burrárin que se "esquecia" das resoluções do VI Congresso.

A "terceira etapa de nossas divergências" relaciona-se com o problema da luta contra os direitistas dentro do Partido Comunista da Alemanha, com o problema do esmagamento da fração Brandler e Talheimer e a expulsão, do Partido Comunista alemão dos líderes dessa fração. A "posição" de Burrárin e de seus amigos, frente a esse problema cardinal, consistia em fugir constantemente do problema. Tratava-se, no fundo, do problema do destino do Partido Comunista da Alemanha. Burrárin e seus amigos, sabendo disso, passavam, entretanto, o tempo contornando o assunto e fugindo sistematicamente ao dever de assistir às reuniões dos respectivos organismos. Por que? Talvez para poderem apresentar-se como "inocentes", tanto na Internacional Comunista, como na direita do Partido Comunista alemão, para que mais tarde pudessem dizer: "Não fomos nós, os burrarinistas, mas a maioria do Comitê Central, que impôs a expulsão de Brandler e Talheimer do Partido Comunista". E a isso se chama lutar contra o perigo de direita!

Finalmente, "a quarta etapa de nossas divergências" é a que está relacionada com a exigência de Burrárin, formulada ante o Pleno de no-

vembro, do C. C., no sentido de que Neumann fosse chamado da Alemanha e de que se criticasse o camarada Thaelmann, o qual, num de seus discursos, havia criticado, segundo sua opinião, o informe de Burrárin, no VI Congresso. Naturalmente, não podíamos atender à exigência de Burrárin, não tendo, como não tínhamos, em nossas mãos, nenhum documento que o justificasse. Burrárin comprometeu-se a apresentar documentos contra Neumann e Thaelmann. Mas não os apresentou. Em vez de apresentar esses documentos, enviou aos membros da delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. o conhecido discurso de Humbert-Droz, pronunciado diante do secretariado político do Comité Executivo da I. C., aquele mesmo discurso que o Presidium do Comité Executivo da I. C. qualificou de oportunista. Enviando este discurso aos membros da delegação do P. C. (b) da U. R. S. S. e recomendando-o como material contra Thaelmann, Burrárin pretendia demonstrar a razão de sua exigência ao pedir que Neumann fosse chamado da Alemanha e que se criticasse o camarada Thaelmann. Mas, na realidade, com essa atitude, demonstrava apenas sua solidariedade com Humbert-Droz, cuja posição foi caracterizada, pelo Comité Executivo da I. C., como oportunista.

E aí estão, camaradas, os principais pontos de nossas divergências no que se refere aos problemas da Internacional Comunista.

Burrárin pensa que, ao lutarmos contra o desvio direitista e contra os conciliadores que a protegem dentro das secções da Internacional Comunista, ao depurarmos o Partido Comunista alemão e o Partido Comunista Checoslovaco de elementos e tradições social-democratas, ao eliminarmos do Partido Comunista Brandler e Talheimer, estamos apenas "desagregando" e "arruinando" a Internacional Comunista. Nós, pelo contrario, pensamos que, ao manter essa politica, ao enfrentar o problema da luta contra os desviados de direita e os conciliadores que os protegem, o que fazemos é fortalecer a Internacional Comunista, depura-la de oportunistas, tornar bolcheviques as suas secções e ajudar os Partidos Comunistas a prepararem a classe operaria para as lutas revolucionarias que se aproximam.

Como vedes, não são simples questões de **nuanças** no seio do C. C. do P. C. (b) da U. R. S. S., mas discrepancias bastante serias que afetam os problemas cardiais da politica da Internacional Comunista.

III

DIVERGENCIAS EM MATERIA DE POLITICA INTERNA

Já me referi, mais atrás, às mudanças de posição das classes e à luta de classes dentro de nosso país. Já afirmei que o grupo Burrárin está cego e não vê essas modificações de posição das classes, nem compreende as novas tarefas do Partido. E afirmei também que isso é que coloca nessa posição desconcertante a nova oposição, isso a faz recluir as dificuldades e dispor-se a capitular frente a elas. Não se pode dizer que estes erros da nova oposição tenham caído do céu. Longe disso, estão relacionados com essa fase de desenvolvimento que acabamos de atravessar e à qual se dá o

nome de período de “restauração” da economia nacional, durante o qual o trabalho de edificação marchava, pela via pacífica, de modo automatico, por assim dizer, não existindo ainda essas mudanças de posição das classes que agora existem, nem mesmo existindo esse aguçamento da luta de classes com a qual nos defrontamos no momento presente. Mas, hoje, encontramos-nos numa nova fase de desenvolvimento, diferente do período anterior, do período da restauração. Hoje, encontramos-nos num novo período de edificação que é o da “reconstrução” de toda a economia nacional sobre a base do socialismo. Este novo período provoca novas modificações de posição das classes, novo aguçamento na luta de classes. E este novo período exige novos métodos de luta, o reagrupamento de nossas forças, o aperfeiçoamento e o fortalecimento de todas as nossas organizações. A desgraça do grupo Burrárin consiste, precisamente, em que vive no passado, em que não percebe os traços característicos deste novo período, nem compreende a necessidade de aplicar novos métodos de luta. Daí sua cegueira, seu descontrole, seu pânico diante das dificuldades.

a) Sobre a luta de classes

Em que consiste a base teórica dessa cegueira e desse descontrole do grupo Burrárin?

Creio que a base teórica dessa cegueira e desse descontrole, é o modo errado, não marxista, que Burrárin usa ao abordar o problema da luta de classes, em nosso país. Ao dizer isso, quero referir-me à teoria marxista de Burrárin sobre a evolução dos “kulaks” para o socialismo e à sua incompreensão da mecânica da luta de classes sob a ditadura do proletariado.

O conhecido trecho do folheto de Burrárin, intitulado “O caminho para o socialismo” e que já foi aqui citado diversas vezes, refere-se à evolução dos “kulaks” para o socialismo. Mas alguns trechos foram citados com algumas mutilações. Permiti-me que os cite integralmente. É necessário que assim se faça, camaradas, para evidenciar até que ponto Burrárin se afasta da teoria marxista da luta de classes. Escutai:

“A rede fundamental de nossas organizações cooperativas camponesas será formada por celulas cooperativas sem os “kulaks”, celulas “de trabalho”, que evoluirão até o nosso sistema de órgãos gerais de Estado e, desse modo, se converterão “em elos da cadeia geral da economia socialista”. Por outro lado, os “ninhos cooperativos dos “kulaks” evoluirão também, exatamente, do mesmo modo”, através dos bancos, etc., “para esse sistema”; mas serão, “até certo ponto, um corpo estranho, no estilo das empresas de concessão, por exemplo”. (*)

Ao citar esse trecho de Burrárin, alguns camaradas omitiram, por sua conta e risco, a última parte, que fala das concessões. Rosit, indubitavelmente no empenho de ajudar Burrárin, aproveitou-se disso e gritou do seu assento que se viciava o texto de Burrárin. É notável que o efeito de toda essa citação está precisamente nessa última parte, referente às concessões, pois, se se coloca no mesmo plano os concessionários e os “kulaks” e se diz que

(*) Grifado por Stálin.

estes evoluirão para o socialismo, a que conclusões se chega? Só se pode chegar a uma conclusão e esta é: os concessionários também evoluirão para o socialismo, os que evoluem até o socialismo não são apenas os "kulaks", mas também os concessionários, (Risos).

Tal é a conclusão a que se chega.

Rosit — Mas Burrárin diz que serão "um corpo estranho".

Stálin — Burrárin não diz que serão "um corpo estranho", mas que serão "até certo ponto, um corpo estranho". Isto é, que os "kulaks" e os concessionários são, "até certo ponto", um corpo estranho dentro do sistema do socialismo. Mas o erro de Burrárin consiste, precisamente, em acreditar que os "kulaks" e os concessionários, sendo, "até certo ponto", um corpo estranho, evoluirão, apesar de tudo, para o socialismo. Eis a que absurdo leva a teoria de Burrárin. Os capitalistas da cidade e do campo, os "kulaks" e os concessionários, evoluindo para o socialismo! Eis até que ponto foi Burrárin. Não, camaradas: não é esse "socialismo" de que nós necessitamos. Que Burrárin fique com ele se quiser!

Até agora, nós, os marxistas-leninistas, sempre pensamos que, entre os capitalistas da cidade e do campo, de um lado, e, de outro lado, a classe operária, existe um antagonismo "irreconciliável" de interesses. E é precisamente nisso que se baseia a teoria marxista da luta de classes. Mas, agora, segundo a teoria de Burrárin, sobre a "evolução pacífica" dos capitalistas para o socialismo, acontece que tudo vira de cabeça para baixo, desaparece o antagonismo irreconciliável entre os interesses de classe dos exploradores e dos explorados e os exploradores evoluem para o socialismo.

Rosit — Isso não é certo, pois pressupõe-se a ditadura do proletariado.

Stálin — Mas a ditadura do proletariado é a forma mais aguda da luta de classes.

Rosit — E é essa justamente a questão.

Stálin — E, pelo que diz Burrárin, chega-se à conclusão de que os capitalistas evoluirão até mesmo à ditadura do proletariado. Não sei por que Rosit não o compreende. Contra quem se lutaria, contra quem se dirigiria essa forma de luta de classes, a mais aguda de todas, se os capitalistas da cidade e do campo evoluíssem para o sistema da ditadura do proletariado? A ditadura do proletariado é necessária para manter uma luta irreconciliável contra os elementos capitalistas, para esmagar a burguesia e extirpar as raízes do capitalismo. Se os capitalistas da cidade e do campo, se os "kulaks", os concessionários, evoluem para o socialismo, para que serve a ditadura do proletariado? E, se serve para alguma coisa, serve para esmagar a que classe?

Rosit — O caso está em que, precisamente, de acordo com Burrárin, essa evolução pressupõe a luta de classes.

Stálin — Pelo que vejo, Rosit determinou-se a defender Burrárin. Mas presta-lhe um fraco serviço, pois, querendo salva-lo, na realidade só o ajuda a afogar-se, irremediavelmente. Bem diz o refrão que "um urso amigo é o pior dos inimigos". (Grandes risos).

Só existem duas soluções: ou existe entre a classe capitalista e a classe operária no poder, e que implantou a sua ditadura, um antagonismo irreconciliável de interesses, ou não existe esse antagonismo irreconciliável de

interesses, e, nesse caso, só nos faltará proclamar a harmonia dos interesses de classe.

Ou a teoria marxista da luta de classes, ou a teoria da evolução dos capitalistas para o socialismo. Ou o antagonismo irreconciliável dos interesses de classe, ou a teoria da harmonia dos interesses de classe. Só existe uma solução.

"Socialistas" do tipo de Brentano ou de Sidney Webb, que pregam a evolução do socialismo para o capitalismo e do capitalismo para o socialismo, pode-se ainda compreender, pois estes "socialistas" são, no fundo, anti-socialistas, são uns burgueses liberais. Mas não se pode compreender aqueles que, desejando passar por marxistas, pregam a teoria da evolução dos capitalistas para o socialismo.

Em seu discurso, Burrárin tentou reforçar a teoria da evolução dos "kulaks" para o socialismo, referindo-se a um conhecido trecho de Lênin. E, assim procedendo, afirmou que Lênin diz "exatamente a mesma coisa" que Burrárin. É falso, camaradas. Isto é uma tolice e uma calúnia intolerável contra Lênin. Eis o texto de Lênin:

"Naturalmente, em nossa Republica Soviética, o regime social baseia-se na colaboração de duas classes, os operários e os camponeses, colaboração essa na qual se admite também, sob algumas condições, os "nepman", isto é, a burguesia". (Lênin, t. XXVII, pag. 405, "Como reorganizar a Inspeção operária e camponesa").

Como vêdes, nesse trecho, nada consta sobre a evolução dos capitalistas para o socialismo. A única coisa que diz é que "admitimos" também, na colaboração entre os operários e camponeses, "sob algumas condições", os "nepman", isto é, a burguesia. Que significa isso? Quer isso dizer, porventura, que admitimos a possibilidade de que os "nepman" evoluam para o socialismo? Naturalmente que não. Esta citação só pode ser assim interpretada por quem tenha perdido a vergonha. Lênin quer dizer, simplesmente, que "por enquanto", não destruimos a burguesia, que, "por enquanto", não lhe confiscamos os bens, mas permitimos que continue a existir, sob algumas condições, isto é, sempre e quando se submeta sem reservas às leis da ditadura do proletariado ou, o que quer dizer a mesma coisa, mediante o cerceamento progressivo dos capitalistas, cerceamento cuja finalidade é a sua eliminação gradual da economia nacional. Pode-se exterminar os capitalistas e extirpar as raízes do capitalismo, sem uma feroz luta de classes? Não, não se pode. Pode-se destruir as classes, aceitando a teoria e a prática da evolução dos capitalistas para o socialismo? Não, não se pode. Essa teoria e essa prática só servem para perpetuar e estimular as classes, pois essa teoria é contrária à doutrina da luta de classes. Pois bem; a citação de Lênin baseia-se, de modo absoluto e integral, na teoria da luta de classes, sob a ditadura do proletariado. Que pode haver de comum entre a teoria de Burrárin sobre a evolução dos "kulaks" para o socialismo e a teoria de Lênin sobre a ditadura do proletariado, como a forma mais intensiva da luta de classes? Evidentemente, entre uma e outra não existe a menor afinidade. Burrárin entende que, sob a ditadura do proletariado, a luta de classes deve se "extinguir e desaparecer", para poder fazer extinguir as classes. Ao contrario, Lênin ensina que as classes

só podem ser destruídas por meio de uma luta de classes tenaz, luta que, sob a ditadura do proletariado, é "ainda mais feroz" do que antes.

"A destruição das classes — diz Lênin — é a consequência de uma longa, difícil e tenaz "luta de classes", que não "desaparece" (como o afirmam algumas mediocres personagens do velho socialismo e da velha social-democracia) "depois" da derrota do poder do capital, "depois" da destruição do Estado burguês, "depois" da implantação da ditadura do proletariado, mas se limita a mudar de forma, tornando-se, em muitos aspectos, ainda mais encarniçada". (Lênin, t. XXIV, pag. 315, "Uma saudação aos operários húngaros").

Eis o que diz Lênin sobre a destruição das classes.

Destruição das classes "por meio de uma implacável luta de classes do proletariado": esta é a fórmula de Lênin.

Destruição das classes "por meio da extinção da luta de classes e da evolução dos capitalistas para o socialismo": esta é a fórmula de Burrárin.

Que pode haver de comum entre estas duas fórmulas? Evidentemente, entre elas não pode haver a menor afinidade.

A teoria burrrarinista da evolução dos "kulaks" para o socialismo equivale, portanto, ao abandono da teoria marxista-leninista da luta de classes e a uma aproximação com a teoria do socialismo de catedra.

E' neste ponto que se encontra a raiz de todos os erros de Burrárin e de seus amigos.

Poder-se-á objetar que não vale a pena perder mais tempo a criticar a teoria burrrarinista da evolução dos "kulaks" para o socialismo, uma vez que ela mesmo fala — e não só fala como clama — contra Burrárin. Mas isso não é certo, camaradas. Enquanto esta teoria permanecia oculta, não se devia prestar-lhe atenção, uma vez que não poucas tolices desse genero aparecem nos artigos de alguns camaradas. E, com efeito, até ultimamente, não prestávamos atenção a essa teoria de Burrárin. Mas, ultimamente, a situação mudou um pouco. Os elementos pequeno-burgueses, que começaram a pulular nos últimos anos, principiaram a dar vida a essa teoria anti-marxista, emprestando-lhe um caráter de atualidade. Hoje, já não é possível dizer que essa teoria permanece oculta. Hoje, essa absurda teoria de Burrárin pretende ser a bandeira do desvio direitista de nosso Partido, a bandeira do oportunismo. Por isso, já não podemos deixá-la de lado, mas temos o dever de destruí-la como uma teoria falsa e prejudicial, para facilitar a tarefa dos nossos camaradas de Partido na luta contra o desvio de direita.

b) Sobre o recrudescimento da luta de classes

O segundo erro de Burrárin, que deriva do primeiro, consiste no modo errado, não marxista, de abordar o problema do aguçamento da luta de classes, do reforçamento da resistência dos elementos capitalistas contra a política socialista do Poder Soviético. Do que se trata? Trata-se do desenvolvimento mais rápido dos elementos capitalistas em comparação com o desenvolvimento do sector socialista de nossa economia, que lhes permite reforçar a sua resistência, minando as bases da construção socialista? Não, não se trata disso. E' também falso dizer que os elementos capitalistas se

desenvolvem mais rapidamente que o sector socialista. Se assim fosse, a construção socialista já estaria às bordas da ruína. O socialismo lança-se eficazmente à ofensiva, na luta contra os elementos capitalistas, o socialismo desenvolve-se "mais rapidamente" do que os elementos capitalistas, e, graças a isto, "diminui" a importância relativa dos elementos capitalistas, o que faz com que estes se encontrem em perigo mortal e redobrem sua resistência, é disso que se trata. E, no momento, ainda podem redobrar sua resistência, não só porque contam com o auxílio do capitalismo mundial, como porque, apesar da diminuição de sua importância relativa, e apesar da restrição de seu desenvolvimento relativo, comparado com o do socialismo, os elementos capitalistas continuam a desenvolver-se, de modo absoluto, o que lhes oferece certa oportunidade de acumular forças para opor-se ao desenvolvimento do socialismo. Nessa base é que se produzem, "numa determinada fase do desenvolvimento e sob determinadas condições da correlação de forças, a intensificação da luta de classes e o reforçamento da resistência dos elementos capitalistas da cidade e do campo. O erro de Burrárin e de seus amigos consiste em não compreenderem uma verdade tão simples e tão clara como esta. O seu erro consiste em abordar o problema, não de uma maneira marxista, mas à maneira de filisteus, tentando explicar o recrudescimento da luta de classes, por meio de toda a sorte de razões fortuitas, como, por exemplo, a "inepcia" do aparelho soviético, a política "imprudente" dos dirigentes locais, a "falta" de flexibilidade, os "exageros", etc.

Vejam, por exemplo, um trecho extraído do folheto de Burrárin intitulado: "O caminho para o socialismo", no qual se revela o modo absolutamente não marxista de encarar a questão do aguçamento da luta de classes:

"De vez em quando, a luta de classes, no campo, aparece em suas antigas formas de manifestação, e quem provoca este recrudescimento, comumente, são os "kulaks". Quando os "kulaks", por exemplo, ou as pessoas que tiram lucros à custa de outros e abriram caminho para os órgãos do Poder Soviético, começam a disparar contra os delegados rurais, isto significa uma manifestação da luta de classes em sua forma mais aguda. [Isso não é certo, pois a forma mais aguda de luta de classes é a insurreição, J. Stálin]. Mas esses casos acontecem, geralmente, lá onde o aparelho soviético é ainda debil. "À medida que se aperfeiçoa este aparelho", à medida que se fortalecem todas as células de base do Poder Soviético, à medida que se aperfeiçoam e se reforçam as organizações locais do Partido e das Juventudes nas aldeias, "essa especie de fenomenos" se produzirá cada vez mais raramente, como já se comprovou, e acabará "por desaparecer sem deixar rastros". (*)

Como vemos, segundo Burrárin, o recrudescimento da luta de classes explica-se por motivos cuja responsabilidade cabe ao aparelho soviético, pela aptidão ou ineptia, pela força ou debilidade de nossas organizações de base. De acordo com isso, a sabotagem dos tecnicos burgueses em Shakhhi, que é uma forma de resistência dos elementos da burguesia contra o Poder Soviético e uma forma de aguçamento da luta de classes, não se explica pela correlação das forças de classe ou pelo desenvolvimento do socialismo,

(*) Grifado por Stálin.

mas pela ineptia de nosso aparelho sovietico. Isto é, que até o momento em que se manifestou a sabotagem em massa no distrito de Shakhhti, nosso aparelho era bom, mas, depois, quando essa sabotagem se manifestou em massa, o aparelho começou a ser, por qualquer razão, completamente inutil. Isto é, até o ano passado, quando o abastecimento de viveres se realizava automaticamente e a luta de classes não se havia ainda intensificado de modo especial entre nós, nossas organizações locais eram boas e até mesmo ideais, mas, desde o ano passado, a partir do momento em que a resistência dos "kulaks" adquiriu formas especialmente agudas, nossas organizações começaram a ser más e absolutamente inúteis. Isso não é uma explicação, mas brincar com quem deseja obtê-la. Isso não é ciência e sim, charlatanice.

Como se explica esse aguçamento da luta de classes?

Explica-se por duas causas.

Em primeiro lugar, pelos nossos avanços, pela nossa ofensiva, pelo desenvolvimento da forma socialista da economia, tanto na industria, como na agricultura, desenvolvimento que é acompanhado pela eliminação correspondente dos respectivos grupos capitalistas da cidade e do campo. O ponto principal da questão consiste em que estamos vivendo sob a formula leninista de "quem vencerá a quem?"; ou nós fazemos cair por terra os capitalistas e lhes oferecemos, como dizia Lênin, batalha final e decisiva, ou eles é que nos farão cair por terra.

Em segundo lugar, pelo facto de que os elementos capitalistas não estão dispostos a retirar-se voluntariamente da cena, mas resistem e continuarão a resistir ao socialismo, pois pressentem que se aproximam seus ultimos dias de vida. E só podem oferecer essa resistencia enquanto, como acontece hoje, apesar da diminuição de sua importancia relativa, continuem a desenvolver-se em termos absolutos: a pequena burguesia, tanto a da cidade como a do campo, faz brotar de seu seio, como dizia Lênin, todos os dias e todas as horas, capitalistas grandes e pequenos, e estes elementos capitalistas utilizam todos os processos para defender sua existencia.

Jamais houve, na Historia, caso algum em que as classes moribundas se tenham retirado voluntariamente da cena, nunca se verificou, na Historia, um caso em que a burguesia agonizante não tenha apelado para todas as suas forças a fim de defender sua existencia. Mesmo que nosso aparelho sovietico de base seja bom ou seja mau, nossos avanços, nossa ofensiva, deterão os elementos capitalistas e os eliminarão, e estes, as classes agonizantes, resistirão, contra quem quer que seja, para não desaparecer.

Esta é a base social, da qual se origina o recrudescimento da luta de classes.

O erro de Burráin e de seus amigos consiste em identificar o aumento da resistencia dos capitalistas com o aumento da sua importancia relativa. Mas essa identificação não tem base alguma. Não tem base, porque, se os capitalistas resistem, isso não quer absolutamente dizer que sejam mais fortes do que nós. E' justamente o contrario. As classes agonizantes não resistem porque sejam mais fortes do que nós, mas porque o socialismo se desenvolve mais depressa do que elas, fazendo, assim, com que se debilem. E é precisamente por isso, porque sabem que são mais debeis, que elas pressentem que se aproximam de seus ultimos dias de existencia e se vêem forçadas a resistir, por todos os meios, com todas as suas forças.

Essa é a mecânica do aguçamento da luta de classes e da resistência dos capitalistas no atual momento histórico.

Qual deve ser a política do Partido, frente a esse estado de coisas?

A política do Partido deve ser a de por em guarda a classe operária e as massas exploradas do campo, elevar sua capacidade combativa e desenvolver a agilidade de mobilização para a luta contra os elementos capitalistas da cidade e do campo, para a luta contra os inimigos de classe que resistem. A teoria marxista-leninista da luta de classes é justa, entre outras coisas, porque facilita a mobilização da classe operária contra os inimigos da ditadura do proletariado.

Por que é prejudicial a teoria burrarinista da evolução dos capitalistas para o socialismo e a concepção burrarinista sobre o problema do aguçamento da luta de classes?

Porque entorpece a classe operária, porque dificulta a prestação de mobilização das forças revolucionárias de nosso país, desmobiliza a classe operária e facilita a ofensiva dos elementos capitalistas contra o Poder Soviético.

c) Sobre os camponeses

O terceiro erro de Burrárin está relacionado ao problema dos camponeses. Já sabemos que o problema dos camponeses é um dos problemas mais importantes de nossa política. Em nossas condições, a massa camponesa é formada por diversos grupos sociais, a saber: camponeses pobres, camponeses médios, e "kulaks". É lógico que nossa atitude frente a esses grupos não pode ser a mesma. Consideramos os camponeses pobres como o "sustentáculo" da classe operária, os camponeses médios como "aliados" e os "kulaks" como "inimigos de classe"; essa é a nossa atitude frente a esses grupos sociais. Tudo isso é lógico e bastante conhecido. Burrárin, entretanto, vê as coisas de outro modo. Na sua maneira de caracterizar os camponeses, desaparecem todas as diferenciações, desaparece a classificação em vários grupos sociais e resta apenas uma mancha cinzenta, chamada aldeia. De acordo com sua concepção, o "kulak" não é "kulak", o camponês médio não é camponês médio e na aldeia existe uma espécie de miséria generalizada. Com efeito, assim falou ele, aqui, no seu discurso: Nosso "kulak" pode ser chamado de "kulak"? Este "kulak" é um mendigo, disse ele, e nosso camponês médio parece-se em alguma coisa com um camponês médio?, perguntou Burrárin. É um mendigo, morto de fome. Não é preciso dizer que este modo de encarar o problema camponês é fundamentalmente falso e incompatível com o leninismo.

Lénin dizia que os camponeses são "a derradeira classe capitalista". É certa esta tese? Sim, é absolutamente certa. Por que são os camponeses considerados a derradeira classe capitalista? Porque das duas classes fundamentais que integram a nossa sociedade, os camponeses são a classe cuja economia se baseia na propriedade privada e na pequena produção de mercadorias. Porque os camponeses, enquanto forem camponeses, dedicados à pequena produção de mercadorias, engendrarão e não poderiam deixar de engendrar, constante e ininterruptamente, capitalistas. E este facto tem

para nós importancia decisiva, no que se refere à nossa atitude marxista frente ao problema da aliança da classe operaria com os camponeses. Isso quer dizer que o de que necessitamos não é de uma aliança "qualquer" com os camponeses, mas somente a "aliança" que se baseia na luta contra os elementos capitalistas do campo. Como vedes, a tese de Lênin sobre os camponeses como ultima classe capitalista, não só não contradiz a idéia da aliança da classe operaria com os camponeses, como, pelo contrario, dá a essa aliança uma base, dela fazendo uma aliança da classe operaria com os camponeses, dirigida contra os elementos capitalistas de nossa economia. Lênin estabeleceu esta tese para assinalar que a aliança da classe operaria com os camponeses só pode ser solida se essa luta se baseia contra esses elementos capitalistas que a massa camponesa engendra.

O erro de Burrárin consiste em não compreender nem admitir essa coisa tão simples, em esquecer-se dos grupos sociais existentes no campo, em ter perdido de vista os "kulaks" e os camponeses pobres, restando apenas uma massa difusa de camponeses medios. Indubitavelmente, isso é um desvio de Burrárin para a direita, em opposição ao desvio "esquerdista", trotskista, que não vê na aldeia senão os grupos sociais dos camponeses pobres e os "kulaks", deixando de ver, portanto, os camponeses medios.

Em que consiste a diferença entre o trotskismo e o grupo Burrárin, no que se refere ao problema da aliança com os camponeses? O trotskismo declara-se "contra" a politica de uma aliança "solida" com as massas de camponeses medios, enquanto que o grupo burrarinista é partidario de "qualquer" aliança com os camponeses. Não é preciso dizer que ambos os pontos de vista são falsos e que um vale tanto quanto o outro.

O leninismo defende, sem restrições, uma aliança solida com as grandes massas camponesas, uma aliança com os camponeses medios, mas não uma aliança qualquer, e sim uma aliança que assegure o "papel dirigente" da classe operaria, "fortaleça" a ditadura do proletariado e "facilite a obra da destruição das classes".

"Por acordo entre a classe operaria e os camponeses — diz Lênin — pode-se entender tudo. Se não se tem presente que, do ponto de vista da classe operaria, os acordos só são admissíveis, justos e possiveis em principio, quando ajudam a ditadura da classe operaria e quando são um dos meios utilizados para destruir as classes, nesse caso, a formula do acordo da classe operaria com os camponeses continua sendo, naturalmente, uma formula, que conserva com as suas proprias concepções todos os inimigos do Poder Sovietico e todos os inimigos da ditadura do proletariado" (Lênin, t. XXVI, pag. 387 "Sobre o imposto em especie").

E, mais adiante:

"Hoje — diz Lênin, — o proletariado tem em suas mãos o poder e o dirige. O proletariado dirige os camponeses. Que significa dirigir os camponeses? Em primeiro lugar, significa marchar para a destruição das classes e não para a pequena produção. Se nos desviassemos dessa linha fundamental e cardial, deixaríamos de ser socialistas e cairíamos no campo desses pequenos burgueses, no campo dos social-revolucionarios e mencheviques, que são, hoje, os piores inimigos do proletariado". (Obra citada, paginas 399-400).

Al está o ponto de vista de Lénin sobre o problema da aliança com as grandes massas camponesas, com os camponeses medios.

O erro do grupo Burrárin, com relação ao problema dos camponeses medios, consiste em que ele não vê o duplo carater, a dupla situação que o camponês medio ocupa entre a classe operaria e os capitalistas. "Os camponeses medios são uma classe vacilante", disse Lénin. Por que? Porque o camponês medio, por um lado, é um trabalhador, o que o leva para a classe operaria, mas, por outro, é um proprietario, e isto inclina-o para os "kulaks". Daí provém as vacilações do camponês medio. E isto não é certo apenas no campo da teoria. Estas vacilações manifestam-se tambem na pratica, todos os dias e todas as horas.

"O camponês — diz Lénin — como trabalhador, inclina-se para o socialismo, preferindo a ditadura dos operarios à ditadura da burguesia. Mas, como vendedor de seu trigo, o camponês inclina-se para a burguesia, para o comercio livre, ou, seja, volta os olhos para trás, para o capitalismo "habitual", para o velho capitalismo tradicional". (Lénin, tomo XXIV, pag. 314, "Uma saudação aos operarios hungaros").

Assim, a aliança com os camponeses medios somente pode ser uma aliança solida quando se dirige contra os elementos capitalistas, contra o capitalismo em geral, quando assegura o papel dirigente da classe operaria dentro dessa aliança e facilita a tarefa da destruição das classes.

E' estranho que o grupo Burrárin se esqueça de coisas tão simples e tão logicas.

d) Sobre a Nep e sobre o mercado

O quarto erro de Burrárin é o que se refere ao problema da Nep. Neste caso, o erro de Burrárin consiste em não ver o duplo carater da Nep, em ver apenas um de seus aspectos. Quando implantamos a Nep, em 1921, fizemo-lo contra o comunismo de guerra, contra o regime e a ordem social que excluíam a possibilidade de "toda" liberdade de comercio, "qualquer que ela fosse". Consideravamos e continuamos a considerar que a Nep significa uma "certa" liberdade comercial. Burrárin ressaltou este aspecto da questão. E fez muito bem. Mas Burrárin equivoca-se ao supor que a Nep se reduz a este aspecto. Esquece-se de que, nela, ha ainda um outro aspecto. O essencial da questão está em que a Nep não significa uma liberdade "completa" de comercio, o "livre" jogo dos preços no mercado. A Nep representa uma liberdade de comercio dentro de "certos" limites, dentro de um "certo" ambito, com a condição de que o Estado "assegure para si o papel de regulador no mercado". Nisto consiste, com efeito, o segundo aspecto da Nep. Aspecto que não é menos senão mais importante do que o primeiro. Em nosso país não existe a livre concorrência dos preços no mercado como costuma existir nos paises capitalistas. Nós determinamos, em linhas gerais, o preço do trigo. Determinamos os preços dos artigos industriais. Procuramos realizar uma politica de redução dos preços de custo e de diminuição dos preços dos artigos industriais, pretendendo manter estaveis os preços dos produtos agricolas. Não é evidente que este regime especial e especifico do mercado não existe em nenhum dos paises capitalistas?

Daí se conclue que, enquanto existir a Nep, devem ser mantidos também seus dois aspectos: o primeiro, dirigido contra o regime do comunismo de guerra e cuja finalidade é assegurar "certa" liberdade de comercio, e o segundo, dirigido contra a "completa" liberdade comercial e cuja finalidade é assegurar o papel regulador do Estado no mercado. Destruí um dos aspectos e a Nep desaparecerá.

Burrárin acredita que a Nep só é ameaçada pelo perigo de "esquerda", por parte dos que pretendem acabar com "toda" a liberdade de comercio. Isto é falso. Isto é um erro crasso. Atualmente, este perigo é, além disso, muito menos real, pois em nosso país não existe ou quase não existe, neste momento, em nossas organizações locais nem centrais, quem não compreenda a necessidade e a conveniencia de manter uma "certa" liberdade de comercio. Muito mais real é o perigo de direita, o perigo que provem dos que pretendem acabar com o papel regulador do Estado, no mercado, dos que pretendem "emancipar" o mercado e abrir, desse modo, uma nova era de completa liberdade de comercio. Não resta a menor duvida de que o perigo de ruptura da Nep, pela direita é, hoje, muito mais real. Convem não esquecer que os elementos pequeno-burgueses trabalham precisamente neste sentido, no sentido de quebrar a Nep pelo flanco direito. E convem também recordar que as lamentações dos "kulaks" e dos elementos remediados, que as lamentações dos especuladores e açambarcadores, sob a influencia dos quais se encontram, frequentemente, muitos de nossos camaradas, atacam a Nep precisamente por este flanco. O facto de Burrárin não ver este segundo perigo, verdadeiramente real, de ruptura da Nep, demonstra que Burrárin se encontra, fora de duvida, sob a pressão dos elementos pequeno-burgueses.

Burrárin recomenda a "normalização" do mercado e que se "manobre" com os preços de aprovisionamento do trigo por regiões, ou, seja, recomenda a elevação do preço do trigo. Que significa isto? Significa que não lhe satisfazem as condições sovieticas do mercado, significa que deseja restringir o papel regulador do Estado sobre o mercado e propõe fazer concessões aos elementos pequeno-burgueses que sabotam a Nep pelo flanco da direita.

Suponhamos, por um momento, que seguissemos os conselhos de Burrárin. Que resultados conseguiríamos com isso? Elevaríamos os preços do trigo, suponhamos, no outono, ao começar o periodo do aprvisionamento. Mas como, no mercado, existem sempre individuos especuladores e açambarcadores, que podem pagar pelo trigo três vezes mais e como nós não nos podemos colocar no mesmo plano dos especuladores, pois eles compram, no maximo, uma dezena de milhões de "puds", enquanto nós temos que comprar centenas de milhões, disso resultará que os que têm trigo em seu poder continuarão segurando-o, esperando que os preços subam ainda mais. Quer dizer que, ao chegar a primavera, epoca em que o Estado sente acima de tudo necessidade de trigo, teríamos que elevar de novo os preços. E que significaria elevar os preços na primavera? Significaria sacrificar os pobres e as pessoas modestas do campo, que se veriam forçadas a comprar, em parte para o consumo domestico e em parte para o cultivo, o mesmo trigo que, no outono, tinham vendido a preço mais baixo. Com estas operações, teríamos obtido algum resultado ponderavel no sentido de conseguir a

quantidade suficiente de trigo? O mais provável é que não conseguiríamos nada, pois sempre haveria especuladores e açambarcadores que encontrariam meios de comprar o trigo, pagando o dobro e o triplo pela mesma quantidade. E teríamos que nos dispor a elevar novamente o preço do trigo, esforçando-nos, em vão, por segurar os especuladores e açambarcadores.

Paí se deduz que, obrigados a elevar os preços do trigo, teríamos que continuar elevando-os, sem a menor garantia de que obteríamos a quantidade suficiente de trigo.

Mas a coisa não termina aqui. Em primeiro lugar, a elevação dos preços de "aprovisionamento" do trigo obrigar-nos-ia imediatamente a elevar também os preços das matérias primas, para mante-los em certa proporção com os preços dos produtos agrícolas. Em segundo lugar, a elevação dos preços de aprovisionamento do trigo não nos permitiria manter o baixo preço do pão nas cidades; isto é, teríamos que elevar também o preço de "venda" do pão. E como não podemos nem devemos prejudicar os operários, ver-nos-íamos obrigados a elevar rapidamente os salários. E isso nos levaria forçosamente a aumentar também os preços dos artigos industriais, pois, caso contrário, haveria uma afluência excessiva de fundos, da cidade para o campo, contraria aos interesses da industrialização. E, como resultado, teríamos que nivelar os preços dos artigos industriais e os produtos agrícolas, não na base dos preços "baixos" ou, pelo menos, estabilizados, mas na base dos preços "altos" tanto do trigo como dos artigos industriais. Ou, para usar outras palavras: teríamos que caminhar em direção ao "encarecimento" dos artigos industriais e dos produtos agrícolas. É fácil compreender que estas "manobras" com os preços nos levariam forçosamente à liquidação total da política soviética dos preços, à liquidação do papel regulador do Estado no mercado e ao recrudescimento geral das atividades dos elementos pequeno-burgueses. Quem ganharia com isso? Ganhariam somente os sectores remediados da cidade e do campo, pois o encarecimento dos artigos industriais e dos produtos agrícolas os tornaria inacessíveis tanto para a classe operária como para os camponeses pobres e modestos. Sairiam ganhando os "kulaks" e as pessoas remediadas, os "nepman" e outras classes ricas.

Isso seria também uma aliança, mas uma aliança de outro tipo: a aliança com os sectores afortunados do campo e da cidade. E os operários e os sectores modestos do campo teriam o direito de nos perguntar: Que poder é este, o dos operários e camponeses ou o dos "kulaks" e "nepman"?

A ruptura com a classe operária e com os sectores modestos do campo e a aliança com os sectores remediados do campo e da cidade: a esse ponto nos levariam essa "normalização" burrarinista do mercado e essas "manobras" com os preços de trigo, por regiões.

O Partido, evidentemente, não pode seguir por esse caminho catastrófico.

Até que ponto Burrárin confunde todas as ideias sobre a Nep e até que ponto segue à reboque dos elementos pequeno-burgueses, pode-se constatar, entre outras coisas, pela atitude mais que negativa que mantém frente ao problema das novas formas de intercambio de mercadorias entre a cidade e o campo, entre o Estado e os camponeses. Burrárin fica indignado

e clama contra o facto do Estado ser um fornecedor de mercadorias para os camponeses e estes serem fornecedores de trigo para o Estado. Segundo sua opinião, estamos violando, assim, todas as normas da Nep, violação que significa quasi o rompimento com ela. Por que, perguntamos nós, a titulo de que? Que pode haver de mau em que o Estado, a industria do Estado, seja a que forneça as mercadorias aos camponeses e que estes forneçam trigo para a industria, para o Estado? Que pode haver de mau, do ponto de vista do marxismo e da politica marxista da Nep, que os camponeses se tenham "convertido" em fornecedores de algodão, de beterraba, de linho, para as necessidades da industria do Estado e de que a industria do Estado se tenha convertido em fornecedora de mercadorias urbanas, de sementes, de instrumentos de produção para esses ramos da economia rural? Os contratos são, neste caso, o metodo fundamental para o estabelecimento dessas novas formas de intercambio de mercadorias entre a cidade e o campo. Mas é esse metodo incompativel com as exigencias da Nep? Que pode haver de mau em que os camponeses "se tornem" fornecedores do Estado tambem no que se refere ao trigo e não apenas ao algodão, à beterraba e ao linho, graças a esse mesmo metodo de comercio? Por que só ao comercio em pequena escala, ao comercio a varejo, se pode chamar de intercambio de mercadorias, e o comercio em grande escala, na base de contratos previamente estabelecidos, quanto aos preços e à qualidade dos produtos, não pode ser considerado como um intercambio de mercadorias? Por que esta incongruencia? E' dificil compreender que estas novas formas de intercambio de mercadorias em massa, atendendo ao metodo de fornecimento por contrato entre a cidade e o campo, surgiram precisamente na base da Nep e constituem o passo mais avançado que nossas organizações já deram, para o fortalecimento da direcção socialista da economia nacional, subordinada a um plano?

Não é estranho que Burrárin tenha deixado de compreender essas coisas tão logicas e simples?

e) Sobre o ritmo do desenvolvimento da industria e as novas formas de aliança

Temos, finalmente, o problema do ritmo do desenvolvimento da industria e das novas formas de aliança entre a cidade e o campo. Este é um dos problemas mais importantes em torno dos quais se movem as nossas divergencias. A importancia desse problema reside no facto de que para ele convergem todas as nossas divergencias "praticas" no que se refere ao problema da politica economica do Partido.

Que novas formas de aliança são essas, que significa isso do ponto de vista de nossa politica economica?

Antes de mais nada, significa que, alem de todas as velhas formas de aliança entre a cidade e o campo, nas quais a industria satisfazia principalmente as necessidades "pessoais" do camponês (relativamente aos tecidos, sapatos, artigos manufacturados em geral, etc.) precisamos de novas formas de aliança, a fim de que a industria satisfaça as necessidades da "produção" das explorações camponesas (com relação ao maquinario agricola,

tra ores, sementes selecionadas, adubos químicos, etc.). Se, anteriormente, satisfazíamos "principalmente" as necessidades pessoais do camponês, pouco nos preocupando com as necessidades de produção de sua terra, agora, sem deixar de atender às necessidades pessoais do camponês, devemos cuidar fundamentalmente de abastecer as explorações camponesas de maquinário agrícola, tratores, adubos químicos, etc., e de tudo que se relacione diretamente com a reconstrução da agricultura sobre uma nova base técnica. Enquanto se tratava de "restaurar" a agricultura e de fazer com que os camponeses se apropriassem das terras dos antigos latifundiários e "kulaks", podíamos-nos contentar com as velhas formas de aliança. Mas, agora, que se trata da "reconstrução" da agricultura, isto já não basta. Agora, é preciso ir mais além, ajudando o camponês a reconstruir sua produção sobre a base de uma nova técnica e do trabalho coletivo.

Em segundo lugar, isso significa que, ao mesmo tempo que renovamos o maquinário de nossa indústria, devemos começar a renovar também, com afinco, o maquinário de nossa agricultura. Estamos renovando e, em parte, já o renovamos, o maquinário de nossa indústria, dando-lhe nova base técnica, dotando-a de novas máquinas aperfeiçoadas e de novos e mais capazes quadros. Estamos construindo novas fabricas e empresas industriais e reconstruindo e ampliando as antigas; desenvolvemos a metalurgia, a química, a construção de máquinas. Nesta base, desenvolvem-se as cidades, multiplicam-se os novos centros industriais e ampliam-se os antigos. Nesta base, aumenta a procura de produtos alimentícios e de matérias primas para a indústria. Mas a agricultura continua trabalhando com as velhas ferramentas e com os velhos e patriarcais métodos de cultivo da terra, com a velha e primitiva técnica, já inútil ou quase inútil hoje, com as velhas formas individuais de cultivo e de trabalho, próprias da pequena economia camponesa. Que sugere, por exemplo, o facto de que, antes da revolução, existiam em nosso país cerca de 16 milhões de explorações agrícolas, enquanto que hoje já temos mais ou menos 25 milhões? Não quer isso significar que a agricultura apresenta um caráter cada vez mais individualizado e disperso? É um traço característico das pequenas explorações dispersas, o facto de não poderem aproveitar suficientemente da técnica, da máquina, dos tratores, da ciência agrônoma existente, sendo apenas centros de pequena produção de mercadorias. Daí a escassez de produção agrícola para o mercado. Daí o perigo de um rompimento entre a cidade e o campo, entre a indústria e a agricultura. Daí a necessidade de impulsionar, de acelerar a agricultura, a fim de que adquira o ritmo de desenvolvimento de nossa indústria. Pois bem, para que não surja esse perigo de rompimento, é necessário começar seriamente a renovação dos materiais da agricultura na base de uma nova técnica. E, para renovar esse material, é necessário ir, paulatinamente, agrupando em grandes explorações, em explorações coletivas, as explorações camponesas dispersas; é necessário organizar a agricultura à base do trabalho coletivo, tornar maiores as explorações coletivas, desenvolver os velhos e os novos sovkhózes, aplicar sistematicamente as formas de contrato em massa em todos os ramos fundamentais da agricultura, desenvolver o sistema das estações de máquinas e tratores, que ajudam os camponeses a assimilar a nova técnica e a coletivizar o trabalho; numa palavra, é necessário ir substituindo, paulatinamente, a

pequena exploração camponesa pela grande produção de tipo coletivo, pois só a grande exploração de tipo coletivo pode se aproveitar, em sua totalidade, dos resultados da ciência e da nova técnica e fazer avançar, a passos de gigante, a nossa agricultura.

Isso não significa, naturalmente, que devamos abandonar a pequena exploração dos camponeses pobres e médios. Não, não significa isso. A pequena exploração individual dos pequenos e médios camponeses desempenha e continuará a desempenhar, no futuro imediato, papel preponderante para o abastecimento da indústria de viveres e matérias primas. É precisamente por isso que é mister apoiar as explorações individuais dos camponeses pobres e médios. Mas isso não significa que a exploração camponesa individual, "por si só", seja suficiente. Assim o demonstram as nossas dificuldades de aprovisionamento de cereais. Por isso, é necessário "completar" o desenvolvimento da exploração individual do camponês pobre e médio, incentivando, por todos os meios, as explorações coletivas e os sovorrózes. Por isso, é necessário estender uma ponte entre as explorações individuais dos camponeses pobres e médios e as formas sociais, coletivas, de exploração agrária, por meio dos contratos em larga escala, por meio dos postos de máquinas e tratores, desenvolvendo, por todos os meios, a cooperação social, a fim de facilitar, pelas mais diversas formas, a passagem dos camponeses do regime individual para o regime coletivo. Sem tomar em consideração estas condições, será impossível imprimir um desenvolvimento considerável à agricultura. Sem estas condições, não será possível resolver o problema do trigo. Sem atender a estas condições, será impossível libertar os camponeses modestos da pobreza e da miséria.

Isso significa, finalmente, que é necessário desenvolver, por todos os meios, a nossa indústria, como fonte principal para o auxílio à produção agrícola e para a sua reconstrução; que é necessário desenvolver a metalurgia, a indústria química, a construção de máquinas; que é necessário construir fábricas de tratores, fábricas de maquinário agrícola, etc. Não é preciso demonstrar que não se pode desenvolver os kolrózes, que não é possível desenvolver os postos de máquinas e tratores, sem atrair as grandes massas camponesas às formas de agricultura coletiva, através dos contratos em grande escala, sem dotar as explorações agrícolas de considerável número de tratores, de máquinas agrícolas, etc. Mas, para fornecer, ao campo, maquinário agrícola e tratores, é indispensável desenvolver a nossa indústria num ritmo acelerado. Daí a necessidade de ritmo rápido de desenvolvimento de nossa indústria, como chave para a reconstrução da agricultura com base no coletivismo.

Este é o sentido e a significação das novas formas de aliança.

O grupo Burrárin não pode deixar de reconhecer, pelo menos em palavras, a necessidade das novas formas de aliança. Mas não passa de um reconhecimento "verbal", que encerra a intenção de, sob a bandeira do reconhecimento verbal das novas formas de aliança, contrabandear uma ideia que é precisamente o "contrário". Na realidade, Burrárin é contrário às novas formas de aliança. Para Burrárin, o ponto de partida não é o ritmo acelerado do desenvolvimento da indústria, como alavanca que servirá à reconstrução da produção agrícola, mas sim, o desenvolvimento da exploração camponesa individual. Para ele, o principal é a "normalização"

do mercado e a instauração do livre jogo dos preços no mercado dos produtos agrícolas, o que equivale, no fundo, a admitir a liberdade completa de comércio. Daí sua atitude receiosa, quanto aos kolrózes, atitude que se manifestou claramente no seu discurso, no Pleno de julho do C. C. e nas teses por ele apresentadas nesse mesmo Pleno. Daí sua atitude negativa em relação a todas e cada uma das medidas extraordinárias contra os "kulaks", quanto ao aprovisionamento de cereais. Já sabemos que Burrárin foge das medidas extraordinárias, como o diabo da cruz. Já sabemos que Burrárin ainda não compreende que, sob as atuais condições, o "kulak" não entregará voluntariamente, espontaneamente, a quantidade de trigo necessária. Assim o demonstram os dois anos de experiência na questão do aprovisionamento de cereais.

Pois bem; que se pode fazer se não existe bastante trigo no mercado? Burrárin responde: não alarmeis os "kulaks" com medidas extraordinárias, importai trigo do estrangeiro. Não faz muito tempo, ele nos propunha que importássemos do estrangeiro 50 milhões de "puds" de trigo; isto é, que gastássemos nisso uns 100 milhões de rublos em divisas estrangeiras. E se as divisas estrangeiras nos fazem falta para importar máquinas para a indústria? Burrárin responde então: deve-se preferir a importação de trigo, colocando-se em segundo plano, evidentemente, a importação de máquinas para a indústria.

E, assim, chega-se à conclusão de que para resolver o problema do trigo e reconstruir a agricultura, não basta o aceleramento do ritmo do desenvolvimento da indústria, mas, ao contrario, deve-se desenvolver a exploração camponesa individual, inclusive a exploração camponesa do "kulak", nas condições do mercado livre e do livre jogo dos preços.

Defrontamo-nos, assim, com dois planos diferentes da política económica.

Plano do Partido:

1. Estamos renovando a instalação da indústria (reconstrução).
2. Começamos decididamente a renovar os materiais da agricultura (reconstrução).
3. Para isso, é necessário ampliar a organização dos kolrózes e soberózes e aplicar o sistema de contratos em larga escala e os métodos dos postos de máquinas e de tratores, como meios de estabelecer uma "aliança de produção" entre a indústria e a agricultura.
4. No que se refere às dificuldades do aprovisionamento de cereais, na atualidade, é necessário reconhecer que devemos aplicar medidas extraordinárias, temporárias, reforçadas pelo auxílio cívico prestado pelas massas camponesas, pobres e médias, como um meio de vencer a resistência dos "kulaks" e arrancar-lhes maior quantidade possível do excedente, de trigo, o que nos permitirá dispensar as importações de trigo, destinando as divisas estrangeiras para desenvolver a indústria.
5. A fazenda individual dos camponeses pobres e médios tem e continuará tendo uma importância predominante para o abastecimento de viveres e de matérias primas para o país, mas isso não é suficiente; é preciso, portanto, "completar" o desenvolvimento das explorações individuais dos

camponeses pobres e médios com o desenvolvimento dos kolrózes e soverrózes, com os contratos em massa e com o desenvolvimento intensivo dos postos de máquinas e tratores, afim de facilitar a eliminação dos elementos capitalistas da agricultura e a passagem gradual das explorações camponesas individuais para a formação das grandes explorações coletivas, para o sistema do trabalho coletivo.

6. Mas, para poder realizar tudo isso, é necessário, sobretudo, intensificar o desenvolvimento da indústria metalúrgica, química e a construção de máquinas, a construção de fábricas de tratores, a fabricação do maquinário agrícola, etc. Sem isso, é impossível resolver o problema dos cereais e da reconstrução da agricultura.

Conclusão: "a chave para a reconstrução da agricultura está em acelerar o ritmo do desenvolvimento de nossa indústria.

Plano de Burrárin:

1. "Normalização" do mercado, permissão para o livre jogo dos preços no mercado e para a elevação dos preços do trigo, sem se preocupar de que isso possa conduzir ao encarecimento dos artigos industriais, das matérias primas e do pão.

2. Desenvolver, por todos os meios, as explorações camponesas individuais, reduzindo, em certa medida, o ritmo do desenvolvimento dos kolrózes e soverrózes (tese de Burrárin, em julho, discurso de Burrárin no Pleno de julho).

3. Espontaneidade nas entregas de trigo para aprovisionamento, excluindo-se sempre, e sob quaisquer condições, a aplicação parcial de medidas extraordinárias mesmo contra os "kulaks", embora estas medidas contem com o apoio das massas dos camponeses médios e pobres.

4. Havendo escassez de trigo, deve-se importa-lo até o valor de 100 milhões de rublos.

5. Se já não existem divisas suficientes para atender à importação de trigo e à importação de máquinas para a indústria, reduzir a importação de máquinas e, portanto, arrefecer o ritmo de desenvolvimento de nossa indústria; de outro modo, a agricultura "paralizará" ou mesmo, "cairá verticalmente".

Conclusão: "a chave para a reconstrução da agricultura está no desenvolvimento da exploração camponesa individual".

Assim se colocam os problemas, camaradas!

O plano de Burrárin é o plano da "redução" do ritmo do desenvolvimento da indústria e da destruição das novas formas de aliança.

Estas são as nossas divergências.

Não estamos atrasados quanto ao desenvolvimento das novas formas de aliança, quanto ao desenvolvimento dos kolrózes, dos soverrózes, etc.

Alguns afirmam que o Partido está atrasado, pelo menos em dois anos, com relação a estes assuntos. Isso é falso, camaradas. É absolutamente falso. Quem o afirma são os intrigantes "esquerdistas", que não sabem o que é a economia da U. R. S. S. Que significa, em economia, um atraso? Se se quer referir à conveniência de se ter previsto a necessidade dos kolrózes e dos soverrózes, podemos afirmar que já o fizemos durante a Revolução de Outubro. Que o Partido previu a necessidade dos kolrózes

e soverrózes, já no decorrer da Revolução de Outubro, ninguém o pode duvidar. Pode-se, finalmente, consultar o nosso programa aprovado no VIII Congresso do Partido (em março de 1919). Nele, aparece, com toda a clareza, a necessidade dos kolrózes e dos soverrózes. Mas o simples facto de que a direcção do nosso Partido tenha previsto a necessidade dos kolrózes e soverrózes não bastava para levar à pratica e para organizar "um movimento de massas" ligado à sua criação. Tratava-se, portanto, não de prever, mas de "realizar" o plano de organização dos soverrozes e kolrózes. Mas, para realizar esse plano, era necessaria uma serie de condições que não se tinham verificado antes em nosso país e não existiam até ha pouco tempo. Esta é a questão, camaradas.

Para poder levar à pratica o plano de um movimento de massas em prol dos kolrózes e dos soverrózes, era necessario, antes de mais nada, que a direcção do Partido fosse apoiada pela "massa" do Partido. E nosso Partido é, como se sabe, um partido de milhões de homens. Era necessario, portanto, convencer a grande massa do Partido da justeza dos pontos de vista de sua direcção. Era necessario isto, em primeiro lugar.

Era necessario, tambem, que, entre os camponeses, se produzisse um movimento de massas a favor dos kolrózes, que os camponeses não desconfiassem dos kolrózes, mas que a eles afflissem, por seu proprio impulso, convencendo-se, por experiencia propria, das vantagens dos kolrózes sobre a exploração individual. E esse é um assunto serio, que requer certo tempo. Em segundo lugar, estava este ponto.

Era necessario, ainda, que o Estado dispusesse de meios materiais suficientes para financiar o movimento, para financiar os kolrózes e soverrózes. E, para isso, eram precisas centenas e centenas de milhões, queridos camaras. Isso era necessario, em terceiro lugar.

E, finalmente, era necessario que se tivesse já desenvolvido a industria, em menor ou maior escala, num determinado grau, que permitisse fornecer à agricultura maquinario agricola, tratores, adubos quimicos, etc. Esta questão estava em quarto lugar.

Pode-se afirmar que existiam todas essas condições, em nosso país, ha tres anos atrás? Não, não se pode afirmar uma tal coisa.

Não se deve esquecer que somos "um partido governante e não um partido de opposição". Os partidos de opposição podem lançar palavras de ordem — refiro-me às palavras de ordem praticas fundamentais do movimento — para po-las em pratica depois de sua subida ao poder. Ninguem pode lançar à face de um partido de opposição o facto de não ter realizado as suas palavras de ordem principais, imediatamente, pois' todo o mundo compreende que não é ele, o partido da opposição, quem governa, mas, sim, outros partidos. Mas a coisa muda radicalmente de figura quando se trata de um partido governante, como o é o Partido Bolchevique. As palavras de ordem de um partido, nessas condições, não são simples palavras de ordem (de agitação), mas muito mais, pois valem como "decisões praticas, têm força de lei", valem como alguma coisa que é necessario por em pratica, imediatamente. Nosso Partido não pode lançar uma palavra de ordem pratica para, logo depois adiar sua realização. Isso seria enganar as massas. Para lançar uma palavra de ordem, principalmente uma palavra de ordem tão importante como a da passagem das massas de milhões de camponeses

para o sistema do coletivismo, é preciso que já existam as condições necessárias para poder proceder diretamente à sua realização; finalmente, é necessário criar, organizar estas condições. Eis porque não nos bastava apenas a previsão da direção do Partido sobre a necessidade dos kolrózes e dos soverrózes, pois necessitávamos das condições indispensáveis para "realizar", para "levar à prática" nossas palavras de ordem.

A "massa" de nosso Partido estava disposta a desenvolver por todos os meios os kolrózes e os soverrózes, ha dois ou tres anos atrás? Não, naquela epoca ainda não estava disposta a fazê-lo. A grande virada das massas do Partido para as novas formas de aliança não começou a produzir-se até que se apresentaram as primeiras grandes dificuldades no aprovisionamento de cereais. Foi necessario que surgissem estas dificuldades para que a massa do Partido percebesse, em todo o seu alcance, a necessidade de forçar a criação de novas formas de aliança e, principalmente, a necessidade dos kolrózes e soverrózes, e para que apoiasse, resolutamente, nesse sentido, o seu Comité Central. Esta é uma das condições que nos faltava e que hoje existe.

Ha dois ou tres anos, existia em nosso país, um grande movimento das massas de milhões de camponeses em favor dos kolrózes e dos soverrózes? Não, não existia. Todo o mundo sabe que, ha dois ou tres anos, os camponeses viam, com muito maus olhos, os soverrózes, e consideravam os kolrózes como uma especie de "comunas" inúteis. E agora? Agora tudo está mudado. Agora, já temos camadas inteiras de camponeses que veem nos soverrózes e kolrózes uma fonte de auxilio à economia camponesa, auxilio por meio de sementes, de gado selecionado, de maquinario agricola, de tratores, etc. Agora, basta proporcionar maquinario agricola e tratores e os kolrózes marcharão de vento em popa, num ritmo acelerado.

Qual a causa dessa subita mudança ocorrida em determinadas camadas, bastante extensas, de camponeses? Que favoreceu essa reviravolta? Antes de mais nada, o desenvolvimento da cooperação e o sentido coletivo das cooperativas. Não ha duvida que, sem o potente desenvolvimento da cooperação, principalmente das cooperativas agricolas, que criaram entre os camponeses o terreno psicologico propicio aos kolrózes, não existiria, hoje, essa atração para os kolrózes, que se manifesta em grandes camadas da massa camponesa. Os kolrózes bem organizados tiveram, tambem, sua importancia, pois davam aos camponeses um exemplo de como se podia melhorar a exploração agricola, unificando as pequenas explorações camponesas em grandes explorações coletivas. E tambem a existencia dos soverrózes, convenientemente organizados, que ajudavam os camponeses a melhorar suas explorações, desempenharam grande papel. E estou omitindo ainda outros factos que todos vós conheceis perfeitamente. Eis aí outra condição com a qual não contávamos e agora existe.

Pode-se afirmar que, ha dois ou tres anos, tínhamos possibilidades de financiar com segurança os kolrózes e os soverrózes, neles invertendo centenas de milhões de rublos? Não, não se pode afirma-lo. Sabeis perfeitamente que, então, não dispunhamos de meios suficientes nem sequer para desenvolver esse minimo de industria sem o qual não se podia falar de industrialização, e muito menos da reconstrução da agricultura. Podíamos

retirar esses fundos da industria, necessarios para a industrialização do país e transferi-los para os kolrózes e soverrózes? Evidentemente, não. E agora? Agora dispomos de meios para desenvolver os kolrózes e soverrózes.

Pode-se, finalmente, afirmar que, ha dois ou tres anos, já tinhamos em nossa industria base suficiente para fornecer, em profusão, à agricultura, maquinario agricola, tratores, etc.? Não, não se pode afirmar isso. O problema, então, consistia em criar "uma base industrial minima" a fim de poder fornecer, futuramente, à agricultura maquinas e tratores. A criação dessa base absorvia, naquele tempo, nossos exiguos recursos financeiros. E agora? Agora já dispomos dessa base industrial para a agricultura. Ou, pelo menos, essa base está sendo criada com ritmo acelerado.

Vemos, portanto, que as necessarias condições para o desenvolvimento em massa dos kolrózes e soverrózes não existiam em nosso país até ha pouco.

E' assim que se coloca o problema, camaradas.

Eis por que não se pode afirmar que nos atrasamos no desenvolvimento das novas formas de aliança.

f) Burrárin como teorico

Tais são, fundamentalmente, os principais erros do teorico da opposição direita, de Burrárin, frente aos problemas fundamentais de nossa politica.

Diz-se que Burrárin é o teorico de nosso Partido. Burrárin é, indubitavelmente, um teorico, e um teorico de vulto. Mas acontece que sua teoria deixa muito a desejar. Basta que se observe todos os erros por ele cometidos ao tratar dos problemas da politica do Partido, que acabamos de examinar. Não é possível que esses erros, erros que afetam a linha da Internacional Comunista, o problema da luta de classes, o problema da aguçamento da luta de classes, o dos camponeses, o da Nep, o das novas formas de aliança; não é possível que todos esses erros nele se manifestem de modo fortuito. Não; esses erros não são casuais. Esses erros de Burrárin são consequencias de seus pontos de vista falsos, de suas falhas teoricas. Sim, Burrárin é um teorico, mas um teorico não de todo marxista, um teorico que ainda tem muito que aprender para chegar a ser um teorico marxista completo.

Falou-se muito da conhecida carta do camarada Lênin sobre Burrárin como teorico. Permitti-me a leitura dessa carta:

"Referindo-me aos jovens membros do C. C. — diz Lênin — direi algumas palavras sobre Burrárin e Piatakov. São, ao meu ver, as capacidades de maior destaque (entre as mais jovens) e no que se refere a eles, temos que considerar o seguinte: Burrárin não só é um valiosissimo e excelente teorico do Partido, como, alem disso, é considerado legitimamente como o favorito de todo o Partido; mas suas "concepções teoricas difficilmente poderiam ser consideradas como absolutamente marxistas, pois nelas ha alguma coisa de escolastico (jamais estudou e creio que jamais compreendeu totalmente a dialetica). (*) ("Ata taquigrafica do Pleno de julho", 1926, IV, pag. 66).

(*) Grifado por Stálin.

Um teórico, portanto, sem dialética. Um teórico escolástico. Um teórico cujas "concepções teóricas dificilmente poderiam ser consideradas como absolutamente marxistas". Eis como Lênin caracteriza a figura de Burrárin como teórico.

Compreendereis, camaradas, que um teórico assim tem ainda muito o que aprender. E se Burrárin compreendesse que sua formação de teórico ainda não está terminada, que necessita ainda de aprender, que é um teórico que ainda não assimilou plenamente a dialética, e a dialética é a alma do marxismo; se compreendesse isto, seria mais modesto e, assim, o Partido só teria a ganhar. Mas o mal está em que Burrárin não sofre de modestia. Não só não sofre de modestia como, inclusive, se mete a querer ensinar nosso mestre Lênin em toda uma série de problemas, principalmente o problema do Estado. Aí é que está o mal, camaradas.

Permiti-me que me refira, a esse propósito, à conhecida polémica teórica que surgiu em 1916, entre Lênin e Burrárin sobre o problema do Estado. E' necessário que se a revele para que se veja quão desmedidas são as pretensões de Burrárin, que se atreve a querer ensinar a Lênin, para que se localize onde estão as raízes de suas falhas teóricas em problemas tão importantes como o da ditadura do proletariado, da luta de classes, etc. Como já sabemos, em 1916, apareceu na revista intitulada "A Internacional da Juventude", um artigo de Burrárin, com a assinatura de "Nota Bene" e dirigido, no fundo, contra Lênin. Neste artigo, Burrárin escrevia:

"...E' absolutamente errado querer buscar as diferenças entre os socialistas e os anarquistas no facto dos primeiros serem partidários e os segundos adversários do Estado. A diferença entre eles está em que a social-democracia revolucionária pretende organizar a nova produção social como uma produção centralizada, isto é, como a produção tecnicamente mais progressiva, enquanto que a produção anarquista, descentralizada, nada mais significaria do que um passo para trás, para a velha técnica, para a velha forma de empresa..."

"...Para a social-democracia, que é, ou pelo menos deveria ser, a educadora das massas, é hoje mais necessário do que nunca ressaltar sua hostilidade de principio frente ao Estado... A atual guerra pôs em evidência o quanto são profundas as raízes da concepção estatal no espirito dos operários".

Criticando essas concepções de Burrárin, Lênin respondeu-lhe, num artigo especial, publicado em 1916:

"Isto é falso. O autor coloca o problema das diferenças existentes entre os socialistas e os anarquistas "relativamente ao Estado", mas não soluciona esse problema, e sim, um "outro", que é o da diferença de atitudes em relação à base económica da sociedade futura. Este é, indubitavelmente, um problema muito importante e necessário. Mas daí não se deduz que se possa esquecer o "fundamental" quanto à diferença de atitudes dos socialistas e dos anarquistas frente ao Estado. Os socialistas são partidários de que se utilize o Estado moderno e as suas instituições na luta pela emancipação da classe operária e também da necessidade de utilizar o Estado como uma forma peculiar de transição do capitalismo para o socialismo. Esta forma de transição, que constitui "também" um Estado, é a ditadura do proletariado. Os anarquistas pretendem "abolir" o Estado, "faze-lo sal-

tar" ("sprengen"), como se exprime num trecho, "Nota Bene", atribuindo, erradamente, esta ideia, aos socialistas. Os socialistas — por desgraça, o autor cita algumas palavras de Engels, que tem muito pouca relação com esse assunto — reconhecem a morte lenta, a "extinção" "gradual" do Estado, "depois" da expropriação da burguesia...

"Para destacar a "hostilidade de principio" em relação ao Estado, é necessario compreende-la "claramente", e clareza é precisamente o que falta ao autor. A frase das "raízes da concepção estatal" é completamente confusa; não é nem marxista, nem socialista. Não é a "concepção estatal" que se choca com a negação do Estado, mas a politica oportunista (isto é, a atitude oportunista, reformista, burguesa, frente ao Estado) que se choca com a politica da social-democracia revolucionaria (ou melhor, com a sua atitude frente ao Estado burguês e frente à utilização do Estado contra a burguesia, para a derrota desta). São coisas totalmente, absolutamente distintas". (Lénin, t. XIX, pag. 296, "A Internacional da Juventude").

Creio que esse assunto está bem claro, como é bastante claro, também, que Burrárin se deixou cair num charco semi-anarquista.

Sten — Naquele tempo, Lénin ainda não havia formulado, de modo explicito, a necessidade de "destruir" o Estado. Burrárin, mesmo cometendo erros anarquistas, aproximava-se do equacionamento desse problema.

Stalin — Não, não estamos tratando disso, mas da atitude quanto ao Estado em geral; trata-se, segundo Burrárin, de que a classe deve ser, "por principio", inimiga de "todo" o Estado, sem excluir o Estado da classe operaria.

Sten — Naquele tempo, Lénin somente falava da utilização do Estado, mas não se referia, absolutamente, em sua critica à Burrárin, à "destruição do Estado".

Stalin — Você se engana. Repito que, aqui, trata-se de saber se os operarios devem, segundo Burrárin (e os anarquistas) evidenciar sua hostilidade de principio contra o Estado e, portanto, também contra o Estado do periodo de transição, contra o Estado da classe operaria. Tente, você, explicar aos nossos operarios que à classe operaria se deve impor uma hostilidade de principio contra a ditadura proletaria, já que esta é também um Estado. A posição de Burrárin, exposta em seu artigo na "A Internacional da Juventude", é a posição de negação do Estado no periodo de transição do capitalismo ao socialismo. Burrárin passa, assim, por alto, uma "insignificancia", isto é: todo o periodo de transição, durante o qual a classe operaria, que deseja realmente esmagar a burguesia e construir o socialismo, não pode prescindir de seu proprio Estado. Isto, em primeiro lugar. Em segundo lugar é falsa a afirmação de que o camarada Lénin não se referiu, em sua critica de então, à teoria do "rompimento", da "abolição" do Estado em geral. Lénin não só se referia a esta teoria, como se pode verificar pelo trecho citado atrás, como também a criticava como uma teoria anarquista, contrapondo-a à teoria da "criação" de um novo Estado depois do esmagamento da burguesia, ou, seja: o Estado da literatura do proletariado. Finalmente, não se deve confundir a teoria anarquista do "rompimento" do Estado com a teoria marxista da "destruição" da maquina do Estado "burguês". Alguns camaradas costumam confundir essas duas ideias diferentes, supondo que são expressões de um

mesmo pensamento. Isso é errado. É absolutamente falso, camaradas. Lênin, ao criticar a teoria anarquista do "rompimento" e da "supressão" do Estado em geral, partia, precisamente, da teoria marxista da destruição da máquina do Estado "burguês".

Talvez seja útil citar aqui, para maior esclarecimento, um dos manuscritos da camarada Lênin, sobre o Estado, escrito, evidentemente, em fins de 1916 ou começo de 1917 (antes da Revolução de Fevereiro de 1917). Este manuscrito permite-nos comprovar facilmente: a) que, ao criticar os erros semi-anarquistas de Burrárin referentes ao problema do Estado, Lênin partia da teoria marxista da "destruição" da máquina do Estado burguês, e b) que, embora Burrárin, segundo expressão de Lênin, estivesse "mais próximo da verdade do que Kautski, "em vez de desmascarar os kautskianos, os auxiliava com seus próprios erros". Vejamos o texto desse manuscrito.

"A carta de "Engels a Bebel" de 18-28 de março de 1875 é de importância "excepcional" para a compreensão do problema do Estado.

"Cópia textualmente a passagem mais importante:

"...O Estado livre, do povo, converteu-se num Estado livre. Gramaticalmente falando, um Estado livre é um Estado que é livre frente aos seus cidadãos, isto é, um Estado com um governo despota. "Seria preciso abandonar todo esse palavreado sobre o Estado", principalmente desde a "Comuna, que já não é mais um Estado no verdadeiro sentido da palavra". Os anarquistas já nos aborreceram demais, com essa história de "Estado do povo" apesar de que, já na obra de Marx contra Proudhon e, mais tarde, no "Manifesto Comunista", se afirmava claramente que, "com a implantação do regime socialista, o Estado se dissolve por si mesmo" ["sich auflöst"] "e desaparece. Mas como o "Estado" não é sinão uma instituição meramente transitória, que é utilizada na luta, na revolução, para submeter pela força os adversários, é totalmente absurdo falar de um "Estado livre do povo"; enquanto o proletariado ainda "necessitar" do Estado, dele precisará "não no interesse da liberdade, mas para esmagar seus adversários; e logo que se possa falar de liberdade, o Estado, como tal, terá deixado de existir". Por esse motivo, proporíamos substituir, sempre, a palavra "Estado", pela de "Comunidade" ["Gemeinwesen"], uma bela e antiga palavra alemã, que equivale à palavra francesa "Commune". [Grifado por Engels].

"Provavelmente, este é o trecho mais decisivo e, sem dúvida alguma, o mais duro, por assim dizer, "contra o Estado", nas obras de Marx e de Engels.

"1) "Ter-se-ia que abandonar toda essa demagogia sobre o Estado".

"2) "A Comuna já "não" era um Estado, no sentido da palavra". (Que era então? Evidentemente, uma forma de transição do Estado ao não Estado!).

"3) Os anarquistas já nos aborreceram de mais com essa história de "Estado do povo". (Evidentemente Marx e Engels estavam chocados com esse erro de seus amigos alemães; entretanto, pensavam — e, "sob as circunstâncias então existentes", naturalmente, tinham razão — que este erro era incomparavelmente menos grave do que o dos anarquistas. (N. B. — Atenção sobre isto!)).

"4) O Estado "se decompõe" ("se dissolve") por si mesmo ["Nota Bene"] e desaparecerá... (comparai, além disso, com o "se extinguirá") "com a implantação do regime socialista"...

"5) O Estado é "uma instituição transitória", necessária "na luta, na revolução..." (necessária "para o proletariado", naturalmente)...

"6) O Estado é útil, "não para a liberdade", mas para o "esmagamento" ("Niederhaltung" não significa, propriamente falando, esmagar, mas sim, impedir a restauração, manter em submissão) os "adversários do proletariado".

"7) Quando houver liberdade, o Estado deixará de existir.

"8) "Nós" (ou, seja, Engels e Marx) proporíamos "sempre" (no programa) falar, em vez de "Estado", "Comunidade" [Gemeinwesen], "Commune"!!!

"Aqui pode-se observar claramente como, não só os oportunistas, mas também Kautski, vulgarizaram e deturpam Marx e Engels.

"Os oportunistas "não" compreenderam nem uma só dessas oito riquíssimas ideias.

"Consideraram "apenas" as necessidades práticas do presente; usar a luta política, usar o Estado "atual" para disciplinar e educar o proletariado, para "conseguir concessões". Isto é certo (e também é contra os anarquistas) mas não é, apesar de tudo, mais do que uma centésima parte do marxismo, se se pode exprimir aritmeticamente.

"Na sua obra de propagandista e em toda a sua obra de jornalista, Kautski ocultou completamente (ou esqueceu? ou não compreendeu?) os pontos 1, 2, 5, 6, 7 e 8 e a "destruição" de que fala Marx (na polemica de Kautski com Pannekoek, em 1912 ou 1913 [veja-se adiante pags...] Kautski caiu completamente noportunismo ao tratar desse problema)...

"Nós nos distinguimos dos anarquistas: a) pela utilização do Estado, "agora" e b) durante a "revolução" proletária ("ditadura do proletariado") pontos da maior importância prática, no atual momento. (E foi disto que Burrárin "esqueceu"!).

"Dos oportunistas, pela verdade mais profunda, "mais eterna", referente: c) ao caráter "transitório" do Estado; d) ao perigo das "demagogias" acerca do Estado, agora; e) à ditadura do proletariado, que não tem inteiramente o caráter de Estado; f) à contradição entre o Estado e a liberdade; g) à maior precisão da ideia (concepção, objetivo programático) de "comunidade" em vez de Estado; h) à "destruição" da máquina burocrático-militar. Não se pode esquecer também que a "ditadura do proletariado" é diretamente repudiada pelos oportunistas declarados da Alemanha (Bernstein, Kolb, etc.) e "indiretamente" pelo programa oficial e por Kautski, o qual nada diz sobre esse assunto, em toda a sua agitação, ao mesmo tempo em que tolera renegados como Kolb e companhia.

"Escreveu-se a Burrárin em agosto de 1916: "Deves "amadurecer plenamente" as tuas ideias sobre o Estado". Mas, "sem deixa-las amadurecer, ele se lançou à imprensa, sob o pseudônimo de "Nota Bene", e o fez de tal modo, que, em vez de desmascarar os kautskianos, os "auxilia" com seus próprios erros!! Mas, na questão essencial, Burrárin está mais próximo da verdade do que Kautski". (N. Lênin).

Eis a breve historia desta polemica teorica sobre o Estado.

Creio que ficou bem claro: a Burrárin, que cometeu erros semi-anarquistas, não resta outro caminho senão o de se corrigir desses erros e de continuar marchando pelas pegadas de Lênin. Mas só os leninistas assim o julgam. Ao que parece, Burrárin não é dessa opinião. Longe disso, afirma que não é ele quem está errado, mas Lênin; que não é ele que deve seguir as pegadas de Lênin mas, ao contrario, Lênin é que deve seguir as pegadas de Burrárin. Não acreditais no que digo, camaradas? Então, continuai escutando. Depois dessa polemica, em 1916, Burrárin, nove anos mais tarde, durante os quais ficou em silencio, "um ano depois da morte de Lênin", em 1925, publicou, na antologia intitulada "A revolução no Direito", um artigo "Sobre a teoria do Estado imperialista" que já havia sido recusado pela revista "Anais Social-Democratas" (isto é, por Lênin) e, numa "nota", declara abertamente que a razão, nessa polemica, estava com ele, Burrárin e não com Lênin. Isso é um facto, camaradas, apesar de parecer inverosimil.

Eis o texto desta nota:

"Este artigo, publicado na "A Internacional da Juventude", foi respondido por V. I. [isto é, Lênin]. O leitor facilmente comprovará que eu não incorri nos erros que me eram imputados, pois compreendia perfeitamente a necessidade da ditadura do proletariado; por outro lado, lendo a nota de Ilich, constata-se que, naquele tempo, ele "adotava uma posição errada frente à tese da "destruição" do Estado" (naturalmente, do Estado burguês), "confundindo este problema com o problema da extinção da ditadura do proletariado". (*) Eu deveria ter, talvez, estendido mais, naquele tempo, o tema da ditadura. Mas, afirmo agora, para desencargo de consciencia, que "naquele tempo" de tal modo se alastrava a epidemia social-democrata do enaltecimento do Estado burguês, que era natural que eu concentrasse toda a atenção no problema da "destruição" dessa maquina.

"Quando voltei dos Estados Unidos para a Russia e vi Nadiéjda Konstantinovna (Krupskaiá) (no VI Congresso, ilegal, realizado durante o periodo em que V. I. estava escondido), as suas primeiras palavras foram estas: "V. I. pediu-me que communicasse a você que já não diverge de você quanto ao problema do Estado". Estudando o problema, Ilich chegou às mesmas conclusões" no que diz respeito à "destruição" do Estado; mas desenvolveu este tema e ainda o da ditadura, de tal modo, que marcou epoca na evolução do pensamento teorico nesse sentido".

Assim escreve Burrárin, referindo-se a Lênin, "um ano após sua morte".

Tendes aqui uma amostra da vaidade verdadeiramente hipertrofiada de um teorico pela metade!

E' bem possivel que Nadiéjda Konstantinovna tivesse dito a Burrárin alguma coisa parecida com as palavras que ele escreve. Mas, que se pode concluir disso? Conclue-se simplesmente que Lênin tinha alguma razão para pensar que Burrárin tinha renunciado ou estava disposto a renunciar aos seus erros. Isto e apenas isto. Mas Burrárin interpretava as coisas a

(*) Grifado por Stálin.

seu modo. E decidiu que, para o futuro, o criador ou, pelo menos, o inspirador, da teoria marxista do Estado, não era Lênin, mas sim ele, Burrárin.

Até agora, nós nos consideravamos e continuamos a nos considerar leninistas. Mas agora temos que chegar à conclusão de que, tanto Lênin, como nós, seus discípulos, somos burrarinistas. É um pouco ridículo, camaradas. Mas, que quereis? Assim acontece quando temos pela frente essa balofa vaidade de Burrárin.

Poder-se-ia talvez pensar que Burrárin se confundiu ao escrever a nota ao artigo atrás citado, que disse uma tolice e depois se esqueceu de retifica-la. Mas tal interpretação seria falsa. Já se pode comprovar que Burrárin escreveu esta nota, com absoluta seriedade. E pode ser comprovado, entre outras coisas, porque a afirmação contida nesta nota, acerca dos "erros" de Lênin e da "razão" de Burrárin, foi repetida, não ha muito tempo, em 1927, isto é, dois anos depois de sua primeira arremetida contra Lênin, nas notas biográficas de Burrárin feitas por Maretski, sem que Burrárin pensasse sequer em protestar contra esse... atrevimento de Maretski. Evidentemente, a agressão de Burrárin contra Lênin não pode se considerada como um caso fortuito.

Chegamos, pois, à conclusão de que é Burrárin e não Lênin, quem tem razão, e é Burrárin e não Lênin, o inspirador da teoria marxista do Estado.

Aqui está, camaradas, o quadro das relações teoricas e das pretensões teoricas de Burrárin.

E, depois disso, esse homem, ainda tem a audacia de dizer aqui, no seu discurso, que, na posição teorica de nosso Partido, existe algo que "fraqueja", que, na posição teorica de nosso Partido, existe um desvio para o trotskismo! E isso é afirmado pelo mesmo Burrárin, que incorre (e incorreu no passado) numa serie de erros teoricos e praticos, erros crassissimos, pelo mesmo Burrárin, que, não ha muito tempo, tinha por mestre Trotski e ainda ontem queria formar um bloco com os trotskistas, contra os leninistas, e deles se aproximava pela porta dos fundos! Não é ridículo tudo isto, camaradas?

g) Plano Quinquenal ou plano bienal?

Permiti-me passar agora a examinar o discurso de Rikov. Enquanto Burrárin tentava passar a examinar o discurso de Rikov, enquanto Burrárin tentava fundamentar teoricamente o desvio direitista, Rikov, em seu discurso, esforça-se por criar um alicerce para esta causa, através de uma serie de propostas praticas, assustando-nos com os "horrores" de nossas dificuldades no terreno da economia rural. Isso não quer dizer que Rikov não se interessa pelos problemas teoricos. Ele de facto se interessa. Mas, ao se interessar por eles, comete, pelo menos, dois erros de importancia.

Em seu projeto de resolução sobre o Plano Quinquenal, recusado pela Comissão do Bureau Politico, Rikov diz que "a ideia do Plano Quinquenal consiste no desenvolvimento da produtividade do trabalho do povo". E apesar de ter a Comissão do Bureau Politico recusado este ponto de vista, absolutamente falso, Rikov o defendeu aqui, no seu discurso. É certo

que a ideia central do Plano Quinquenal, no "País Soviético", é o desenvolvimento da produtividade do trabalho? Não, é falso. O de que nós precisamos não é um desenvolvimento "qualquer" da produtividade do trabalho do povo. Necessitamos de um "determinado" desenvolvimento da produtividade do trabalho, ou, seja: a produtividade do trabalho que garanta a "preponderancia sistematica do setor socialista da economia nacional sobre o setor capitalista". Este é o problema, camaradas. Um Plano Quinquenal que omitisse essa ideia central não seria um Plano Quinquenal, mas um absurdo quinquenal. O desenvolvimento da produtividade do trabalho em geral interessa a toda a sociedade, à sociedade capitalista e à sociedade pre-capitalista. O que diferencia a sociedade "soviética" das outras sociedades é, precisamente, o facto de que à ela não interessa um desenvolvimento qualquer da produtividade do trabalho, mas um desenvolvimento que garanta o predomínio da forma socialista da economia sobre as outras formas e, principalmente, sobre as formas capitalistas da economia, e que garanta, portanto, o esmagamento e a eliminação das formas capitalistas da economia. E Rikov esquece-se dessa ideia, que é, na realidade, a ideia central do Plano Quinquenal de desenvolvimento da sociedade "soviética". Eis aí o seu primeiro erro teorico.

O seu segundo erro consiste em não distinguir ou não querer compreender a diferença que existe, do ponto de vista da troca de mercadorias, entre os kolrózes, por exemplo, e qualquer forma de economia individual, nela se incluindo a economia capitalista. Rikov assegura que, do ponto de vista do intercambio de mercadoria, do mercado de cereais e do aprovisionamento de cereais, ele não nota diferença alguma entre os kolrózes e os possuidores privados de trigo; portanto, é-lhe indiferente que o trigo seja comprado de um kolróz, ou de um proprietário privado, ou mesmo de qualquer açambarcador da Argentina. Mas isto é errado, camaradas, absolutamente errado. É a repetição da conhecida tese de Frumkin, quando este assegurava que lhe era indiferente o lugar e a pessoa de quem se comprava o trigo, quer fosse um particular ou um kolróz. Esta é uma maneira viciada de defender, de reabilitar, de justificar as maquinações dos "kulaks", no mercado de cereais. O facto desta defesa se aplicar, apenas, do ponto de vista da troca de mercadorias, não impede que seja, apesar de tudo, uma justificativa das negociatas dos "kulaks" no mercado dos cereais. Se, do ponto de vista da troca de mercadorias, não existe nenhuma diferença entre as formas coletivas e as formas não coletivas de economia, valerá a pena preocuparmo-nos com a difícil tarefa de vencer os elementos capitalistas, na agricultura? Rikov, evidentemente, parte de um ponto de vista falso. E este é o seu segundo erro teorico.

Mas tocamos nestes assuntos apenas de passagem. Passemos, agora, a examinar o problema pratico colocado por Rikov, no seu discurso.

Rikov afirmou, então, que, além do Plano Quinquenal, seria preciso preparar outro plano paralelo, a saber: um plano bienal de desenvolvimento da agricultura. Esta proposta de um plano paralelo foi motivada pelas dificuldades que se apresentam no terreno da economia agraria. O Plano Quinquenal — dizia ele — está bom e nada temos a discutir; mas, se traçarmos, ao mesmo tempo, um plano bienal para a agricultura, será melhor ainda; se não o fizermos, a agricultura paralizará. Aparen-

temente, essa proposta nada encerra de mau. Mas, se a examinarmos com atenção, veremos que esse plano bienal da agricultura foi concebido para ressaltar o caráter irreal, utópico, do Plano Quinquenal, e vice-versa. Poderíamos nós concordar com tudo isso? Indubitavelmente, não. Dissemos então a Ríkov: se você não está de acordo com o Plano Quinquenal no que diz respeito à agricultura, se você considera insuficientes as verbas que constam do Plano Quinquenal para o desenvolvimento da agricultura, diga-nos quais devem ser as inversões suplementares que você propõe e estamos dispostos a incluí-las no Plano Quinquenal. E qual foi a conclusão? Ríkov não sugeriu nenhuma emenda referente às inversões complementares para a agricultura. Para que, então, esse plano bienal de desenvolvimento da economia agrária? Além do Plano Quinquenal — dissemos ainda — existem planos anuais que fazem parte do Plano Quinquenal, e, nos planos dos dois primeiros anos, podem ser introduzidas as emendas concretas que você sugere para o desenvolvimento da agricultura, se é que tem alguma emenda a sugerir. E que sucedeu então? Ríkov não soube apontar nenhum plano concreto de verbas complementares. E compreendemos, assim, que aquela proposta do plano bienal de Ríkov não se inspirava no desejo de estimular a agricultura, mas na aspiração de ressaltar o caráter irreal utópico, do Plano Quinquenal, no desejo, enfim, de negar o Plano Quinquenal. Para o “espírito”, para guardar as aparências, o Plano Quinquenal; para a realidade, para o trabalho prático, o plano bienal; eis a estratégia de Ríkov. Ríkov lançava, na arena, o seu plano bienal para, depois, no transcurso da realização prática do Plano Quinquenal, contrapor a este o plano bienal, reduzir o Plano Quinquenal e adaptá-lo ao plano bienal, desfalcando e cerceando as verbas destinadas à indústria.

Estas são as razões por que tivemos que recusar a proposta de Ríkov sobre um plano bienal paralelo.

b) O plano da superfície de cultivo

Ríkov quis atemorizar o Partido, assegurando que a superfície de cultivo, na U. R. S. S., tende sistematicamente a diminuir. E assim dizendo, acusava, indiretamente, o Partido, fazendo ver que sua política era responsável pela diminuição da superfície de cultivo. Não disse abertamente que marchávamos para a desagregação; mas a impressão que deixava o seu discurso era exatamente esta. É verdade que a superfície semeada tende sistematicamente a diminuir? Não, é falso. Ríkov utilizava os dados médios da superfície cultivada de nosso país. Mas o método dos dados médios, quando não é ajustado com os dados por regiões, não é um método científico. Talvez Ríkov tenha lido, algum dia, “O desenvolvimento do capitalismo na Rússia”, de Lênin. Se o leu, talvez se lembre de que Lênin critica nele os economistas burgueses que utilizam o método dos números médios, no caso do desenvolvimento da superfície de cultivo, e se esquecem dos dados por regiões. É estranho que Ríkov repita aqui os mesmos erros dos economistas burgueses. Pois bem; se observarmos a variação da superfície de cultivo, por regiões, isto é, se abordarmos o problema cientificamente, veremos que, nalgumas regiões, a superfície de semeadura au-

menta "sistematicamente", enquanto que, noutras, às vezes diminue, devido, principalmente, às condições meteorológicas, sem que existam dados que permitam afirmar que, em qualquer das regiões cerealistas importantes, se acuse uma diminuição "sistematica" da superfície cultivada.

Na realidade, acusam um decrescimo, quanto à superfície semeada, nestes ultimos tempos, as regiões assoladas pelo frio ou pela seca, como, por exemplo, nalguns distritos da Ucraina.

Uma voz — Não em toda a Ucraina.

Chlijter — Na Ucraina, a superfície cultivada aumentou de 2,7 por cento.

Stálin — Refiro-me à zona das estepes da Ucraina. Em compensação, noutras regiões, como, por exemplo, na Siberia, no Volga, em Kazakstán, na Bashkiria, etc., não prejudicadas pelas condições climatológicas desfavoráveis, a superfície de cultivo aumenta constantemente. Como se pode explicar que, numas regiões, a superfície de cultivo aumente sistematicamente, enquanto que, noutras, diminua de vez em quando? Não se pode afirmar que a politica do Partido seja uma na Ucraina e, outra, no Oriente e no Centro da U. R. S. S. Isto é absurdo, camaradas. E' evidente que as condições climatológicas têm aqui uma importancia consideravel.

E' certo que os kulaks" reduzem a superficie de cultivo, independentemente das condições climatológicas. Talvez aqui a "culpa" caiba à politica do Partido, que consiste em apoiar a massa dos camponeses pobres e medios, "contra" os "kulaks". Que se pode concluir de tudo isto? Teriam-nos comprometido, alguma vez, a manter uma politica que satisfizesse a todos os grupos sociais do campo, inclusive os "kulaks"? Poderíamos nós manter, se quisessemos ser marxistas, uma politica que satisfizesse os exploradores e os explorados? Que tem de particular o facto, como resultado de nossa politica leninista, destinada a cercear e a eliminar os elementos capitalistas do campo dos "kulaks" terem começado a reduzir, parcialmente, a terra semeada? Poderia ser de outro modo? Se achamos que esta politica é errada, devemos dizê-lo abertamente. Mas é estranho que pessoas, que se dizem marxistas, levadas pelo medo, tentem apresentar a redução parcial das terras semeadas pelos "kulaks", como uma prova da redução da superficie cultivada "em geral"; que esqueçam que, alem dos "kulaks", existem os camponeses pobres e medios, que semeiam areas cada vez maiores, e que existem os kolrózes e os soverrózes, cuja superficie de cultivo aumenta com ritmo acelerado.

Ha, finalmente, no discurso de Rikov, outra falsidade, relacionada com o problema da superficie de cultivo. Rikov lamentava-se de que, nalguns lugares, principalmente naqueles onde os kolrózes estão mais desenvolvidos, começava-se a reduzir a terra cultivada individualmente pelos camponeses pobres e medios. E isto é certo. Mas, que ha de mau nisto? E poderia ser de outro modo? Se os camponeses pobres e medios começam a abandonar as terras cultivadas individualmente e passam para o regime coletivo, não é evidente que o crescimento e a multiplicação dos kolrózes tem que se traduzir numa certa redução da terra lavrada individualmente pelos camponeses pobres e medios? Que quereis? Hoje, os kolrózes contam com um pouco mais de dois milhões de hectares de terra. Ao terminar o Plano Quinquenal, contarão com mais de 25 milhões de hectares. À custa de

quem aumentará a área das terras dos kolrózes? À custa das terras individuais dos camponeses pobres e médios. Que querem? Haverá outro caminho que leve a economia individual dos camponeses pobres e médios para o rumo da economia coletiva? Não é evidente, pois, que o património de terras dos kolrózes tem que ser aumentado, numa série de regiões, à custa das terras cultivadas individualmente? É estranho que ainda exista alguém que não compreenda estas coisas tão simples.

i) Sobre o aprovisionamento de cereais

Sobre as nossas dificuldades quanto ao aprovisionamento dos cereais, contam-nos, aqui, uma série de lendas. Não foram, entretanto, tomados em consideração os principais factores dessas dificuldades. Antes de mais nada, esquecem-se de que, neste ano, reunimos de 500 a 600 milhões de "puds" de trigo e de centeio — refiro-me ao volume global da colheita — a menos do que no ano passado. Indubitavelmente, não podemos deixar de refletir acerca do nosso aprovisionamento de cereais. Mas é a política do Comité Central responsável por tudo isto? Não, a política do C. C. nada tem a ver com isto. A má colheita, em toda a zona da estepe da Ucrânia (írio e secas) e a má colheita parcial no Cáucaso Septentrional, na região central das Terras Negras e na região Noroeste, é que explicam esse fenómeno. Assim, explica-se, principalmente, porque, em 1.º de abril do ano passado, obtivemos na Ucrânia, 200 milhões de "puds" de trigo e de centeio, ao passo que, neste ano, só conseguimos de 26 a 27 milhões de "puds". E esta é a causa também porque o aprovisionamento de trigo e de centeio na região central das Terras Negras se tenha reduzido a quase uma oitava parte e, no Cáucaso, a uma quarta parte. No Oriente, o aprovisionamento de trigo, nalgumas regiões, acusa resultados quase duas vezes maiores do que os do ano anterior. Mas esses resultados não podiam compensar, nem, de facto, compensaram, como é natural, o "deficit" de cereais que se evidencia na Ucrânia, no Cáucaso Septentrional e na região central das Terras Negras. Não se deve esquecer que, em colheitas normais, a Ucrânia e o Cáucaso produzem mais da metade, e, às vezes, até duas terças partes do total de cereais da U. R. S. S. É estranho que Ríkov não tenha considerado esta circunstância.

Existe, finalmente, ainda uma outra circunstância que representa o factor fundamental de nossas dificuldades momentâneas, relacionadas com o aprovisionamento de cereais. Refiro-me à resistência que os "kulaks" e os elementos remediados da aldeia opõem à política de aprovisionamento de cereais do Poder Soviético. Ríkov deixou de lado este factor. E desprezar esse factor significa omitir a questão fundamental ligada ao aprovisionamento de cereais. Que é que indica a experiência dos últimos anos, neste assunto? Indica que as camadas remediadas do campo, que possuem em seu poder um excedente considerável de cereais e que ocupam posição predominante no mercado, não querem entregar, voluntariamente, a quantidade necessária de cereais ao preço determinado pelo Poder Soviético. Para assegurar o abastecimento de cereais das cidades e dos centros industriais, do Exército Vermelho e das outras regiões que produzem matérias

primas para a indústria, necessitamos de 500 milhões de "puds" de trigo, anuais. Foram-nos entregues, voluntariamente, de 300 a 350 milhões de "puds". Os 150 milhões restantes, só os podemos obter por meio de uma pressão organizada sobre os "kulaks" e sobre os elementos remediados do campo. É isso o que nos ensina a experiência, no aprovisionamento de cereais, dos dois últimos anos.

Que aconteceu durante esses dois últimos anos? Como se originaram essas modificações? Por que, anteriormente, as coisas marchavam automaticamente, enquanto que, agora isso não acontece? Sucedeu que, durante esses anos, os "kulaks" e os elementos remediados do campo se desenvolveram; esses anos de boas colheitas foram por eles bem aproveitados; estes elementos se fortaleceram economicamente, acumularam os seus capitazinhos, e, agora, podem especular no mercado, retendo o excedente de trigo, à espera do aumento dos preços e dedicam-se a outros cultivos. O trigo não é uma mercadoria igual às outras. O trigo não é algodão, que, não se pode comer e não se pode vender a todo o mundo. Diferente do algodão, o trigo, nas condições atuais de nosso país, é uma mercadoria desejada por todo o mundo, sem a qual não se pode viver. É o "kulak" sabe disso e disso se aproveita, dando exemplo a todos os possuidores de trigo. O "kulak" sabe que o trigo é o equivalente dos equivalentes. O "kulak" sabe que o excedente de trigo não é apenas um meio de enriquecer, como também um meio para escravizar os pobres. Em determinadas condições, o excedente de trigo, nas mãos dos "kulaks", é um meio de fortalecimento econômico e político desses elementos. Por isso, tirando dos "kulaks" o excedente de trigo, facilitaremos o abastecimento de trigo das cidades e do Exército Vermelho, e ainda facilitaremos a tarefa de arrancar do "kulak" os meios com os quais se fortalece, econômica e politicamente.

E o que é preciso para obter esse excedente de trigo? Antes de mais nada, é preciso acabar com a psicologia do automatismo, que é uma coisa daninha e prejudicial. É preciso "organizar" o aprovisionamento de cereais. É preciso mobilizar as massas dos camponeses pobres e médios, contra os "kulaks", e organizar a sua contribuição cívica, em auxílio às medidas do Poder Soviético, destinadas a intensificar o aprovisionamento de cereais. A importância dos métodos de aprovisionamento de cereais, aplicados no Ural e na Sibéria e que se baseiam no princípio de que os próprios camponeses é que devem fixar a quantidade de cereais que cada um ha de fornecer, consiste, precisamente, no facto de que permite mobilizar as camadas trabalhadoras do campo contra os "kulaks", para intensificar o aprovisionamento de cereais. A experiência já nos demonstrou que este método dá resultados positivos. E, além disso, demonstrou que os resultados positivos podem ser conseguidos em dois sentidos: em primeiro lugar, retiramos dos elementos ricos do campo o seu excedente de trigo, facilitando, assim, o abastecimento do país; em segundo lugar, mobilizamos as massas de camponeses pobres e médios, contra os "kulaks" permitindo que se esclareçam politicamente e organizando-os num potente exército político do campo, de muitos milhões de homens. Alguns camaradas não percebem esse segundo resultado, que é um dos resultados mais importantes, talvez até o mais importante, do método de aprovisionamento de cereais, empre-

gado no Ural e na Sibéria. E' verdade que esse metodo exige, às vezes, a applicação de medidas extraordinarias contra os "kulaks", o que provoca ridiculas lamentações da parte de Burrárin e de Rikov. Mas, que pode haver de mau nisso? Será que, às vezes, sob determinadas condições, não é licito aplicar medidas extraordinarias contra o nosso inimigo de classe, contra os "kulaks"? Por que havemos de prender ou deportar para a Sibéria centenas de especuladores das cidades, e dos "kulaks", que tentam estrangular o Poder Sovietico e escravizar os camponeses pobres, não se pode retirar o excedente de trigo por meio de uma coerção social sobre os preços, de tal modo que sejam os mesmos que os camponeses pobres e medios recebem pelo trigo que entregam às nossas organizações? Qual o motivo dessa especial consideração? O nosso Partido já se manifestou alguma vez, "em principio", contra a applicação de medidas extraordinarias contra os "kulaks"? Ao que parece, Rikov e Burrárin são contrarios, "por principio", a tudo o que vise a applicação de medidas extraordinarias contra os "kulaks". Mas isto é uma politica liberal burguesa e não uma politica marxista. Não podeis ignorar que, depois da implantação da Nep, Lénin era partidario inclusive do restabelecimento da politica dos Comitês de camponeses pobres, naturalmente sob determinadas condições. Pois bem; a applicação parcial de medidas extraordinarias contra os "kulaks" não se compara, nem de leve, com a politica dos Comitês de camponeses pobres.

Os adeptos do grupo Burrárin esperam convencer o inimigo de classe a renunciar, voluntariamente, aos seus interesses e a entregar, voluntariamente, o excedente de trigo. Confiam que os "kulaks", que se fortaleceram, têm a possibilidade de se refazer com outros cultivos e escondem o excedente de trigo, que estes mesmos "kulaks" nos entreguem, voluntariamente, o excedente do trigo, pelos preços que nós determinamos. Terão enloquecido? Indubitavelmente, os que assim pensam não compreendem a mecanica da luta de classes, não sabem o que são classes. Não sabem, mesmo, como os "kulaks" ridicularizam os nossos ativistas e o nosso Poder Sovietico, nas assembleias organizadas para reforçar o aprovisionamento de cereais? Não conhecem eles, factos como, por exemplo, o de Kazaktan, em que nosso agitador, depois de passar duas horas tentando convencer os possuidores de trigo a que o entregassem, afim de alimentar o país, ouviu de um "kulak", com o cachimbo na boca, o seguinte: "Dansa um pouquinho, rapaz, que te darei dois "puds" de trigo!"

Vozes — Que canalhas!

Stálin — Tentai convencer a essa gente! Sim, camaradas; as classes são as classes. Desta verdade ninguem nos afastará. O metodo aplicado no Ural e na Sibéria é bom, precisamente porque facilita a possibilidade de armar os camponeses pobres e medios contra os "kulaks"; porque facilita a possibilidade de vencer a resistencia dos "kulaks" e os obriga a entregar aos órgãos do Poder Sovietico o excedente de trigo.

Hoje, a palavra que está mais em moda nas fileiras da nova opposição, nas fileiras do grupo Burrárin, são os "abusos", no aprovisionamento de cereais. Entre eles, essa palavra tem grande aceitação pois lhes permite disfarçar sua propria linha. Quando querem disfarçar sua linha costumam dizer: nós, naturalmente, não somos contrarios à pressão contra os "kulaks"; mas somos contrarios aos abusos que se cometem nesse terreno e atingem

os camponeses médios. Depois, põem-se a nos contar horrores sobre esses abusos, leem-nos cartas de "camponeses", cartas cheias de pânico, de alguns camaradas, no estilo de Markov, para chegar à conclusão de que é necessário abolir a política de pressão sobre os "kulaks". Que vos parece? "Uma vez que" se verificam abusos na aplicação de uma política justa, "é preciso abolir essa política justa". Esse é o método habitual dos oportunistas: invocam os abusos verificados na aplicação de uma linha justa, a fim de que esta seja abolida e substituída por outra, oportunista. Além disso, o grupo de Burrárin tem bastante cuidado em não dizer que existem ainda outros abusos, mais perigosos e prejudiciais, a saber: os abusos que conduzem à aliança com os "kulaks", à adaptação aos elementos ricos do campo, à pretensão de substituir a política revolucionária do Partido pela política oportunista dos desviados de direita.

Todos nós, naturalmente, somos contrários a esses abusos. Somos contrários a que os golpes dirigidos contra os "kulaks" venham a recair sobre os camponeses médios. Isto é evidente e não deixa lugar a dúvidas. Mas somos inteiramente contrários a que, com essa charlatanice acerca dos abusos, utilizada com tanta insistência pelo grupo Burrárin, se pretenda anular a política revolucionária de nosso Partido, substituindo-o pela política oportunista de Burrárin. Não, esse artil não terá efeitos.

Indicai uma só medida política do Partido que não tenha sido acompanhada de tais ou quais abusos. Mas disso apenas se deduz que devemos lutar contra os abusos. Mas, pode-se censurar, "por essa razão", a linha do Partido, que é a única linha justa? Tomemos, como exemplo, uma medida como a da adoção da jornada de trabalho de sete horas. E' indubitável que esta é uma das medidas mais revolucionárias postas em prática pelo nosso Partido nos últimos tempos. Mas quem ignora que esta medida, profundamente revolucionária em sua essência, foi acompanhada, na prática, por uma série de abusos, às vezes verdadeiramente infames? Quer isso dizer que devemos suprimir a política da adoção da jornada de sete horas? Compreenderão os que militam na nova oposição em que charco se atolam quando divulgam os abusos que se manifestam no aprovisionamento de cereais?

IV

SOBRE A LUTA CONTRA O DESVIO DIREITISTA

Acabamos, assim, de enumerar as principais questões de nossas divergências, tanto no terreno da teoria, como no da política de nosso Partido, na linha da Internacional Comunista e na linha da política interna. Pelo que dissemos, conclue-se que a afirmação de Rikov de que temos uma só linha política não corresponde a realidade. Pelo que dissemos, conclue-se que temos, na realidade, "duas" linhas políticas. Uma, é a linha geral do Partido, a linha revolucionária, leninista de nosso Partido. Outra, é a linha do grupo Burrárin. Esta segunda linha não está ainda completamente definida, em parte porque dentro do grupo Burrárin existe indescritível confusão de ideias e, em parte, porque esta segunda linha, reconhecendo

a sua debilidade, devido à sua pouca importancia dentro do Partido, procura se disfarçar de diversas maneiras. Mas, apesar de tudo, como vedes, esta linha existe e existe como uma linha "diferente" da linha do Partido, como uma linha "oposta" à linha geral do Partido, em quasi todos os problemas de nossa politica. Esta segunda linha é, fundamentalmente, a linha do desvio "direitista".

Burrárin falou aqui sobre a "execução civil" de três membros do Bureau Politico, dos quais, segundo as suas palavras, estavam sendo "criticados" pelas organizações de nosso Partido. Disse, ainda, que o Partido havia decretado a "execução civil" de três membros do Bureau Politico, Burrárin, Rikov e Tomski, criticando seus erros na imprensa e nas reuniões, enquanto que eles, os três membros do Bureau, se viam "obrigados" a calar. Isto é uma tolice, camaradas, são as falsidades de um comunista liberalizante, que procura debilitar o Partido na sua luta contra o desvio direitoista.

Segundo Burrárin, se ele e seus amigos concordam em incorrer nos erros de um desvio direitoista, o Partido não tem o direito de desmascarar estes erros, mas, ao contrario, deve suspender a luta contra o desvio direitoista e esperar que Burrárin e seus amigos se resolvam a retificar seus erros. Não é muito o que Burrárin exige de nós? Será que ele julga o Partido existir para ele e não ele para o Partido? Quem o obriga a calar, a permanecer passivo, quando todo o Partido se mobiliza contra o desvio direitoista e desencadeia um ataque resolutivo contra as dificuldades? Por que Burrárin e seus amigos mais intimos não se levantam agora e se põem a lutar, com decisão, contra o desvio direitoista e contra os conciliadores? Pode alguém duvidar que o Partido acolheria com prazer o facto de que Burrárin e seus amigos mais intimos se decidissem a dar este passo que não é tão difficil? Por que não se decidem a dar este passo que é, afinal de contas, o seu dever? Não será porque os interesses de seu grupo são, para eles, mais sagrados do que os interesses do Partido e a linha geral deste? Quem tem a culpa de que, na luta com os desviados de direita, não vejamos ao nosso lado Burrárin, Rikov e Tomski? E' ou não evidente que essa charlatanice sobre a "execução civil" de três membros do Bureau Politico não é senão uma tentativa mal disfarçada desses tres membros do Bureau no sentido de obrigar o Partido a calar e a suspender a luta contra o desvio direitoista?

A luta contra o desvio direitoista não é, para o nosso Partido, uma tarefa secundaria, mas, sim, uma de suas tarefas decisivas. Se, em nosso proprio seio, no seio de nosso proprio Partido, no Estado Maior politico do proletariado, que dirige o movimento e leva o proletariado à vitoria; se, no seio deste mesmo Estado Maior, permitissemos que existam e atuem livremente os agentes do desvio de direita, que procuram enfraquecer o Partido, desagregar a classe operaria, adaptar a nossa politica ao gosto da burguesia "sovietica" e retroceder, desse modo, diante das dificuldades de nossa obra de edificação; se consentissemos nisso, que significaria? Não seria o mesmo que entrar a revolução, desfazer nossa obra de edificação socialista, fugir às dificuldades e entregar as nossas posições aos elementos capitalistas? Compreenderá o grupo Burrárin que renunciar à luta contra o desvio direitoista equivale a "trair" a classe operaria, a "trair" a revolução? Compreen-

derá o grupo Burrárin que, sem derrotar o desvio direitista e os conciliadores, é impossível vencer as dificuldades que se levantam diante de nós e que, sem vencer essas dificuldades, jamais poderemos alcançar êxitos decisivos na obra de edificação do socialismo? Que valor tem, ao lado de tudo isso, essa lamentável expressão "execução civil" de três membros do Bureau Político?

Não, camaradas; o Partido não se assusta com as charlatanices liberais de "execuções civis". O Partido exige de vós uma luta sem treguas contra o desvio direitista e contra os conciliadores, idêntica à que sustentam todos os membros do C. C. do nosso Partido. E exige isso de vós para facilitar a mobilização da classe operária, para organizar a ofensiva do socialismo em todas as frentes, para vencer a resistência do inimigo de classe e para garantir a superação das dificuldades que ainda tem pela frente esta obra de edificação. Ou vos submeteis a esta exigência e, neste caso, o Partido vos receberá de braços abertos, ou não o fazeis e, neste caso, sofrereis as consequências.



STÁLIN NO CONCEITO DE UM REPORTER NORTE-AMERICANO

— "Stálin é semelhante a uma montanha com cabeça. Não pode ser demovido. Mas pensa". Atualmente, seu poder e sua influência são maiores do que nunca e isso quer dizer muita coisa. Ele inspira o Partido com sua calma e força de vontade. Quem está em contacto com ele admira sua capacidade de ouvir e sua habilidade para melhorar as sugestões e os projetos de subordinados inteligentíssimos. Não há dúvida de que sua determinação e sua sensatez constituíram importantes recursos nas lutas destes últimos anos." (Louis Fischer, em *The Nation*, 9 de agosto de 1933.)



A CONSTITUIÇÃO DE STÁLIN — O terceiro documento da humanidade moderna, depois da Declaração de Independência e dos Direitos do Homem, de Paris, é representado pela Constituição Soviética de 1936. Nêsse interim, durante os últimos cento e sessenta anos, não se encontra nada em que o século XIX tenha alcançado ou mesmo antecipado a elevação moral dos séculos XVIII ou XX; porque o *Manifesto Comunista* é só um programa para um novo sistema de economia. (Ludwig, *Stálin*, edição brasileira.)



COMO TRABALHA STÁLIN — O camarada Stálin observa sempre atentamente todos os aspectos da atividade das organizações do Partido, dos Soviets, sindicatos, cooperativas e outras. Estuda atentamente todos os processos do trabalho econômico, administrativo, militar e cultural e considera sempre com acerto e oportunidade os problemas de maior importância, que exigem a atenção concentrada de todo o Partido, de todos os trabalhadores. Sabe encontrar precisamente *aquêle elo por meio do qual é possível, a qualquer momento, puxar toda a cadeia* (Em. Yaroslavski.)

SOBRE O PROBLEMA DA CHINA

Do discurso "A situação internacional e a defesa da URSS", pronunciado na sessão de 1 de agosto de 1927, do Pleno Conjunto do Comité Central e da Comissão Central de Contrôlle.

Passemos ao problema da China. Não pretendo estender-me a proposito dos erros da opposição no que diz respeito ao carater e às perspectivas da revolução chinesa. Não o farei, uma vez que já se falou sobre isso bem amplamente e de modo suficientemente convincente para que valha a pena repeti-lo. Nem tão pouco me estenderei relativamente à questão de que, pretendese, a revolução chinesa seja, na etapa atual, uma revolução pela autonomia aduaneira (Trotski). Nem vale a pena, igualmente, estender-me, sobre a asserção de que na China não existem, pretende-se, sobrevivencias feudais, ou que, se existem, não têm grande importancia e, portanto, a revolução agrária na China é absolutamente incompreensível (Trotski e Radek). Já conheceis, certamente, por intermedio da nossa imprensa do Partido, esses erros e outros analogos da opposição com referencia ao problema chinês.

Passemos ao problema dos principios fundamentais do leninismo que servem de ponto de partida para a solução dos problemas da revolução nos países coloniais e dependentes.

Em que consiste o ponto de partida adotado pela Internacional Comunista e pelos Partidos Comunistas em geral, na análise dos problemas do movimento revolucionario nos países coloniais e dependentes?

Consiste em estabelecer rigorosa **diferença** entre a revolução nos países imperialistas, nos países que oprimem outros povos, e a revolução nos países coloniais e dependentes, nos países que suportam a opressão imperialista de outros Estados. A revolução nos países imperialistas é uma coisa: neles, a burguesia é a opressora de outros povos; neles, a burguesia é contra-revolucionaria em todas as etapas da revolução; neles, falta o factor nacional como factor da luta emancipadora. A revolução nos países coloniais e dependentes é outra coisa: neles, a opressão imperialista de outros Estados é um dos factores da revolução; neles, essa opressão não pode deixar de afetar também a burguesia nacional; neles, em determinada etapa e durante determinado periodo, a burguesia nacional pode apoiar o movimento revolucionario de seu país contra o imperialismo; neles, o factor nacional, como factor da luta pela emancipação, é um factor da revolução. Não fazer essa distinção, não compreender essa diferença, identificar a revolução nos países imperialistas com a revolução nos países coloniais, tudo isso significa desviar-se do caminho marxista, do caminho leninista, e situar-se no dos partidos da II Internacional.

Eis o que, sobre o assunto, dizia Lênin em seu informe sobre o problema nacional e colonial, no II Congresso da Internacional Comunista:

"Qual é a ideia mais importante, a ideia fundamental da nossa tese? E' a distinção entre povos oprimidos e povos opressores. Frisamos essa dis-

tinção, em oposição à II Internacional e à democracia burguesa" (*) (Lénin, Obras Completas, t. XXV, pag. 351).

O erro fundamental da oposição consiste em não compreender nem reconhecer essa diferença entre a revolução de um tipo e a de outro.

O erro fundamental da oposição consiste em **identificar** a revolução de 1905 na Rússia, país imperialista que oprimia outros povos, com a revolução na China, país oprimido, semi-colonial, obrigado a lutar contra a opressão imperialista de outros Estados.

Aqui, na Rússia, em 1905, a revolução era dirigida contra a burguesia, contra a burguesia liberal, apesar de a revolução ter sido uma revolução democrático-burguesa. Por que? Porque a burguesia liberal de um país **imperialista** não pode deixar de ser contra-revolucionária. Precisamente por isso, os bolcheviques não colocavam, então, nem podiam colocar, a questão de blocos ou acordos temporários com a burguesia liberal. Tomando isso como base, a oposição afirma que o mesmo se deve fazer na China, em todas as etapas do movimento revolucionário; que os acordos e blocos temporários com a burguesia nacional não são admissíveis na China, em nenhum momento e sob nenhuma condição. Mas a oposição se esquece de que somente podem falar assim pessoas que não compreendem nem reconhecem a diferença existente entre a revolução nos países oprimidos e a revolução nos países opressores; que somente podem falar assim pessoas que rompem com o leninismo e se desviam para as posições dos partidários da II Internacional.

Eis o que diz Lénin sobre a admissão de acordos e blocos temporários com o movimento **burguês** de emancipação nos países coloniais:

"A Internacional Comunista deve caminhar para uma **aliança temporária** (*) com a democracia burguesa das colônias e dos países atrasados, mas não se fundir com ela e manter, de modo completo, a independência do movimento proletário, mesmo em sua forma mais embrionária" (t. XXV, pag. 290)... "Nós, como comunistas, só deveremos apoiar os movimentos **burgueses de emancipação** (*) nos países coloniais, no caso de que esses movimentos sejam verdadeiramente revolucionários, no caso de que os seus representantes não nos impeçam de educar e organizar com espírito revolucionário os camponeses e as grandes massas de explorados" (t. XXV, página 353).

Como pôde "acontecer" que Lénin, que lançou raios e trovões contra o acordo com a burguesia **na Rússia**, tenha reconhecido a admissibilidade de tais blocos e acordos **na China**? Lénin terá cometido um erro? Ter-se-á desviado da tática revolucionária para a tática oportunista? Evidentemente não. Isso "aconteceu" porque Lénin compreendia a diferença entre a revolução em país oprimido e a revolução em país opressor. Isso "aconteceu" porque Lénin compreendia que, em determinada etapa do seu desenvolvimento, a burguesia nacional dos países coloniais pode apoiar o movimento revolucionário em seu país contra o imperialismo estrangeiro. Isso a oposição não quer compreender; mas não o quer compreender porque rompe com a tática

(*) Grifado por Stálin.

revolucionaria de Lênin, porque rompe com a tática revolucionária do leninismo.

Prestastes atenção ao facto de como em seus discursos os líderes da oposição punham de lado, cuidadosamente, essas diretivas de Lênin, temendo tocá-las apesar de, em seu informe, Burrárin ter focalizado de frente a questão referente a essas orientações de Lênin? Por que, então, afastam essas diretivas táticas de Lênin, conhecidas de todos, relativas aos países coloniais e dependentes? Por que temem tais diretivas? Porque temem a verdade. Porque as orientações táticas de Lênin lançam por terra todas as concepções ideológicas e políticas do trotskismo no problema da revolução chinesa.

Falemos agora das etapas da revolução chinesa. A oposição enredou-se até o ponto de agora negar a existência de qualquer etapa no desenvolvimento da revolução chinesa. Mas existe porventura alguma revolução sem etapas determinadas em seu desenvolvimento? A nossa revolução não teve então as suas etapas de desenvolvimento? Tomai as **Teses de Abril, de Lênin**, e vereis que Lênin reconhecia duas etapas em nossa revolução: a primeira etapa era a da revolução democrático-burguesa, com um movimento agrário como eixo principal; a segunda etapa, a da Revolução de Outubro, com a conquista do poder pelo proletariado como eixo principal. Quais são as etapas da revolução chinesa? A meu ver, têm de ser três: a primeira etapa é a da revolução da frente **única** nacional geral, o período de Cantão, quando a revolução dirigia seus golpes fundamentalmente contra o imperialismo estrangeiro, enquanto a burguesia nacional apoiava o movimento revolucionário; a segunda etapa é a da revolução democrático-burguesa, após a chegada das tropas nacionais ao rio Yang-Tsé, quando a burguesia se afastou da revolução, enquanto o movimento agrário se desenvolveu até converter-se em poderosa revolução de dezenas de milhões de camponeses (a revolução chinesa encontra-se atualmente na segunda etapa de seu desenvolvimento); a terceira etapa é a da revolução soviética, à qual ainda não se chegou, mas se chegará. Quem não tenha compreendido que não pode haver uma revolução sem determinadas etapas de seu desenvolvimento, quem não tenha compreendido que a revolução chinesa tem três etapas em seu desenvolvimento, não compreendeu nada do marxismo nem do problema chinês.

Qual é a característica da primeira etapa da revolução chinesa?

A característica da primeira etapa da revolução chinesa consiste, em primeiro lugar, em que foi uma revolução da frente única nacional geral e, em segundo lugar, era dirigida fundamentalmente contra a opressão imperialista estrangeira (a greve de Hong-Kong, etc.). Era Cantão o centro, o quartel-general do movimento revolucionário da China? Indubitavelmente o era. Somente os cegos podem agora negá-lo.

E' certo que a primeira etapa da revolução colonial ha de ter precisamente esse caráter? Acredito que seja certo. Nas **Teses complementares** do II Congresso da Internacional Comunista, que tratam da revolução na China e na Índia, diz-se explicitamente que, nesses países, "a dominação estrangeira freia constantemente o desenvolvimento da vida social" e que, "por esse motivo, o primeiro passo da revolução nas colônias ha de ser a derro-

cada do capitalismo estrangeiro" (*) (V. as notas taquigráficas do II Congresso da I. C., pag. 605).

A característica da revolução chinesa reside no facto de que essa revolução deu esse "primeiro passo", atravessou a primeira etapa de seu desenvolvimento, ultrapassou o período da revolução da frente única nacional geral e entrou na segunda etapa de seu desenvolvimento, no período da revolução agrária.

A característica da revolução turca (os kemalistas), por exemplo, reside, ao contrario, no facto de que essa revolução se deteve no "primeiro passo", na primeira etapa de seu desenvolvimento, na etapa do movimento burguês de emancipação, não tentando sequer entrar na segunda etapa de de seu desenvolvimento, na etapa da revolução agrária.

Que eram o Kuomintang e seu governo na primeira etapa da revolução, no período de Cantão? Nesse período, eram o bloco dos operários, dos camponeses, da intelectualidade burguesa e da burguesia nacional. Nesse período, era Cantão o centro do movimento revolucionário, o quartel-general da revolução? Nesse período, era acertada a politica de apoio ao Kuomintang de Cantão, como governo da luta de emancipação contra o imperialismo? Tinhamos razão ao apoiar Cantão na China e, por exemplo, Angora na Turquia, quando Cantão e Angora lutavam contra o imperialismo? Sim, tínhamos razão. Tínhamos razão e seguíamos as pegadas de Lênin, uma vez que as lutas de Cantão e Angora dispersavam as forças do imperialismo, debilitavam e solapavam o imperialismo e, com isso, facilitavam o desenvolvimento do centro da revolução mundial, o desenvolvimento da URSS. E' certo que, naquela epoca, os atuais líderes da oposição apoiaram Cantão e Angora juntamente conosco, prestando-lhes determinada ajuda? Sim, é certo. Ninguém pretenda po-lo em duvida.

Mas como se deve entender a frente única com a burguesia nacional na primeira etapa da revolução colonial? Quer isso dizer que os comunistas não devam aguçar a luta dos operários e camponeses contra os latifundiários e a burguesia nacional, que o proletariado deva sacrificar, em grau mínimo que seja, por um minuto que seja, a sua independencia? Não, não quer dizer tal coisa. A frente única somente pode ter significação revolucionaria nas condições e no caso em que não impeça o Partido Comunista de desenvolver o seu trabalho politico e de organização independente, de organizar o proletariado como força politica independente, de levantar os camponeses contra os latifundiários, de organizar abertamente a revolução dos operários e camponeses e de preparar, desse modo, as condições necessarias à concretização da hegemonia do proletariado. Acho que Burrárin demonstrou plenamente em seu informe, na base de documentos conhecidos de todos, que a Internacional Comunista indicava ao Partido Comunista chinês precisamente essa concepção da frente única.

Kámeniev e Zinóiev, referiram-se aqui a um unico telegrama enviado a Shanghai em outubro de 1926, no qual se diz que, no momento, antes da tomada de Shanghai, não se deve intensificar o movimento agrario. Estou longe de reconhecer que esse telegrama constitua um acerto. Nunca consi-

(*) Grifado por Stálin.

derci e não considero infalível o nosso Comité Central. Às vezes se cometem erros, e esse telegrama, é, sem dúvida, um deles. Mas, em primeiro lugar, esse telegrama foi anulado por nós mesmos semanas mais tarde (em novembro de 1926), sem qualquer especie de indicações da oposição. Em segundo lugar, por que a oposição guardou silêncio até agora, nesse particular, por que somente se lembrou desse telegrama **no fim de nove meses** e por que ocultou ao Partido que tal telegrama tinha sido anulado por nós **ha nove meses**? Por isso, seria uma calúnia premeditada supor que o referido telegrama definia a linha da nossa direção. Na realidade, esse telegrama não tinha sinão um carater accidental, de modo algum característico da linha da Internacional Comunista, da linha da nossa direção. Podemos vê-lo, repetio, apenas com o facto de o telegrama ter sido anulado algumas semanas depois por uma série de documentos que determinavam a linha e que eram, indubitavelmente, característicos para a nossa direção.

Permiti-me que recorra a esses documentos.

Eis, por exemplo, um trecho da resolução do VII Pleno da Internacional Comunista, realizado em **novembro** de 1926, isto é, um mês depois do telegrama acima citado:

“Uma peculiaridade original da situação atual é constituída por seu carater transitorio, em que o proletariado tem de escolher entre a perspectiva de um bloco com camadas consideraveis da burguesia e a perspectiva do fortalecimento posterior da sua aliança com os camponeses. **Se o proletariado não expuser um programa agrario radical, não conseguirá arrastar os camponeses para a luta revolucionaria e perderá a hegemonia do movimento de libertação nacional**”. (*)

E mais adiante:

“O governo popular de Cantão não se poderá manter no poder durante a revolução, não poderá obter o triunfo completo sobre o imperialismo estrangeiro e sobre a reação indigena, enquanto a causa da libertação nacional não estiver **identificada com a revolução agraria**” (*) (V. a resolução do VII Pleno Ampliado do Comité Executivo da Internacional Comunista).

Aí está, pois, um documento que define realmente a linha da direção da Internacional Comunista.

E' muito estranho que os líderes da oposição silenciem sobre esse documento da Internacional Comunista, conhecido de todos.

Talvez não seja imodestia recorrer ao meu discurso pronunciado na Comissão Chinesa da Internacional Comunista em **novembro do mesmo** ano de 1926, a qual elaborou, evidentemente não sem a minha participação, a resolução sobre o problema chinês, aprovada pelo VII Pleno Ampliado. Esse discurso foi publicado mais tarde em folheto à parte, sob o titulo de **Sobre as perspectivas da revolução na China**. Eis alguns paragrafos desse discurso:

“Sei que, entre os membros do Kuomintang e tambem entre os comunistas chineses, existem pessoas que não consideram possível o desenca-deamento da revolução nos campos, temerosas de que a incorporação dos camponeses à revolução solape a frente unica anti-imperialista. **Isso é um**

(*) Grifado por Stálin.

erro profundo, camaradas. A frente anti-imperialista na China será tanto mais forte e poderosa quanto antes e mais a fundo se incorporarem os camponios chineses à revolução”.

E mais adiante:

“Sei que, entre os comunistas chineses, existem camaradas que não consideram convenientes as greves dos operarios pela melhoria da sua situação material e jurídica e dissuadem os operarios de organiza-las (**Uma voz:** “Isso aconteceu em Cantão e em Shanghai”). E’ um grave erro, camaradas. E’ um profundo desprezo do papel e da importancia do proletariado da China. Deve ser assinalado nas teses como manifestação indubitavelmente negativa. Seria grande erro os comunistas chineses não aproveitarem a favorável situação atual para ajudar os operarios a melhorar a sua situação material e jurídica, ainda que seja por meio de greves. Para que serviria então a revolução na China?” (V. Stálin, **Sobre as perspectivas da revolução na China**).

Eis o terceiro documento, do mês de **dezembro** de 1926, escrito no momento em que a Internacional Comunista se via assediada por informações procedentes de todas as cidades da China, assegurando que o desenvolvimento da luta dos operarios conduz à crise, à paralização do trabalho, ao fechamento das fabricas e oficinas:

“A politica geral do recuo nas cidades e de redução da luta dos operarios pela melhoria da sua situação **é falsa**. E’ necessario desenvolver a luta nos campos, mas, ao mesmo tempo, é necessario aproveitar o momento favorável para melhorar a situação material e jurídica dos operarios, procurando-se, por todos os meios, dar um carater organizado à luta dos operarios, excluindo-se os excessos e as antecipações exageradas. Cumpre fazer, com particular empenho, que a luta nas cidades seja drígida contra as camadas da grande burguesia, e sobretudo contra os imperialistas, com o objetivo de, na medida do possível, manter a burguesia chinesa, pequena e media, na frente única contra o inimigo comum. Consideramos adequado o sistema de juntas de conciliação, tribunais de arbitragem, etc., contanto que fique assegurada uma politica operaria acertada nessas instituições. Ao mesmo tempo, consideramos necessario advertir que os decretos contra a liberdade de greve, de reunião, etc., são absolutamente inadmissíveis. Em virtude da importancia desses problemas, trazei-nos informações com regularidade”.

O quarto documento, redigido um mês e meio antes do golpe de Estado de Chiang Kai-Shek, diz:

“E’ necessario reforçar o trabalho das celulas do Kuomintang e das células comunistas no exercito, organiza-las onde não existam e onde a sua organização seja possível; nos lugares em que não seja possível a organização de celulas comunistas, é necessario realizar intenso trabalho com a ajuda dos comunistas encobertos.

E’ necessario orientar-se para o **armamento dos operarios e camponeses, para a transformação dos comités camponeses locais em organismos efetivos do poder, com milicias armadas, etc.**

E’ necessario que o Partido Comunista se manifeste em toda parte como tal; é inadmissível a politica de semi-legalidade voluntaria; o **Partido Comunista não pode manifestar-se como um freio do movimento de massas; o**

Partido Comunista não deve ocultar a politica reacionaria e traidora dos elementos de direita do Kuomintang; é necessario mobilizar as massas em torno do Kuomintang e do Partido Comunista chinês, para desmascarar esses elementos.

E' necessario chamar a atenção de todos os militantes fieis à revolução para o facto de que, nas circunstancias atuais, em relação com o reagrupamento das forças de classe e a concentração dos exercitos imperialistas, a revolução chinesa atravessa um periodo critico, e as suas vitorias posteriores só serão possiveis orientando-se decididamente para o desenvolvimento do movimento de massas. Caso contrario, um grande perigo ameaçará a revolução. A realização pratica das diretivas é, por isso, mais necessaria do que nunca".

Mesmo antes, já em abril de 1926, um ano antes do golpe de Estado dos elementos de direita do Kuomintang e de Chiang-Kai-Shek, a Internacional Comunista havia advertido o Partido Comunista chinês, indicando-lhe que "é necessario levar as coisas no sentido da saída ou da expulsão do Kuomintang dos seus elementos de direita".

Eis, pois, como entendia e como continua entendendo a Internacional Comunista a tatica da frente unica contra o imperialismo, na primeira etapa da revolução colonial.

Conhece a opposição a existencia desses documentos-diretivas? Naturalmente os conhece. Por que, pois, silencia a respeito desses documentos-diretivas? Porque o que busca são as dissensões e não a verdade.

Houve, entretanto, uma época em que os atuais lideres da opposição, particularmente Zinóviev e Kámeniev, entendiam alguma coisa do leninismo e defendiam, no fundamental, a mesma politica do movimento revolucionario chinês que a realizada pela Internacional Comunista e que o camarada Lênin nos havia prescrito em suas teses. Refiro-me ao VI Pleno da Internacional Comunista, realizado em fevereiro-março de 1926, quando Zinóviev ainda era presidente da Internacional Comunista, quando ainda era leninista e não havia tido tempo para passar-se para o campo de Trotski. Refiro-me ao VI Pleno da Internacional Comunista, porque existe uma resolução desse Pleno sobre a revolução chinesa, aprovada por unanimidade em fevereiro-março de 1926, em que se encara a primeira etapa da revolução chinesa — o Kuomintang de Cantão e o governo de Cantão — de modo aproximadamente igual ao encarado pela Internacional Comunista e pelo Partido Comunista da URSS e agora pela opposição abjurado. Refiro-me a essa resolução, porque então Zinóviev votou a favor dela e porque nenhum dos membros do Comité Central, sem excetuar Trotski, Kámeniev e outros lideres da atual opposição, fez objeção contra ela.

Permiti-me que cite alguns paragrafos dessa resolução.

Eis o que diz a respeito do Kuomintang:

"As greves politicas dos operarios chineses de Shangai e Cantão (junho-setembro de 1925) produziram uma transformação na luta de libertação do povo chinês contra os imperialistas estrangeiros... As ações politicas do proletariado estimularam consideravelmente o desenvolvimento posterior e o fortalecimento de todas as organizações democratico-revolucionarias do país

e, antes de tudo, do partido popular revolucionário, o Kuomintang, e do governo revolucionário de Cantão. O Kuomintang, que, em seu núcleo fundamental, atuava em aliança com os comunistas chineses, representa um **bloco revolucionário de operários, camponeses, intelectuais e da democracia urbana** (*) na base da comunidade de interesses de classe dessas camadas na luta contra os imperialistas estrangeiros e contra toda a ordem militarfeudal, pela independência do país e pelo poder democrático-revolucionário único" (V. a resolução do VI Pleno do Comité Executivo da Internacional Comunista).

Temos, pois, o Kuomintang de Cantão como uma aliança de quatro classes. Como estais vendo, isso é quase "martinovismo", consagrado, nada mais nada menos, pelo então presidente da Internacional Comunista, Zinóviev.

Sobre o governo de Cantão, do Kuomintang:

"O governo revolucionário criado em Cantão pelo Kuomintang já conseguiu ligar-se às grandes massas de operários, camponeses e da democracia urbana e, apoiando-se nelas, derrotar os bandos contra-revolucionários sustentados pelos imperialistas (e realizar um trabalho de democratização radical de toda a vida política da província de Kuang-Tung). Sendo, portanto, a vanguarda na luta do povo chinês pela independência, o governo de Cantão serve de modelo para a futura edificação democrático-revolucionária no país" (*) (V. obra citada).

Desse modo, o governo de Cantão, do Kuomintang, que representava um bloco de quatro classes, era um governo **revolucionário**, e não somente revolucionário, mas também **um modelo** para o futuro governo democrático-revolucionário na China.

Sobre a frente única dos operários, camponeses e da burguesia:

"Diante dos novos perigos, o Partido Comunista chinês e o Kuomintang devem desenvolver o mais amplo trabalho político, organizando ações de massas em apoio da luta dos exércitos populares, aproveitando as contradições internas do campo dos imperialistas e opondo-lhes a **frente única nacional-revolucionária das mais amplas camadas da população** (dos operários, dos camponeses e da **burguesia**) (*), sob a direção das organizações democrático-revolucionárias" (V. obra citada).

Desse modo, nos países coloniais, os blocos e os acordos temporários com a **burguesia**, numa etapa determinada da revolução colonial, não apenas são admissíveis, mas evidentemente necessários.

Não é isso então muito parecido com o que Lênin indicava em suas conhecidas diretivas a respeito da tática dos comunistas nos países coloniais e dependentes? Só é de lamentar que Zinóviev o tenha esquecido tão cedo.

O problema da "saída do Kuomintang:

"Alguns grupos da grande burguesia chinesa, que se haviam agrupado temporariamente em torno do Kuomintang, separaram-se dele no curso do

(*) Grifado por Stálin.

ultimo ano, o que provocou a formação, na ala direita do Kuomintang, de um reduzido grupo que se manifestou abertamente contra a aliança estreita do Kuomintang com as massas trabalhadoras, pela exclusão dos comunistas do Kuomintang e contra a política revolucionaria do governo de Cantão. **A condenação dessa ala direita no II Congresso do Kuomintang (janeiro de 1926) e a confirmação da necessidade de uma aliança de luta do Kuomintang com os comunistas fortalecem a orientação revolucionaria da atividade do Kuomintang e do governo de Cantão e asseguram ao Kuomintang o apoio revolucionario do proletariado**" (*) (V. obra citada).

Desse modo, a saída dos comunistas do Kuomintang, na primeira etapa da revolução chinesa, constituia um grave erro. Somente é de lamentar que Zinóviev, que votou a favor de tal resolução, disso se tenha esquecido no fim de apenas um mês, uma vez que não depois de abril de 1926 (no fim de um mês) Zinóviev exigia a saída imediata dos comunistas do Kuomintang.

Sobre os desvios no Partido Comunistas chinês e a inadmissibilidade de saltar a fase Kuomintang da revolução:

"A autodeterminação política dos comunistas chineses se desenvolverá na luta contra dois desvios igualmente nocivos: contra o liquidacionismo de direita, que despreza as tarefas de classe independente do proletariado chinês e conduz a uma fusão amorfa com o movimento democratico nacional geral, e contra as tendencias de extrema esquerda, que procuram **saltar a etapa democratico-revolucionaria do movimento** e passar diretamente às tarefas da ditadura proletaria e do Poder Sovietico, **esquecendo-se dos camponeses** (*), esse factor fundamental e decisivo do movimento de libertação nacional na China" (V. obra citada).

Como vedes, temos aqui o necessario para poder acusar agora a opposição tambem de ter querido saltar a etapa Kuomintang do desenvolvimento na China, de ter menosprezado o movimento camponês, de ter dado um salto precipitado para os **Soviets**. Verdadeira pedrada em casa de boticario! Zinóviev, Kámeniev e Trotski conheciam essa resolução?

E' de pensar que a conheciam. Em todo caso, Zinóviev não podia deixar de conhece-la, uma vez que essa resolução havia sido aprovada sob a sua presidencia no VI Pleno da Internacional Comunista e a favor da qual havia votado. Por que então os líderes da opposição iludem agora essa resolução do organismo supremo do movimento comunista mundial? Por que silenciam a seu respeito? Porque essa resolução se volta contra eles em todos os problemas da revolução chinesa. Porque lança por terra toda a orientação trotskista atual da opposição. Porque se afastaram da Internacional Comunista, porque se afastaram do leninismo e, agora, temerosos de seu passado, temerosos de sua propria sombra, se vêem obrigados a eludir covardemente a resolução do VI Pleno da Internacional Comunista.

Tal é a situação no que diz respeito à primeira etapa da revolução chinesa.

Passemos agora à segunda etapa.

Se a primeira etapa se caracterizava pelo facto de que o gume da revolução se dirigia fundamentalmente contra o imperialismo estrangeiro,

(*) Grifado por Stálin.

o traço característico da segunda etapa é constituído pelo facto de que a revolução dirige fundamentalmente seu gume contra os inimigos internos, sobretudo contra os feudais, contra o regime feudal. Realizou a primeira etapa sua tarefa de derrotar o imperialismo estrangeiro? Não, não a realizou. Deixou a realização como herança à segunda etapa da revolução chinesa. A primeira etapa não deu mais do que o primeiro impulso às massas revolucionárias contra o imperialismo e terminou sua carreira abandonando esse encargo ao futuro. E' de supor-se que tão pouco a segunda etapa poderá resolver por completo a tarefa de expulsar os imperialistas. Essa etapa dará novo impulso às grandes massas de operários e camponeses chineses contra o imperialismo, mas o fará para transmitir o coroamento dessa empresa à etapa seguinte da revolução chinesa, à etapa soviética. E isso não tem nada de estranho. Então não se sabe que na história de nossa revolução houve factos analogos, embora em outra situação e em outras circunstancias? Não se sabe que a primeira etapa de nossa revolução não realizou integralmente sua tarefa de completar a revolução agrária, mas transmitiu tal tarefa à etapa seguinte da revolução, à Revolução de Outubro, que resolveu plena e integralmente a tarefa de extirpar pela raiz as sobrevivências feudais? Por isso, não ha nada de estranho que na segunda etapa da revolução chinesa não se consiga completar a revolução agrária, e que essa segunda etapa, ao mobilizar as massas de milhões de camponeses e ao levanta-las contra as sobrevivências feudais, transmita o coroamento da empresa à etapa seguinte da revolução, à etapa soviética. E isso não constituirá mais do que um facto favoravel para a futura revolução soviética na China.

Qual era a missão dos comunistas na segunda etapa da revolução na China, quando o centro do movimento revolucionario se havia manifestamente deslocado de Cantão a Wu-Tchang, e quando, ao lado do centro revolucionario em Wu-Tchang, se criara um centro contra-revolucionario em Nanquim? Aproveitar em tudo a possibilidade de organizar abertamente o Partido, o proletariado (sindicatos), os camponeses (uniões camponesas), a revolução em geral; impelir para a esquerda, para a revolução agrária, os membros do Kuomintang de Wu-Tchang; converter o Kuomintang de Wu-Tchang no centro da luta com a contra-revolução e no nucleo da futura ditadura democratico-revolucionaria do proletariado e dos camponeses.

Era acertada essa politica? Os factos demonstraram que era a unica politica acertada, capaz de educar as grandes massas de operários e camponeses no espirito do desenvolvimento posterior da revolução.

A opposição exigia naquele momento a formação immediata de Soviets de deputados operários e camponeses. Mas isso representava um espirito aventureiro, uma antecipação aventureira, uma vez que a formação immediata de Soviets teria significado, então, saltar a fase do desenvolvimento correspondente ao Kuomintang de esquerda. Por que? Porque o Kuomintang de Wu-Tchang, que mantinha aliança com os comunistas, ainda não havia tido tempo de desacreditar-se e desmascarar-se aos olhos das grandes massas de operários e camponeses, ainda não havia tido tempo de esgotar suas possibilidades como organização burguesa revolucionaria; porque lançar a palavra de ordem dos Soviets e da derrocada do governo de Wu-Tchang, no momento em que as massas ainda não se haviam convencido, por sua pro-

pria experiência, da inutilidade desse governo, da necessidade de sua derrocada, significava antecipar-se, isolar-se das massas, privar-se do apoio das massas e fazer fracassar, desse modo, a obra iniciada. A oposição considera que, se compreendeu a insegurança, a instabilidade e o insuficiente espírito revolucionário do Kuomintang de Wu-Tchang (coisa fácil de compreender para qualquer militante politicamente qualificado), é capaz de fazer que também as massas compreendam tudo isso, é capaz de substituir o Kuomintang pelos Soviets e arrastar as massas consigo. Mas esse é o habitual erro ultra-esquerdista da oposição, que toma sua própria consciência e compreensão pela consciência e compreensão das massas de milhões de operários e camponeses. A oposição tem razão quando diz que o Partido deve marchar para diante. Essa é uma tese corrente do marxismo, e sem observância dela não existe nem pode existir um verdadeiro Partido Comunista. Mas isto não é mais que uma parte da verdade. A verdade inteira consiste em que o Partido não apenas deve marchar para diante, mas também **arrastar consigo** as grandes massas. Marchar para diante sem arrastar as grandes massas significa, de facto, ficar-se para trás do movimento, ficar-se à retaguarda do movimento. Marchar para diante separando-se da retaguarda, não sabendo levar consigo a retaguarda, significa cometer um erro capaz de fazer fracassar o movimento de avanço das massas durante determinado período. A direcção leninista consiste precisamente em que a vanguarda saiba arrastar **atrás de si** a retaguarda, em que a vanguarda marche para diante **sem se separar** das massas. Mas para que a vanguarda não possa separar-se das massas, para que a vanguarda possa conduzir efetivamente atrás de si as grandes massas, para isso se requer uma condição decisiva, e essa é exatamente que **as próprias massas se convençam, por sua própria experiência, do acerto das indicações, diretivas e palavras de ordem da vanguarda.** A infelicidade da oposição consiste exatamente em que não reconhece essa simples regra leninista de direcção das grandes massas, não compreendendo que o Partido sozinho, o grupo de vanguarda sozinho, sem o apoio das grandes massas, não se acha em estado de fazer a revolução, que a revolução "se faz", afinal, pelas massas de milhões de trabalhadores.

Por que, em abril de 1917, nós, os bolcheviques, não lançamos a palavra de ordem prática de deposição do Governo provisório e do estabelecimento do Poder Soviético, apesar de estarmos convencidos de que, em futuro próximo, nos encontraríamos diante da necessidade de depor o Governo provisório e instaurar o Poder Soviético? Porque as grandes massas trabalhadoras, tanto na retaguarda como na frente, e mesmo os próprios Soviets, não estavam ainda em condições de assimilar essa palavra de ordem, acreditavam ainda no caráter revolucionário do Governo provisório. Porque o Governo provisório não havia tido tempo de comprometer-se e descreditar-se pelo apoio à contra-revolução na retaguarda e na frente. Por que, em abril de 1917, em Leningrado, estigmatizou Lênin o grupo de Bogdátiev, que havia lançado a palavra de ordem da deposição imediata do Governo provisório e da instauração do Poder Soviético? Porque a tentativa de Bogdátiev constituía uma antecipação perigosa, que ameaçava isolar o Partido Bolchevique das massas de milhões de operários e camponeses.

Aventurismo em política, bogdatievismo nos problemas referentes à revolução chinesa: eis o que mata hoje em dia a nossa oposição trotskista.

Zinóviev diz que, ao falar do bogdatievismo, eu identifico a atual revolução chinesa com a Revolução de Outubro. Evidentemente isso é um absurdo. Em primeiro lugar, em meu artigo **Notas sobre temas atuais**, eu fazia a reserva de que, "nesse caso, a analogia é convencional", e que "a admito unicamente com todas as reservas necessárias, se temos presente a diferença de situações entre a China de nossos dias e a Rússia de 1917". Em segundo lugar, seria absurdo afirmar que, em geral, não se possa fazer analogias com revoluções de outros países ao caracterizar tais ou quais correntes, tais ou quais erros na revolução de determinado país. Porventura a revolução de um país não aprende com as revoluções de outros países, mesmo no caso de que essas revoluções não sejam do mesmo tipo? A que ficou reduzida então a ciência da revolução? No fundo, Zinóviev nega a possibilidade de uma ciência da revolução. Não constitui porventura uma verdade que, no período que precedeu a Revolução de Outubro, Lênin acusava Tchzheidse, Tsereteli, Steklov e outros de "luís-blankismo" da revolução francesa de 1848? Estudai o artigo de Lênin **O luís-blankismo** e vereis como Lênin utilizava amplamente as analogias tomadas à revolução francesa de 1848, ao caracterizar os erros desses ou daqueles homens políticos antes de outubro, se bem que Lênin soubesse perfeitamente que a revolução francesa de 1848 e a nossa Revolução de Outubro não eram revoluções do mesmo tipo. E se se pode falar do "luís-blankismo" de Tchzheidse e Tsereteli no período que precede a Revolução de Outubro, por que não se poderá falar do "bogdatievismo" de Zinóviev e de Trotski no período da revolução agrária na China?

A oposição afirma que Wu-Tchang não foi o centro do movimento revolucionário. Mas por que Zinóviev afirmava então que era "preciso ajudar por todos os meios" o Kuomintang de Wu-Tchang, com o objetivo de convertê-lo no centro da luta contra os Cavaignacs chineses? Por que motivo era o território de Wu-Tchang e não qualquer outro o que se convertera no centro do desenvolvimento máximo do movimento agrário? Não é verdade que foi precisamente o território de Wu-Tchang (Hu-Nan, Hu-Peh), em princípios deste ano, o centro do desenvolvimento máximo do movimento agrário de massas, pode ser chamado "o quartel-general da revolução" (Trotski), enquanto Wu-Tchang, em cujo território se iniciou e desenvolveu a revolução agrária, não pode ser considerado o centro, o "quartel-general" do movimento revolucionário? Como explicar, no presente caso, que a oposição tenha exigido que se **deixasse** o Partido Comunista no seio do Kuomintang, de Wu-Tchang e do governo de Wu Tchang? Porventura era a oposição partidária, em abril de 1927, de um bloco com o Kuomintang "contra-revolucionário" de Wu-Tchang? De onde provém essa "amnésia" e essa confusão da oposição?

A oposição regozija-se de que o bloco com o Kuomintang de Wu-Tchang tenha tido uma vida efêmera, afirmando, ao mesmo tempo, que a Internacional Comunista não havia prevenido o Partido Comunista chinês da possibilidade do fracasso do Kuomintang de Wu-Tchang. Somente vale a pena demonstrar que o regozijo da oposição não faz mais do que testemunhar a sua bancarrota política. Ao que parece, a oposição supõe que os blocos com a burguesia nacional nos países coloniais hão-de ser duradouros.

Mas isso apenas podem supor pessoas que hajam perdido os últimos vestígios do leninismo. Se os senhores feudais e o imperialismo são, na China, na etapa atual, mais fortes do que a revolução, se a pressão dessas forças adversas levou o Kuomintang a desviar-se para a direita e a uma derrota temporária da revolução chinesa, apenas podem regozijar-se por isso pessoas contagiadas de derrotismo. No que diz respeito à afirmação da oposição de que a Internacional Comunista não advertiu o Partido Comunista Chinês quanto à possibilidade do fracasso do Kuomintang de Wu-Tchang, trata-se de uma das calúnias habituais de que está cheio atualmente o arsenal da oposição.

Permiti-me citar alguns documentos para refutar as calúnias da oposição.

Primeiro documento, de maio de 1927:

"O principal, agora, na política interna do Kuomintang, é o desenvolvimento sistemático da revolução agrária em todas as províncias principalmente a de Kuang-Tung, sob a palavra de ordem de "Todo o Poder aos comitês e uniões de camponeses nos campos". **Nisso reside a base dos êxitos da revolução e do Kuomintang.** Nisso reside a base da criação na China de um grande e poderoso exército político e militar contra o imperialismo e seus agentes. A palavra de ordem prática da confiscação das terras é inteiramente oportuna para as províncias abrangidas por um grande movimento agrário, como Hu-Nan, Kuang-Tung, etc. **Sem isso é impossível o desenvolvimento da revolução agrária (*)...**

E' necessário começar a organizar, desde já, 8 ou 10 divisões formadas por camponeses e operários revolucionários, com comandos absolutamente seguros. Essa será a guarda de Wu-Tchang, tanto nas frentes como na retaguarda, para desarmar as unidades pouco seguras. Isso não admite demora alguma.

E' preciso reforçar o trabalho na retaguarda e nas unidades de Chiang-Kai-Shek para decompô-las e ajudar os camponeses sublevados em Kuang-Tung, onde é particularmente intolerável o poder dos latifundiários".

Segundo documento, de maio de 1927:

"**Sem uma revolução agrária é impossível a vitória. Sem ela o Comitê Central do Kuomintang se converterá em vil joguete nas mãos de generais pouco seguros.** E' preciso lutar contra os excessos, mas não com tropas, e sim através das uniões camponesas. Somos resolutamente pela apropriação efetiva da terra desde baixo. Os temores relativos à viagem de Tang-Ping-Sian têm certo fundamento. Não deveis separar-vos do movimento operário e camponês, mas colaborar com ele por todos os meios. **No caso contrário, poreis a perder toda a empresa.**

Alguns velhos líderes do Comitê Central do Kuomintang temem os acontecimentos, vacilam, inclinam-se ao compromisso. E' preciso incorporar ao Comitê Central do Kuomintang o maior numero possível de líderes

(*) Grifado por Stálin.

operários e camponeses novos, da base. Sua voz audaciosa fará com que os velhos sejam resolutos ou os porá de lado. E' preciso modificar a atual composição do Kuomintang. E' absolutamente necessário arejar as altas esferas do Kuomintang e completá-las com os novos líderes que se tenham destacado na revolução agrária; a periferia tem que ser ampliada na base dos milhões de membros das uniões operárias e camponesas. Sem isso, o Kuomintang corre o perigo de afastar-se da vida real e de perder toda a autoridade.

E' preciso liquidar a dependencia para com generais pouco seguros. Mobilizai uns vinte mil comunistas, acrescentai uns cinquenta mil operários e camponeses revolucionários de Hu-Nan e Hu-Peh, formai alguns corpos de exercito novos, utilizai os alunos das escolas de oficiais e organizai, antes que seja tarde, um exercito proprio e seguro. Sem isso não existem garantias contra o fracasso. E' uma empresa difícil, mas não há outro caminho.

Organizai um tribunal militar revolucionario, com membros destacados do Kuomintang, não comunistas, à frente. Castigai os oficiais que mantenham contacto com Chiang-Kai-Shek ou que atiram os soldados contra o povo, contra os operários e os camponeses. Não é possível limitar-se unicamente à persuasão. E' hora de começar a atuar. E' preciso castigar os canalhas. Se os membros do Kuomintang não aprenderem a ser jacobinos revolucionários, sucumbirão para o povo e para a revolução. (*).

Como vêdes, a Internacional Comunista previu os acontecimentos, assinalou a tempo os perigos e advertiu os comunistas chineses da morte do Kuomintang de Wu-Tchang no caso de que os membros do Kuomintang não soubessem converter-se em jacobinos revolucionarios.

Kámeniev dizia que a politica da Internacional Comunista é culpada da derrota da revolução chinesa, que "formamos os Cavaignacs da China". Camaradas, apenas pode falar assim de nosso Partido uma pessoa disposta a cometer um crime contra o Partido. Assim falavam os mencheviques a respeito dos bolcheviques no periodo da derrota de julho de 1917, quando apareceram em cena os Cavaignacs russos. Lênin escrevia, em seu artigo "A propósito das palavras de ordem", que a derrota de julho constituiu a "vitoria dos Cavaignacs". Os mencheviques alegravam-se malignamente, afirmando então que a politica de Lênin tinha a culpa do aparecimento dos Cavaignacs russos. Acredita acaso Kámeniev que foi a politica de nosso Partido, e não outra coisa, culpada pelo aparecimento dos Cavaignacs russos no periodo da derrota de julho de 1917? Considera Kámeniev decente imitar os senhores mencheviques no caso atual? (Risos). Eu não acreditava que os homens da opposição pudessem descer tanto... Sabe-se que a revolução de 1905 sofreu uma derrota, e que, além disso, essa derrota foi mais profunda do que a atual derrota da revolução chinesa. Os mencheviques diziam então que a tática demasiadamente revolucionaria dos bolcheviques tinha a culpa da derrota da revolução de 1905. Não pensa Kámeniev tomar também aqui por modelo a interpretação menchevique da

(*) Grifado por Stálin.

história de nossa revolução e atirar a pedra aos bolcheviques? Como explicar a derrota da República Soviética da Baviera? Talvez pela política de Lênin e não pela correlação das forças de classe? Como explicar a derrota da República Soviética da Hungria? Talvez pela política da Internacional Comunista e não pela correlação das forças de classe? Como é possível afirmar que a tática de tal ou qual partido pode eliminar ou inverter a correlação das forças de classe? Era ou não acertada a nossa política em 1905? Por que fomos então derrotados? Porventura os fatos não dizem que, com a política da oposição, a revolução na China seria derrotada mais rapidamente do que o foi realmente? Que qualificativo merecem as pessoas que esquecem a correlação de forças de classe durante a revolução e tentam explicar tudo exclusivamente pela tática de tal ou qual partido? Dessas pessoas apenas cabe dizer uma coisa: que romperam com o marxismo.

Conclusões. Principais erros da oposição:

1. A oposição não compreende o caráter nem as perspectivas da revolução chinesa.
2. A oposição não vê a diferença entre a revolução na China e a revolução na Rússia, entre a revolução nos países coloniais e a revolução nos países imperialistas.
3. A oposição rompe com a tática leninista no terreno das relações com a burguesia nacional nos países coloniais, na primeira etapa da revolução.
4. A oposição não compreende o problema da participação dos comunistas no Kuomintang.
5. A oposição viola os princípios da tática leninista no problema das relações entre a vanguarda (o Partido) e a retaguarda (as massas de milhões de trabalhadores).
6. A oposição rompe com as resoluções dos Plenos VI e VII da Internacional Comunista.

A oposição elogia entusiasticamente sua política em relação ao problema chinês, afirmando que, com essa política, estariam agora melhores as coisas na China. Relembra demonstrar que, com erros tão grosseiros cometidos pela oposição, o Partido Comunista chinês se teria metido num atoleiro, caso houvesse adotado a política aventureira e antileninista da oposição. Se o Partido Comunista da China, em breve prazo, cresceu e se converteu de um pequeno grupo de duas mil pessoas, num partido de massa de 60 mil filiados; se o Partido Comunista chinês conseguiu, durante esse tempo, organizar em sindicatos cerca de três milhões de proletários; se o Partido Comunista chinês conseguiu sacudir o letargo de uma classe camponesa de muitos milhões de homens e incorporar dezenas de milhões de camponeses às uniões camponesas revolucionárias; se o Partido Comunista chinês conseguiu, durante esse tempo, atrair para seu lado regimentos e divisões inteiros, constituídos por forças nacionais; se o Partido Comunista chinês conseguiu, durante esse tempo, transformar de desejo em realidade a idéia da hegemonia do proletariado; se o Partido Comunista chinês conseguiu em breve prazo todas essas conquistas, isso se explica,

entre outras causas, pelo fato de que seguiu o caminho traçado por Lênin, o caminho marcado pela Internacional Comunista.

Nem se pode dizer que, com a política da oposição, com seus erros, com sua orientação antileninista nos problemas da revolução colonial, essas conquistas da revolução chinesa não teriam existido de todo ou se teriam reduzido ao mínimo.

Apenas os renegados e aventureiros ultra-esquerdistas podem duvidar disso.

(Da coletanea *Sobre a oposição* — Ed. do Estado, Moscou, 1928).

● ●

QUAL O PIOR DESVIO? — O camarada Stálin dizia que, nas condições atuais, "o perigo mais importante é o constituído pelo desvio contra o qual se deixou de lutar, permitindo, desse modo, que se desenvolva, até converter-se num perigo para o Estado". (Stálin, *Problemas do leninismo*, pág. 474, ed. russa.)

●

STÁLIN, ORGANIZADOR DE GREVES — "Eob a direção do camarada Stálin, em dezembro de 1904, estalou em Bakú uma greve, que durou de 13 a 31 desse mês, terminando com a assinatura de um contrato coletivo de trabalho entre os operários e os patrões da indústria petrolífera, o primeiro contrato deste tipo que a história do movimento operário da Rússia regista.

A greve de Bakú foi o começo do auge revolucionário na Transcaucásia.

A greve de Bakú "foi o sinal para as gloriosas ações de janeiro e fevereiro, em toda a Rússia" (Stálin) (L. Beria, *Sobre as Questões da História das Organizações Bolcheviques na Transcaucásia*, edição russa).

Essa greve — diz o compêndio de *História do P.C. (b) da U.R.S.S.* — foi, em vésperas da grande tempestade revolucionária, como o raio que precede a tormenta."

●

ONDE SE ENCONTRARAM STÁLIN E LÊNIN — Em dezembro de 1905, Stálin vai como delegado dos bolcheviques da Transcaucásia à primeira Conferência bolchevique de toda a Rússia, celebrada em Tammerfors (Finlândia), onde, pela primeira vez, se encontram pessoalmente Lênin e Stálin.

Nessa Conferência, o camarada Stálin foi eleito membro da Comissão política, encarregada de redigir as resoluções, e nela trabalhou juntamente com Lênin, como um dos dirigentes de destaque do Partido. (Stálin — vários autores, edição popular da Editora Calvino Ltda., pág. 25.)

STÁLIN E ALGUNS PROBLEMAS DE ORGANIZAÇÃO

SELEÇÃO E DISTRIBUIÇÃO DOS QUADROS NO TRABALHO

Que significa bem selecionar os quadros e distribuí-los, com acerto, no trabalho?

Significa selecionar os quadros, em primeiro lugar, do ponto de vista político, isto é, verificando se merecem confiança política; e, em segundo lugar, do ponto de vista prático, isto é, vendo se servem para um trabalho concreto e determinado. Significa não converter o critério prático num praticismo estreito, que consiste em se interessar pelas aptidões práticas do militante sem se preocupar com a sua fisionomia política. Significa não converter o critério político num critério único e definitivo, que consista em se interessar pela fisionomia política do militante sem cuidar das suas aptidões práticas.

Pode, por acaso, afirmar-se que os nossos camaradas do Partido cumprem essa norma bolchevique? Infelizmente, não podemos afirmá-lo. Aqui, no Pleno, já se falou disto. Mas não se disse tudo. O problema consiste em que essa norma, provada pela experiência, é infringida constantemente na prática e do modo mais grosseiro. Muito frequentemente, os quadros não são selecionados segundo critérios objetivos, mas são guiados por critérios fortuitos, subjetivos, mesquinhos e estreitos. Preferem-se, com muita frequência, os chamados conhecidos, os amigos, os patrícios, as pessoas propensas e habeis em adular os chefes, sem se ter em conta a sua utilidade prática e política. E assim se explica que, ao invés de um grupo dirigente de trabalhadores responsáveis, se forme uma "família" de pessoas aconchegadas, grupos de amigos, cujos membros procuram viver em paz, sem se ofenderem uns aos outros, lavando a roupa suja em casa, lisonjeando-se mutuamente e, de quando em quando, enviando ao Centro informes vazios e repugnantes relatando êxitos.

E' fácil de compreender que, dentro deste ambiente de família, não pode haver margem para a crítica dos defeitos do trabalho, nem para auto-crítica dos que dirigem. Explica-se que este ambiente de família cria uma atmosfera favorável para que nela se desenvolvam os bajuladores, pessoas falhas no sentido da própria dignidade e que, portanto, nada têm de comum com o bolchevismo.

Tomemos, por exemplo, os camaradas Mirzoián e Vainov. O primeiro é secretario da organização do Partido no território de Kazakstão; o segundo, secretario da organização do Partido na região de Iaroslavl. Não são, entre nós, militantes de última linha. Como escolhem seus colaboradores? O primeiro levou consigo para o Kazakstão, procedentes do Azerbaidjão e dos Urais, onde ele antes trabalhava, uns trinta ou quarenta homens "seus adpetos" e os colocou em postos de responsabilidade no Kazakstão. O segundo levou consigo para Iaroslavl, procedente da bacia do Donetz, onde antes trabalhava, mais de uma dúzia de homens também

"adeptos", e os colocou em postos de responsabilidade. E o camarada Mirzoián já tem o seu "cartaz"; também o camarada Vainov. Não poderiam ter recrutado seus colaboradores entre as pessoas do país, guiando-se pela conhecida norma bolchevique de seleção e distribuição de quadros? Claro que sim. Então, porque não agiram assim? Porque infringem a norma bolchevique de seleção de quadros, que exclui a possibilidade de um proceder mesquinho, estremo, que exclui a possibilidade de selecionar os colaboradores na base de relações de compadrio e de "cartaz". Além disso, recrutando para seus colaboradores homens pessoalmente seus adeptos, estes camaradas queriam, segundo parece, criar um ambiente de certa independência, tanto em relação às pessoas da região, como em relação ao Comitê Central do Partido. Suponhamos que os camaradas Mirzoián e Vainov, por qualquer circunstancia, fossem transferidos do lugar do seu atual trabalho para qualquer outro. Que fariam, nesse caso, com o seu "séquito"? Seria possível levá-los pela segunda vez para os seus novos lugares de trabalho?

O CONTROLE DOS MILITANTES

Que significa controlar os militantes, comprovar o cumprimento das tarefas que lhes foram confiadas?

Controlar os militantes significa pô-los à prova, não segundo as suas promessas e declarações, mas atendendo aos resultados do seu trabalho. Comprovar o cumprimento das tarefas significa comprová-lo não apenas no escritorio e atendendo exclusivamente às informações oficiais, mas, acima de tudo, comprová-lo no proprio local do trabalho, atendendo aos resultados efetivos da sua execução. Mas, será, em geral, necessaria tal comprovação? Indiscutivelmente, é necessaria, em primeiro lugar, porque somente essa comprovação permite conhecer o militante e determinar as suas verdadeiras aptidões. Em segundo lugar, é necessaria, porque somente essa comprovação permite estabelecer os méritos e defeitos do aparelhamento executivo. E é necessária, em terceiro lugar, porque somente essa comprovação permite estabelecer os méritos e os defeitos das proprias tarefas.

Alguns camaradas pensam que só de cima para baixo se podem comprovar as pessoas, como sucede quando os dirigentes controlam os que dirigem, atendendo aos resultados do seu trabalho. Isso não é certo. O controle de cima para baixo é necessario, sem dúvida alguma, como uma das medidas eficazes para pôr as pessoas à prova e controlar o cumprimento do trabalho a seu cargo. Mas o controle de cima para baixo está muito longe de esgotar toda a tarefa de comprovação. Existe, além disso, outra classe de controle: a comprovação de baixo para cima, em que as massas, os dirigidos, controlam os dirigentes, assinalam os seus erros e indicam os meios para a sua retificação. Essa classe de comprovação é um dos métodos mais eficazes de controlar as pessoas.

A massa do Partido controla seus dirigentes nas reuniões dos ativistas, nas conferencias, nos congressos, ouvindo seus informes, criticando seus defeitos e, finalmente, elegendo ou não para os órgãos de direção esse ou

aquele camarada dirigente. A aplicação exata do centralismo democrático dentro do Partido, como o exigem os Estatutos do nosso Partido, o princípio absoluto de formar os órgãos do Partido por meio de eleição, o direito a apresentar e recusar candidatos, o voto secreto, a liberdade de crítica e a autocritica — todas estas medidas e outras semelhantes devem ser postas em prática, entre outras coisas para facilitar a comprovação e o controle dos dirigentes do Partido pela massa dos seus membros.

As massas sem partido controlam seus dirigentes econômicos, sindicais, etc., nas reuniões dos ativistas sem partido, nas assembléias de massas de toda categoria, em que examinam os informes dos seus dirigentes, criticam os defeitos e indicam os meios de corrigi-los. Finalmente, o povo controla os dirigentes do país nas eleições dos órgãos do Poder da União Soviética através do voto universal, igual, direto e secreto.

O problema consiste em combinar o controle de cima para baixo com o controle de baixo para cima.

INSTRUÇÃO DOS QUADROS

Que significa instruir os quadros tomando por base os seus próprios erros?

Lénin ensinava que revelar lealmente os erros do Partido, estudar as causas que os originaram e apontar os caminhos que se devem seguir para corrigi-los é um dos meios mais seguros para instruir e preparar devidamente os quadros do Partido, para instruir e educar devidamente a classe operaria e as massas trabalhadoras. Lénin disse:

“A atitude de um partido político diante de seus erros é um dos criterios mais importantes e seguros para julgar da seriedade de um partido e do seu modo de cumprir, na prática, seus deveres para com sua classe e as massas trabalhadoras. Reconhecer, francamente, seu erro, descobrir-lhe as causas, analisar as circunstancias que o originaram, examinar atentamente os meios para corrigir o erro — eis as características distintivas de um partido serio, o que se chama cumprir com os seus deveres, o que é educar e instruir uma classe e tambem a massa”.

Isso quer dizer que o dever dos bolcheviques não consiste em ocultar os seus erros, em tentar fugir ao problema dos seus erros, como sucede com frequencia entre nós, mas em confessá-los franca e lealmente, em apontar franca e lealmente os caminhos para corrigir tais erros, em conquistá-lo franca e lealmente.

Eu não diria que muitos dos nossos camaradas se decidam a isso com muito prazer. Mas os bolcheviques, se verdadeiramente querem ser bolcheviques, devem ter o valor de reconhecer francamente os seus erros, descobrir suas causas, apontar os meios para a sua correção e, com isso, ajudar o Partido a dar aos quadros a instrução e a educação política justas. Porque somente seguindo este caminho, só num ambiente de auto-

crítica franca e leal, se podem educar quadros verdadeiramente bolcheviques, se podem educar os verdadeiros chefes bolcheviques.

Dois exemplos que demonstram a exatidão da tese de Lênin.

Temos, por exemplo, nossos erros na organização de kolrózes. Recordareis talvez o sucedido no ano de 1930, quando nossos camaradas do Partido pensavam resolver o complicadíssimo problema da passagem dos camponeses à formação de kolrózes nuns três ou quatro meses, e quando o Comitê Central do Partido se viu obrigado a refrear o precipitado entusiasmo daqueles camaradas. Foi um dos períodos mais perigosos da vida do nosso Partido. O erro consistia em que nossos camaradas do Partido se esqueciam do caráter voluntário da organização dos kolrózes, esqueciam-se de que não se pode obrigar os camponeses a seguir o caminho da coletivização pela coação administrativa, esqueciam-se de que a organização dos kolrózes não é assunto de alguns meses, mas de anos inteiros de trabalho minucioso e bem meditado. Esqueciam-se disso e não queriam reconhecer os seus erros. Recordareis, certamente, que a indicação do Comitê Central sobre a vertigem dos êxitos, a indicação de que os nossos camaradas das organizações locais não deviam apressar-se demasiadamente, fazendo omissão das circunstâncias reais, foi recebida de má vontade. Mas isso não impediu o Comitê Central de ir contra a corrente e de obrigar os nossos camaradas do Partido a voltar ao justo caminho. E que aconteceu? Agora é evidente, para todos, que o Partido conseguiu o que pretendia, obrigando nossos camaradas do Partido a voltar ao justo caminho. E hoje temos, entre os camponeses, dezenas de milhares de quadros magníficos para a formação e direção dos kolrózes. Esses quadros formaram-se e educaram-se baseados nos erros do ano de 1930. Mas, não teríamos hoje esses quadros se o Partido não tivesse reconhecido, então, os seus erros e, oportunamente, não os tivesse corrigido.

Outro exemplo, tomado já no campo da construção industrial: refiro-me aos nossos erros do período de sabotagem em Shazhti. Nossos erros de então consistiam em que não tínhamos verificado o perigo que representava o atraso técnico dos nossos quadros industriais; aceitávamos esse atraso e julgávamos poder desenvolver uma ampla construção industrial socialista com a ajuda de especialistas de mentalidade hostil, condenando nossos quadros econômicos ao papel de uns maus comissários ao lado dos especialistas burgueses. Recordareis certamente com que má vontade reconheciam o seu atraso técnico e como aceitavam mal a palavra de ordem de "dominar a técnica". E que sucedeu? Os factos revelam que a palavra de ordem de "dominar a técnica" surtiu o seu efeito e deu resultados benéficos. Hoje, temos dezenas e centenas de milhares de magníficos quadros econômicos bolcheviques que já dominam a técnica e estão fazendo progredir nossa indústria. Mas não teríamos hoje esses quadros, se o Partido houvesse cedido ante a teimosia dos dirigentes de organismos econômicos, que relutavam em reconhecer o seu atraso técnico; se o Partido não tivesse reconhecido, então, os seus erros e não os tivesse corrigido oportunamente.

Alguns camaradas dizem que não é prudente falar abertamente dos nossos erros, porque a declaração franca dos nossos erros pode ser interpretada pelos nossos inimigos como debilidade nossa e ser por eles apro-

veitada. Isso, camaradas, são tolices, e nada mais do que tolices. O reconhecimento franco dos nossos erros e a sua retificação leal, pelo contrario, não podem fazer senão fortalecer nosso Partido, elevar sua autoridade aos olhos dos operários, camponeses e trabalhadores intelectuais, aumentar a força e o poderio de nosso Estado. E isso é o mais importante. Se os operários, os camponeses e os trabalhadores intelectuais estão conosco, o mais virá como consequência.

Outros camaradas dizem que o reconhecimento franco dos nossos erros pode conduzir, não a instruir e fortalecer nossos quadros, mas a debilitá-los e decompô-los; que temos de cuidar dos nossos quadros, velar por eles, pelo seu amor proprio e sua tranquilidade. E por isso propõem encobrir os erros dos nossos camaradas, suavizar o rigor da crítica, ou, mais ainda, deixar passar despercebidos tais erros. Semelhante maneira de entender as coisas, não só é fundamentalmente falsa, como é ainda sumamente perigosa; perigosa, sobretudo, para os quadros que se vêm tornar objeto de "vigilância" e "cuidado". Velar pelos quadros e cuidar deles, pelo processo de encobrir os seus erros, significa, com toda a segurança, levar os referidos quadros à perdição. Teríamos certamente desfeito nossos quadros kolrózianos bolcheviques, se não tivéssemos posto a nu os seus erros do ano de 1930 e não os tivéssemos educado na base desses erros. Teríamos certamente desfeito nossos quadros industriais bolcheviques, se não tivéssemos posto a nu os erros dos nossos camaradas, no período dos sabotadores de Shazhti e não tivéssemos educado nossos quadros industriais na base de tais erros. Quem pense cuidar do amor proprio dos nossos quadros pelo processo de ocultar os seus erros, faz com que pereçam os quadros e o seu amor proprio, porque, ao ocultar seus erros, facilitam a repetição de outros novos, talvez ainda mais graves e que, é de supor, poderiam levar os quadros ao fracasso completo, deixando assim mal colocados o seu "amor proprio" e a sua "tranquilidade".

Lénin ensinou-nos não só a instruir as massas, como também a aprender com elas.

Que significa isso?

Significa que nós, os dirigentes, não devemos cair na presunção, não devemos crer que, por sermos membros do Comitê Central ou Comissários do Povo, possuímos todos os conhecimentos necessarios para dirigir acertadamente. Por si mesmos, os cargos não dão nem conhecimentos nem experiencia. Os títulos, ainda menos. Significa que só a nossa experiencia, a experiencia dos dirigentes, é suficiente para dirigir com acerto; que, por conseguinte, é necessario completar nossa experiencia, a experiencia dos dirigentes, com a das massas, com a experiencia da massa do Partido, com a da classe operaria e com a do povo. Significa que não se devem enfraquecer nem por um instante, e, menos ainda, romper-se, as nossas relações com as massas. Significa, finalmente, que devemos estar atentos à voz das massas, à voz dos membros de base do Partido, à voz das chamadas "pessoas modestas", à voz do povo.

Que significa dirigir acertadamente?

Não significa, de modo algum, estar sentado num gabinete, confeccionando normas diretrizes.

Dirigir acertadamente significa:

Em primeiro lugar, encontrar a solução justa para os problemas. E a solução justa é impossível de se encontrar se não se toma em consideração a experiência das massas, que são as que carregam em seus próprios ombros os resultados da nossa direção. Em segundo lugar, organizar a execução da resolução justa, o que é impossível sem a ajuda das massas. Em terceiro lugar, organizar o controle de como se executam as nossas resoluções, o que também é impossível sem a ajuda direta das massas.

Nós, os dirigentes, somente vemos as coisas, os acontecimentos, os homens, por um lado, o de cima, por assim dizer; nosso campo visual, por conseguinte, é mais ou menos limitado. As massas, pelo contrário, vêem as coisas, os acontecimentos, os homens, pelo outro lado, o de baixo, por assim dizer. O seu campo visual é também, portanto, limitado até certo ponto. Para conseguir a solução justa de um problema, é preciso associar estas duas experiências. Só assim a direção será acertada. E' isso o que significa: não só ensinar às massas, como aprender com elas.

Eis aqui dois exemplos que demonstram a certeza dessa tese de Lênin.

Foi há alguns anos. Nós, os membros do Comitê Central, estudávamos o problema de como melhorar a situação da bacia do Donetz. O projeto das medidas a tomar, apresentado pelo Commissariado do Povo da Indústria Pesada, era evidentemente defeituoso. Três vezes foi esse projeto devolvido ao Commissariado do Povo. Três vezes recebemos do Commissariado do Povo projetos diferentes. E, não obstante, não se podiam admitir como satisfatórios. Por fim, resolvemos trazer da bacia do Donetz varios operarios e dirigentes dos organismos econômicos e sindicais de base. Três dias estivemos conversando com esses camaradas. E todos nós, membros do Comitê Central, tivemos de reconhecer que eles, esses trabalhadores de base, essa "gente modesta", foram os únicos que souberam sugerir-nos a solução acertada. Recordareis, provavelmente, a conhecida resolução do Comitê Central e do Conselho dos Commissarios do Povo sobre as medidas para intensificar a extração de carvão da bacia do Donetz. Pois bem, essa resolução do Comitê Central e do Conselho dos Commissarios do Povo, que todos os nossos camaradas reconheceram como acertada e até magnífica, foi-nos sugerida pelos homens simples da base.

Outro exemplo. Refiro-me ao caso da camarada Nikoláienko. Quem é a camarada Nikoláienko? Um membro de base do Partido. E' a "pessoa modesta" comum. Havia passado todo um ano mostrando o estado irregular da organização do Partido em Kiev, denunciando o ambiente de compadrio, a conduta mesquinha e estreita adotada para com os quadros, os entraves que se opunham à autocritica, a preponderancia dos sabotadores trotskistas. Trataram de desembaraçar-se dela como de uma mosca incômoda. Por fim, um dia, para desfazer-se dela, expulsaram-na do Partido. Nem a organização de Kiev nem o Comitê Central do Partido Comunista (bolchevique) da Ucraina a ajudaram a conseguir que se lhe fizesse justiça. Unicamente a intervenção do Comitê Central do P. C. (b) da URSS a ajudou a sair daquele embaraço. Que resultou do estudo do assunto? Resultou que a camarada Nikoláienko tinha razão e que a organização de Kiev estava errada. Nem mais nem menos. E quem é a camarada Nikoláienko? Claro que nem é membro do Comitê Central, nem Co-

missario do Povo, nem tão pouco secretario da organização regional de Kiev; não é nem sequer secretário de nenhuma célula, é apenas um simples membro do Partido.

Como vêdes, às vezes, a gente simples se encontra muito mais próxima da verdade do que alguns altos organismos.

Poderíamos citar dezenas e centenas destes exemplos.

Conclui-se, portanto, que, para dirigir o nosso trabalho, não basta unicamente nossa própria experiencia, a experiencia dos dirigentes. Para dirigir, com acerto, é necessario completar a experiencia dos dirigentes com a experiencia da massa do Partido, da classe operaria, da massa trabalhadora, com a experiencia da chamada "gente modesta".

Como se pode conseguir isso?

Isso só se pode conseguir, quando os dirigentes estiverem unidos às massas pelos laços mais estreitos, unidos à massa do Partido, à classe operaria, aos camponeses e aos trabalhadores intellectuais.

Os vínculos com as massas, o fortalecimento desses vínculos, o estado de alerta em relação à voz das massas — eis em que consiste a força e o carater invencível da direção bolchevique.

Pode reconhecer-se como norma que, enquanto conservarem o contacto com as grandes massas do povo, os bolcheviques serão invencíveis. E, ao contrario, enquanto se desligarem das massas e perderem o contacto com elas, enquanto se deixarem cobrir pela ferrugem burocrática, perderão toda a sua força e ficarão anulados.

Os gregos da antiguidade tinham um heroi famoso em sua mitologia, Anteu, que era, segundo a lenda, filho de Poseidom, deus dos mares, e de Géia, deusa da terra. Anteu queria muito a sua mãe, que o havia dado à luz e o havia criado e educado. Não existia heroi que não tivesse sido vencido por Anteu. Considerava-se como um heroi invencível. Em que consistia a sua força? Consistia em que, sempre que se via em momento difficil na luta com o seu adversario, tocava a terra, sua mãe, que o havia dado à luz e criado, e esta lhe proporcionava novas forças. Anteu tinha, porém, o seu ponto fragil: era o perigo de ver-se separado da terra. Seus inimigos conheciam esta debilidade e estavam à espreita. E foi assim que, um dia, um inimigo se aproveitou daquela debilidade, vencendo-o. Esse inimigo era Hércules. Como o venceu? Separou-o da terra e levantou-o em vôo, tirando-lhe a possibilidade de tocar a terra, sufocando-o assim nos ares.

Parece-me que os bolcheviques lembram Anteu, o heroi da mitologia grega. Da mesma forma que Anteu, são fortes porque mantêm contacto com sua mãe, as massas, que os deram à luz, os criaram e educaram. Enquanto mantiver contacto com sua mãe, o povo tem todas as possibilidades de continuar invencíveis.

Nisto consiste a chave do carater invencível da direção bolchevique.

E' PRECISO CONHECER OS QUADROS

E, agora, um último problema. Refiro-me ao problema do modo formalista, burocratico e sem alma, como alguns dos nossos camaradas do

Partido encaram as coisas, quando se trata da sorte de alguns membros do Partido: ao problema das expulsões do Partido e da restituição aos expulsos dos seus direitos de membros do Partido. A coisa consiste em que alguns dos nossos dirigentes do Partido revelam uma falta de atenção para com as pessoas, para com os membros do Partido, para com os militantes. Mais do que isso, não estudam os membros do Partido, não sabem como vivem e como se desenvolvem. Em geral, não conhecem os quadros. Por isso, não podem tratar de um modo individual os membros do Partido, os seus quadros. Precisamente, porque não procedem de um modo individual, ao apreciar os membros do Partido, os seus militantes, procedem geralmente ao acaso: ou os elogiam em bloco, sem medida, ou os fustigam também em bloco e sem medida e expulsam do Partido aos milhares e dezenas de milhares. Os dirigentes desse tipo procuram sempre pensar em termos de dezenas de milhares, sem se preocuparem com as "unidades", com cada um dos membros do Partido e sua sorte. Consideram a coisa mais simples do mundo expulsar do Partido milhares e dezenas de milhares de pessoas e consolam-se com o facto de que temos nele dois milhões de membros, pensando que as dezenas de milhares de expulsos nada podem mudar na situação do mesmo. Mas só podem tratar assim os membros do Partido que, na realidade, sejam profundamente anti-comunitas.

Por tratar desse modo, sem alma, as pessoas, os membros do Partido, os seus quadros, despertam-se artificialmente o descontentamento e o despeito de uma parte do Partido, e os hipócritas trotskistas acolhem habilmente esses camaradas despeitados e os arrastam manhosamente atrás de si até ao charco da sabotagem trotskista.

Os trotskistas, por si próprios, nunca representaram uma grande força em nosso Partido. Recordai a última discussão promovida no seio do nosso Partido, em 1927. Foi um verdadeiro plebiscito dentro do Partido. Dos 854.000 membros do Partido votaram, então, 730.000. Destes, votaram pelos bolcheviques, pelo Comité Central do Partido, contra os trotskistas, 724.000 membros do Partido; pelos trotskistas, 4.000, isto é, pouco mais ou menos, meio por cento, sendo que 2.600 se abstiveram. Não tomaram parte na votação 123.000, por estar ausentes ou trabalhando em seus turnos. Se aos 4.000 que votaram pelos trotskistas, somarmos todos os que se abstiveram — supondo que estes simpatizavam também com os trotskistas — e se a este número somarmos, não o meio por cento dos que não tomaram parte na votação, como se deveria fazer, segundo a norma, mas cinco por cento, digamos, uns 6.000 membros do Partido, teremos uns 12.000 membros do Partido, simpatizantes, de um ou outro modo, do trotskismo. Aí tendes toda a força desses senhores trotskistas. Acrescentai a isso a circunstância de que muitos dos incluídos nesse número se desenganaram do trotskismo e o abandonaram, e podereis formar uma ideia da insignificância das forças trotskistas. Se, apesar de tudo, os sabotadores trotskistas contam ainda com algumas reservas junto do nosso Partido, é somente porque a falsa política de alguns dos nossos camaradas, no problema das expulsões do Partido e da readmissão dos expulsos, a forma inumana com que alguns de nossos camaradas tratam da sorte de alguns membros e militantes do Partido, produzem artificialmente um certo nú-

mero de descontentes e despeitados e, desse modo, criam as reservas para os trotskistas.

A maioria dos expulsos o foram por causa da chamada "passividade". Que "passividade" é essa? Quer dizer, tal como o entendem alguns, que, se um membro do Partido não **assimilou** o programa do Partido, é um "passivo" e deve ser expulso. Mas isso é um erro, camaradas. Não se podem interpretar os Estatutos do nosso Partido tão ao pé da letra. Para assimilar o programa do Partido é necessario ser um verdadeiro marxista, um marxista experimentado e teoricamente preparado. Não sei se haverá membros do nosso Partido que tenham assimilado o nosso programa, que sejam verdadeiros marxistas, preparados teoricamente e experimentados. Se seguissemos por esse mesmo caminho, ver-nos-íamos obrigados a não deixar no Partido mais do que os intelectuais, enfim, os homens sabios. Mas, para que serviria um partido assim? Temos uma fórmula de Lênin sobre a condição de membros do Partido, uma fórmula reconhecida, que passou por todas as provas. Segundo essa formula, considera-se membro do Partido todo aquele que **aceita** o programa do Partido, contribui e atua em qualquer das suas organizações. Observe-se bem: na fórmula de Lênin, não se fala de **assimilação** do programa, mas da sua **aceitação**. São duas coisas completamente diferentes. Não é necessario demonstrar que a razão está com Lênin e não com os nossos camaradas do Partido que conversam demais sobre a assimilação do programa. E é compreensível. Se partissemos do principio de que somente poderiam ser membros seus camaradas que já assimilaram o programa e chegaram a ser marxistas teoricamente preparados, não formaria o Partido, em seu seio, milhares de círculos, centenas de escolas de Partido, onde se ensina aos seus filiados o marxismo e se lhes ajuda a assimilar nosso programa. Está bem claro que, se o nosso Partido organiza tais escolas e círculos para os seus filiados, o faz porque sabe que os seus membros ainda não chegaram a assimilar o seu programa, nem chegaram ainda a ser marxistas preparados teoricamente. Por conseguinte, para corrigir nossa política em relação ao problema da filiação ao Partido e das expulsões, é necessario acabar com a atual interpretação descabelada do conceito da passividade.

Mas, temos ainda neste campo mais outra falta. E' que nossos camaradas não reconhecem o termo médio entre os extremos. Basta que um operario, membro do Partido, cometa uma falta leve, chegue tarde uma ou duas vezes a uma reunião do Partido ou não pague por qualquer motivo suas contribuições, para que seja expulso do Partido sem demora.

A ninguém interessa o grau da sua culpa, a causa porque faltou à reunião ou porque não satisfaz as suas contribuições. O burocratismo nestes assuntos é assombroso. E não é difícil compreender que, precisamente como resultado dessa política desumana, tenham sido expulsos do Partido excelentes quadros operarios, magníficos **starranovistas**. Por acaso, antes de expulsá-los do Partido, não se lhes podia fazer uma advertencia, chamar-lhes a atenção, e se isso não desse resultado, admoestá-los e, se tambem com isso nada se conseguisse, conceder-lhes um prazo para que se corrigissem ou, em último caso, rebaixá-los a candidatos, porém não os expulsar do Partido assim, sem mais nem menos? Claro que se podia. Mas, para isto, é necessario tratar com atenção as pessoas, os membros do Par-

tido, ocupar-se da sorte dos membros do Partido. E isso é, precisamente, o que falta a alguns dos nossos camaradas.

Já é hora, camaradas, já faz tempo que vem soando a hora de pôr fim a esta vergonha. (Aplausos).



STÁLIN COMO TEÓRICO — O informe de Stálin perante o XVIII Congresso do P.C. (b) da URSS é um documento do comunismo, um novo passo para diante no desenvolvimento da teoria marxista-leninista. Stálin continuou o desenvolvimento da teoria leninista da revolução socialista e o da doutrina da possibilidade de construir o socialismo num só país, *chegando à doutrina de que é possível construir o comunismo na URSS, mesmo no caso de que se mantenha o cerco capitalista*. Essa conclusão do camarada Stálin é uma das descobertas mais notáveis da teoria marxista-leninista, descoberta que rivaliza em importância com a de Lênin sobre a possibilidade da vitória do socialismo num só país. Enriquece o leninismo. Põe nas mãos da classe operária uma nova arma ideológica, dá ao Partido magníficas perspectivas de luta pela vitória do comunismo e impulsiona a teoria marxista-leninista.



DOCTRINA DO ESTADO SOCIALISTA — Stálin, utilizando a gigantesca experiência de mais de 20 anos de vida do Estado Socialista Soviético, envolvido pelo cerco capitalista, formulou a *doutrina completa e acabada do Estado Socialista*. Analizou com toda a amplitude as etapas do desenvolvimento do Estado Socialista, as modificações de suas funções, de acordo com as mudanças da situação, sintetizou toda a experiência da construção do Estado soviético, chegando à conclusão de que é imprescindível manter o Estado sob o socialismo, se continuar existindo o cerco capitalista. O que não teve tempo de fazer Lênin, com relação à teoria do Estado e da ditadura da classe operária, o fez Stálin!



E ESTÁ CUMPRINDO A PROMESSA — Respondendo às organizações e aos camaradas que o felicitaram em 1929, ao completar os cinquenta anos, escrevia Stálin: "Vossas felicitações e saudações e uas transito ao grande Partido da classe operária, que me deu a vida e me educou à sua imagem e semelhança... Podeis estar certos, camaradas, de que estou disposto, também para o futuro, a entregar à causa da classe operária, à causa da revolução proletária e do comunismo mundial, todas as minhas forças, tudo o que eu valho e posso e, se necessário fôr, até a última gota do meu sangue". (*Pravda*, 22 de dezembro de 1929.)

DE STÁLIN E SÔBRE STÁLIN

INÍCIO DA CARREIRA REVOLUCIONÁRIA — “No movimento revolucionário — disse Stálin — ingressei na idade de quinze anos, quando me relacionei com os grupos ilegais dos marxistas russos, que viviam, então, na Transcaucásia. Esses grupos influíram grandemente sôbre mim e inculcaram-me o amor à literatura ilegal marxista.” (Stálin, *Entrevista com o escritor Emil Ludwig*.)

PRIMEIRO BATISMO REVOLUCIONÁRIO — “Lembro-me do ano de 1898 — dizia Stálin — quando pela primeira vez me enviaram para dirigir um círculo operário das oficinas ferroviárias. Foi lá, no meio daqueles camaradas, que recebi, então, meu primeiro batismo de fogo revolucionário... Meus primeiros mestres foram os operários de Tiflis.” (*Pravda*, número 136, de 16 de junho de 1926.)

STALIN SUCEDE A LÊNIN — A 21 de janeiro de 1924, morreu, em Gorki, próximo de Moscou, o chefe e o fundador do Partido Bolchevique, o chefe dos trabalhadores de todo o mundo, Lénin. A bandeira de Lénin, a bandeira do Partido e da Internacional Comunista, arvorou-a e mantém-na levantada Stálin, o melhor filho do Partido bolchevique, digno sucessor e grande continuador da obra de Lénin.

EM TÔRNO DOS PROBLEMAS DO LENINISMO — Em princípios de 1926, apareceu o trabalho de Stálin, *Em tôrno dos problemas do leninismo* (*). Nêsse trabalho histórico, Stálin esmagou ideologicamente a “filosofia” liquidacionista e capitulacionista dos zinovietistas e fundamentou a linha do XIV Congresso do Partido, orientada para a industrialização socialista do país e para a edificação da sociedade socialista, infundindo ao Partido e à classe operária, uma fé inquebrantável na vitória da edificação socialista.

(*) Esse trabalho consta do volume popular da Edit. Calvino Ltda. sob o título “Sôbre os fundamentos do leninismo”.

VELHO E SÁBIO COSTUME — O hábito de escutar de Stálin data dos primeiros dias de sua carreira revolucionária. “Lembro-me disso perfeitamente, desde os primeiros tempos de nosso Partido” — declarou-me um bolchevique veterano. “Era um jovem silencioso, que não se sentava ao centro do comitê, que falava pouco, mas escutava muito. Ao terminarem as discussões, fazia alguns breves comentá-

rios e, às vezes, formulava apenas algumas perguntas. Gradualmente, começamos a compreender que êle fazia sempre o melhor resumo de nossos pensamentos.” (Ana Louise Strong, *A Rússia na Paz e na Guerra*.)

A EMULAÇÃO SOCIALISTA — “O mais notável na emulação socialista — dizia o camarada Stálin no XVI Congresso — consiste em que revolucionaria, radicalmente, os conceitos dos homens sobre o trabalho, visto como o converte, de um jugo odioso e pesado, como era considerado anteriormente, numa causa de honra, de glória, de valor e de heroísmo. Não há, nem pode haver nada parecido, nos países capitalistas.” (Stálin, *Problemas do leninismo*, pág. 393, ed. russa.)

A HISTÓRIA SE REPETE... — “E’ necessário que se compreenda de uma vez por todas que, de todos os valiosos capitais que existem no mundo, o mais precioso e decisivo é constituído pelos homens, pelos quadros. E’ necessário que se compreenda que, em nossas atuais circunstâncias, *os quadros tudo decidem*.” (Stálin — Edição popular da Edit. Calvino Ltda., pág. 100.)

QUE REALISOU A REVOLUÇÃO BOLCHEVIQUE? — “Nossa revolução é a única que, não somente quebrou as cadeias do capitalismo e concedeu a liberdade ao povo, como também, além disso, conseguiu dar ao povo as condições materiais para uma vida desafogada. Nisto reside a força e o caráter invencível de nossa Revolução.” (Stálin — *Problemas do leninismo*, págs. 499, ed. russa.)

UMA PREVISÃO ACERTADA — O mundo começou a ouvir falar de Stálin por ocasião das discussões que precederam o primeiro Plano Quinquenal. (Cinco anos antes, havia eu escrito um artigo predizendo sua elevação ao poder como sucessor de Lênin. Mas o artigo passou despercebido. Fôra escrito com demasiada antecipação.) (Ana Louise Strong, *A Rússia na Paz e na Guerra*.)

SÔBRE O MATERIALISMO DIALÉTICO E O MATERIALISMO HISTÓRICO — A obra de Stálin, *Sobre o materialismo dialético e o materialismo histórico* (*), escrita por um mestre incomparável do método dialético marxista, síntese da gigantesca experiência prática e teórica do bolchevismo, *coloca num nível novo, mais elevado, o materialismo dialético e constitui a verdadeira culminância do pensamento filosófico marxista-leninista*.

(*) Esse trabalho de Stálin consta da edição brasileira *Sobre os fundamentos do leninismo*.

PRESTES E A REVOLUÇÃO SOCIAL

por Abguar Bastos

A obra não é somente o histórico dos movimentos armados de 1922, 1924, 1930, 1932 e 1935 e suas correlações com motins de menor vulto, ocorridos em vários Estados do Brasil. E', principalmente, o estudo das causas desses fenômenos, sejam elas imediatas ou históricas. Possui, pois, o seu eixo, em torno do qual giram os acontecimentos e se explicam as formas que tomam. O autor desenvolve sua tese, em que procura interpretar os acontecimentos principais depois da Primeira Grande Guerra, procurando provar que se devem ao desenvolvimento industrial no Brasil os tipos das insurreições liberais anti-oligárquicas de 1922 a 1930 e o da insurreição social anti-imperialista de 1935. A Primeira Grande Guerra acelerou o crescimento das forças do industrialismo nacional e, em consequência, promoveu o aumento da massa operária.

Da galeria de homens apresentados como personagens dos fatos narrados, destaca-se a figura de Prestes, por ser a que, entre as demais, assumiu o papel mais especial e decisivo nos acontecimentos que sucederam às lutas tipicamente anti-oligárquicas. As fases de transição dos sentimentos revolucionários de Prestes entrosam-se com os mesmos fenômenos de transição social que sacode o Brasil depois de 1930, ao impulso do lastro histórico que se criara desde a Primeira Grande Guerra. Prestes é, na obra, "parte material dos acontecimentos", criação das circunstâncias históricas, fruto das necessidades sociais da época. Nesse aspecto é que é estudada sua posição nos acontecimentos e o seu papel na continuidade da ação revolucionária. Seus manifestos, proclamações, cartas, frases são transcritos e analisados com serenidade.

Para alicerçar suas conclusões, o autor faz o estudo do militarismo e suas causas desde a Colônia até a República; analisa o fenômeno oligárquico e suas causas; faz o histórico dos vários movimentos políticos partidários após a República; estuda o movimento operário através de sua imprensa, de suas organizações, de seus congressos, de suas greves e de suas tendências ideológicas, como o anarquismo, o socialismo e o comunismo. Faz igualmente a sùmula da evolução das leis reacionárias anti-populares e das leis de amparo ao trabalhador, até à revolução de 1930. Mostra como se desenvolveu o industrialismo e as formas que tomou no país.

Traça a figura lendária de Prestes e o seu conteúdo pequeno-burguês criado pelas condições revolucionárias do liberalismo republicano. Explica a maneira, o mecanismo psicológico que levou as massas a transformarem o herói em mito, depois da Grande Marcha. Em seguida, demonstra o processo de desintegração do mito até a sua humanização, que é o momento em que o herói se coloca a serviço do proletariado, como parte da ação revolucionária comunista.

Os principais aspectos da revolução de 27 de novembro de 1935 e a fase do terror estabelecido pela reação fascista depois dessa data são pontos altos e dramáticos da obra, explicando suficientemente a dureza das lutas sociais.

Em papel buffon, Cr\$ 35,00

Em papel vergé, Cr\$ 40,00

Editorial Calvino Ltda. — Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro

ULTIMAS EDIÇÕES

HISTÓRIA DO SOCIALISMO E DAS LUTAS SOCIAIS, por Max Beer, 2 vols. Preço de cada volume Cr\$25,00

PRINCÍPIOS DE ECONOMIA POLÍTICA, por Lapidus e Ostrovitianov, 2 vols. Preço de cada vol. Cr\$25,00

LENINE, SUA VIDA E SUA OBRA, por D. S. Mirski Cr\$25,00

CARLOS MARX, SUA VIDA E SUA OBRA, por Max Beer (Com um resumo d'O CAPITAL) .. Cr\$25,00

A QUESTÃO SOCIAL E OS CRISTÃOS SOCIAIS, por Lisandro de la Torre Cr\$25,00

TRÊS PRINCÍPIOS DO POVO, por Sun Yat Sen Cr\$25,00

A ORIGEM DA FAMÍLIA, DA PROPRIEDADE PRIVADA E DO ESTADO, por F. Engels (Como Apêndice, "O Código Soviético a Família") Cr\$25,00

ANTI-DUHRING, por Frederico Engels Cr\$30,00

CAUSAS ECONÔMICAS DA REVOLUÇÃO RUSSA, por M. N. Pokrovski (Como Apêndice, "Preço, Salário e Lucro", por Marx) Cr\$25,00

URSS. UMA NOVA CIVILIZAÇÃO, por Sidney e Beatrice Webb, 5 vols. Preço de cada volume Cr\$25,00

A MEDICINA NA RÚSSIA SOVIÉTICA, pelo Dr. Lelio Zeno .. Cr\$25,00

O GÊNIO DA REVOLUÇÃO PROLETÁRIA, pelo Instituto M. E. L., de Moscou Cr\$25,00

DEMOCRACIA DE HOJE E DE AMANHÃ, por Edvard Benes Cr\$25,00

TRECHOS ESCOLHIDOS DE MARX, ENGELS, LENINE E STALIN SOBRE LITERATURA E ARTE, por Jean Freville Cr\$25,00

TRECHOS ESCOLHIDOS DE MARX SOBRE FILOSOFIA, seleção de J. Duret Cr\$25,00

TRECHOS ESCOLHIDOS DE MARX SOBRE ECONOMIA POLÍTICA, seleção de P. Y. Nizan Cr\$25,00

O PODER SOVIÉTICO, pelo Deão de Canterbury Cr\$25,00

O CRISTIANISMO E A NOVA ORDEM SOCIAL NA RÚSSIA, pelo Deão de Canterbury Cr\$25,00

MISSÃO EM MOSCOU, por Joseph E. Davies Cr\$25,00

MISSÃO EM TÓQUIO, por Joseph C. Grew Cr\$30,00

DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO, por John Reed Cr\$25,00

SANTA RÚSSIA, por Maurício Hindus Cr\$30,00

O SEGREDO DA RESISTÊNCIA RUSSA, por Maurício Hindus .. Cr\$25,00

A RÚSSIA ESMAGARA O JAPÃO, por Maurício Hindus Cr\$25,00

A RÚSSIA NA PAZ E NA GUERRA, de Anna Louise Strong .. Cr\$25,00

A CHINA LUTA PELA LIBERDADE, de Anna Louise Strong .. Cr\$25,00

RIO SELVAGEM (Romance da construção socialista), de Anna Louise Strong Cr\$25,00

ENTRE DOIS MUNDOS, memórias de Anna Louise Strong Cr\$30,00

ÁSIA SOVIÉTICA, por Davies & Steiger Cr\$25,00

A VERDADE SOBRE A RELIGIÃO NA RÚSSIA, pelo Patriarca Sérgio e outros Cr\$25,00

STALIN, por Emil Ludwig .. Cr\$25,00

PROTEÇÃO À MATERNIDADE E À INFÂNCIA NA UNIÃO SOVIÉTICA, pela Dra. Ester Conus .. Cr\$25,00

A QUESTÃO AGRÁRIA, por V. I. Lenin Cr\$25,00

INTRODUÇÃO AO ESTUDO DO MARXISMO, por F. Engels, A. Taiheimer, H. Harari e L. Segal .. Cr\$30,00

MARX, ENGELS E MARXISMO, por Lenin, Marx e Engels, 2 vols. Preço de cada volume Cr\$25,00

NOÇÕES FUNDAMENTAIS DE ECONOMIA POLÍTICA, de Luis Segal, 2 vols. Cada volume Cr\$25,00

A DEFESA ACUSA..., de Marcel Willard Cr\$25,00

Editorial CALVINO Limitada

Av. 28 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro